INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS E POLÍTICAS
UNIVERSIDADE DE LISBOA

U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA

Uma análise compreensiva-hermenêutica da resistência social pró-ciência contra a gestão anticiência da pandemia Covid-19 do governo federal do Brasil.

Cristiane Donato Jatene

Orientadora: Professora Doutora Carla Cristina Graça Pinto

Dissertação para obtenção de grau de Mestre em "Sociedade, Risco e Saúde"

Lisboa
2025

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS E POLÍTICAS
UNIVERSIDADE DE LISBOA

U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA

Uma análise compreensiva-hermenêutica da resistência social pró-ciência contra a gestão anticiência da pandemia Covid-19 do governo federal do Brasil.

Cristiane Donato Jatene

Orientadora: Professora Doutora Carla Cristina Graça Pinto

Dissertação para obtenção de grau de Mestre em
"Sociedade, Risco e Saúde"

Júri:

Presidente:
- Doutora Maria Paula Pestana de Freitas da Silva Faria de Campos Pinto, Professora Associada do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa;
Vogais:
-Doutora Carla Cristina Graça Pinto, Professora Associada do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa, na qualidade de Orientadora;
-Doutora Diana Miriam Mateus Maciel, Professora Auxiliar Convidada do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa.

Índice

Considerações Iniciais 1

Capítulo 1. Metodologia: Método Fenomenológico-Existencial Hermenêutico 3

Capítulo 2. Programa Nacional de Imunizações do Brasil (PNI) 11

Capítulo 3. Resistência e Ações de Resistência 17

Capítulo 4. Ações de resistência – Entrevistas 50

Considerações Finais 66

Bibliografia 74

Anexo I. "Webgrafia" e "Links Youtube" 83

Anexo II. Filmografia 93

Anexo III. Pré-pesquisa 95

Anexo IV. Contextos – Local e Internacional 97

Anexo V. Gestão Anticiência 105

Anexo VI: Músicas compostas pelo campo da resistência pró-ciência 111

Anexo VII. Questionário 114

Anexo VIII. Termo de Consentimento 117

Anexo IX. Carta da pesquisadora pedindo o afastamento do presidente da gestão da pandemia 120

Anexo X. Depoimento da pesquisadora 123

Anexo XI. Print do comentário público precedente ao "hackeamento" da conta de "Instagram" 130

Anexo XII. Boletim de ocorrência policial sobre "hackeamento" da conta de "Instagram" . 131

Anexo XIII. Integra de todas as entrevistas 133

Anexo XIV. Apresentação da dissertação "PowerPoint" 225

Agradecimentos

Agradeço aos que ficaram no Brasil e cuidaram dos meus interesses na minha ausência, ao meu irmão Ciro Jatene, a amiga Alcina Conceição, ao meu irmão Celso Jatene e ao amigo Antônio Camilot, meu anfitrião no Brasil, por duas vezes.

Agradeço aos que me hospedaram em Portugal e fizeram com que eu me sentisse em casa, como sempre, mesmo estando a 7 mil quilômetros de distância da minha casa: minha amiga-irmã Susana Bernardo, que conheci em 2010, na minha primeira visita ao país, Pedro Vilaça, pelo apoio em TI e pelas caronas na saída do metrô, nas noites de aulas, e, especialmente, meu sobrinho Santiago Vilaça que me proporcionou, diariamente, duas das ações que mais amo: brincar e ensinar.

Agradeço ao amigo Paulo Jesus que sempre me recebe bem em Portugal, desde a primeira vez, quando presidiu a mesa na qual me apresentei no congresso "Life Stories", em 2015, e a amiga Ana Margarida Martins, uma Ph.D. em Química, professora do Instituto Superior Técnico de Lisboa, mas que, para mim, é minha professora de Ioga em Lisboa, desde 2019, e que me levou a conhecer lugares "giros" em Lisboa, enquanto falávamos sobre a vida e sobre o tema "Que é Ciência?".

Agradeço a amiga Tatiana Huber que, depois de mais de uma década vivendo em Portugal, se tornou mais portuguesa do que brasileira e ao seu filho português, muito inteligente e divertido, Lorenzo Gamboa.

Agradeço também aos meus amigos Ricardo Mello, Clay Watson, Ricardo Abreu (e família), Karen Knor e ao meu primo Henrique Jatene. Sempre dispostos a conversarem e, com isso, me ajudarem a pensar.

Agradeço aos funcionários do meu prédio em São Paulo, especialmente ao zelador Luciano e aos funcionários do meu clube em São Paulo, especialmente Grazi, Ana Paula, Uenia e Guilherme. Agradeço por cuidarem tão bem de mim. Eles me emocionam e fazem com que as lutas difíceis pelo povo brasileiro valham a pena.

Agradeço aos meus professores brasileiros, que foram meus orientadores em pesquisas de História e Psicologia, Heloísa Cruz e Marcos Colpo. Agradeço pelo respeito, pela competência e pelas sugestões na elaboração do projeto dessa pesquisa. E, especialmente, agradeço-os, por me acompanharem a mais de uma década (Marcos) e a mais de três décadas (Heloisa) sempre atendendo aos meus chamados. Tenho orgulho de tê-los como parte da minha formação acadêmica.

Agradeço à Bilê Sapienza, minha supervisora clínica por três anos e minha orientadora na formação de Fenomenologia-Existencial Hermenêutica por quatro anos. Foi um privilégio encontrá-la, semanalmente, por sete anos. Agradeço-a pela generosidade, pelo bom humor, pelos ensinamentos, por me incentivar tanto para dar vazão ao meu ser-escritora e por confiar na minha competência como terapeuta. Uma honra e uma alegria esse convívio.

Agradeço ao meu irmão Carmo Jatene por ter colaborado no meu amor pelo conhecimento e por ter, indiretamente, me feito escolher estudar na PUC/SP, aos 10 anos, quando assisti pela televisão, um membro da ditadura invadir o prédio da Universidade, com cavalaria e queimar três estudantes. O Carmo, dez anos mais velho que eu, estudava ali e o espanto que senti me fez querer dedicar a vida contra a truculência, a violência e o arbítrio. Sinto orgulho de ser "filha da PUC".

Agradeço aos meus professores e colegas do Colégio Palmares que me abriram o mundo do Conhecimento, na teoria e na prática, nos debates dentro e fora da sala de aula, no contacto com as artes. Um colégio que exigia que tivéssemos compromisso com termos voz. Um colégio de elite, em São Paulo, que ousava ter o nome de um Quilombo. Somos da primeira leva, quando o colégio era pequeno e era a nossa casa. Hoje virou um "gigante", mas o nosso querido Professor Cezar vive em todos nós para sempre, apesar da morte precoce. Sou grata e orgulhosa de ter vivido tão rica experiência, tão jovem.

Agradeço a minha querida professora, supervisora clínica e grande amiga, Vera Helena Ostronoff, com quem aprendi a arte do “Plantão Psicológico”, em atendimentos lindos e inesquecíveis, que apresentamos juntas no Congresso Nacional de Psicologia, em 2011. Vera nos deixou precocemente e em condições muito difíceis. Sou eternamente grata por tê-la tido na minha formação profissional. Muitas saudades das conversas intermináveis e suculentas no café da “Livraria da Vila” ou no “SESC Pinheiros”.

E, por fim, mas não menos importante, agradeço à Professora Alda Botelho, pela competência e sugestão de que a Professora Carla Pinto fosse minha orientadora e à minha orientadora, professora Carla Pinto, a quem agradeço o respeito, consideração e insistência para que eu resistisse e seguisse até a conclusão dessa investigação. Conhecê-la e trabalharmos juntas fez todo o sofrimento valer a pena.

Dedicatória

Dedico esse trabalho aos meus avós, libaneses, católicos e cristãos ortodoxos, que escolheram o Brasil e amavam o país. Por causa da escolha deles, eu sou brasileira.

Dedico esse trabalho ao meu pai, Carmo Jatene, advogado e procurador federal da Justiça do Trabalho, que lutou profissionalmente e como diretor da Ordem dos Advogados do Brasil por doze anos, por um país justo e soberano; ao meu tio Antônio Jatene, que ajudou a Petrobrás a ser a gigante que é e que também lutou por um país justo e soberano e ao meu tio Adib Jatene que através da Medicina e como secretario e ministro de estado lutou para que todos os brasileiros tivessem saúde gratuita e de qualidade. Cresci durante a ditadura e ouvindo os três conversarem sobre o Brasil, depois da sobremesa, nos almoços de domingo na casa da vovó Anice. Eles me fizeram entender que somos responsáveis por melhorar a sociedade na qual vivemos, porque aprenderam com a minha avó, que ficou viúva aos 28 anos, que a educação a serviço da sociedade é de importância suprema. Obrigada aos quatro. Tenho certeza de que posso dizer em meu nome, em nome dos meus irmãos e primos: Os quatro fazem muita falta e procuramos honrar o legado que recebemos.

Dedico esse trabalho ao Leonel Brizola, meu primeiro voto para presidente da República, quando eu já tinha 22 anos, após de 21 anos de ditadura militar, depois de participar da luta por eleições diretas no movimento “Diretas, já” e de um governo civil, eleito indiretamente, com mandato de cinco anos. Sinto orgulho de ter podido votar num grande homem e grande político como Brizola que, como muitos grandes brasileiros, foi exilado pela ditadura militar.

Dedico esse trabalho ao Fernando Haddad, acadêmico, professor e político brasileiro em quem votei nas eleições presidenciais de 2018. Haddad defendeu bravamente a candidatura do campo progressista em oposição a candidatura fascista, depois do “lawfare” que depôs a presidenta Dilma Rousseff, sem crime de responsabilidade, prendeu Luiz Inacio Lula da Silva, sem provas, primeiro colocado nas intenções de voto em 2018. Tenho orgulho de ter podido votar numa pessoa tão preparada e que ama tanto o Brasil.

Dedico esse trabalho ao presidente Lula, fundador do PT, que se dispôs a fazer o favor ao Brasil de disputar as eleições de 2022, para salvar o Brasil do fascismo, e ao vice-presidente Geraldo Alckimin, quadro histórico do PSDB, partido adversário do PT, em todo o período da redemocratização, que aceitou migrar para o PSB e fazer essa composição, proposta por Fernando Haddad. Ambos tiveram a grandeza de colocar o Brasil, o republicanismo e a democracia em primeiro plano.

Epígrafe

"Nestes últimos vinte anos
Nada de novo há
No rugir das tempestades
Não estamos alegres,
É certo,
Mas também por que razão
Haveríamos de ficar tristes?

O mar da História
É agitado.
As ameaças
E as guerras
Haveremos de atravessá-las.
Rompê-las ao meio,
Cortando-as
Como uma quilha corta
As ondas do mar."

(Trecho do poema de Vladimir Maikoviski e do qual me lembrei porque João Bosco o recitou na obra "Genesis – João Bosco e a Orquestra de Ouro Preto", antes de cantar a música "Corsário").

"Estudantes e acadêmicos podem tirar proveito desse estudo se tiverem se curado da grande moléstia do mundo acadêmico de nossos tempos: a ideia de que o engajamento sabota a excelência de uma pesquisa acadêmica"

(Ilan Pappé, historiador, professor da Universidade e Exeter, no Reino Unido, na página 15 do prefácio do "e-book" da obra "Dez mitos sobre Israel".)

Considerações Iniciais[1]

"No Brasil só há dois partidos. O Partido de Tiradentes e o Partido de Silvério dos reis".

(Alexandre José Barbosa Lima Sobrinho, advogado, escritor, historiador, jornalista e político brasileiro).

Esta pesquisa é realizada através da epistemologia fenomenológica-existencial hermenêutica[2].

Buscamos compreender os fenômenos através do seu acontecer fático, concreto, existencial, social, contextualizado. Compreender como um fenômeno pode existir, o que o sustenta. Qual sua base de sustentação, seu fundamento. Ciência é conhecer profundamente, sem ser sinônimo de "Ciência Positivista"[3].

Nosso fenômeno é a resistência social pró-ciência contra a gestão anticiência da pandemia covid-19 pelo governo federal do Brasil[4].

---

[1] Os itálicos e negritos nesse texto tem o intuito de destacar palavras, frases ou trechos.

[2] Não é uma pesquisa qualitativa e nem quantitativa. Não segue os preceitos positivistas de ciência. E frisamos que não se busca com a escolha do método, da epistemologia uma competição sobre qual é melhor. Buscamos esclarecer que a Fenomenologia-Existencial Hermenêutica, baseada no pensamento de Martin Heidegger, própria para o desvelamento e compreensão de fenômenos humanos e um pensamento que justamente critica e rompe com a tradição metafísica não se enquadra no escopo criado por essa tradição.

[3] Buscamos compreender o fenômeno em sua totalidade de significados, considerando que a visão humana é limitada, que a pesquisa acadêmica é limitada. Queremos avançar na compreensão de determinado fenômeno e apontar possíveis caminhos para pesquisas futuras. A elucidação das peculiaridades do método está no Capítulo 1.

[4] Para fazermos fenomenologia-existencial hermenêutica, perguntamos: Como foi possível o fenômeno sociopolítico "gestão anticiência da pandemia Covid-19 pelo governo federal do Brasil?"; Quais são os elementos que compõe sua base de sustentação social e política?; Como foi possível este fenômeno "resistência social pró-ciência" contra a gestão anticiência da pandemia Covid-19?; De que forma nos deteremos nesses pontos? Mostrando o "como hermenêutico" desse resistir. Como este fenômeno vem se dando, como se insere no quadro sócio-histórico local e internacional. Quem são seus atores, como estão articulados ou desarticulados. Como chega à contemporaneidade, de onde vem? Quais valores e preceitos a embasam? Para onde parece caminhar e com quais objetivos? Para onde e como poderia caminhar de forma a conseguir avançar socialmente?

No *capítulo um,* apresentamos o método.

No *segundo capítulo*, apresentamos o "Programa Nacional de Imunizações do Brasil".

No *terceiro capítulo*, falaremos da "resistência social pró-ciência" [5].

No *quarto capítulo,* abordaremos as entrevistas[6] realizadas com membros da resistência pró-ciência.

Os *Contextos Local e Internacional* são apresentados no Anexo X e a *Gestão Anticiência* e os crimes decorrentes são apresentados no Anexo XI. A leitura desses anexos facilita a compreensão do terceiro capítulo em diante.

Por último, as *considerações finais*[7].

[5]Apresentaremos os sentidos com que "resistência" foi compreendida por alguns autores. Daremos exemplos de resistências mais evidentes e emblemáticas na contemporaneidade e da resistência brasileira.

[6]As entrevistas não eram obrigatórias, mas, justamente pelo método ainda não ser familiar no âmbito no qual esta pesquisa se desenvolveu, elas foram inseridas como forma de acesso ao fenômeno, em função de, equivocadamente, os manuais acadêmicos encaixarem o método fenomenológico-existencial hermenêutico como um método qualitativo, já que é próprio da conduta cientista positivista classificar, mesmo que para isso tenha que alocar um fenômeno em um local que não necessariamente ele caiba. As entrevistas poderiam ser obrigatórias, caso não tivéssemos acessado o fenômeno através de uma gama de materiais, como artigos acadêmicos, livros e documentários. No caso presente, elas foram complementares e deram voz direta aos resistentes.

[7] Conforme previsto no projeto, esta pesquisa utilizou artigos acadêmicos, livros. documentos oficiais, e notícias da imprensa, por serem os temas tão atuais que alguns pontos relevantes ainda não se encontram em trabalhos acadêmicos e essa deverá ser umas das contribuições dessa investigação. Uma pesquisa de base fenomenológica-existencial hermenêutica exige que o rigor do método seja empregado. O rigor do método é não adaptar o fenômeno ao método. O método deve se adaptar ao fenômeno e apresentá-lo como ele se mostra. E jamais tentar apresentar um pesquisador neutro. O pesquisador é aquele ser que encontra em seu mundo fático, existencial, concreto, social, algo que *o afeta* e que ele não compreende, porque *o fenômeno mostra-se velado*. Este pesquisador investiga para desvelar para si, para o mundo acadêmico e para oferecer, através de sua pesquisa, compreensão de determinado fenômeno, à sociedade. Por isso, essa pesquisa precisa demonstrar a complexidade do fenômeno estudado, suas conexões que muitas vezes nos dão a sensação de caos completo e precisa esclarecer de onde é que esta pesquisadora fala.
se encontram em trabalhos acadêmicos e essa deverá ser umas das contribuições dessa investigação.

Capítulo 1. Metodologia: Método Fenomenológico-Existencial Hermenêutico[8]

O método fenomenológico-existencial hermenêutico, baseado na ontologia fundamental de Martin Heidegger, apresentada em "Ser e Tempo" (Heidegger, 2007) é um método

[8] A obra de Martin Heidegger faz uma desconstrução do pensamento metafisico e da transposição dos métodos das Ciências Naturais e das Ciências Exatas (Positivistas) para o conhecimento científico, aprofundado, fundamentado, de fenômenos humanos e, consequentemente, sociais, já que entre as existenciais humanos descritos por Heidegger, esta ser-com e ser-no-mundo. Para Heidegger, para conhecer é preciso saber a essência do que se busca conhecer. Há toda uma discussão que se insere na História Da Filosofia e na História do Conhecimento sobre o que queremos dizer quando dizemos que algo é. O escopo desse trabalho não comporta uma apresentação mais detalhada do que esse capítulo pode trazer de toda essa diferenciação feita pela extensa obra de Heidegger e dos autores que utilizam seu referencial teórico, nem comporta a diferenciação entre método fenomenológico, métodos quantitativos e qualitativos, de forma mais ampla do que apresentamos. Os leitores que tiverem interesse em compreender essas diferenças e essas discussões com maior profundidade precisam se dirigir ao estudo das obras de Heidegger e de outros autores citados nesse trabalho. Talvez, para pessoas não familiarizadas, possa haver confusão entre a isenção como pesquisadores que adotamos e que não é sinônimo de neutralidade, já que de acordo com a concepção de Heidegger de ser humano, a afetação é o que vem primeiro no modo de conhecer humano, não há possibilidade de não nos afetarmos. Quando o pesquisador encontra algo velado em seu mundo fático e vai, através da pesquisa, buscar o desvelamento possível para si, como pesquisador, essa buscar vem sempre acompanhada pela afetação, já que esta faz parte do que é ser humano e do conhecer humano. Leitores não familiarizados com o método e com a História da Ciência, crentes de que há uma única definição de Ciência podem, erroneamente, entender a Fenomenologia-Existencial Hermenêutica como não "cientifica" por esta não transpor os métodos Ciências Naturais e Exatas (Positivistas) para as Ciências Humanas e Sociais. Este leitor equivocado pode estar a utilizar o termo *científico*, que quer dizer *conhecer em profundidade*, como sinônimo de Ciência Positivista, que é apenas um modo de fazer Ciência e utiliza referenciais e práticas de investigação que são diferentes dos referencias e práticas adotados pela Fenomenologia-Existencial-Hermenêutica para acessar os fenômenos. Heidegger diz que a Fenomenologia-Existencial Hermenêutica é o método privilegiado para acessar os fenômenos humanos e conhecê-los porque é um método exclusivo para acessar fenômenos humanos e considera toda a impossibilidade de parar esses fenômenos, recortá-los, generalizar e criar protocolos replicáveis. É necessário um estudo complementar para que quem não está familiarizado com o método e termine esse capítulo com indagações. Procuramos expor o método da forma mais clara, profunda e didática que um capítulo de dissertação possibilita, sendo que o tema principal da pesquisa é extremamente abrangente, complexo e, por isso, exigiu um grande vulto de trabalho durante todo o processo da pesquisa. As referências bibliográficas são um caminho complementar para quem não tem familiaridade com esse modo de fazer ciência e suas diferenças para outros modos de fazer ciência, bem como não está familiarizado com a História do Conhecimento.

interpretativo do mundo existencial-fático, sempre compartilhado, é "Fenomenologia da Facticidade" (Colpo, 2019), é "Fenomenologia da Existência" (Critelli, 2006), do acontecer do existir humano, coletivo, co-construído, em movimento. O ser humano (Dasein, ser-no-mundo) tem como *existenciais*, é estruturalmente: ser-com linguagem, corporeidade, temporalidade, espacialidade, e é uma história em aberto, até findar, cuja essência é seu existir (Heidegger, 2007, Sapineza,2013).

Para respeitar o rigor do método é necessário compreender o fenômeno na sua remessa de relações contextualizada[9] temporalmente e espacialmente, no contexto no qual se situa e se desenrola. É necessário compreender como o *acontecer fático*, em movimento, de determinado fenômeno é possível, o que sustenta seu existir. Compreender sem recortá-lo de seu contexto. Sabendo que os fenômenos se mostram "se ocultando, se dissimulando, se velando" (Heidegger, 2007), ou seja, não se mostram por inteiro.

> "É nesses contextos situados, ônticos, que a fenomenologia hermenêutica exerce seu ofício de interpretar, que ela pode revelar ou projetar sentidos que se encontram na base desses enredos pessoais ou coletivos e que estão articulados às condições e possibilidades ontológicas comuns aos homens – finitude, descontrole, perdas, sucessos, enfim, nosso nada".
>
> (Colpo, 2019, p; 57)

A fenomenologia-existencial hermenêutica busca uma compreensão contextualizada e delimitada[10]. O rigor do método consiste em sabermos que estamos aplicando uma epistemologia própria para os fenômenos humanos e sociais que são inacabados e acontecem

[9] A interpretação não se dá remetendo fenômenos do existir humano a alguma teoria, a partir da qual o fenômeno seria estudado.

[10] Não busca enquadrar fenômenos a teorias prévias e leis aplicáveis a outros fenômenos.

num movimento dramatúrgico, numa teia de significados sociais, no mundo fático e são imparáveis[11].

Parte fundamental do Método, é a suspensão fenomenológica (Heidegger, 2007)[12] . Acessar os fenômenos através do seu acontecer fático, inédito e irrepetível, sendo necessária a desconstrução do que se mostra como constituinte do fenômeno, num primeiro momento, e a reconstrução desse fenômeno, a partir dos elementos que foram encontrados na desconstrução[13]. A desconstrução e reconstrução têm o intuito de nos levar à compreensão sobre *como* a existência daquele fenômeno é possível e é impossível desvelá-lo por completo. O "*como* apofântico" (Stein,2014) que quer compreender contextualmente[14].

A pesquisa se dá porque algo no mundo fático do pesquisador lhe apareceu velado, incompreensível. A razão da investigação é o desvelamento do fenômeno. *O pesquisador é sempre aquele ser afetado pelo fenômeno que busca pesquisar, para desvelá-lo*[15]. Buscar o que sustenta e constitui o fenômeno é buscar um *desvelamento possível por aquele determinado pesquisador* que, ao reconstruir o fenômeno, o fará interpretando-o, a partir do que o próprio fenômeno, no processo de ser desvelado, mostra. Sempre sabendo que o fenômeno não se mostra por inteiro, por isso, *o desvelamento é situado e autoral*, feito contextualizado, temporalmente e espacialmente, por um determinado pesquisador[16].

---

[11] Estamos pesquisando um acontecer em curso.

[12] Suspender os "*a piroris*", o que não significa negá-los. *A suspensão fenomenológica é "voltar às coisas mesmas" (Heidegger, 2007) e nos guiarmos por elas e não pelo que já possa ter sido dito sobre essas coisas.*

[13] De acordo com Heidegger (2007), como apresentado no parágrafo sétimo de "Ser e Tempo", os fenômenos não se mostram de forma inteira e completa, eles se mostram "se velando, se ocultando, se dissimulando".

[14]Não cirurgicamente, a partir de recortes do fenômeno, para que o fatiamento possibilite aprofundamento em um dos pontos componentes do fenômeno.

[15]Não é aquele ser neutro. Por isso, ele terá que explicitar suas razões e sua "posição prévia, visão prévia, horizonte prévio", que é de onde sempre partimos, conforme descrito no parágrafo 23 de "Ser e Tempo" (Heidegger, 2007), seu ponto de partida, a respeito de seu tema, do fenômeno investigado.

[16] Podendo haver congruência com outras pesquisas ou outras abordagens metodológicas, ao ser a pesquisa publicizada para a comunidade acadêmica.

> "É a partir do entendimento de que interpretar resulta no empenho de se elaborar possibilidades a partir de uma compreensão que se abriu e que se projeta em diferentes horizontes, compreensão essa nunca dissociada das disposições afetivas e do contexto que ela se encontra situada".
>
> (Colpo, 2019, p. 54).

O modo de conhecer humano é interpretar, é fazer a hermenêutica de sentido dos fenômenos constituintes do mundo fático, sempre a partir de uma afetação. E, numa investigação, essa situação ontológica é colocada em curso, ônticamente, a partir da pergunta que surge justamente porque algo se apresentou velado e precisa ser desvelado para ser compreendido em sua estrutura de sentido.

> "Para que haja um desvelar – alethéia - é primeiro necessário um estar oculto, não há desvelo sem velamento anterior. Nada é doado que antes não se tenha subtraído."
>
> (Giacóia Jr., 2013, p. 96)

O ineditismo de cada fenômeno humano e social nos obriga, numa investigação, a nos aproximarmos dos fenômenos como eles se apresentam, mesmo que sejam altamente complexos e com ligações intermináveis, como ocorre ao fenômeno dessa pesquisa[17]. O fenômeno dirá o que o compõe e quais fontes de pesquisa deve-se utilizar. O pesquisador não determina "*a priori*", quais fontes utilizará, antes de conhecer o que permite o existir do fenômeno investigado[18].

[17] A visão humana será sempre limitada (Heidegger, 2007) e a pesquisa terá limitações que devem ser explicitadas, pelas limitações humanas e pelas limitações acadêmicas em adição.

[18] Deve-se dar primazia ao que tenha sido produzido durante o acontecer do fenômeno no intuito de compreendê-lo, o material pesquisado não deve ser restrito a livros e artigos acadêmicos, inclui-se, em pé de igualdade, manifestações artísticas e cidadãs, documentos oficiais, vídeos e comunicações midiáticas, impressas ou visuais. Atentar para como quem vivenciou o fenômeno, o construiu narrativamente, no intuito de compreendê-lo.

"Do ponto de vista fenomenológico, a relatividade da perceptiva do saber e da verdade do ser abre-se como ponto inseguro, mas próprio do existir (ser). Contrariamente, a tentativa empreendida para a superação desta insegurança é o que instaura o modo do pensar (metafísico) ocidental."

(Critelli, 2006, p. 14)

Heidegger desconstruiu o pensar metafísico e, caso pretendamos compreender o método fenomenológico-existencial hermenêutico, precisamos partir desse ponto para conhecermos as noções de ser humano, mundo e conhecimento científico, de base fenomenológica, sabendo que Heidegger inaugurou um "novo pensar" (Critelli, 2006).

Nenhuma fonte de pesquisa é obrigatória, seja primária ou secundária. De acordo com Critelli (2006) *no modo de perguntar de uma pesquisa fenomenológica o primordial é o que se busca saber e não os instrumentais técnicos.*

Obrigatório é deixar claro quais são as motivações do pesquisador.[19] E, deixar claro do que é feito, composto, o fenômeno, tema da pesquisa[20]. A investigação pode contribuir para futuras pesquisas[21]. A pesquisa fenomenológica-existencial hermenêutica, ao *buscar o sustento, o fundamento*, apresenta uma espécie de *mapeamento* do que constituí determinado fenômeno.

O pesquisador está em jogo. Suas habilidades, conhecimentos, seu existir, seu percurso acadêmico e extra-acadêmico, suas possibilidades e impossibilidades e o existencial *disposição*

[19] As motivações dessa pesquisadora são: a defesa da Saúde Pública, do Estado de Bem-estar Social Soberano e da Democracia, cada vez mais aprimorada, incluído tudo que abarca o aprimoramento da Democracia, como Estado Laico, Investimento em Ciência, Tecnologia, Educação Pública e na Indústria das Artes, importante, para o senso de coletividade, para reflexão sobre temas existenciais, como a pluralidade de identidades, e desenvolvimento da sensibilidade humana (ver Anexo VIII).

[20] O procuramos mostrar ao longo de todo este documento.

[21] Inclusive, pesquisas qualitativas e quantitativas.

afetiva[22], situa o fenômeno para o pesquisador. *O velamento de um fenômeno se deu para ele e o desvelamento será realizado por ele*.

Não há "objeto", há um fenômeno contextualizado, nem "sujeito", há um *ser-no-mundo (pesquisador)* que em seu existir no mundo fático *se vê interpelado por um fenômeno que o afeta e surge velado*[23]. *O investigador produz um material documental*, como aqueles que utilizou como fonte de sua pesquisa. *A pesquisa acadêmica é uma compreensão a mais a se somar a outras fontes que tentaram compreender o fenômeno*[24]*. A verdade que se busca nessa epistemologia é "alethéia", desvelamento, descobrimento de sentidos, e não "veritás", verificação.* Heidegger utiliza a noção de sentidos desvelados ou encobertos a partir do termo grego "alethéia" *(Pompeia & Sapienza, 2010)*[25].

> "Ponto de tensão, porque a questão da perspectiva no conhecimento invoca, necessariamente, o caráter de provisoriedade, mutabilidade e relatividade da verdade, e o eixo do pensamento metafísico pressupões que a verdade seja uma, estável e absoluta, bem como a via de acesso a ela."
>
> (Critelli, 2006, p. 12)

No desvelamento do fenômeno, encontraremos ligações com acontecimentos sócio-históricos-políticos anteriores, já denominados por conceitos. Travamos um *diálogo com a teoria*. Q*uem nos conduz à teoria é o fenômeno e não ao contrário*, ou seja, *o pesquisador não escolhe uma teoria para compreender o fenômeno à luz de conceitos. No desvelar de novos*

[22] O primeiro existencial do ser humano diante de qualquer situação fenomênica de seu existir.

[23] *Este ser-no-mundo dedica-se à pesquisa investigativa no intuito de desvelar tal fenômeno e apresentar uma maior compreensão para si mesma e para a sociedade e possibilitar novas investigações*.

[24] Fontes como: outras pesquisas, manifestações artísticas, cidadãs, midiáticas, institucionais.

[25] Para que compreendamos o método fenomenológico hermenêutico é necessário termos conhecimento de que Heidegger (2007) ao desconstruir o pensamento metafísico, construiu uma nova ontologia, e o conhecimento se dá através de outra via de acesso.

fenômenos os conceitos aos quais os fenômenos nos remetem é que são enriquecidos e ampliados.

Quando conceitos como *democracia, fascismo, colonialismo*, constituintes do fenômeno da nossa investigação, surgem em fenômenos contemporâneos, não há razão para serem denominados com novos conceitos. É evidente que não estamos a falar do fenômeno temporalmente e territorialmente delimitado de onde surgiu o conceito, os conceitos já existentes se ampliam e se renovam, e são compreendidos ao longo do tempo e do espaço, até a contemporaneidade, numa pesquisa de fenômenos contemporâneos, como é o caso desta investigação[26]. Não alteramos a denominação dos conceitos ou adicionamos o prefixo ***"neo"***[27]. É necessário desvelarmos como acontecem contemporaneamente.

> "Fenomenologia hermenêutica (Heidegger) – concentra-se no mundo vivenciado na descoberta, esclarecimento e demonstração da importância de entender o que se pode considerar como elementos triviais da existência humana. Consciência e mundo não são entidades separadas."
>
> Gonçalves, Gonçalves e Marques (2021), p. 26

O *ser humano*, na epistemologia "Fenomenologia-Existencial Hermenêutica" *é "ser-no-mundo", sua essência é seu existir, em aberto e contextualizado, delimitado*. *Seu modo de conhecer* é *através da linguagem, pela qual descobre sentidos e atribuí sentidos*. Como esclarece Sapienza (2015), "..., no pensamento de Heidegger, estão rompidos os pressupostos metafísicos que, durante séculos, sustentaram nossa compreensão de homem e de mundo." (p. 11). Esta hermenêutica vai em buscar da "estrutura de sentido", a estrutura que possibilita

[26]Como nos aponta Traverso (2020), evidente que os projetos fascistas contemporâneos não são exatamente iguais aos projetos fascistas do século XX, mas há termos que permanecem sendo usados para situações que se transformam. Quando utilizamos na contemporaneidade, fascismo, democracia ou colonialismo, sabemos que estamos falando de conceitos que definem certos valores e preceitos e que, no entanto, como tudo relativo ao humano e ao social, passam e passarão por transformações.

[27]Apenas em relação ao Neoliberalismo utilizamos o termo com o prefixo, não só porque todos os autores que nos embasam o utilizam, mas porque compreendemos que as desigualdades contemporâneas fazem com que o Neoliberalismo seja mais perverso do que foi o Liberalismo em sua origem

a existência de um fenômeno no contexto no qual ele se mostra. De acordo com Heidegger (2009) “a ciência é um fundamentar”.

Fundamentar é buscar o *fundamento*, *estrutura de sentido* que *possibilita o fenômeno*. Para conhecer *preciso saber a essência do que quero conheço* (Heidegger, 2009)[28]. Esse ser-no-mundo conhece sendo interpelado pelos fenômenos de seu mundo fático. Não podemos nos desviar desses preceitos, sob pena de trairmos o *rigor que método exige*: *conhecer através do que o fenômeno, no seu acontecer fático, mostra pelo desvelamento possível de um pesquisador situado.*

Esta pesquisa buscou realizar este rigor, em todos os passos[29].

[28] A essência do ser humano são os existenciais, ser-afetação, ser-história, ser-finito, ser-linguagem, ser-corporeidade, ser-temporalidade, ser-espacialidade, ser-com, ser-para-a-morte, entre outros (Heidegger, 2007; Sapienza, 2015).

[29] Este capítulo é complementado pelo Anexo III – “Pré-pesquisa”.

Capítulo 2. Programa Nacional de Imunizações do Brasil (PNI)

O Plano Nacional de Imunizações Brasileiro foi criado após o êxito de uma campanha de vacinação[30].

Conforme apontam Lima e Pinto (2017), as vacinas não encontraram aceitação imediata da população e em 1904 houve o conhecido movimento denominado "Revolta da Vacina" (idem, p. 54), na cidade do Rio de Janeiro, então capital do país, que passava por um caos sanitário[31].

O PNI, apesar de ser uma política pública de saúde pertencente ao Sistema Único de Saúde (SUS) é anterior ao SUS, criado pela e a partir da Constituição de 1988[32].
Segundo Cohn (2006-2009), a partir da Constituição de 1988 houve uma mudança drástica no modelo de Saúde Pública no Brasil[33]. Com a criação do SUS, a partir do artigo 196 da

[30] Houve no Brasil de 1962 a 1973 a campanha de erradicação da varíola (Temporão, 2003). Ao término da campanha foi criado o Programa Nacional de Imunizações (PNI) ou seja, o PNI foi criado quinze anos antes da "Constituição Cidadã", promulgada em 1988, após o fim da ditadura militar, que durou de 1964 a 1985. De acordo com Lima e Pinto (2017), em 1840 as vacinas surgiram no Brasil pelas mãos dos Barão de Barbacena para proteção das "famílias nobres" (idem, p. 54) e, depois, o médico-cirurgião Barão de Pedro Afonso cria um instituto privado para "preparo da vacina antivariólica" (idem, p.54). A seguir, fica a cargo do governo, sendo criado o Instituto Soroterápico no Rio de Janeiro (1900), que viria se tornar o Instituto Oswaldo Cruz (1908).

[31]O médico e sanitarista Oswaldo Cruz, com o intuito de reverter esse quadro caótico, impõe a vacinação, realizada de forma violenta. Quando houve a "Revogação da Lei de Vacinação Obrigatória", campanhas mais bem aceitas e exitosas foram criadas.
Em 1971 registrou-se o último caso de varíola no Brasil e em 1973, a OMS concede ao país certificado de país no qual a varíola está erradicada (Fiocruz, UOL) e, em 1989, nove anos depois, a OMS considera a varíola erradicada no mundo (OMS, Fiocruz).

[32] De acordo com Vasconcelos e Pasche (2006-2009), o SUS é parte da tríade do sistema de proteção social no Brasil, junto com o Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e o Sistema de Previdência Social.

[33] Segundo a autora, anteriormente, os mais abastados na escala social tratavam de sua saúde no exterior ou com médicos que haviam estudado no exterior, os trabalhadores tinham Saúde Pública gratuita vinculado ao antigo INAMPS (Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Nacional) e os mais pobres viviam de caridade, no quesito Saúde.

Constituição de 1988, a Saúde passa a ser "um direito de todos e um dever Estado" (Cohen, 2006-2009, p. 220).

O PNI foi determinante para o controle de "doenças imunopreviníveis" (Domingues et al., 2019, p.1), provocando aumento da esperança de vida e redução de hospitalizações. No entanto, no final da segunda década dos anos 2000, conforme os autores demonstram, o próprio sucesso do PNI[34] passou a ser um obstáculo para a continuidade do seu êxito, porque a população já não tinha contato há muito tempo com certas enfermidades, desprezando a gravidade destas.

Nesse contexto, desafiante para a continuidade da PNI, surgem as "notícias falsas" (Domingues et al., 2019, p. 3) sobre as vacinas, que conseguem eco, encobrindo a cabal importância da vacinação para a Saúde Coletiva[35], como principal medida para obtermos controle de certas doenças e evitarmos que doenças já erradicadas ressurjam.

O PNI[36] é um programa de *prevenção primária*, de acordo com a definição de Bonita et al. (2010) e Almeida (2005)[37].

---

[34] Todos os princípios adotados pelo PNI estão embasados nos princípios do SUS, de acordo com Vasconcelos e Pasche (2006-2009), são eles: Universalidade, Integralidade, Equidade, Igualdade, Direito a Informação, Diretrizes Organizativas, Descentralização, Regionalização, Hierarquização, Participação Comunitárias e Integração.

[35] No Brasil, o movimento de luta pela Saúde Pública, gratuita e universal, aos moldes do SUS, é uma luta do movimento social, primordialmente composto por profissionais de saúde, denominado *"Saúde Coletiva"*. Até hoje esse termo é largamente empregado, como se pode encontrar em diversos estudos e artigos acadêmicos.

[36] Todos os princípios adotados pelo PNI estão embasados nos princípios do SUS, de acordo com Vasconcelos e Pasche (2006-2009), são eles: Universalidade, Integralidade, Equidade, Igualdade, Direito a Informação, Diretrizes Organiza vas, Descentralização, Regionalização, Hierarquização, Par cipação Comunitárias e Integração.

[37] De acordo com Domingues et alii (2019), o PNI conta em seu calendário vacinal, com cinco vacinas para adultos e idosos, nove vacinas para adolescentes e quinze vacinas para crianças, sendo considerado um programa de extrema relevância para a Saúde Pública e sua oferta vacinal apresenta universalidade (para todos) e equidade (todas as idades e grupos específicos), descentralização articulada e integrada (nas instâncias: federal, estadual e municipal) o que reclama permanente diálogo entre os entes federados para que se cumpra as determinações do SUS. Em relação à informação, a partir de 1994, passou a ser realizada em colaboração com o SUSDATA, o

De acordo com Domingues et al. (2019) o suporte da Sociedade Científica Brasileira ao programa é fundamental para que a população lhe dê credibilidade e adira a vacinação e destacam os profissionais de "notório saber" que fazem parte do Comitê Técnico Assessor (CTAI), criado no ano de 1991, três anos após a promulgação da Constituição, que criou o SUS[38].

Domingues et al. (2019) salientam a preocupante "redução das metas de vacina", a partir de 2016, não só no Brasil, mas "em diversos países"[39] .

Nesse cenário descrito por Domingues et al. (2019) a respeito dos desafios para a continuidade do êxito do PNI, chega ao Brasil surge a pandemia Covid-19, em março de 2020[40].

braço informático do SUS e, a partir de 2019, vem sendo realizada pelo e-SUSAB, que é o Sistema de Informação da Atenção Básica (Domingues et al., 2019).

[38] Embora seja claro que a vacinação é ação fundamental para a prevenção de várias enfermidades e que o Brasil tem um PNI exitoso e reconhecido, nada é estático quando falamos em Políticas Públicas, nem sob o ponto de vista de governantes nem de sociedade. Para manter o êxito é preciso compromisso com a ciência e com a Saúde Pública. Tanto por parte dos agentes de saúde, quanto por parte da população.

[39] Os autores apontam como causa da existência de tal fenômeno, além da falta de convívio com as doenças justamente pelo êxito do PNI, *a disseminação nas redes sociais, via internet, de propaganda contra a vacinação, alegando que provocam malefícios à saúde (desinformação em saúde).*

[40] *A gestão governamental da Covid19, no Brasil, destoa de tudo que já havia acontecido no país até então em relação a proteção da população através da vacina, ao longo da história, por governos de diferentes orientações ideológicas e por diferentes modelos de governança*. De acordo com Fleury e Fava (2022), a capacidade da estrutura estatal e do PNI não deram conta de garantir o enfrentamento da pandemia, através da vacina, em tempo de evitar uma tragédia e, a forma como o governo federal lidou com a pandemia "minou as capacidades institucionais e a confiança social". (p. 257). *As autoras mostram como o Ministério da Saúde não cumpriu sua responsabilidade de coordenar de forma federativa a compra das vacinas e dos insumos e em relação as campanhas de esclarecimento da população.*

Para Fleury e Fava (2022), "a pandemia não foi tratada em termos científicos, mas em termos ideológicos e políticos" (p.258)[41].

De acordo com os dados oficiais, *80% da população brasileira havia recebido duas doses da vacina (ou dose única), até dezembro de 2021* (Governo Federal, 2022)[42].

As principais ações apontadas por Fleury e Fava (2022) em busca do combate a Covid-19 para confrontar "as ações sabotadoras da Presidência" (p. 259) partiram do "Fórum de governadores", do Conass (Conselho Nacional de Secretários de Saúde), da decisão do Superior Tribunal Federal que validou a autoridade dos governadores para cumprirem as medidas sanitárias contra a pandemia, embora o Presidente da República tenha recorrido ao STF para impedir que o governadores subnacionais adotassem medidas de *lockdown*. (idem, p. 259). Decorrido mais de um ano do início da pandemia houve uma importante ação que foi a CPI da Covid-19[43]:

[41] Os municípios que tiveram maior votação ao presidente do Brasil durante a pandemia, no primeiro turno de 2018, tiveram mais incidência da doença, na seguinte proporção "a cada 10 pontos percentuais a mais de voto para Bolsonaro, houve um acréscimo de 11% no número de casos e 12% no número de mortos" (idem, p. 258). Segundo Fleury e Fava (2022) "Essa correlação positiva foi denominada *'efeito Bolsonaro'* na propagação da pandemia" (idem, p.258).

[42] Algumas ações apontadas por Fleury e Fava (2022) colaboraram para combater a pandemia e *reforçaram a cultura da população de aderir a vacinação*, essas ações apontam para *"uma coordenação horizontal"* (p. 259) *do problema* e a transformação do *"federalismo de cooperação" em "federalismo de confrontação"* (idem, p. 248).

[43] Embora o governador de São Paulo já tivesse começado a vacinar a população do estado, *foi a partir da CPI da Covid-19, no Senado Federal, que a vacinação pode, de fato, começar em todo o país*. Como mostra o "Relatório da CPI da Covid-19" (Senado Federal, 2021), *a CPI indiciou 80 pessoas e descobriu a documentação comprobatória da negligência proposital em relação às vacinas como, por exemplo, o governo federal deixar de responder a 151 "e-mails" da Pfizer (Senado Federal, 2022).* A vacinação começou a partir da CPI, mas com *atraso, letal para a população*. Calcula-se que pelo menos metade dos mortos poderiam estar vivos, caso a vacinação começasse quando as vacinas já estavam disponíveis para compra (Senado Federal, 2021).

"Adicionalmente, em abril de 2021, o STF determinou a instalação da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Covid-19 no Senado, em resposta a um mandado de segurança apresentado por parlamentares, que apurou as ações e as omissões do governo federal no combate à pandemia"

(Fleury& Fava, 2022, p. 259)

Políticas públicas de saúde que incidam na prevenção, precisam ter o compromisso de governos, em suas diversas instâncias, sociedade, e *a disseminação de informação correta pode salvar vidas, do mesmo modo que a disseminação de desinformação pode ser letal* (Fleury& Fava,2022). *O governo central de uma federação*, que já possuiu problema de violência em diversas regiões (Conill et all, 2018), como indicador de determinante social de saúde, e *que nega vacinação a população, podendo fazê-la, é um governo que ao invés de procurar, através de ações políticas, minimizar os efeitos deletérios dos determinantes sociais de saúde, pode agravá-los*. No caso da pandemia, a violência foi um determinante colocado de forma adicional pelo próprio governo central que, ao invés de proteger a população, como é responsabilidade de governos, a expôs à morte. *O modelo participativo de governança, no qual há funcionários públicos concursados do Estado, funcionários escolhidos pelo governo (temporários) e há outros poderes da República, mostrou, através dos documentos oficiais, listados na CPI da Covid-19 (Senado Federal, 2021) ter sido capaz de minimizar os riscos à saúde pública*[44].

[44] *Citamos dois exemplos, com base nesses documentos.* No primeiro exemplo, mencionamos o diretor da Agência de Vigilância Sanitária (ANVISA), Barra Torres, nomeado pelo governo, recusou-se a alterar a bula de Cloroquina para incluir Covid-19, como pedido pelo governo central. ANVISA, que teve papel importante para que a população confiasse nas vacinas, que sofriam ataques do governo central (Senado Federal, 2021). No segundo exemplo, mencionamos um funcionário público concursado do Ministério da Saúde, Sr. Luís Ricardo Miranda conseguiu impedir a corrupção na compra de vacinas que não haviam sido aprovadas pela ANVISA (Senado Federal, 2021). Por este quadro nos parece que a governança, que tem por base a participação ampla de vários atores sociais (Gonçalves, 2005), pode ser um protetor social, ao diminuir riscos para a Saúde Pública e interferir diretamente na minimização de problemas causados pelos determinantes sociais de doenças. Tanto os determinantes sociais quanto os determinantes sociais de saúde (Gabois et el., 2017; Conill et el., 2018) podem influenciar na saúde, na doença e nos índices de mortalidade. *No caso da Covid-19, no Brasil, mesmo com entraves iniciais, número elevado de mortes e internações, disseminação de desinformação pelo próprio governo federal, em função da estrutura de Estado, robusta e participativa, e da ação dos outros poderes da República, foi possível, um novo rumo para a gestão Covid-19, através desses outros atores, citados ao longo desse capítulo: governadores, Conselho de Secretários de Saúde, STF, Senado Federal.*

Em 2022, dados oficiais do Conselho Nacional de Saúde, formado por representantes dos profissionais de Saúde, e da Fiocruz, órgão público, apontam para o início da produção de vacina contra a Covid-19 100% nacional[45].

Com o governo negacionista, o Brasil passou a integrar e ocupou o sétimo lugar na lista dos 20 países que menos vacinam crianças. No estudo da ONU para UNICEF e OMS, em 2023, com o novo governo, o Brasil saiu dessa lista. Os dados da pesquisa apontam que em 2021, 710 mil crianças não receberam nenhuma dose de DTP1- Tríplice Bacteriana Infantil e 846 mil não receberam a DTP ("vacina pentavalente") e, em 2023, os números de não vacinados caiu para 103 mil e 257 mil, respectivamente, a partir da volta do incentivo à vacinação, do mascote do Ministério da Saúde, Zé Gotinha, e da valorização do governo em relação às vacinas. (Agência Brasil, 2024)[46].

[45] *Depois de dois anos, o Brasil utiliza a tecnologia que já possuía para produzir vacinas, desde o início da pandemia*. *Essa possibilidade concretiza-se pela contenção da desinformação realizada por agentes públicos como Senado Federal, ANVISA, Fórum de governadores, STF, conselhos participativos e sociedade civil.* Em 2023, com a mudança de governo, o Brasil ofereceu a vacina bivalente contra Covid-19 para a população. A partir de 2024, disponibilizou a vacina mais atualizada da Pfizer.

[46] A partir do exposto, frisamos que *num mesmo país governos de diferentes matizes podem ser pró-ciência e um único governo que não age de acordo com a Constituição e com as orientações dos sanitaristas, mesmo com toda a infraestrutura necessária disponível, pode causar grandes danos à população.* Moreira (2014) aponta diferenças entre os termos governança e governação e suas inúmeras possibilidades de análise, ressaltamos, no que diz a respeito de papéis de governo, "há dois papéis de governo, o que se obriga a objetivos e o de não intervenção da sociedade." *No caso do Brasil, em relação ao histórico do PNI, vimos um início de intervenção somente para os mais ricos, depois uma intervenção global, feita com violência, gerando revolta por parte da população, depois políticas mais persuasivas, com adesão da população, depois criação de um sistema universal, que incorporou o PNI, com participação governamental e social. E, por fim, a sabotagem do PNI pelo governo central e a reação dos outros poderes da república, bem como a forte adesão da população quando o PNI ofertou a vacina, população esta que também se manifestou favorável a vacinação nas ruas e nas redes sociais.*

Capítulo 3. Resistência e Ações de Resistência [47]

De acordo com Capinha (2022), etimologicamente, resistência é estar, tomar uma posição reiterada. É "(re)existir, é luta. É um existir ou um (re)existir que aponta para o conflito.

Bosi (1996) e Gramsci (2020) definem resistência como ações concretas no mundo fático.

Conforme Bosi (2016), resistir envolve a força de quem resiste, em oposição a uma força que não lhe pertence.

> "Resistência é um conceito originariamente ético, e não estético. O seu sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia." Bosi (2016), p. 11

Para Arendt (2010) é ação humana que começa, nascemos para começar e, para Gramisci (2020), a construção do mundo compartilhado não se dá ao acaso, se dá pela ação e estar vivo é participar dessa ação, é ser resistente.

> "Sou resistente, vivo, sinto na virilidade da minha consciência pulsar a atividade da cidade futura que estou ajudando a construir. Nela a cadeia social não pesa sobre poucos, cada acontecimento não é devido ao acaso, à fatalidade, mas é obra inteligente dos cidadãos." Gramisci (2020), p. 33

Para Heidegger (2007), o descrito ontologicamente se dará ônticamente, faticamente, no mundo relacional, em constante movimento, chamado *sociedade*[48].

---

[47] Este capítulo será melhor compreendido com a leitura dos Anexos IV e V que tratam, respectivamente, de: "Contextos Local e Internacional", nos quais surgiram a gestão anticiência e a resistência contra esta gestão, e "Gestão Anticiência" e os crimes decorrentes, apresentados no relatório final da CPI da Covid-19.

[48] *Dasein, ontologicamente, é sempre ser-com, sempre ser-no-mundo. Dasein, ôtincamente, no mundo fático, existencial, compartilhado concretamente e delimitadamente, vive com, junto aos outros, em sociedade, e todos*

De acordo com Peixoto (2019), embora a Sociologia tenha desenvolvido o estudo da sociedade, delimitando-a a Estados Nacionais, *sociedade é o Globo Terrestre*[49].

Para Medeiros Filho (2018), podemos discutir se o bloco China-Rússia, que tem feito contraponto aos EUA, em termos comerciais e geopolíticos, realizam ações imperialistas. Essas ações, entretanto, não envolvem golpes de estado no Brasil e ambos os países têm parcerias simétricas com o país, nos BRICS, bloco econômico formado, em 2009, por economias crescentes, para construção de parcerias econômicas, através do Novo Banco de Desenvolvimento[50]*. O B é de Brasil, o R de Rússia, o I de Índia, o C de China*[51].

os seus movimentos são impossíveis de serem encapsulados para estudo. Há uma dramaturgia do existir humano e relacional, social. ***Podemos desvelar movimentos e caminhos através dos quais a dramaturgia do existir humano, compartilhado, vai acontecendo, sempre no gerúndio, porque é sempre, e desde o início, até findar, um acontecer em aberto, inacabado****.*

[49] O fenômeno estudado nessa pesquisa deixa-nos claro essa delimitação. Guarda especificidades locais e se insere em movimentos globais de vários matizes como a divisão de projetos políticos mundiais contemporâneos, entre o projeto da extrema direita e o projeto progressista*. Entre a visão colonialista dos Estados Unidos e seus aliados em relação a diversos países e continentes, incluindo a relação com o Brasil, território da pesquisa, e movimentos decoloniais e anticoloniais, ao redor do mundo. Tanto no âmbito acadêmico quanto no âmbito social. Sem o apoio de brasileiros ao projeto colonial estadunidense é provável que este projeto não obtivesse o sucesso que obteve em 1964 e em 2016.*

[50]O Novo Banco de Desenvolvimento, com presidência rotativa entre os membros dos BRICS, hoje com mais membros do que os cinco do início, é uma possibilidade de crédito fora do Banco Mundial e Fundo Monetário Internacional e as trocas comerciais entre os países serão feitas com uma moeda do bloco, sem intermediação do dólar. Hoje o banco é presidido pela ex-presidenta do Brasil, Dilma Rousseff.

[51]Em relação a História do Brasil, território da nossa pesquisa, é necessário compreendermos quais forças externas, historicamente, buscam atrasá-lo, como nação que se desenvolve, e quais forças colaboram com esse desenvolvimento.

Ações de resistência apontam para um estar-com em conflito[52]. O modo de ser humano, ser-com, em sociedade, na resistência, aponta para um *estar-com conflituoso, em oposição*[53].

Para Khalidi 2022)[54], na resistência há um "desafiar" algo ou alguém. Para auxiliar-nos na compreensão do desafiar, nos voltaremos a análise de Said (1993)[55].

Para Said (1993) a "resistência primária" é resistir a destruição do colonizador e "resistência secundária" é o ex-colonizado construir ou reconstruir[56].

No Brasil há a *resistência contra a construção*, *a resistência destrutiva*, praticada pela extrema direita.

[52] Quando há conflito, de curto, médio ou longo prazo é que pode surgir o *resistir*.

[53] No âmbito da nossa pesquisa esse conflito e essa aposição apontam para uma acirrada disputa política, na qual um dos lados, a extrema direita, tenta destruir as instituições democráticas, através das quais busca ascender, por meios nem sempre republicanos, como a disseminação massiva de desinformação, através de redes sociais.

[54]Substituto de Edward Said, na cátedra da Columbia University, autor de "Palestina: uma biografia – Cem anos de guerra e resistência" (2022), que ora citamos.

[55]Estudioso tanto da "invenção" do Oriente pelo Ocidente, demonizando-o, quanto dos Imperialismos/Colonialismos, que permitem diminuir a cultura do colonizado e exaltar a cultura do invasor.

[56]Esses apontamentos são importantes para entendermos o caso do Brasil e o fenômeno que estudamos. A "resistência social pró-ciência", ocorrida durante a pandemia, está inserida num movimento de resistência maior, que teve início antes da pandemia e segue seu curso, já que a extrema direita foi derrotada nas eleições presidenciais, de 2022, mas permanece forte e com maioria no Congresso Nacional. O ex-presidente, que geriu a pandemia, disse textualmente que veio para destruir. O que este ex-presidente queria destruir? Todo o aparato estatal que foi construído nos governos democráticos, antes e depois da ditadura militar. Enquanto os apoiadores desse aparato social estatal resistiam tanto contra a destruição quanto em favor da reconstrução, num momento posterior, que está em curso (2024/2025). A ideia, antes da pandemia, no setor da Saúde, por exemplo, do governo que geriu a pandemia, era acabar com Sistema Único de Saúde, o SUS (Brasil Atual, 2019).

Resistir é *resistir a* alguma coisa e essa coisa é sempre *outro projeto de mundo*. Resistir é resistir a um projeto de mundo diferente do projeto de mundo que acredito ser o melhor[57].

[57]*Os critérios podem ser diametralmente diferentes. Pode-se defender um projeto de mundo por achá-lo mais adequado à convivência comunitária de todos ou pode-se defender um projeto de mundo por considerá-lo o mais vantajoso para si e seu grupo social, assim, sobrepondo-se aos que considerem "os outros".*

Chegamos a dois projetos de mundo contemporâneos, internacionais, embora contendo especificidades locais[58]:

- Defensores do avanço da democracia e do estado social[59].

- Defensores do autoritarismo, explicitamente ou híbridamente[60].

*A desumanização é ação de mão dupla. Ao desumanizar uma pessoa, um grupo étnico, um grupo social, quem desumaniza, simultaneamente, desumaniza-se[61]. **Desumanizar é desumanizar-se**[62].*

---

[58]Cada projeto de mundo, conforme vivemos na contemporaneidade, funda-se em uma gama de valores e objetivos. Opostos. Por isso, o conflito inegociável, até o momento, o resistir um ao outro. Não há um campo comum intermediário para o debate. Há a extremização facilitada pelo mau uso das mídias sociais, por parte dos projetos de extrema direita reacionários (Da Empoli, 2020).

[59] Através da inclusão social, e com a proteção do estado social, sustentabilidade ambiental e social, antirracismo, antifascismo, contra a cultura misógina e do estupro, inclusão da pluralidade multiétnica, multirreligiosa e multicultural, diminuição das desigualdades, erradicação dos projetos bélicos e coloniais.

[60] Pregam autoritarismo, exclusão social, desmantelamento do Estado social, negacionismo científico em todas as áreas, inclusive climático, racismo, machismo, misoginia, belicismo, desrespeito às religiões, etnias, culturas, necropolítica, desumanizando e tratar como não humanos quem consideram "os outros". Os projetos que chamamos híbridos são alguns projetos que defendem valores democráticos internamente ou para certos grupos sociais, mas financiam limpeza étnica, violência, destruição de infra instruturas, guerras em territórios externos, sob os quais desejam ter domínio, ou seja, praticam democracia internamente e colonialismo arcaico e violento em política externa.

[61] Retirar a humanidade de alguém ("o outro", "o inimigo", "o inferior") é retirar a própria humanidade.

[62] Esta ideia vinha sendo desenvolvida neste trabalho, que já estava em fase de conclusão em agosto de 2024, e foi inserida juntamente com outras afins, em artigo escrito por esta pesquisadora, com a devida menção de ser uma ideia desenvolvida nesse mestrado, no portal do Instituto de Cultura Árabe. (ICARAB, 29/08/2024).

Para Braudel (2021) há a "História de Longa Duração" e a "História de Curta Duração" e encontramos lastro para a segunda na primeira. Numa investigação perguntamos "como chegamos até aqui?" e "para onde estamos indo ou queremos ir?"[63].

História não é sinônimo de passado, é fluxo contínuo, sempre inacabado, rumo ao provir, que tem a primazia das significações. A "história de curta duração" desse trabalho é a resistência pró-ciência contra um governo militarizado, milicianizado, fundamentalista religioso, negacionista de todos os âmbitos da ciência, neoliberal e com ligações com a extrema direita global. A "história de longa duração" envolve a resistência local e global anticolonial, contra sistemas autoritários, imperialistas, em benefício de democracias aprimoradas, inclusivas, com instituições republicanas, e estados soberanos e de bem-estar social[64].

A fundação da República deu-se através de um golpe militar contra o poder imperial e não através de uma revolta popular e outros golpes aconteceram ao longo da História (Carvalho, 2021). O suicídio do presidente Getúlio Vargas[65], em 1954, adiou, através da comoção popular

[63]*A cada acontecimento social, assim como para os acontecimentos individuais, há um diálogo das três "ek-stasis" do tempo (Heidegger, 20207); diálogo entre o presentificado (presente) o sido (passado) e o provir (futuro). O sido sempre interpretado e reinterpretado à luz do porvir. O sido fático é inalterado, já o significado do sido pode ser, inúmeras vezes, reinterpretado e compreendido de forma diferente à luz do contemporâneo, pelos resultados presentes, que se modificam no movimento do constante vir-a-ser. O contemporâneo é este que segue sendo e vindo-a-ser, inacabado (Heidegger, 2007). Por sermos histórias inconclusas, individualmente, até findarmos (não "acabarmos"), temos uma "História da Humanidade", igualmente sempre inconclusa e sempre em direção ao porvir.* ***É o futuro que traz significado, interpreta e reinterpreta o passado.***

[64]*Note-se que* ***não temos na "História da Humanidade" nenhum exemplo de democracia amplamente inclusiva e radicalmente republicana***, apenas movimentos que buscam este ideal e movimentos que lutam contra este ideal. Dentre os movimentos que lutam contra este ideal, há movimentos conservadores e movimentos reacionários, como no caso da extrema direita contemporânea. Embora, *alguns autores e jornalistas na imprensa brasileira utilizem "extrema direita" e "reacionarismo" como sinônimos de "direita" e de "conservadorismo" é necessário que este uso seja evitado e condenado. A direita e os conservadores podem ser democráticos e republicanos, a extrema direita não.*

[65] Criador da Petrobrás, do BNDES, das Leis Trabalhistas, criador, enfim, da estrutura do Estado Nacional Brasileiro (Vianna, 2021).

criada, um golpe de estado por dez anos. Em 1956, os golpistas quiseram impedir a posse do presidente Jucelino Kubitschek[66]. Em 1964, o golpe é bem-sucedido, interrompendo a curta presidência de João Goulart[67]. Jango, ("Um dia que durou vinte e um anos", Youtube, 2013; Vianna, 2021), que, como vice-presidente, tomou posse quando Jânio Quadros renunciou, alegando haver "forças terríveis" contra seu governo.

Depois de vinte e um anos de ditadura militar e trinta e dois anos de governos civis, democraticamente eleitos (Oito presidentes e um juramento, 2021), o Brasil vive o Golpe ("Golpe Suave") de 2016, ocorrido por dentro das instituições com base em ações de Guerra Hibrida (Souza, 2020, Mendes Souza,2018; Zanin, Valim & Zanin, 2020) que depôs Dilma Rousseff, sem crime de responsabilidade.[68].

[66]Ao tomar posse, JK anistiou os golpistas.

[67] Jango decide não resistir ao golpe militar, arquitetado em conjunto com os EUA, para evitar derramamento de sangue no Brasil, embora setores do Exército, chefiado pelo presidente, discordassem do golpe. ("Um dia que durou vinte e um anos", Youtube, 2013). Jango escolhe exilar-se e morre no exílio. Já em 1961, com a renúncia do presidente, quando quiseram impedir a posse do vice-presidente, Jango, Leonel Brizola, governador do estado do Rio Grande do Sul, antes da ditatura e, após a abertura democrática, duas vezes governador do estado do Rio de Janeiro, apresentou uma resistência armada, em luta pela legalidade. Deixaram Jango assumir, mas não no presidencialismo, no parlamentarismo. E, três anos depois, foi dado o golpe de Estado (Senado Federal, 2024).

[68] Os direitos políticos de Dilma nunca foram suspensos e, depois, ela foi totalmente inocentada (Senado Federal, 2020 e G1,2023). O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi preso, em 2018, sem nenhuma prova criminal (Souza, 2020; Zanin, Valim & Zanin, 2020). A partir de 2016, os golpistas implementaram o programa que havia sido derrotado nas urnas, por quatro eleições presidenciais seguidas. O golpe e a campanha difamatória contra o PT possibilitaram a eleição do presidente que cometeu uma série de crimes durante a pandemia (Capítulo Três), dentre eles "crimes contra a humanidade" (Senado Federal, 2021). Este presidente é um militar reformado, aos 33 anos de idade, por ter planejado um ato terrorista no quartel por aumento de salários e um político considerado "do baixo clero", ou seja, inexpressivo, era uma figura folclórica de programas de televisão, tamanho o absurdo de suas afirmações, defensor da legalização das milícias, grupo criminoso paramilitar. Embora tenha feito sua campanha para a presidência como sendo "antissistema", tinha mandatos há mais de trinta anos (Quebrando mitos, 2020). Além dos crimes apontados na pandemia pelo Senado Federal, é indiciado por se apropriar e vender joias do Estado Brasileiro e ainda é apontado pela Operação Lesa Pátria da Polícia Federal (2023), que está em sua oitava fase, como um dos mentores e principal beneficiado da tentativa de golpe de estado ocorrida em 8 de janeiro de 2023 ("8/1-A democracia resiste, Globoplay, 2023), uma semana após a posse de Lula. Já foram presas mais de mil pessoas que participaram da execução da tentativa de golpe. O plano de golpe previa o assassinato do presidente Lula, do vice-presidente Alckimin e do ministro do Supremo Tribunal Federal Alexandre de Moraes.

O juiz[69] da "Lava Jato", tornou-se ministro da Justiça do capitão reformada que ascendeu à presidência da República, em 2018[70].

[69]Este juiz teve sua suspeição julgada e reconhecida pelo Superior Tribunal Federal e, consequentemente, a prisão do ex-presidente Lula, sem provas, anulada, após a "Operação Spoofing", da Polícia Federal, em 2019, revelar o conluio entre juízes e procuradores e suas ligações com o Estado Estadunidense, EUA (Superior Tribunal Federal, 2020). O documentário "Amigo secreto"(2021) explica como o Judiciário usou a imprensa, enviando pautas prontas para serem divulgadas e como o jornalismo não investigou as informações, o que ocorreu apenas quando os diálogos ilegais foram vazados. O documentário também mostra como os EUA conseguem, juridicamente, atacar outros países, com prática de "lawfare" e cita o exemplo da França que já tem legislação para se defender. Apresenta a dissonância entre o valor ínfimo que a "Lava Jato" recuperou, fruto de corrupção, da Petrobrás, em relação ao lucro da empresa. São valores que não apareceriam nem em auditorias. A Petrobrás foi um alvo desde sua implementação por Getúlio Vargas. O "alvo Petrobrás", que teve várias refinarias e todos os postos de abastecimento ao consumidor vendidos (2019-2022), foi, após a descoberta do *pré-sal*, um grande alvo dos EUA, junto com as *empresas da construção civil brasileira*, que estavam muito fortes, com expansão no exterior. Depois que sai do ministério do governo fascista, que ajudou a eleger, este juiz vai para os EUA trabalhar nos escritórios que atuaram na recuperação judicial das empresas que a "Lava-Jato", operação de "lawfare", conduzida por ele, quebrou. Recebe um salário astronômico, sem ter experiência no tipo de trabalho que realizava. Volta e se elege senador, porque não tinha votos suficientes para ser presidente, sua primeira opção.

[70] Esta eleição foi possível, após a deposição de Dilma e a prisão de Lula, pela "Lava Jato". Lula era o primeiro colocado nas pesquisas para a presidência em 2018. A "Lava Jato", iniciada em 2014, fez diversas "manobras", até o momento em que o Superior Tribunal Federal a descobriu como operação judicial fraudulenta em conluio com os EUA, em 2019.

A *sequência de ações de "Guerra Híbrida" começou com* uma "*Revolução Colorida*"[71], em 2013, *seguiu com "Lawfare*"[72], iniciado em 2014, e "*Soft Coup"[73],* em 2016. Práticas de "Guerras Híbridas" promovidas pelo EUA, com apoio de grupos sociais brasileiros (Souza, 2020; Zanin, Valim & Zanin, 2020; Souza, 2018).

Temos uma longa articulação de *recursos, de "Guerra Hibrida"[74]* ("revolução colorida", "lawfare", "soft coup"), incluindo o *uso das mídias sociais* para, através de *algoritmos*, criar *"bolhas" de discurso único*, *favorecer extremos, o ódio e o medo* (Da Empoli, 2020,

[71] "Jornadas de junho" (2013): As manifestações de rua do "Movimento Passe Livre", pelo menor preço e gratuidade das tarifas de transporte público, foram infiltradas por outros agentes sociais e se transformaram em gigantescas manifestações de rua, com pautas diversas e contra a Política, contra os partidos políticos, com participação de grupos de extrema direita, como "Movimento Brasil Livre", financiado por ONGs estadunidenses (Mendes Souza, 2018). Membros do MBL e outros movimentos similares se candidatariam a cargos públicos e passariam a compor a política partidária.

[72]"Operação Lava Jato" (2014-2019): Operação que, em tese, seria contra a corrupção. Realizava prisões coercitivas espetaculares, filmadas pela imprensa, mantinha prisões preventivas ilegais. A operação se revelou ser uma operação contra o *Partido dos Trabalhadores,* e seus principais membros abandonaram o Poder Judiciário e entraram na política partidária, ação que sempre afirmaram que jamais tomariam. A Operação quebrou a indústria de construção civil brasileira gerando aumento expressivo do desemprego, atendendo a interesses estadunidenses, como a revelação dos diálogos entre os membros da Lava Jato, através da "Operação Spoofing" da Polícia Federal, comprovou e como os julgamentos do Superior Tribunal Federal mostraram.

[73] "Soft Coup" (2016): O processo de *impeachment* da presidenta Dilma foi um golpe de Estado realizado através das instituições da República, com aparência de legalidade e constitucionalidade, dificultando a compreensão popular do que estava em curso, já que não foi um golpe explícito. Essa é uma das características do fascismo e do neoliberalismo. Eles não expõem claramente ao debate público seus objetivos. Os neoliberais não dizem "queremos ganhar mais dinheiro, desvalorizar o trabalho, tirar direitos, não pagar impostos", eles alegam que querem que não haja déficit no gasto público, mas não dizem que não querem renunciar às isenções que recebem do Estado, criadoras de injustiça tributária e desigualdades sociais. Os fascistas não dizem "queremos usar o Estado e a coisa pública como objeto particular, queremos perverter a função do Estado e, ao invés do Estado proteger o cidadão (sua finalidade máxima), queremos reprimir e censurar, queremos banir diferenças e impor condutas, queremos agir sem prestar contas, eliminando a transparência". Eles dizem que querem "ordem", "defesa da família", por exemplo.

[74] As Guerras Híbridas promovem a troca de poder nos países, de governos soberanos para governos alinhados aos Estados Unidos, sem tanques nas ruas (Souza, 2018). Com manifestações como as "Jornadas de Junho", em 2013, denominadas "Revoluções Coloridas" (Souza, 2018). A "Jornadas de junho" começaram com uma pauta de esquerda (sobre o valor da passagem de ônibus) e viu grupos de extrema direita, financiados por ONGs estadunidenses, tomarem as ruas, com pautas das mais diversas e fizeram, em pouquíssimos dias, a popularidade da presidenta Dilma Rousseff "despencar" em 30 pontos.

Applebaum,2021). São práticas que ainda estão sendo estudadas e que eram desconhecidas do campo progressista, em 2013, 2014, 2016[75].

De acordo com Haddad (2022), com a Proclamação da República, "o estado mudou de mãos sem se republicanizar"[76] (pp. 13), passou das mãos da monarquia para as oligarquias[77].

No Brasil, este é o esteio para que compreendamos que, hoje, através do neoliberalismo[78] ou ultraliberalismo, as oligarquias abocanhem grande porcentagem do orçamento do Estado, através do pagamento dos juros da dívida pública, das desonerações fiscais e das privatizações e tenham ligações, num mundo financeirizado, globalizado, e conectado digitalmente, com as oligarquias de outros países, formando algo como um "Estado Globalizado e Financeirizado", composto por um grupo diminuto das pessoas mais ricas do mundo[79].

---

[75]Em 2018, são lançados no Brasil, a obra de Levitsky & Ziblatt "Como as democracias morrem", evidenciando as características do "Soft Coup" e, em 2020, a obra de Korybko,"Guerras Híbridas". Desde 2013, os estudos acadêmicos, os debates na imprensa e os debates informais passaram a procurar entender o que estava acontecendo. Esses debates permanecem no país, mas, agora, com quase uma década de estudos sobre os componentes que fizeram a constitucionalidade do país ser rompida, em 2016, possibilitando a ascensão da extrema direita, em 2018.

[76]Os primeiros presidentes da República Brasileira foram militares. Vários militares, inclusive, tinham títulos de nobreza e o Exército já começava a apresentar-se como uma estrutura fechada, de instituição total, como descrita por Goffman, com famílias compondo-o (Carvalho, 2021). Embora os primeiros presidentes da República tenham sido militares, a seguir, ainda na primeira República, as oligarquias dos Estados da Federação começam a ter participação mais ativa.

[77] Especialmente, as oligarquias de São Paulo e Minas Gerais, formando a composição conhecida como "República Café com Leite" (1898-1930), já que São Paulo era o maior produtor de Café e Minas Gerais o maior produtor de Leite. A República foi proclamada por um golpe militar (Araújo, 2009), a população teve participação ínfima na instauração da República e mesmo os partidários do partido republicano não foram os atores principais, mas, sim, o Exército.

[78]Para Laval, Dardot & Berenguer (2018), neoliberais convivem com as desigualdades, pois não creem em equilíbrio (p.48). Livre tradução dessa pesquisadora do original em espanhol.

[79] *Souza (2020) salienta que precisamos compreender que nem sempre estamos falando de relações entre países, mas, sim, de relações entre aquele grupo diminuto dos donos do dinheiro ao redor do mundo e as populações em geral.* ***Esses neoliberais financistas no mundo contemporâneo, alinham-se ao fascismo para barrar os avanços democratizantes e direitos sociais.***

Haddad (2022) faz uma distinção entre "classe dirigente" e "classe dominante" (pp. 12) quando da passagem da monarquia para a República. Na República o estado "apenas" passou das mãos dos monarcas para os oligarcas. Ou seja, não passou para as mãos do povo[80]. "O patrimonialismo mudou de natureza, "modernizou-se'" (pp. 13- aspas do autor).

A República Brasileira não foi nem instaurada pelo povo, significou a deposição da monarquia e não a subida do povo ao poder.

Vianna (2021) mostra que a ampliação da participação popular acontece nos governos trabalhistas, através da implementação de políticas sociais. Com Getúlio, com os dois governos de Lula, o primeiro governo de Dilma[81], e no terceiro governo de Lula, desde janeiro de 2023. Jango sofreu um golpe de estado muito rapidamente e não pode fazer suas "Reformas de Base"[82] (agrária, habitacional, educacional, de saúde etc.), como ficaram conhecidas academicamente[83].

[80] Assim, a República não se torna uma "Res Pública", passa, sim, a ser um tipo de Plutocracia.

[81] Até o início do segundo governo de Dilma, quando foi deposta por um "golpe suave", como vimos.

[82]"Reformas de Estrutura", como Jango se refere em seu último comício como presidente, na Central do Brasil (EBC, 2015) pouco antes de sua deposição.

[83] *Reformas que até hoje, 2024/2025, cinquenta anos depois, o Brasil tenta construir com as políticas públicas implementadas por governos progressistas/trabalhistas, com avanços e interrupções por golpes de Estado* ou pela assunção de governos neoliberais (democráticos ou autoritários), e *tendo cada vez mais dificultada a possibilidade de atingir plenamente essas reformas*. *A população do país cresceu, de 80 milhões de habitantes, em 1964, para mais de 217 milhões, em 2024, as diferenças sociais cresceram, a concentração da renda mundial nas mãos de poucos aumentou, sobrecarregando os trabalhadores do mundo todo e diminuindo seus direitos*. A desvalorização e precarização do trabalho e o aumento exponencial da fortuna dos super ricos são fatores que dificultam a implementação de um estado social pleno, no Brasil.

Anderson (2012) mostra que a primeira experiência neoliberal se deu dentro de um regime ditatorial, de exceção, no Chile, da década de 1970[84].

Através das mídias sociais, esse projeto contemporâneo autoritário provou ser possível criar um mundo fantasioso que é tido por um número enorme de pessoas como verdadeiro[85]. Para Nemer (2020) "desinformação é uma informação falsa com intuito de enganar" e "fake news", um tipo de desinformação, passou a ser um nome popular para englobar todas as desinformações[86], no entanto, "fake news" pode ser "uma informação verdadeira usada fora de contexto", com a intenção de desinformar[87].

Uma das características da doença mental grave é o isolamento, pela impossibilidade de compartilhar mundo através da linguagem, como é próprio do ser humano. Um doente mental grave pode ver e ouvir coisas que apenas ele vê e ouve (Pompéia & Sapienza, 2010). No entanto, quando temos um grupo enorme de pessoas repetindo à exaustão mentiras ou ações estranhas[88], entendemos que *os criadores da desinformação conseguiram criar um "batalhão"*

[84]De acordo com De Masi (2020), os neoliberais nunca tiveram problemas com o autoritarismo. Esse ponto é relevante para que *não tenhamos a ideia de que a aliança "neoliberalismo e autoritarismo" surgiu na contemporaneidade. Ela vem de longe e vai longe.* Por isso, *a resistência contemporânea contra esse modo de governar também vem de longe e vai longe.*

[85]*Como aponta Finchelstein (2020), as mentiras do fascismo contemporâneo têm lastro nas mentiras do fascismo do século XX. A diferença aqui é o uso das mídias sociais e os diversos tipos de desinformação.*

[86] Incluindo mentiras, invenções completas e não parciais, como ocorre nas "fake news".

[87]A mentira, por exemplo, passa a ser denominada de "pós verdade", que consiste justamente no movimento da extrema direita, através da desinformação, mobilizar afetos, especialmente de ódio e medo, transformando-os em mais relevantes do que fatos compartilhados. E o ódio e o medo fazem com que as pessoas compartilhem conteúdos nas redes sociais cinco vezes mais do que a verdade, o factual, o comprovável. ("O dilema das redes", Netflix, 2020).

[88]Como cantar o hino nacional para um pneu, como ocorreu no Brasil, por parte dos amotinados em frente aos quartéis, após as eleições de 2022 e antes da tentativa de golpe que perpetraram em 8 de janeiro de 2023.

de pessoas permanentemente mobilizadas que compartilha uma "realidade" fantasiosa, sem conexão com a realidade compartilhável e compartilhada[89], como se verdadeira fosse[90].

Na tentativa de Golpe de 2023, houve participação de parte dos militares, inclusive dos que perderam as eleições, de empresários e pessoas físicas[91], de grupos neopentecostais e armamentistas, milicianos ou não ("Extremistas.com", Globoplay, 2024; "Operação Lesa Pátria" da Polícia Federal, a partir de 2023)[92].

Afirmamos, com base na nossa pesquisa, que resistir não se dá, de início, adjetivado[93].

[89] O compartilhado e compartilhável é sempre o que tem base factual, que estão visíveis a todos.

[90]*Isso fez, por exemplo, estas pessoas acreditarem em falas do presidente da República, sem nenhuma base comprobatória, durante a pandemia, como, por exemplo, ao se referir às pessoas que receberiam a vacina da Pfizer: "se você virar um jacaré, é problema seu".* (El Pais, 2020).

[91] Como financiadores ou participantes da quebradeira da Praça dos três poderes e como participantes ou financiados dos acampamentos em frente aos quartéis que precederam os atos violentos de 8 de janeiro de 2023.

[92]Vários golpistas foram presos em flagrante e já foram julgados e condenados. O ex-presidente que não reconheceu a vitória de Lula, não lhe passou a faixa de presidente, e viajou pra Miami, nos EUA, antes de terminar seu mandato também está comprovadamente envolvido na tentativa de mais um golpe de estado (Superior Tribunal Federal, 2023). Entretanto, os golpistas não teriam, dessa vez, apoio dos EUA, que reconheceram prontamente a vitória de Lula, por ser o ex-presidente brasileiro alinhado ao ex-presidente do Partido Republicano, Trump, ambos de extrema direita, e o governo estadunidense estar nas mãos do Partido Democrata, quando da eleição de Lula.

[93] No mais das vezes, o termo "resistir" é imbuído de conotação positiva, tanto no linguajar cotidiano quanto nas lutas políticas, já que quem resiste a algo acredita que seus objetivos, valores, propósitos são melhores do que aqueles contra os quais resiste. O ato de resistir indica coragem, o oposto do ato de se omitir, quando algo do qual discordamos entra em vigor, politicamente. Apesar dessa conotação positiva que o termo carrega, resistir, por exemplo, contra o aprimoramento da democracia, a diminuição das desigualdades, o cuidado ao meio ambiente são ações de resistência deletérias para o conjunto das sociedades e para a sobrevivência da vida humana no planeta Terra.

Faremos a seguinte distinção: *"resistir a"* como esquiva ou *barreira*, não aceitar como legítimas certas ações políticas; *"resistir contra"* como *ação concreta e afirmativa*, baseada em valores distintos dos valores que regem aquilo contra o que se resiste[94].

Pode-se resistir contra o avanço democrático, criando barreiras para o seu aprimoramento e agindo em benefício do retrocesso, como, de fato, aconteceu no Brasil[95].

O negacionismo do governo tem menos relação o militarismo (peculiaridade local) e mais relação com o movimento de extrema direita no qual se insere (peculiaridade global). O

[94]Não se resiste a (esquiva ou barreira) ou contra (ação combativa) algo necessariamente ruim em prol de algo bom e pode-se resistir contra algo bom em benefício de algo ruim. Resistir não é, a priori, ação, esquiva ou barreira. Pode ser uma e todas essas coisas, por isso, devemos analisar o caso específico que queremos conhecer. *De acordo com os valores éticos dos resistentes serão definidos seus métodos. Assim, ações extremamente diferentes, com objetivos distintos, podem ser denominadas ações de resistência.* Durante a pandemia, encontramos inúmeras ações, que são exemplos de resistência em prol da Ciência, da Saúde Pública, da Constituição, do SUS, da vacinação, da vida. Por outro lado, após as eleições de 2022, diversos partidários do ex-presidente, por não aceitarem democraticamente o resultado das eleições, conforme dissemos, permaneceram amotinados em frente aos quartéis, por alguns meses, criando verdadeiros "centros de convivência" nesses locais, sem nenhuma sanção por parte das Forças Armadas para que abandonassem os locais, ao contrário, foram ali bem recebidos. Esses amotinados fecharam estradas e tentaram uma explosão, ações que culminaram, em 8 de janeiro de 2023, na quebradeira, destruição com água, fogo, marretas, da Praça dos Três Poderes, em Brasília ("8/1- A democracia resiste", Globoplay, 2023), pensando estarem conseguindo concretizar um golpe de estado, e, nesses atos de terrorismo e golpismo, *se autodenominavam resistentes* ("Extremistas.br", Globoplay, 2023). Os prejuízos causados nos atos de oito de janeiro de 2023 são da ordem de 25 milhões de reais (EBC, 2023), o equivalente a, aproximadamente, a 5 milhões de euros. Um grupo respeitando valores republicanos e democráticos e outro grupo contra toda a institucionalidade. Ambos, resistentes. Devemos sempre perguntar: *Resiste com qual objetivo? Baseado em quais valores? Através de quais ações se dá tal resistência? Depois de termos essas perguntas respondidas podemos adjetivar como positivo ou negativo o resistir em questão.*

[95]No caso específico da nossa pesquisa, foi a primeira vez, desde a criação do Programa Nacional de Imunizações, mais de 40 anos antes da pandemia Covid-19, que um governo resistiu ao avanço da ciência e negou-se a cumprir sua função de comprar vacinas, bem como de seguir as recomendações da OMS e dos cientistas locais para barrar o avanço do vírus. Chama a atenção o fato de ser um governo altamente militarizado, contrário aos avanços pós abertura política, a partir de 1984, que, entretanto, destoava até dos governos da Ditadura Militar, época em que o PNI foi institucionalizado.

negacionismo científico está presente, de um modo geral, no fascismo mundial contemporâneo[96].

O fascismo contemporâneo, além de negacionista, é ultraliberal na Economia. Há diferença para o período ditatorial brasileiro, que tinha um viés desenvolvimentista, defendia o "estado nacional" forte, apesar de aceitar a interferência dos Estados Unidos para perpetrar o Golpe de 1964 ("Um dia que durou vinte e um anos", Youtube, 2013) e *censurar as artes, exilar os principais pensadores e artistas*[97]*.*

A sociedade lutou por seguir as recomendações cientificas, resistindo ao negacionismo científico e a irresponsabilidade governamental[98] e o governo resistiu contra as recomendações cientificas e contra as responsabilidades estatais, previstas na Constituição Federal[99].

[96]Nos países nos quais esses grupos têm algum destaque, observa-se o negacionismo científico. Na Saúde, na Historiografia, na Emergência Climática. É fundamental salientarmos que estamos diante de projetos locais e globais, ao mesmo tempo.

[97] E, assim, *atrasar culturalmente a população e a indústria cultural nacional, impondo a cultura estadunidense no imaginário brasileiro, diminuindo os valores locais (Souza, 2020).*

[98] Observamos que houve um resistir ao obscurantismo e agir em benefício da manutenção do estado de bem-estar social e do seu fortalecimento. A sociedade civil, as entidades de classe laboral, os cidadãos, de modo geral, investiram em favor das medidas de contenção do vírus, em favor da compra das vacinas, no apoio a CPI da Covid-19 e na adesão à vacinação, num claro movimento de resistência contra o desrespeito à vida que vinha sendo, de forma explicita, praticado pelo Governo Federal.

[99]Houve, portanto, uma *peculiar resistência, a resistência do próprio Governo Federal* aos apelos dos cientistas brasileiros, aos apelos da população, da OMS, de todo um conjunto de atores sociais e de suas obrigações previstas na Constituição Federal. Este negacionismo foi aliado às lideranças evangélicas neopentecostais para favorecer o que Guerreiro & Almeida (2021) denominaram de *"negacionismo pandêmico".* (p. 53).

Onde há resistência há ausência de consenso e impossibilidade de negociação nos termos de Hannah Arendt (2010), negociação no campo político (sem ação bélica), por seremos caracteristicamente plurais e vivermos compartilhando o mesmo tempo e espaço[100]*.*

Há dois veios históricos no Brasil, o democrático e o autoritário-arbitrário. A redemocratização do Brasil foi feita a base de anistia para os envolvidos (militares que cometeram crimes de Estado e cidadãos que resistiram e/ou lutaram contra a ditatura). **"Anistia: ampla, geral e irrestrita"**, era o "slogan" da redemocratização[101].

Como salienta Applebaum (2021), *a disseminação de desinformação pelas redes sociais, com métodos eficientes, coloca em postos de poder pessoas improváveis para cargos públicos, pessoas despreparadas que dificilmente chegariam a estes postos sem o aparato de disseminação de desinformação*[102]*.*

Desde a redemocratização do país parecia haver o triunfo da democracia. Para aprimorar a democracia, os problemas consistiam em barrar as correntes neoliberais e intensificar a

[100]*Para que essa negociação aconteça é necessário que os campos negociantes se reconheçam como legítimos, o que não ocorre quando um dos lados tem base fascista e pretende a conversão ou eliminação do outro. Simbólica ou concretamente.*

[101]Assim, *não houve punição para os crimes dos militares*, que usaram o aparato estatal, pervertendo sua função de proteção do cidadão para censurar, perseguir, torturar e matar o cidadão que se opusesse a usurpação do Estado pelos golpistas. O presidente que conduziu a gestão da pandemia, quando deputado federal, em 2016, na votação do "impeachment" da presidenta Dilma Rousseff, retomou o veio autoritário-arbitrário ao, conforme mencionamos, exaltar um dos maiores torturadores da História do país, conhecido por estuprar as estudantes presas como subversivas por lutarem contra o regime militar, imposto em 1964 ("Democracia em vertigem", Netflix, 2019). Embora no Brasil apologia à tortura seja crime e ele devesse ter saído do plenário da Câmara preso, ele não só saiu solto, como foi eleito presidente da república pouco mais de dois anos depois, numa manobra improvável, que encarcerou o líder das pesquisas, conforme já mencionado, sem crime, como foi comprovado, em 2019 (Superior Tribunal Federal, 2019).

[102] Finchelstein (2020) também frisa que as mentiras nos apresentam este tipo de governante que surgiu no Reino Unido, EUA, Brasil e Argentina. *O que vimos e vemos no Brasil são os democratas pró-ciência resistirem e os autoritários, obscurantistas anticiência, resistirem. Um grupo resiste ao outro, de forma irreconciliável.*

melhoria da proteção do estado social e não de manter a democracia a duras penas, tendo a extrema direta pronta para destruí-la, como o Brasil passou a viver desde 2018.[103].

De acordo com Heidegger (2007), que descreve em "Ser e Tempo" o ser que pergunta pelo sentido de ser, *o ser humano*, *Dasein*, "ser-no-mundo", "ser-aí", podemos afirmar que o *Dasein* resistente, que participa de ações de resistência encontra-se num "*aí*" *conflituoso*, no qual discordâncias e oposições apresentam dificuldades de serem negociadas pactuando-se consensos, podendo mesmo ser irreconciliáveis[104].

Conforme Stanley (2020), uma das características basilares do fascismo é justamente a frequente oposição "nós e eles", são projetos políticos excludentes e, por isso, antidemocráticos[105].

[103] Desde 2014, quando a "Operação Lava Jato" começou a usar o Sistema Judiciário para praticar "Lawfare" (Zanin, Valim e Zanin, 2020; Souza, 2020), usando uma operação judicial, por dentro das instituições públicas, que deveria ser de combate à corrupção, para combater um núcleo político (PT) e encarcerar o principal candidato à corrida presidencial de 2018.

[104] Como quando, por exemplo, há projetos de mundo fascistas em evidência, uma vez que esses projetos são impositivos e excludentes de todos que não estão em acordo com o que pregam. *O oposto dos projetos democráticos inclusivos, que, por sua vez, justamente por serem democráticos, precisam praticar uma única exclusão:* ***excluir das corridas eleitorais projetos fascistas e autoritários, que, uma vez implementados, representam a morte da democracia, que não pode ou não deveria, portanto, gestar sua própria destruição.***

[105] Este ponto apresenta-se como relevante, porque a *"Declaração Universal dos Direitos Humanos" é referência do pacto global pós-guerras. Pacto este que a extrema direita põe em questão, e desrespeita, desde há algum tempo e na contemporaneidade*. Israel, por exemplo, não respeita as resoluções da ONU, entidade que não tem uma força armada internacional, ou seja, não tem como, além da diplomacia, fazer cumprir suas determinações. Sem contar os países que não diminutos no Conselho de Segurança e aqueles que têm poder de veto. É preciso repactuar os acordos de paz, a partir das configurações mundiais que se apresentam na contemporaneidade, bem como o próprio papel da ONU e suas formas de atuar. No Brasil, é comum que os extremistas de direita repitam o bordão "Direitos Humanos para humanos direitos". "Humanos direitos" seriam os que eles consideram seus iguais, os humanos "não direitos" seriam quem eles consideram "os outros".

Segundo Arendt (2022) o poder exige legitimidade e a violência pressupõe falta de legitimidade. Os regimes autoritários, ou que sonham ser mais autoritários, são regimes sem o poder advindo da legitimidade[106].

No geral, como demonstram Levitisky & Ziblatt (2018), quando projetos autoritários ascendem, através das instituições democráticas, é no segundo mandato que eles conseguem dar o golpe final na democracia[107].

No Brasil, em 2022, houve diversas tentativas de burlar as eleições para favorecer a reeleição o ex-presidente, por isso, este teve seu direito de concorrer em eleições proibido até 2030

[106] Ocorreu no Brasil, num discurso explicito, às vésperas do segundo turno das eleições de 2018, quanto a esta intenção, remetendo-se sempre ao período de vinte e um anos de ditadura militar, durante o qual reinou o arbítrio e a violência estatal contra quem questionasse o golpe que gerou a ditadura e as ações ditatoriais dos governos ilegítimos ("Um dia que durou vinte e um anos", Youtube, 2013). O então candidato, vencedor das eleições de 2018, disse em seu discurso no segundo turno, transmitido por um telão na Avenida Paulista, que "as minorias teriam que se curvar a maioria" e os dissidentes iriam "para a ponta da praia". A "ponta da praia" era onde a ditatura costumava "desovar" os corpos dos mortos pelo regime, por lutarem pela democracia. A ditadura se acirrou e "legalizou" os crimes de Estado, através do Ato Institucional número 5 (AI-5), em 1968, o mais violento de todos e, no ano seguinte, 1969, instauraria a Operação Bandeirante (OBAN), para combater especialmente, mas não só, a resistência armada, praticando os atos mais bárbaros de torturas e assassinatos (Memória Ditatura). A presidenta Dilma Rousseff fez parte da resistência armada e foi barbaramente torturada (daí, o ex-presidente, na votação do "impeachment" da presidenta oferecer seu voto a um dos maiores torturadores da história do país. Rousseff ficou presa na *prisão feminina denominada "A torre das donzelas". Prisão que foi demolida e, num exercício de manter a memória do país, foi reconstruída no documentário homônimo, que levou as presas sobreviventes para relatarem a respeito do período, do local e de suas biografias, pré e pós prisão. (A torre das donzelas, 2018, MUBI).*

[107]Por isso, caso queira-se manter o republicanismo e a democracia é preciso evitar que ascendam e, uma vez que ascenderam, já causando danos, é preciso evitar que permaneçam, caso queira-se manter a civilidade democrática, o republicanismo e os valores orientados pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948), hoje tidos pelos projetos fascistas como valores esquerdistas. Os autores também afirmam que cabe aos partidos sólidos protegerem a democracia. O que não aconteceu no Brasil, quando o PSDB quebrou a constitucionalidade, aderindo ativamente ao Golpe de 2016. Note-se que o PSDB não venceu as eleições seguintes, em 2018, vencidas por um projeto fascista e está praticamente extinto, enquanto o fascismo segue fortalecido. Com a quebra do constitucionalidade pela direita democrática, fortaleceu-se não o campo da direita, mas, sim, o campo da extrema direita.

(Tribunal Superior Eleitoral, 2023) e, ao perder, houve uma tentativa de golpe de estado frustrada[108].

Conhecer esses dois projetos políticos de mundo, contemporâneos, e *buscar compreender como queremos existir e resistir* é *estar-no-mundo consciente.* Para Heidegger (2007), o próprio *Dasein* é projeto. *Dasein* é *sendo*, um movimento dramatúrgico de existir em aberto. *Dasein* não "é" concluso, é sendo (inacabado e inacabável), até findar (não "acabar"). *Dasein* é uma questão para si mesmo, seu existir é um constante vir-a-ser, constante projetar-se nas possibilidades de ser, constante movimento de escolha/renúncia das possibilidades de ser que lhe vem ao encontro[109].

[94] Ocasião na qual o presidente Lula rejeitou a hipótese de chamar o Exército, em parte participe da tentativa de golpe, para uma GLO (Garantia da Lei da Ordem) e nomeou um interventor federal civil, unindo os três poderes da República na retomada dos prédios públicos e na prisão em flagrante dos golpistas (Superior Tribunal Federal, 2023). *A cena dos representantes dos três poderes da República, caminhando de braços dados na retomada dos prédios referentes a cada poder apresenta-se, desde o início, como cena histórica e inédita já que foi uma retomada civil dos prédios dos três poderes da República, sem participação militar* ("8 de janeiro- a democracia resiste", Globoplay, 2024).

[109] *"Possibilidades de ser" dá-nos a noção de abertura, que define Dasein, dá-nos* a noção de *opções*, de *obrigatoriedade de escolha*, e dá-nos *a noção de delimitação*. A delimitação do que é possível é dada pelo tempo e contexto. Nesse sentindo, *a contemporaneidade nos oferece dois principais projetos políticos, projetos de mundo. Um resiste ao outro. A nível global e a nível local.*
Nosso *local* é o Brasil, nosso *global* é o mundo contemporâneo globalizado e hiperconectado, através da internet, uma rede de computadores que nos permite saber, em tempo real, o que acontece em qualquer parte do mundo. Da mesma forma que nos informa pode, gravemente, nos desinformar, através de manipulações políticas intencionais, tais quais as praticadas pelos representantes do "The Moviment" que vem ganhando poder (Da Empoli, 2020; Finchelstein, 2020; Applebaum, 2021).
É impossível compreendermos a ação de "Lawfare", no Brasil, sem compreendermos a interferência do Estado estadunidense (Souza, 2020, "Amigo Secreto", Globoplay, 2022) e a espionagem da presidenta Dilma (sem explicações, mesmo com solicitação do Estado brasileiro), sendo que os EUA já haviam participado do golpe de 1964 e reconhecido esta ação, através da entrega de documentos comprobatórios das mãos do então vice-presidente Biden, em 2014, para a presidenta Dilma Rousseff. (BBC, 2020*).*

É necessário compreendermos que o colonialismo forma[110]l e explicito acabou, mas o colonialismo velado permanece[111].

De acordo com Medeiros Filho (2018), em seu artigo sobre o Imperialismo do Século XXI, escrito antes da "Operação Spoofing"[112] (Superior Tribunal Federal, 2019) que adiantou o curso da História em 50 anos e possibilitou a eleição de Lula, em 2022, temos:

> "Certamente teremos que esperar outros 50 anos para que os historiadores tenham acesso aos documentos oficiais sobre o papel dos Estados Unidos no golpe de 2016. Mesmo sem esses documentos secretos, já temos uma série de informações sobre a linha de ação do imperialismo no golpe." (p.14/26)

Os documentos do Estado estadunidense são revelados de 50 em 50 anos, por isso, em 2014, o então vice-presidente Biden entregou a presidenta Dilma os documentados comprobatórios da participação dos EUA no golpe de 1964. Em relação a 2016, não foi preciso esperar cinquenta anos[113].

---

[110] Sempre que o imperialismo pretende subjugar ou atrasar um país já constituído (e não uma colônia nos moldes clássicos) precisa de colaboradores de dentro desse Estado constituído, como ocorreu com os juízes e procuradores da "Operação Lava Jato (Superior Tribunal Federal, 2022).

[111] Num dos diálogos revelados pela "Operação Spoofing" da Polícia Federal, o procurador da Operação Lava Jato, o acusador de Lula, sem provas, diz textualmente, num grupo de "Whatsapp", de membros do Judiciário Brasileiro, participes daquela operação, que os EUA iam destruir o Brasil. (Supremo Tribunal Federal, 2019).

[112]A "Operação Spoofing" da Polícia Federal ocorreu em decorrência das revelações de veículos da imprensa, liderados pelo "The Intercept Brasil", de diálogos "hackeados" que mostravam o conluio entre juízes e procuradores na chamada "Operação Lava Jato", que prendeu Lula, e suas ligações com os EUA. A revelação desses diálogos foi um escândalo nacional e a série de matérias na imprensa foi intitulada "Vaza Jato".

[113] No Brasil, todas as *ações de rejeição* a toda e qualquer investida contra o desmonte do Estado social, com base em disseminação de desinformação, incluindo a tentativa de fazer da Bíblia Neopentecostal o livro mais importante da República Federativa do Brasil, como dito inúmeras vezes em discursos do ex-presidente e sua esposa, em detrimento da Constituição do país, *foram importantes como formas de resistência ao avanço das pautas fascistas, teocráticas e ultraliberais*. O neopentecostalismo que é apoiador do Estado sionista e do sionismo, uma doutrina supremacista e teocrática, desde o seu início (Pappé, 2022).
Em relação ao avanço da extrema direita necropolítica, obscurantista e teocrática, em grande medida, o enfraquecimento das práticas do estado colonial de apartheid, Israel, é importante, porque a Palestina ocupada

De acordo com Gaspar (2024), há dois pontos importantes para os quais Israel vem sendo referência para a extrema direita. Atentemos para o fato de que são pontos ligados, *A disseminação de desinformação que ativa o medo e o ódio e o depósito de toda a negatividade no inimigo, o que possibilita a execução da necropolítica.* Como o autor mostra, sendo um estado teocrático, de apartheid, com lei marcial para os palestinos e lei civil para judeus consegue "se vender" como democracia e *essa "fake news" permite que matem crianças e mulheres, mutilem-nas, ao vivo e em cores para o mundo, destruam hospitais, escolas, universidades, assassinem funcionários da ONU e jornalistas, sem nenhuma sanção, ao contrário, com apoio do Ocidente*[114]. É um tipo de situação similar a esta que ocorre da elite financeira brasileira em relação ao que o sociólogo Jessé Souza denomina "ralé brasileira", grupos empobrecidos pelo sistema de concentração de renda e desigualdades sociais (Souza, 2022), alvo principal da necropolítica praticada na gestão pandêmica.

tem sido o *laboratório e fonte das técnicas para a extrema direita mundial* (Kadher, 2023)*, através de práticas de necropolítica, ultraliberalismo e disseminação de desinformação* (Gaspar, 2024). Tanto que o ex-presidente do Brasil, com passaporte apreendido pela Polícia Federal, em função dos inúmeros crimes que cometeu (crimes da pandemia, tentativa de golpes de estado, apropriação de joias do estado brasileiro) e que estavam em fase de investigação, pediu seu passaporte (negado) para ir a Israel (Carta Capital, 2024), acompanhar o governador de São Paulo e de Goiás, aliados do ex-presidente, como o atual presidente da Argentina, que fizeram viagens de apoio a Israel, no auge das graves denúncias da ONU, à respeito da fase genocidária da limpeza ética empreendida contra os palestinos (Carta Capital, 2024).

[114]O *massacre* é *tratado e noticiado como* uma *guerra*, como se fosse travada entre dois exércitos, como o é a Guerra da Ucrania, por exemplo, que também tem participação ativa da OTAN, e não um *conflito entre um exército forte e apoiado pelas nações mais ricas do mundo e um grupo armado de resistência, como é previsto pelas leis internacionais em ocupações territoriais*, que para existir foi obrigado a cavar tuneis subterrâneos, após Israel não cumprir os "Acordo de Oslo", quando os palestinos abandonaram a resistência armada, através da deposição de armas pela Organização para Libertação da Palestina (OLP). Resistência contra o que? Contra a ocupação sionista no território palestino.

De acordo com Gaspar, a respeito de Israel, como fonte de práticas para a extrema direita contemporânea mundial (2024):

> "Afinal, mais importante do que a verdade é a desumanização do inimigo que, uma vez operada em escala, possibilita a apatia da sociedade dominante diante do sofrimento do dominado. Quiçá seja esse o indício maior do sucesso da operação substitutiva da razão pela emoção.
>
> (p. 7)

Como nossa análise baseia-se no método fenomenológico-existencial hermenêutico, precisamos compreender o *como* de cada resistência para compreendermos os elementos que as possibilita[115]. O *como apofântico* (Stein,2014), situado no mundo fático com suas relações temporais[116].

---

[115] *A resistência, como rejeição, do campo democrático começa*, como esclarecemos, *desde antes do período anterior ao governo gestor da pandemia.* Rejeição contra a implementação de um programa de governo não aprovado nas urnas e só implementado depois de um golpe de Estado, rejeição contra uma eleição fraudulenta, porque encarcerou, ilegalmente, o principal candidato, rejeição contra o desmonte do SUS e da Educação, rejeição contra o aparelhamento de Estado, rejeição contra todas as tentativas de fraudar novamente as eleições, em 2022, e rejeição contra a gestão anticiência e antivacina da pandemia Covid-19. Ações de *rejeição dentro dos parâmetros legais-institucionais.*

[116] O militar reformado que esteve no posto de presidente do Brasil de 1 de janeiro de 2019 a 31 de dezembro de 2022, foi deputado federal por quase trinta anos. No seu gabinete havia fotos apenas dos presidentes militares que conduziram a sangrenta ditadura militar brasileira de 1964 a 1985. Não havia fotos dos presidentes civis eleitos, que governaram o Brasil após a redemocratização (Democracia em vertigem, Netflix, 2019). Quando ele foi candidato a presidente, já havíamos tido cinco presidentes civis, eleitos pelo voto direto. Ele, portanto, apesar de ter sido eleito pelo voto direto, como deputado, por sete vezes, ter colocado todos os filhos para serem eleitos pelo voto direto, rejeita o período democrático brasileiro e todos que lutaram pela reconquista da democracia. *Costumava dizer que era a favor da tortura e que o regime militar deixou de fazer um serviço que deveria ser feito, "matando uns trinta mil"* (YouTube, 2016). *Em sua gestão, apenas dentre as mortes computadas por Covid-19*, sem contarmos as mortes não computadas por Covid-19, e sem computarmos as mortes por outras doenças por falta de leitos disponíveis pelas internações de Covid-19, em número alarmante, *foram mortas setecentas mil pessoas. Mais de vinte vezes trinta mil*. O símbolo de sua campanha eleitoral, em 2018, era uma metralhadora. Ele costumava definir seu treinamento militar para defesa como "minha especialidade é matar" (Bugalho, 2020). Embora ele só tenha conseguido se eleger presidente por causa do golpe de 2016 e pela prisão ilegal do primeiro colocado nas pesquisas, em 2018, que viria a ser eleito em 2022, ele sempre rejeitou o processo democrático, o respeito às instituições da República, ou seja, o republicanismo e a democracia. Validando meios autoritários, violentos e ilegais, como golpe de Estado, armamentismo, interferência nas instituições, perseguições políticas, tortura, morte, legalização das milícias, grupo criminoso paramilitar, formado em sua maioria por ex-policiais,

Durante a pandemia, a internet passou a ser ocupada fortemente por ações de resistência como "necessidade de se opor ao controle imposto pela psicopolíticas e resistir a elas." (Rosário, 2020, p. 95). Este uso da internet para divulgar defesa da Ciência e resistência contra a gestão anticiência, aconteceu por parte de cidadãos, entidades, imprensa corporativa e imprensa progressista. Como salienta a autora "a internet se tornou um território de demonstrações de condutas submissas ao poder, mas, também de contracondutas reativas" (p.94). Em Vianna (2021), vemos que os "blogueiros"[117] progressistas iniciaram a ocupação da internet antes, mais de uma década, do surgimento da força da extrema direita. O movimento dos progressistas na internet foi anterior a ocupação do espaço virtual pela extrema direita, entretanto, tiveram formas de utilização diferentes[118].

expulsos da corporaçao. Temos, portanto, uma *atuação parlamentar e política que defende grupos e ações fora dos parâmetros legais-institucionais, rejeitando-os, como cidadão e governante.* Diante de suas posições políticas, do projeto que defendia, antes do desastre pandêmico, que veio confirmar o que o campo progressista tentou evitar, o ex-presidente foi denominado pelo campo republicano-democrático-progressista de *inominável.*

[117]Alguns *"blogs", transformados em portais e, posteriormente, em canais com imagem e som, perduram com êxito. Há pioneiros que fazem parte de outros portais e canais coletivos.*

[118]Os progressistas alcançaram audiência oferecendo conteúdo jornalístico e análises críticas, sem uso de algoritmos e impulsionamento de conteúdo, já a extrema direita utilizou técnicas desconhecidas por todos que não faziam parte daquele campo, até que a extrema direita começasse a vencer eleições (Trumpo, Bolsonaro) e plebiscitos (Brexit), com financiamento altíssimo, uso de robôs, algoritmos e disseminação de desinformação. Apesar do campo progressista ter sido pioneiro no uso da internet, com certa relevância, a extrema direita avançou de forma voraz e conquistou eleitores, com suas técnicas nas redes sociais, sob as orientações de Steve Bannon. O Centro de Estudos Barão de Itararé, criado em 2012, congrega *progressistas*, que *utilizam a internet como meio de comunicação direta com o público, sem a intermediação das grandes corporações de mídia, estimulando pensamento crítico*.

Dois dos pioneiros, são o consagrado jornalista Paulo Henrique Amorim, oriundo da mídia corporativa[119], e o jornalista Bob Fernandes, que foi o primeiro jornalista, em 2013, no Jornal da Gazeta, a alertar para o fascismo de Bolsonaro[120].

A *extrema direita*, ocupa a internet *com canais de vídeo, negacionistas, rendendo aos atores remuneração relevante*. *Na pandemia, esses disseminadores de desinformação em Saúde Pública foram desmonetizados pelo "Sleep Giants Brasil" em mais de 60 milhões de reais* ("Extremistas.br", Globoplay, 2023)[121].

As *redes sociais* foram, incialmente, dominadas pela extrema direita em campanhas de Trump, "Brexit", Bolsonaro, com uso indiscriminado de desinformação. A seguir, passa a ser largamente ocupada por outros campos políticos, sem as mesmas "técnicas". *Como esta pesquisa constatou*, em pesquisa documental e nas entrevistas, *uma ocupação não articulada e não coordenada, entretanto regida por valores e preceitos comuns*[122].

Durante a pandemia, alguns canais do "Youtube" passaram a transmitir lives ou vídeos diários com informação segura, como forma de resistência, criados por cidadãos que ou já tinham

[119]Site e Canal do Youtube, "TV Afiada", que permanecem, mesmo após o falecimento do jornalista Paulo Henrique Amorim, em 2019.

[120] https://youtu.be/0D-3j2Gt-HA?si=7jYR59CuzKCgjIkw, neste link, o jornalista Bob Fernandes, que mantém um canal no "Youtube" que leva seu nome, prevê o que viria a seguir, cinco anos depois, com a eleição de Bolsonaro, quando ele ainda era considerado uma aberração.

[121]*A disseminação de desinformação nas mídias sociais se tornou um "negócio" altamente lucrativo para a extrema direita.*

[122]Esta pesquisadora passou a usar a rede "Twitter", desde a eleição de 2018, onde foi feita parte da enorme pesquisa para selecionar entrevistados para esta investigação, e o Instagram e o "YouTube", de forma pública e profissional, para defender e divulgar as medidas de contenção da Covid-19, através de vídeos e lives, tendo sua conta de "Instagram" "hackeada" e nunca devolvida, depois de dois anos de inquérito na delegacia de crimes cibernéticos (Anexo VII).

algum destaque em suas áreas ou como “youtubers” ou decidiram utilizar as redes, durante a pandemia[123].

Após a pandemia, Eduardo Moreira criou o Instituto Conhecimento Liberta (ICL)[124], que tem como reitor o sociólogo Jessé Souza[125].

A seguir, é criado o ICL Notícias[126], transmitido nas redes sociais, canal de notícias diárias, apresentadas com viés informativo aprofundado e crítico[127].

---

[123]O canal de “youtube” do filósofo e escritor Henry Bugalho, um canal, originalmente, sobre literatura, passou a produzir dois vídeos diários sobre a situação política do Brasil e passou a indicar livros que ajudassem a entender o momento político e o extremismo de direita. O economista Eduardo Moreira, passou a fazer “lives” diárias nas redes sociais, com uma hora de duração, às vezes sozinho, outras vezes com personalidades da cena nacional que fossem autoridades em suas áreas de atuação.

[124]O ICL é um instituto de ensino livre e online, com quase 300 cursos diversos, visando a formação crítica. Aglutina em seus quadros expoentes brasileiros, como Leonardo Boff e Marilena Chauí, e estrangeiros, como Noam Chomsky e Domenico De Masi, por exemplo, em cursos de História, Filosofia, Sociologia, Idiomas, Excel, etc. O ICL apresenta-se como resposta do campo progressista à desinformação, disseminada pela extrema direita não somente nas redes sociais, mas, tanto pela produção de “documentários”, que falseiam a História, com dados não aceitos pela Historiografia do Mundo Acadêmico, no canal intitulado “Brasil Paralelo”, quanto pelos cursos do mentor intelectual do governo de então, uma espécie de guru da extrema direita, o falecido Olavo de Carvalho, que apresentava-se como filósofo, sem jamais ter cursado Filosofia, proferindo todos os tipos de absurdos negacionistas em seu curso permanente e online.

[125]Sociólogo e estudioso do Brasil e de suas conexões internacionais “geosóciopolíticas”

[126]Eleito em 2024, pela população, como o veículo de notícias mais confiável do Brasil.

[127]O jornalista e historiador Rodrigo Vianna, depois de quase três décadas no jornalismo coorporativo e com mais de uma década em canais progressistas na internet, sendo um dos criadores do Centro de Estudos Barão de Itararé, migrou primeiramente, para um canal progressista, já estabelecido, antes da pandemia, e com extensa programação jornalística, o Brasil 247 (um dos canais pioneiros no campo progressista), que congrega consagrados jornalistas como a ex-ministra das Comunicações Helena Chagas e o jornalista Mario Vitor Santos, entre outros. No Brasil 247, Vianna apresentava um programa diário, à noite, combatendo a desinformação em saúde, como atuação política, situando-a historicamente. Em 2023, passa a fazer parte do ICL Notícias, canal no qual já estava o jornalista Xico Sá, expoente do jornalismo impresso, de programas de debates televisivos e da literatura nacional. A primeira jornalista, com carreira sólida na mídia corporativa, a fazer parte do grupo foi Heloísa Vilela, ainda durante o período das “lives” de Eduardo Moreira. Heloísa, correspondente em Nova Iorque por quatro décadas, ocupava o canal de Eduardo Moreira uma vez por semana, direto de Nova Iorque. Depois, passou a fazer parte do ICL Notícias e foi uma das únicas jornalistas brasileiras a fazer reportagens na Palestina

"Youtubers" com grande alcance, e anteriormente contra os governos do PT, passaram a defender a democracia e a ciência, tendo um papel relevante entre os jovens. Felipe Neto é um deles[128]. Observa-se, através desses exemplos, que *a luta política é também uma luta comunicacional[129], tanto no conteúdo quanto nos meios.*

Houve um forte contraste entre a postura dos governos estaduais e do governo federal. Os primeiros respeitando a ciência, as indicações da OMS e dos institutos de ciência locais e o segundo negando a ciência e *propondo até alteração de bula da cloroquina* para que o medicamento *não indicado* para tratamento da Covid-19 *parecesse indicado* para o tratamento da síndrome (Senado Federal, 2020).

---

logo após 8 de outubro de 2023. Os três jornalistas costumam, além de transmitir informação e análises aprofundas, mostrar o que podem falar na mídia progressista que não podiam falar na mídia corporativa, emprestando a credibilidade que tem junto ao público para favorecem um olhar diferenciado para a notícia, numa espécie de educação política a respeito da importância de atentarmos para *como* a informação é transmitida, *um trabalho de prevenção aos danos que a desinformação pode causar e causou na pandemia. A disseminação de desinformação, longe de ter acabado com o fim da pandemia, segue firme e deletéria, distorcendo fatos e prejudicando quem a acolhe e a sociedade como um todo, já que os que a acolhem tem participação política como qualquer outro cidadão.*

[128]Criador do Instituto "Cala Boca Já Morreu", que usou no título uma expressão popular e tem o objetivo de defender legalmente pessoas perseguidas pelo governo federal de 2019 a 2022 e que não poderiam pagar por sua defesa. Em 2024, Felipe Neto torna-se um dos sócios do Grupo ICL. O Canal Brasil 247, em 2024, em expansão como o ICL, faz uma parceria com rede de televisão argentina, C5N.

[129]Sempre houve a parte da disputa política no âmbito comunicacional. A "batalha", entretanto, nunca foi de forma tão extensa e rápida, desde a chegada das redes sociais. A própria imprensa coorporativa participou ativamente da resistência pró-ciência, ao formar um "pool" para coletar as informações dos números da pandemia nos estados e divulgar diariamente, já que o governo federal se recusava a fazê-lo, como era sua obrigação (G1, 2021). Esta ação foi de extrema importância para manter a população informada sobre os números da Covid-19, durante toda a pandemia. Estamos nos atendo a comunicação pela internet, por ser esta comunicação privilegiada pela extrema direita, mas as editoras de livros no Brasil, como Contracorrente, Boitempo, Kotter, entre outras, publicaram e traduziram obras de importante vulto para a compreensão da contemporaneidade, no Brasil e no mundo, e se consolidaram, também, como foco de resistência contra o fascismo, o negacionismo e a violência que o acompanham, com o intuito de que o autoritarismo não prevaleça no debate político, mantendo-o democrático e plural.

A questão vacinal contra a Covid-19, em função dessa oposição, transformou o "federalismo de cooperação" em "federalismo de confrontação" (Fleury e Fava, 2022)[130].

Apesar da *cultura de vacinação que há no Brasil*, o atraso evidente na vacinação por escolha deliberada do governo federal, não foi maior porque o governador do Estado de São Paulo produziu a CoronaVac e a vacina foi incorporada ao Plano Nacional de Vacinação, após forte pressão dos governadores da federação (Fleury e Fava, 2022, p. 252)[131].

A crise foi de Saúde Pública e econômica, como ficou evidente no Brasil e em outros territórios. Abreu (2020) salienta a questão da perseguição no período de 2019 a 2022 contra produções artísticas e contra os educadores, lembrando que "as escolas e as universidades públicas são espaços de resistência e de promoção do pensamento crítico". (p. 91)[132].

---

[130]O SUS é um sistema federalista e cooperativo entre as instâncias de poder, como vimos, tanto que em seu nome há a palavra "único", no entanto, em função da postura do Governo Federal (2019-2022), essa cooperação não ocorreu num dos momentos mais graves para a Saúde Pública mundial. E que, no Brasil, em função das desigualdades sociais provocadas pela concentração de renda, penalizou ainda mais as classes menos favorecidas. Por isso, denominamos, de acordo com Bispo & Santos (2021) a pandemia de *Sindemia*, já que não tivemos apenas uma enfermidade (Covid-19), mas, sim, um quadro que apresentava *interação entre diversas enfermidades e contextos socioeconômico.*

[131]A assinatura do contrato para a compra da CoronaVac, produzida pelo Instituto Butantan em parceria com a China, somente ocorreu por parte do Ministério da Saúde depois de pressões tanto do Fórum de Governadores quanto da Frente Nacional de Prefeitos (Fava & Fleury, 2022, p. 255). Caso *tivéssemos governadores e prefeitos alinhados politicamente ao presidente da República, essa fundamental ação de resistência pela preservação das vidas dos brasileiros provavelmente não aconteceria.* O fato do Brasil ser uma federação e os governadores respeitarem suas atribuições e a Ciência, permitiu que o dano extensíssimo não fosse ainda maior, porém, caso estes governantes atuassem alinhados ao governo federal não sabemos quais patamares as mortes e a pobreza poderiam ter atingido. Conforme dito, *a pandemia foi uma sindemi*a (Bispo Junior & Santos, 2021), *a pandemia foi acompanhada de outras enfermidades e do empobrecimento da população*.

[132] Vejamos que tanto as artes quanto o pensamento crítico e o debate devem ser característicos de todo espaço educacional que pode ser, de fato, denominado como educacional. Sem debate e questionamentos teríamos uma imposição vertical dos conhecimentos adquiridos pelos professores ou aceitos pela universidade sem a ampliação, abrangência e diversidade que toda a Educação formal deve apresentar para que o conhecimento humano avance e colabore nas resoluções sociais. *O projeto autoritário, fascista não tem interesse nem nas reflexões suscitadas pelas artes e nem no desenvolvimento do pensamento crítico. É próprio da postura autoritária*

Abreu (2020) aponta intervenções artísticas feitas pelas medidas de contenção da Covid-19, através de projeções luminosas no exterior dos edifícios com dizeres como “fique em casa” e “use máscaras”, contra a postura o governo federal que a autora define como indutora do risco, “incentiva milhares de pessoas a adotar atitudes perigosas”. (Abreu, 2020 p. 101).

Medrado et ali (2021), apresentam a própria continuidade da produção de conhecimento como ação política de resistir. Segundo os autores, *“as ciências humanas são consideradas inúteis e, portanto, não estratégicas, na visão de um estado totalizante e neoliberal.” (p. 3)*[133]*.*

As formas de resistência exemplificadas nessa seção apontam a necropolítica que estava em curso no país, tal qual descrita por Mbembe (2018)[134]. Procuraremos mostrar como a necropolítica foi posta em ação.

Minimizar o vírus (Abreu, 2020), *combater as ciências* (Medrado et ali, 2021), *negar-se a cumprir suas obrigações republicanas, constantes na Constituição Federal* (Fleury e Fava, 2022), *perseguição das artes e da Educação, divulgar desinformação em Saúde em larga escala na internet* (Abreu, 2020) *não são “simples” negligências*. *São ações*. Ações *com objetivo*. Ações c*oordenadas*. *Ações que atingiram o Sistema Único de Saúde*, *sobrecarregando-o*, impedindo que ele desse conta do atendimento de todos os casos de Covid-19 e de outras

impor e calar, defender um pensamento único. O oposto do que as artes e o pensamento crítico são capazes e objetivam.

[133] *O ataque contra as disciplinas que mais fazem pensar como Filosofia, a mãe das Ciências e de todas as disciplinas, Sociologia, Psicologia e mesmo História foi explicitado claramente pelo governo. Esta postura implicou em desinvestimento e, conforme os autores, “desmonte” do que foi conquistado até aquele momento*. O “desinvestimento” (p. 4), foi nas Ciências de um modo geral, mas as Ciências Humanas foram especialmente atingidas. Assim, pesquisar e publicar passou a ter um “forte sentido político”, a resistência da “ciência cidadã”. (p.3)

[134] Mbembe em sua obra “Necropolítica”, que já se tornou (precocemente) um clássico, descreve bem as práticas de desumanização para o assassinato “a posteriori”, compara na obra a situação dos judeus sob o nazismo com a situação dos palestinos sob o sionismo, expoente máximo da extrema direita contemporânea e fonte de práticas necropolíticas dessa organização mundial de extrema direita.

enfermidades, por ter os leitos hospitalares ocupados. *Ações que atingem a crença da população na OMS, nos cientistas locais, na vacina e na própria ciência como forma válida e respeitável de conhecimento.* Ações que *tratam as artes e a Educação como campos inúteis da sociedade, valorizando um projeto armamentista, militarizado, miliciano, neopentecostal, teocrático e ultraliberal na Economia. Um projeto que mata o coletivo e senso de comunidade*, *mata a função do Estado de proteger o cidadão e revela um projeto individualista, de "salve-se quem puder"*. Ações que *atingem os mais pobres e vulneráveis tanto no âmbito da Saúde quanto no âmbito da Educação*[135].

Ter que resistir para que o governo federal não destrua a Saúde Pública, a Educação, as artes e a vida das pessoas é um ato que pode minar as forças dos cidadãos cientes das implicações de tais ações e conhecedores da História do Brasil e de como esta História se insere na História Mundial (passada e contemporânea). O compromisso de resistir, pode minar as forças desses cidadãos porque os desafia a manterem-se lúcidos, numa realidade que os faz lidar com um cenário de absurdos normalizado, cotidianamente[136].

---

[135]As pessoas que tinham reserva financeira ou trabalhos que poderiam ser continuados através do trabalho remoto e as crianças e jovens que tinham *internet* e computador em casa puderam, durante a pandemia, continuar suas atividades, mas os trabalhadores braçais ou precarizados, que não possuem reserva financeira e as crianças que não tem *internet* e computador em casa foram atingidas mais fortemente pela ação necropolítica do governo federal. Portanto, *as ações necropolíticas têm alvos determinados.* De acordo com Stanley (2020), o fascismo opera na lógica "nós e eles", ou seja, visa a destruição da coletividade social, conforme mencionamos. A coletividade é fragmentada e quando as desigualdades atingem esse "eles", como ocorreu aos mais vulneráveis durante a pandemia no Brasil, o que vemos é que se forma o campo favorável para a prática da necropolítica. *As instituições republicanas e democráticas brasileiras foram testadas, bem como a coesão social*. *Com grandes dificuldades e inúmeras mortes podemos dizer que houve sobrevivência das instituições e da coesão social, que, no entanto, ainda correm risco de serem abaladas, já que os partidários da extrema direita seguem eleitos e com força política, social e religiosa*.

[136] Sem contarmos o *medo das perseguições, da contaminação e da morte, de si e dos outros. É uma forma de tortura emocional*. Nesse sentido, situações-limite como a vivida no Brasil de 2019 a 2022, cotidianamente, deixam claro a importância da *vida social compartilhada* para a chamada "Saúde Mental", que afeta toda a vida dos cidadãos, já que somos um todo, e essa divisão entre saúde física e mental serve apenas para uma divisão didática das disciplinas, o que vivemos, no plano concreto, é o que denomino de *Saúde Existencial*. No mundo fático existencial todos esses componentes (mental, físico, social) formam um todo coeso, a *saúde existencial.* A psiquiatra Jabr (2024) intitula seu novo livro com a palavra "Samud", definido como "um estilo de vida voltado para a resistência", ao referir-se ao modo de vida dos palestinos (e os danos que adotar esse estilo de vida provoca), já que são um povo que passou do colonialismo britânico para as mãos do colonialismo sionista

Os progressistas brasileiros vivem, ainda, a resistir, a ter resiliência ativa, na luta pela construção de um Estado soberano, democrático e resistente aos ataques reacionários.[137] No entanto, de forma mais branda em relação a grande intensidade desse resisit, no período de 2019 a 2022, especialmente na fase aguda da pandemia.

A extrema direita resiste contra ameaças imaginárias: comunismo, que nunca houve no Brasil, "Ideologia de Gênero", nome que dão aos estudos de *gênero e toda a sorte de fantasias, justamente criadas pela indústria de desinformação que atua de forma massiva no Brasil, especialmente, no "Whatsapp"* (Da Empoli, 2020). Criam um circuito fechado, sem contato e troca com a realidade[138]. Conforme o candidato oponente em 2018, Fernando Haddad, ao

europeu, movimento dentro do Judaísmo, oposto ao integracionismo, que visava integrar os judeus nas sociedades nas quais viviam e ainda hoje segue forte. A Palestina passa das mãos da Inglaterra para as mãos dos sionistas, no período que França e Inglaterra "fatiavam" entre si a região do Levante (onde encontram-se, entre outros países Palestina, Líbano e Síria), denominada pelos ocidentais colonizadores de "Oriente Médio", a partir de onde a região do Levante estava situada para olhar colonizador, vista da terra deles. O termo "Samud" é um termo já clássico, utilizado pelos palestinos e Huberman (2024) o define como "resiliência voltada para ação" (pp. 160). *No período de 2019 a 2022, "mutatis mutandis", podemos dizer que metade da população brasileira resistente ao governo viveu um período que a obrigou a adotar um modo de vida inteiramente direcionado para resistir, com todos os enormes ônus que isso causa a cada indivíduo e às relações sociais e pessoais.*

[137] Esta é uma maneira de se "conseguir", de forma eficiente o atraso de uma sociedade, de uma nação. Coloca-se todas as cabeças pensantes do país, que entendem os riscos do que está em curso e tem compromisso com a vida e o progressismo social, para resistir ao obscurantismo. Esses cidadãos poderiam estar usando toda sua energia, conhecimentos e tempo para ajudar na resolução dos problemas do país, fazendo avançar as diversas áreas da vida do país, mas precisaram empregar grande parte de suas vidas no combate contra a desinformação e ao obscurantismo político.

[138] Embora, como vimos, pelo uso da Inteligência Artificial, algoritmos, nas redes sociais, os extremistas de direita atuem pela extremização, em prol do avanço de seu projeto político de extrema direita, através da mobilização de afetos, como ódio e medo, criando um mundo irreal e compartilhável apenas com aqueles que se informam num circuito fechado, a extremização também atua junto às pessoas que usam as redes sociais e tem posições políticas claras e com base em estudo, análises, debates e vínculos com a realidade factual, compartilhada e compartilhável com todos. Atua reforçando aquelas posições, mostrando conteúdos que os confirmem, sem contraditório. Por isso, os estudiosos, países e cidadãos comprometidos com o republicanismo e a democracia tem se preocupado em criar mecanismos de regulamentação dessas plataformas de redes sociais, com responsabilização e punição que hoje não as alcança, bem como encontrar meios de "furarem as bolhas" de pensamento único criadas.

depor no documentário "Quebrando mitos" (Youtube, 2022), "toda a sorte de loucuras foi inventada". E há método, como nos aponta Da Empoli (2020) e Applebaum (2021) e financiamento de agentes que criam as mentiras ("Extremista.br", Globoplay, 2023), conforme já descrito.

Em países desiguais nem sempre há falta de riqueza, mas sempre há concentração de riqueza, como é o caso do Brasil, país rico e desigual. Wilkelson & Pickett, (2015) salientam que sociedades desiguais são menos colaborativas[139].

O Brasil vive um colonialismo interno. *A necropolítica é praticada internamente e não contra um inimigo externo*[140]. Tomando como exemplo a pandemia, a exploração dos menos desfavorecidos, expondo-os ao risco de contaminação e de morte, foi praticada internamente.

[139] Porque há menos identificação entre os grupos sociais, o que gera piores índices em todos os marcadores de saúde mental para todos os estratos sociais e não apenas para os mais pobres. *Em 2023, por exemplo, o Brasil foi considerado, pela OMS, a nação mais ansiosa do mundo* (BBC, 2023).

[140] Moraes (2020) denomina a atuação do governo federal durante a pandemia como "Necrofilía Colonialista Outrocida", com foco na morte de "negros, indígenas, podres e seus idosos" (p. 1). É uma situação complexa que precisa ser olhada com atenção. Historicamente, em diversos países há oposições internas e alianças com estrangeiros contra patrícios, mas é preciso atentarmos para a peculiaridade de cada território. Em relação ao Brasil, atente-se para os grupos étnicos que o compõe como país: os indígenas estavam no território e viram suas terras invadidas pelos colonizadores e suas práticas culturais negadas, esses grupos querem manter suas práticas culturais, sua diversidade interna, e suas terras; as levas imigratórias acontecidas após a abolição da escravidão, no final do século XIX e início do século XX, trouxeram ao Brasil, imigrantes que vieram para construir um mundo novo e queriam estar aqui, nesse território, e abraçarem a diversidade de etinias, culturas para co-construirem um país; os negros vieram forçados pela escravização perpetradas por europeus que vieram para extrair, explorar, saquear, mas que permaneceram, em parte, no território. O Brasil é formado desse encontro, que em diversas ocasiões expõem-se como desencontro. Além disso, precisa-se compreender que o Brasil é um país explorado e espoliado colonialmente, em sua origem, e vive, embora seja uma das maiores economias do mundo, na periferia do Capitalismo. Capitalismo que se encontra, como vimos, em sua fase financista e hiperconectada globalmente, com uma rede de poucos bilionários tendo tanto poder quando países, como salienta Souza (2021). Fase esta que mostra que essa forma de vida está fadada a extinguir a vida humana na Terra, já que o planeta não suporta mais o modelo colonial, exploratório. *Como vimos, os indígenas brasileiros sofreram, no passado, com os invasores europeus como os indígenas palestinos, por exemplo, sofreram e sofrem com invasões (turcas-otomanas, britânicas, judias sionistas) a invasão de terras e massacres. Entretanto, mesmo nos dias correntes, no quais todos esses grupos étnicos que formaram e formam o Brasil tem os mesmos direitos como cidadãos brasileiros, o garimpo ilegal, os ataques e roubos de terras indígenas é realizado por cidadãos brasileiros e não*

0s extremismos são escolhas que têm levado à falência da civilização. (Maalouf , 2020). Vemos o identitarismo se apossar do campo progressista, de esquerda, embora tenha premissas e origem na ideologia Neoliberal[141]. O avanço global social, coletivista, fica em segundo plano[142] em benefício de "certos grupos lutando contra outros grupos"[143]. Como aponta Piketty (2022) embora as desigualdades venham diminuindo ao longo da História, vivemos um mundo insustentável. Para Piketty (2019), caso não gostemos do nome "Socialismo", devemos encontrar outro e criarmos um mundo inclusivo, antirracista, antimachista, que preserve o meio ambiente e escolha soluções coletivas e inclusivas. A disputa entre o deputado identitário e o fascista deu relevo a uma oposição ferrenha no âmbito de decisões pessoais[144],tratadas no âmbito público[145].

---

por estrangeiros, assim como os ataques contra as populações negras e periféricas ocorre pelos próprios brasileiros. ("Quebrando Mitos", Youtube, 2022).

[141] Prega soluções atomizadas para problemas coletivos e busca não o "Estado mínimo", mas sim transformar tudo em empresa, Estado, pessoas, relações, ou seja, *não é a mínima interferência do Estado, é a interferência integral de uma ideologia em todos os âmbitos da vida* (Ferrero, 2021), O identitarismo tem sido alimento do fascismo contemporâneo. À medida que grupos lutam apenas por seus direitos e representatividade e não para que sejam incluídos e todos tenham os mesmos direitos, coletivamente, o fascismo falsamente "justifica" sua violência dizendo que os identitários querem interferir na maneira de todos viverem, impondo modos de vida. Por outro lado, os identitários tem, de fato, esvaziado o modo de lutar coletivamente em benefício de um modo de luta sectário, deixando em segundo plano a sustentabilidade planetária inclusiva socialmente com cidadania plena para todos e posto em primeiro plano a luta sectária por representatividades confrontacionais, utilizando desse modo a lógica do opressor. Sua representação não garantiria maior democracia e cidadania para todos, mas garantiria representatividade para seu grupo identitário que seria defendido por essa representação e somente por essa representação, o que é uma lógica individualista e neoliberal, em acordo com a lógica usada por opressores.

[142] No Brasil, toda exposição midiática do ex-presidente negacionista, teve relevo quando, ele ainda deputado (foi por 28 anos) entrou em confronto recorrente com outro deputado. intelectual, homossexual. Estabeleceu-se uma disputa diária entre o deputado intelectual, homossexual, do campo progressista e o deputado fascista.

[143]O economista e acadêmico Paulo Nogueira Batista Jr. se referindo ao fato de que Kamala Harris é descendente de pretos e indianos, afirma que isso não importa, já que ela é uma liberal sionista, defensora da Guerra na Ucrania e do estado colonial de apartheid militarista, Israel. Estado este, que como vemos diariamente, dizima os palestinos e ataca o Líbano. (Brasil 247, 2024).

[144] Como relacionamento afetivo-sexual e religiosidade.

[145] Em quase trinta anos de oposição entre PT e PSDB, isso nunca aconteceu, porque, embora os dois partidos divergissem em termos do estado social e do projeto de desenvolvimento para o Brasil, nunca divergiram em

termos dos direitos civis e de manter o Estado Laico. No filme “Entre homens de bem” (Globoplay, 2016), como os fascistas neopentecostais se autodenominam, há a exposição clara de todo esse embate entre um deputado identitário e a violência fascista, o que é aprofundado pelo documentário “Excelentíssimos” (Youtube, 2018). O documentário “Excelentíssimos” mostra também, entre outros pontos do período histórico, o “lawfare” praticado pela Lava Jato através da revelação de gravações dos diálogos entre Lula e Dilma. Esses diálogos foram expostos ilegalmente e recortados na mídia, pela Operação Lava Jato, e o documentário os revela na integra mostrando que o conversado entre Lula e Dilma era o oposto do trecho vazado ilegalmente pela Operação para a Rede Globo, maior veículo de imprensa do país, entre outras cenas documentadas no Congresso Nacional, mostrando as formas de oposição entre o campo progressista (incluindo os identitários) e os reacionários, no campo de temas que a imprensa passou a denominar “pauta de costumes”, como se não vivêssemos num “Estado Laico”, no qual o Estado ao contrário de opinar sobre a vida privada dos indivíduos, garante que todos possam existir, cuidando não de temas privado, mas de temas concernentes aos projetos políticos e políticas públicas. O documentário é uma pesquisa minuciosa do período.

Capítulo 4. Ações de resistência – Entrevistas[146]

As entrevistas foram realizadas de acordo com o método fenomenológico de entrevistas desenvolvido por Amatuzzi (s.d.). As respostas foram dadas por escrito, sem a presença do pesquisador, após um encontro prévio entre entrevistado e pesquisadora. A única diferença do método original foi que o encontro explicativo, quando a pesquisadora deve apresentar o questionário e termo de consentimento ao entrevistado foi feito online, por videoconferência[147].

A pesquisa para escolha dos entrevistados foi uma pesquisa à parte, tão extensa quanto a pesquisa do tema dessa investigação. Em 2020, como esta pesquisadora fazia parte do movimento espontâneo social pró-ciência, mobilizando incontáveis grupos sociais e cidadãos[148], sem um líder ou organização, surgido espontaneamente no e do campo progressista, foi um acompanhamento por interesse, já que a escolha final do tema desta

[146] Este capítulo será enriquecido com a leitura da integra das entrevistas que estão no Anexo XIII.

[147] Houve um encontro online com cada entrevistado para leitura integral do Questionário e do Termo de Livre Consentimento pela pesquisadora e para esclarecer eventuais dúvidas a respeito de Questionário e Termo. O questionário apresentou dez questões abertas (Anexo III) e o Termo foi o termo padrão para pesquisa com seres humanos, adotados no Brasil (Anexo IV), respeitando as determinações do Ministério da Saúde. No momento do encontro online, a pesquisadora encaminhava, via email, na presença do entrevistado, os documentos. Os entrevistados devolveram as respostas por escrito e via email. A pesquisadora poderia solicitar esclarecimentos posteriores, via email, que deveriam ser encaminhados também por escrito e via email pelo entrevistado. Poucos esclarecimentos foram pedidos. Alguns foram atendidos e outros não, o que não representou prejuízo para o conteúdo principal. Os depoimentos se completam e formam um panorama amplo de como as pessoas engajadas na resistência pró-ciência sentiram-se durante o período e como o avaliam e como inserem essas ações no contexto de suas participações sociais e na História do Brasil.

[148] Além da carta (Anexo V) que esta pesquisadora protocolou em março de 2020 na assessoria de uma deputada federal e médica no Congresso Nacional, pedindo o afastamento do presidente da gestão da pandemia, fiz, durante três anos, lives semanais intituladas “Conversa Cidadã, em defesa da Ciência, da Democracia, da Saúde Pública e da vida. Todas as “lives” sobre cidadania, realizadas de setembro de 2020 a setembro de 2023 procuravam disseminar informação em Saúde Pública e a respeito da Política, de política partidária, do republicanismo e da democracia. As “lives” podem ser encontradas na conta do Instagram do coletivo da periferia de São Paulo “Unidos Por Artur Alvim”, em @unidosporarturalvim

pesquisa se deu apenas em final de 2021, quando a seleção dos possíveis entrevistados teve início.

As entrevistas confirmam que este foi um movimento que se espalhou pela sociedade, rapidamente, com grande alcance e êxito na defesa da vida, da vacinação e de outras medidas para conter a disseminação do vírus. *A sociedade agiu para barrar tanto os avanços do vírus quanto as ações em benefício do adoecimento e morte da população por parte do governo federal*.

Em 23 de março de 2020, um "tuite" do ex-ministro e ex-prefeito Fernando Haddad que, como vimos, com a prisão de Lula, foi o candidato que enfrentou vencedor das eleições de 2018, teve 329 milhões de curtidas, 136 milhões de reportagens, 9,6 milhões de comentários. O tuíte, na rede social "Twitter", em 2020, hoje "X", dizia:

> "É duro ter que lidar com um vírus e um verme, simultaneamente."
>
> (Rede Social X, @Haddad_Fernando, 23/03/2020).

Ao mencionar vírus referia-se ao "novo coronavírus" e ao mencionar "verme" referia-se ao presidente da República, uma vez que cientistas, juristas, jornalistas, políticos, profissionais da saúde e população em geral tiveram que combater a desinformação em Saúde Pública que o próprio presidente disseminava, diariamente. Além de não cumprir sua obrigação constitucional de providenciar vacinas, produzidas no país ou compradas.

Nas manifestações de rua, ocorridas durante a pandemia, cobrando vacina, um dos "slogans" mais vistos era:

> "Se um povo protesta e marcha no meio de uma pandemia, é porque o seu governo é mais perigoso que o vírus."
>
> (Agemt, 2021)

A pesquisa pelos entrevistados ocorreu principalmente nas redes sociais "Youtube" e "Twitter" (atual "X"), redes nas quais políticos, jornalistas, acadêmicos, cidadãos passaram a se

manifestar com veemência, embora as redes “Instagram” e “Facebook” tenha abrigado as mesmas manifestações. No “Tik Tok”, cientistas passaram a usar a linguagem da rede para divulgar ciência e combater a desinformação, como podemos ver em uma das entrevistas (Anexo IX).

Quando o estado de São Paulo começou a vacinação, em janeiro de 2021, as redes foram “inundadas” com fotos de cidadãos sendo vacinados com “hashtags” como **#vacinassalvamvidas #vacinasim #todospelavacina #vivaosus #defendaosus**. O movimento de cientistas “Todos pela Vacina”, no “Tik Tok”, criador de uma das “hashtagas”, destacou uma representante para dar depoimento à esta investigação.

Depois da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI da Covid-19) ter sido instaurada, em abril de 2021, e o governo federal ter sido obrigado a comprar vacinas contra Covid-19, repetiu-se a exposição de cidadãos recebendo a vacina nas redes sociais, *por todo o Brasil*. Ao ser concluída, em outubro de 2021, a CPI listou todos os crimes cometidos pelo presidente da República (Capítulo *Gestão Anticiência*).

Entrevistados

Todos autorizaram que suas identidades fossem reveladas, caso essa investigação seja publicada fora do âmbito acadêmico, entretanto, para essa comunicação, conforme preconiza os preceitos e lei para investigação com seres humanos no Brasil, o anonimato dos entrevistados será preservado[149].

Os entrevistados são membros da sociedade civil e dos poderes da república que tiveram papel relevante na resistência pró-ciencia contra a gestão anticiência do governo federal do Brasil, à época da pandemia.

[149] Utilizamos o “Termo de Consentimento” (Anexo IV) padrão para pesquisa com seres humanos no Brasil, com a referida lei constante, porque todos os entrevistados são brasileiros.

Foram 24 entrevistados[150], com idades entre 25 e 75 anos. Duas entrevistas foram descartadas[151]. O aceite e os comentários dos entrevistados revelaram que os participantes da resistência estavam dispostos a falar e entusiasmados pela pesquisa olhar e registrar esse movimento social-político-cultural-midiático que foi a resistência pró-ciência, importante na História Contemporânea do Brasil. Movimento inserido num movimento de resistência maior[152].

Dentre os entrevistados, três professores de universidades públicas, um cientista, uma cientista e um jurista sofreram perseguição política. O primeiro por suas posições em depoimento à CPI da Covid-19 e por seu trabalho na universidade federal do qual era reitor; o segundo pelo Procurador Geral da República que o processou por seus artigos cobrando que o PGR cumprisse sua função de aceitar as denúncias contra o então presidente da República e a cientista por membros da sociedade civil e pela Igreja Presbiteriana da qual era parte, sendo afastada da instituição[153]. Ela contou a experiencia por escrito, no questionário. O cientista,

[150] O número elevado de entrevistas deve-se ao fato de não sabíamos quantas pessoas aceitariam falar e fizemos todos os contatos possíveis.

[151] Uma delas por comportamento, em função de um incidente comunicacional, posterior à entrevista, considerado fora da ética deste projeto. A outra porque o entrevistado foi o único a pedir que sua identidade não fosse revelada, no caso dessa pesquisa ser publicada em artigos, livros ou outros meios. Como o entrevistado forneceu respostas curtas e encontramos o conteúdo de suas respostas mais bem detalhado em outras entrevistas, e a exclusão não causaria prejuízos de informações para a pesquisa, mantivemos 24 das 26 entrevistas, apresentando um panorama amplo de como os resistentes pró-ciência vivenciaram e compreendem o processo. Nessa pesquisa acadêmica o anonimato será mantido pelas determinações do Termo de Consentimento utilizado, conforme já mencionado (Anexo IV).

[152] As exceções (algumas com justificativas outras sem retorno ao nosso contacto) foram: um deputado pastor evangélico e progressista (do Partido Socialismo e Liberdade, PSOL), dois comunicadores, três funcionários públicos de carreira, concursados, uma cidadã que fez um trabalho de distribuição de alimentos extensa durante a pandemia, três cientistas, um chargista, uma jornalista, um acadêmico, uma acadêmica (impedida pelo tipo de pesquisa que realiza), uma política e dois juristas, sendo um deles também proprietário de uma editora.

[153] Dois entrevistados fizeram o encontro online e não enviaram o questionário, a posteriori, mesmo confirmando que enviariam com atraso. A advogada do caso “Prevent Senior”, depoente da CPI da Covid e que obteve vitórias na justiça no caso gravíssimo de experimento com seres humanos (“Prevent Senior”, Globoplay,2021) e um funcionário público que teve importante papel na entidade congregadora de Secretários de Saúde dos estados, durante a pandemia. A advogada indicou duas entrevistadas importantes que participaram da investigação, mas

depoente da CPI, contou durante o encontro online a razão de ter saído de todas as redes sociais e de ter se mudado do Brasil. O jurista, apesar de ter sofrido uma perseguição pública (com processo), por cobrar ação da PGR, com veemência, em seus artigos num jornal de grande circulação, não mencionou a situação na entrevista.

Destacaremos os pontos mais relevantes das entrevistas, sem, necessariamente, utilizados todos as respostas de todas as entrevistas. Dividiremos em quatro itens como apresentados a seguir. *No item 1* faremos citações literais das adjetivações que *todos* os entrevistados fizeram à referida gestão, *porque nos ajuda a compreender a urgência de haver reação e mostram o quanto de tensão e de gravidade a situação envolvia*. Os adjetivos usados mostram que *a escolha era entre aceitar a opção pela morte ou lutar pela vida*. Nos outros itens citaremos "ipis literis" trechos que nos ajudam a compreender o contexto no qual se deu a resistência, qual era a visão dos resistentes a respeito da gestão da pandemia e como viam o movimento social do qual fizeram parte. Selecionamos citações que representam melhor pontos congruentes ou coincidentes presentes em todas as entrevistas.

1) Como os entrevistados viram a gestão da pandemia:

Os entrevistados viram a gestão da pandemia como (citações literais, porém recortadas, de *trechos das respostas à questão 1 do Questionário* – Anexo IX):

- Negativa, consequências severas, muitas vidas perdidas;

- Desastrosa e criminosa;

- Péssima, jamais reconheceu a gravidade do assunto; a relutância, a negligência e os negócios escusos (compra de vacinas) e péssimo exemplo do presidente da República.

não enviou as respostas ao questionário. Conseguimos entrevistar o jornalista que investigou o caso e registrou os achados numa reportagem documental, disponível no "streaming" Globoplay, "Prevent Senior", ele detalhou toda a situação na entrevista que nos concedeu (Anexo IX).

- Pior possível, boicotou medidas de contenção do vírus postas em curso por entes federativos municipais e federais, dificultando burocraticamente as medidas e desacreditando publicamente as estratégias realizadas.

- Em todas ou quase todas as denúncias, o presidente era citado como responsável ou participante de movimentos de sabotagem do combate à doença, como quando tentou mudar a bula da cloroquina ou desqualificar a gravidade da Covid em pronunciamento em rede nacional. Portanto, não hesito em qualificar a atitude do governo brasileiro como co-responsável pelo elevado número de mortes e pelo sofrimento de tantas famílias brasileiras.

- Irresponsável e até criminosa;

- Vexame internacional;

- Um fracasso criminoso;

- Demorou-se muito para estabelecer as medidas de contenção do vírus;

- Muitas destas ações do governo federal durante a pandemia foram consideradas crimes contra a humanidade pela CPI do COVID realizada pelo Congresso Nacional.

- A pior possível (o governo atuou para a propagação da doença);

- Governo que apostou na morte das pessoas ao invés de proteger vidas;

- Gestão trágica, autoritária, violenta, negacionista, responsável por milhares de mortes evitáveis;

- O governo Bolsonaro atuou em três vertentes básicas na condução da pandemia (comunicação dirigida unicamente ao seu grupo político, permanente confronto, imposição e coação às instituições e grupos sociais que se opuseram ao governo naquele momento, se utilizando da pandemia para golpear fortemente o SUS, adoção de medidas antidemocráticas e de ataques aos entes subnacionais - Estados e Municípios);

- Foi uma gestão desastrosa, marcada pelo que se chamou de “negacionismo”.

- Essa abordagem teve impactos negativos na saúde pública e na confiança da população nas medidas de combate à pandemia.

- Foi uma péssima gestão pelo então presidente da República Jair Bolsonaro. Ele em reiteradas ocasiões negou os conhecimentos médicos, biomédicos e sanitários em relação à pandemia.;

- Horrível, o governo acabou institucionalizando as teorias conspiratórias em políticas públicas que acabam culminando na maior taxa de morte de Covid proporcional ao número de habitantes por país.

- A gestão da pandemia pelo governo Bolsonaro foi absolutamente catastrófica. É até difícil pensar na ideia de "gestão" observando tudo que aconteceu.

- O governo do Brasil minimizou a gravidade da pandemia e atuou de forma a estimular aglomerações, disseminando informações falsas a respeito da doença e de seu tratamento.

- Entendo que foi uma gestão marcada pela necropolítica, na qual a proteção da população não foi contemplada.

- Não tivemos um governo efetivo com política pública de enfrentamento à pandemia realizado sob os auspícios da Ciência.

- A adjetivação GENOCIDIO, para o que ocorreu tem sustentação nos dados e consequências, negacionista.

- Foi um governo negacionista.

2) Como entendiam o ato de resistir contra gestão anticiência, como algo isolado ou coletivo:

Todas as entrevistas mostraram que *as ações começaram individualmente como reação contra as ações do governo claramente contra a vida* e *em favor da disseminação do vírus*, mas, *todos os entrevistados compreendem que essas ações se somaram e houve um movimento social coletivo de resistência e de luta pela vida, através de divulgação das medidas de contenção do vírus, de denúncia da desinformação em Saúde Pública* e de ações práticas como confecção caseira de máscaras. A partir da perplexidade com as ações e inações governamentais a sociedade buscou um movimento de oposição em prol da Saúde Pública e da preservação da vida. A seguir, algumas respostas:

"As ações começaram isoladamente. Diante da inanição do governo e do ministério da saúde (algo impensável já que apesar de tantos problemas que o país já tinha, esperávamos que diante de uma emergência as loucuras conspiracionistas iriam ficar de lado) as pessoas foram por si mesmas agindo. Seja usando sua influência na internet ou no próprio bairro. As pessoas foram criando informativos e fabricando máscaras em casa. Mais tarde outros agentes foram se incluindo, como os divulgadores científicos e grupos da saúde, que ajudaram a coordenar e informar melhor sobre o que a população poderia fazer para se proteger."

(C.E. G. S., 44 anos, ilustrador que teve seus desenhos retransmitidos milhares de vezes durante a pandemia)

"Jamais consideraria isoladas. No caso das colunas, são iniciativas individuais, não isoladas. No caso de mobilizações, são iniciativas coletivas."

(C.H.M, idade não informada, jurista, professor universitário e articulista).

"As ações políticas tomadas contra a atuação do governo Bolsonaro, ao meu sentir, não foram isoladas. Diversos movimentos sociais se uniram contra o estado de coisas que se apresentava, buscando notadamente proteger o SUS e sua atuação na defesa da saúde pública no país. Além disso tivemos a participação fundamental da imprensa brasileira em sua quase totalidade, que se uniu em consórcio buscando manter a população informada de tudo que acontecia no planeta e no Brasil.

No nosso país, foram feitas tentativas de manipulação/omissão de dados por parte do Ministério da Saúde, prontamente desmentidas pelos organismos de comunicação, pelos gestores do SUS, cientistas, pela academia e servidores públicos dos três entes da federação".

(H.S.C.L., 67 anos, médico e jornalista, senador da República-participante da CPI da Covid-19 nesse cargo- ex-ministro da Saúde).

3) Entendem que as ações de resistência fizeram parte de um movimento de resistência social, norteados por valores e preceitos políticos? Em caso positivo, quais seriam esses valores os norteadores das ações de resistência:

"Certamente. Os valores que nos guiaram, ou que me guiaram em particular, incluem valorização da ciência, valorização da democracia e valorização da liberdade de expressão. O conhecimento científico foi fundamental para desbancar narrativas absurdas, como o uso da imunidade de rebanho como estratégia de enfrentamento da pandemia, por exemplo. No campo democrático, não tenho dúvidas de que nossas ações tiveram impacto decisivo nas eleições presidenciais que ocorreram após a pandemia, devolvendo ao Brasil uma situação de normalidade democrática. No campo da liberdade de expressão, houve flertes recorrentes com a censura, mas a denúncia sistemática desses casos ajudou o país a manter a liberdade de expressão como um direito fundamental.

(P.R.C.H., 44 anos, cientista e professor universitário que colaborou na CPI da Covid-19 e, após isso, deixou a reitoria de uma universidade federal e se abrigou numa universidade estrangeira e saiu de todas as redes sociais).

"Sim, nossas ações foram guiadas pelo compromisso com a vida e a preocupação com o bem-estar das pessoas, fundamentados em valores como solidariedade, empatia e defesa dos direitos humanos."

(C.A., 62 anos, educadora social e líder comunitária

"Sim, as ações realizadas integraram um movimento de resistência social. Este movimento foi baseado em valores como a defesa da ciência, a promoção da saúde pública, a valorização da educação e a luta contra a desinformação. O "TodosPelasVacinas" exemplifica esses princípios ao congregar diferentes segmentos da sociedade em prol de uma causa comum: a promoção da vacinação e a conscientização sobre a importância das medidas de saúde pública."

(F.M.F., professora e diretora da ONG que, através da informação de cientistas criou e promoveu o movimento "TodosPelasVacinas" que teve ampla adesão da população. Os cidadãos brasileiros se vacinavam e postavam as fotos ou vídeos do momento da vacina com as "hastags" #VivaOSUS e #TodosPelasVacinas).

4) Quais consequências a gestão anticiência teria trazido ao Brasil:

“No período de pandemia, diante da negação do governo federal em relação ao vírus e às graves ameaças à saúde da população, as políticas públicas de enfrentamento tiveram que ser conduzidas em nível local (estados e municípios). Onde se considerou a importância da ciência, os resultados foram positivos, apesar dos números de óbitos registrados principalmente em decorrência da falta de vacina e, já depois dela, decorrentes do negacionismo”.

(E.A.S., 59 anos, sociólogo e prefeito da cidade que mais rápido adotou as medidas de contenção e, por isso, teve os melhores resultados no enfretamento a disseminação do vírus).

“As consequências são as piores, além das mortes diretas pela Covid-19, que muitas eram mortes evitáveis se a vacinação no país fosse uma prioridade, assim como com o avanço das fake news quanto ao Plano Nacional de Imunizações nos fez retroceder décadas, não apenas quanto a vacinação contra a Covid-19, mas também em outras doenças, algumas já erradicadas no país, como no caso da poliomielite e do sarampo. Incentivo a disseminação da doença, ao uso de remédios comprovadamente ineficazes (kit covid), crise na rede pública de saúde e falta de insumos hospitalares, como medicamentos, equipamento de proteção individual para os profissionais, e o absurdo que foi a falta de oxigénio em Manaus. Só por esses exemplos, o mandatário máximo do país e seus assessores já deveriam estar presos.”

(P.F.S., 49 anos, assistente social e presidente de umas das associações formadas de vítimas e familiares de vítimas da Covid-19)

“Além das mais de 700 mil mortes, muitas dessas evitáveis, as sequelas para os sobreviventes são inúmeras, não apenas físicas, mas mentais e emocionais. É claro que o vírus, por si só, causaria consequências imensuráveis, mas a gestão do então governo federal, com a diminuição da gravidade do vírus, incentivo à flexibilização do distanciamento social, indicação de protocolo de tratamento não validado cientificamente, atraso na compra e desestímulo à vacinação, foram ações que intensificaram todos os danos.

O Brasil tinha todas as condições para ser um dos países mais bem sucedidos no enfrentamento à crise. A existência de um robusto Sistema de Saúde, com uma política de vacinação construída a muitas mãos, além de uma cultura popular historicamente orientada à vacinação, poderia ter colocado o Brasil na vanguarda das vacinas, mas a atuação do então presidente e a inaptidão técnica dos membros do Ministério da Saúde, impediram que as coisas acontecessem como deveriam.”

(E.C.A.B., 66 anos, professora universitário e presidente da Associação Brasileira de Bioética).

"Espero que uma parte do país tenha compreendido que faz muita diferença eleger gente comprometida com a democracia, a ciência e a vida. Espero que o discurso da antipolítica tenha perdido força, já que mais gente deve ter notado que eleger um governante de extrema direita significa ser abandonado à própria sorte num momento em que se necessita da articulação do Estado para reduzir danos. Também espero que a sociedade brasileira, ou uma parte dela ao menos, valorize mais o papel do Estado, compreendendo que sem poder público forte e articulado não se organiza a sociedade em momentos de caos e medo coletivo como se deu durante a pandemia".

(R.L.B.V., 54 anos, jornalista e historiador).

Um dos entrevistados ressaltou que as *ações de resistência foram fundamentais para que o valor e valorização do SUS* não fossem mais postos em suspeição, já que um dos projetos do governo anterior era o desmonte do SUS. Cito:

"Das ações que eu pude participar, eu pude perceber que a informação realmente chegou na população, as pessoas realmente adeririam a uma campanha nacional "informal" para que as medidas de prevenção pudessem ser adotadas, aderiram a uma grande campanha de vacinação e valorização do SUS. Antes da pandemia ventilava-se a possibilidade de privatização do SUS e hoje em dia ninguém tem mais coragem de tocar neste assunto sem consequências políticas ruins".

(C.E.G.S., 44 anos, ilustrador)

Ressalte-se que o médico[154] que estava à frente do Instituto Butantan, entidade participe do SUS e principal produtor de imunobiológicos do Brasil, órgão que possibilitou que São Paulo saísse à frente na vacinação, criticou o que chamou de "fragilidades do SUS". Atente-se para o fato de que caso o SUS não tivesse uma parte eminentemente estatal (não vinculada a governos transitórios), com funcionários públicos concursados, que não podem ser dispensados pelos governos temporários e toda a estrutura de hospitais, Unidades Básicas de Saúde e outros aparelhos de Saúde Pública, o país não poderia atender a população em internações, tratamentos, vacinação (a capilaridade das Unidades Básicas de Saúde -UBS-

[154]Atente-se que o governo de São Paulo do qual o médico fez parte pertence ao PSBD, partido que articulou o golpe de estado de 2016, contratando a advogada Janaina Paschoal, depois eleita deputada estadual por São Paulo na chapa de extrema direita, vitoriosa em 2018.

possibilitou que o estado de São Paulo começasse a vacinação rapidamente). Sem os funcionários e a estrutura estatal, não seria possível denunciar a corrupção do governo. Mesmo após a clara evidência do quão temerário é um país ser governado por um Projeto Político negacionista, ainda que reconhecendo a situação, o médico ressalta o que ainda pode e deve ser aprimorado no SUS, como "fragilidades". Salienta-se que para compreendermos melhor, de acordo com o método de entrevistar utilizado, solicitamos que explicitasse melhor o que denominava "fragilidades do SUS", para que entendêssemos perfeitamente ao que se referia. Cito o esclarecimento:

> "A gestão desastrosa da pandemia teve como uma de suas consequências o negacionismo científico, especialmente no valor das vacinas como instrumentos adequados de prevenção de doenças infecciosas. Por outro lado, politizou a compreensão do papel dos sistemas de saúde pública e vigilância epidemiológica no controle de surtos epidêmicos e pandêmicos. A fragilidade do Sistema Único de Saúde, que já era presente antes da pandemia, tornou-se evidente muito além do discurso ideológico que exalta suas qualidades demonstrando a necessidade da sua reforma integral caso o país queira, de fato, cumprir o preceito constitucional da sua prevista integralidade e efetividade. Para além do discurso pós-pandêmico de retomada da ciência, o país vive a necessidade de ações concretas que restabeleçam pactuações e financiamentos compatíveis para superar as fragilidades demonstradas pela pandemia e que resultaram em mais de 700 mil mortes no país.

Solicitamos esclarecimentos da resposta, para percebermos exatamente o que ele queria dizer, segue:

> Fragilidades do SUS: subfinanciamento, descoordenação, baixa qualificação técnica, pulverização de iniciativas contraditórias, atraso tecnológico, entre outras.
>
> Falta de ações concretas pode ser dito de outra forma: excesso de planejamento e falta de execução. O discurso da saúde para todos não se reflete em ações de saúde para todos. Cronicamente vivemos a situação das filas, das faltas de medicamentos, dos atrasos nos procedimentos, etc.

Nenhuma política pública é desvinculada de projetos políticos, o que não quer dizer que todas as áreas da saúde pública devam ser dependentes de projetos políticos. Programas essenciais como o PNI e Vigilância em Saúde devem ser perenes e profissionalizados. Fosse assim, não teria ocorrido a catástrofe que ocorreu". (D.T.C., 67 anos, médio e professor universitário, um dos responsáveis por acelerar a vacinação no estado de São Paulo e quem fornecia recomendações cientificas diárias a população do Brasil, nas coletivas de imprensa promovidas pelo governo do Estado de São Paulo).

O senador da República que entrevistamos, embora tenha ressaltado que "Ademais, viu-se como necessário o desenvolvimento do chamado complexo econômico industrial da saúde" (H.S.C.L., 67 anos, médico e senador), salientou o que de fato ocorreu, como apresentamos no capítulo sobre o PNI, a rápida reversão do quadro negativo em relação à vacinação, disse o entrevistado "Anote-se que dados preliminares divulgados pelo Ministério da Saúde apontam que as novas estratégias começam a surtir efeito, revertendo a trajetória evidenciada de queda". (H.S.C.L., 67 anos, médico e senador).

O prefeito cuja cidade foi a mais bem sucedida na gestão da pandemia, à revelia do governo federal que constantemente criticava a gestão exitosa, defendendo o armamentismo como forma dos munícipes contrariarem as medidas de contenção disse:

"A gestão da saúde durante a pandemia de Covid-19 foi um grande desafio para todos os envolvidos. Como quase nada se sabia sobre o vírus, o caminho foi acreditar na ciência, mesmo enfrentando o negacionismo de um grupo que desacreditava na ciência. Cada passo dado ficou marcado na história como aprendizado. Todos os impactos que sofremos tiveram reflexos nos nossos hábitos e na nossa rotina, assim como no funcionamento de instituições. Protocolos para testagens, vacinação, tratamentos, abastecimento de insumos e adequação da capacidade de atendimento, entre outros fatores, exigiu direcionamentos diferentes do habitual e foram incorporados. E, principalmente, o nosso Sistema Único de Saúde (SUS), que foi demandado ainda mais durante a pandemia, provou sua relevância como sistema de saúde público, gratuito e universal. E no período pós-pandemia, o SUS continuou se mostrando importante no atendimento das demandas reprimidas".
(E. S., sociólogo, prefeito),

O conteúdo das entrevistas veio corroborar o levantamento que fizemos através dos outros materiais/fontes (artigos acadêmicos, documentários, diálogo com conceitos e com a historiografia, experiência da pesquisadora como participe do movimento de resistência pró-ciência).

A resistência foi intensa, robusta e ininterrupta, apesar de não partir de uma organização formal e de não ter liderança, foi capaz de conseguir a vacinação, mesmo que tardia, e foi capaz de derrotar nas urnas, no final de 2022, o governo federal que geriu a pandemia. *A estrutura do SUS foi capaz de impedir um desastre maior em termos de mortes, mas teve toda sua base hospitalar sobrecarregada, comprometendo o atendimento de outras enfermidades e penalizando os profissionais de saúde. O parlamento*, através da CPI da Covid-19, *foi capaz de conter o negacionismo e a corrupção na compra da vacina*, *o movimento da imprensa corporativa e progressista, bem como dos cientistas e cidadãos, foi capaz de disseminar informação confiável, as artes e o mundo acadêmico produziram documentos para a posteridade, que servem como denúncia da tragédia vivida e ajudaram a população expressar sua profunda dor, sofrimento e medo, mas todas essas ações não conseguiram evitar um número astronômico de mortes*, desproporcionais à população do país, impactantes sob o ponto de vista racional e emocional para um país que tinha um Programa Nacional de Imunizações de excelência.

O estresse emocional sofrido pela população e, especialmente, pelos que tomaram para si a tarefa de informar e resistir foi verbalizado por um dos entrevistados, durante o encontro online, como "ainda corremos muito perigo, porque eles são fortes, organizados e não conheço uma pessoa do campo progressista que não tenha adoecido" (M.R.U., 49 anos, advogado e professor universitário). O "adoecimento" a que ele se referiu é o extremo estresse de passar quatro anos, diariamente, voltado para desmentir e minimizar ações desastrosas do governo, o que toma parte da vida das pessoas e, na prática, *é uma espécie de tortura psicológica, já que se viveu em estado de alerta. Não por acaso, o presidente da referida gestão sempre defendeu a tortura, explicitamente*. Além desse tipo de tortura emocional que um governo

que investe contra a vida provoca, hoje seu grupo político, de extrema direita, neopentecostal, armamentista e negacionista, embora derrotado nas eleições presidenciais, é maioria no parlamento brasileiro e conquistou governos em estados importantes da federação, com São Paulo e Rio de Janeiro, o que faz com a ameaça persista.

É importante ressaltar que, embora os poderes da República tenham sido capazes de minimizar os efeitos das ações governamentais, não se pode confiar sempre nessa capacidade, com um parlamento tomado por um projeto fascista e enquanto as punições aos responsáveis não forem, de fato, concluídas. Não podemos nos fiar de que, como aborda a fala do entrevistado participe da CPI, a CPI servirá de alerta (integra da fala na primeira citação abaixo) para gestores de que podem ser punidos. A CPI foi fundamental para a vacinação ocorrer, para inibir corrupção, mas ainda não temos julgados e punidos e para uma CPI ser instaurada o Senado deve ser a favor do tema.

"As ações empreendidas contra o negacionismo da pandemia do governo Bolsonaro, notadamente no âmbito da CPI da COVID, gestaram ações que poderão contribuir para a melhoria contínua da gestão do SUS no país, em suas três esferas de atuação, União, Estados, Distrito Federal e Municípios.
As ações de responsabilização cíveis, administrativas e penais, levadas a efeito pelos órgãos de controle do país, servem de alerta aos gestores públicos sobre suas práticas, quando nocivas à saúde da população.
O tratamento ofertado aos grupos minoritários deve ser visto como prioridade pelos gestores no âmbito do SUS, para que situações vistas na pandemia, como a desassistência, não volte a ocorrer".
(H. C., médico, senador)

"Vejo muitas- citaria a continuidade da produção de vacinas, a ampliação dos leitos que hoje permanecem nas cidades e a retomada do Complexo Industrial neste campo. A disputa de valores na sociedade que muitos de nós fizemos, somadas ao drama vivido pela população fez o país virar a chave nas eleições de 22".
(J. F., médica, deputada federal)

"As ações sociais coletivas somadas à luta pelas políticas públicas, pressionaram o governo federal do Brasi"
(J. L., padre)

Infelizmente, as punições para os crimes da pandemia ainda não aconteceram[155]. Ventura et al (2024) fizeram um levantamento minucioso das ações e do pé em que se encontram os processos, ainda em curso[156]:

[155]Bolsonaro foi condenado no Tribunal Permanente dos Povos, por crimes contra a humanidade (UOL, 2022), o que não tem efeito prático, e esta denunciado no Tribunal Penal Internacional, em Haia, por genocídio e ecocídio, sendo que esta não é a única ação, mas é a ação empreendida por indígenas brasileiros (El País, 2021).

[156] "É dever da comunidade jurídica brasileira diligenciar para que jamais a população seja exposta a aberrações como o uso da imunidade de rebanho por contágio como estratégia de resposta a uma pandemia, episódio que mancha a história do Brasil como ato desumano promovido em larga escala. É preciso também garantir que nenhum agente público, seja quem for, sinta-se autorizado a promover propaganda contra a saúde pública, posicionando suas arbitrariedades, "percepções empíricas" e interesses privados acima dos seus deveres constitucionais de proteção da vida e da saúde da população brasileira". (Ventura et al, 2024, p. 39-40)

Considerações Finais

Vimos através da pesquisa documental e das entrevistas que a resistência social pró-ciência foi bem-sucedida em alguns aspectos, em dois tempos. No primeiro momento, durante a pandemia, conseguiu que a vacinação fosse implementada, conseguiu levantar os crimes dos responsáveis pela gestão anticiência. No segundo momento, conseguiu derrotar nas urnas o projeto negacionista para a eleição do Executivo Federal. Esta resistência é espontânea, sem uma liderança e não se mantem mobilizada de forma coesa e organizada, apesar de sua força e relevância. O oposto acontece com a resistência contra os progressos democráticos, sociais, nos âmbitos de direitos civis e humanos. Os fascistas mantem organização e coesão permanentes. Nesse sentido, a *resistência pelos avanços democráticos e inclusivos* apresenta uma *fragilidade* em relação ao Fascismo, que é a *resistência contra os avanços inclusivos e democráticos.*

O êxito do Fascismo, e essa fragilidade do campo progressista democrático, traz consigo ônus contundentes ao país, aos poderes da República, à democracia e aos cidadãos[157].

Vimos que a ascensão do Fascismo no Brasil tem componentes locais e internacionais.

[157] Não se conseguiu evitar o número astronômico de 700 mil mortes por Covid-19 notificadas (não sabemos quantas pessoas faleceram em suas casas nem quantas pessoas faleceram por outras enfermidades em função da superlotação dos hospitais públicos e particulares com doentes de Covid-19); não se conseguiu derrotar completamente o projeto fascista-negacionista-neoliberal-neopentecostal. Este projeto tem maioria no Congresso Nacional, obrigando o executivo a governar pactuando com essas forças obscurantistas. Além do Congresso Nacional, eles governam o estado de São Paulo, do Rio de Janeiro e de Goiás; a sociedade continua dividida em dois campos e o país tem um clima hostil nunca visto, especialmente, para um país conhecido por sua vida social solar, alegre e hospitaleira (somos um país de imigrantes, as diferenças são parte constituinte do que chamamos Brasil). A violência, que mudou a fisionomia do Brasil na época da ditatura e deixou uma herança de brutalidade difícil de ser resolvida, apresenta-se no crime organizado e, após a eleição de 2018, nas relações sociais cotidianas.

Localmente, vimos que a República Brasileira foi instaurada pelos militares e pelo poderio econômico, que permanecem se sentindo "donos" do Estado Brasileiro, entendendo a construção de um estado democrático e de bem-estar social como uma concessão e não como um direito de todos os cidadãos. Este estado social (e democrático) tem sido construído aos solavancos, entre golpes, um recurso utilizado tanto pela elite financeira quanto pelo Exército para cortar os direitos, já que, essas camadas sociais tem encontrado dificuldade, depois de treze anos de governos populares, de avanços sociais e inclusão do povo nas universidades, para vencerem as eleições presidenciais nas urnas. Sem conseguirem aprovação eleitoral de seus projetos, lançam mão de golpes de estado. Abertamente ou veladamente.

No âmbito do microcosmo, vimos que houve ônus para os cidadãos que tomaram para si a "resistência contra" o fascismo negacionista, ou seja, realizando ações concretas. As pessoas tiveram que dominar seu tempo e sua energia para minimizarem os efeitos deletérios do descumprimento do governo de suas obrigações constitucionais e de suas ações contra a vida. Todo o corpo pensante do país mobilizou-se para uma única ação: resistir contra um governo necropolítico.

Internacionalmente, a extrema direita contemporânea é organizada mundialmente, de forma coesa, e utiliza técnicas definidas de uso da internet, especialmente redes sociais, lançando mão da inteligência artificial e de robôs para disseminar desinformação, a acionarem, especialmente, os afetos de ódio e medo. Além disso, esses procedimentos se tornaram um negócio altamente rentável para muitos comunicadores alinhados ideologicamente ao fascismo.

Vimos que a resistência social pró-ciência se insere em um dos dois veios historiográficos do país que vem de longe[158].

[158] No âmbito da pesquisa, mostramos que essa resistência começa em 2016, quando uma presidente eleita foi deposta com um novo tipo de golpe de Estado, sem tanques nas ruas e derramamento de sangue, por isso

O projeto fascista-militarizado-neoliberal-neopentecostal-colonialista, que se alinha aos países imperialistas Ocidente, *contra o Brasil como país desenvolvido e soberano,* se insere em outro dos veios.

Não começaram com a pandemia e não se encerram com a pandemia.

Vimos que a forma de luta identitária, sectária, embora embasada em causas legitimas e em estudos sérios, acaba por minar dentro do campo progressista a oposição ao fascismo e alimenta o discurso meritocrático-neoliberal, na medida em que abdica da luta coletivista[159]. A inclusão de grupos oprimidos deixa de ser através do aprimoramento democrático e da cidadania, no país. As lutas coletivistas e por direitos igualitários para todos dá lugar, na forma de luta identitária, à representação identitária. Por exemplo, ao invés da luta por avanços sociais e que incluam todos os agentes sociais, cada grupo luta pelo seu interesse e cria uma situação de que ao chegarem aos postos de comando ou de poder representariam apenas o seu grupo social, exatamente como fazem os que historicamente oprimem outros grupos. As lutas coletivistas são lutas nas quais todos lutam para o bem da comunidade, do coletivo e não de seu grupo social, numa disputa dentro, e pela melhoria, da comunidade[160]

chamado de "Golpe Suave", que lança mão de uma série de recursos denominados de "Guerras Hibridas". E essa resistência não se encerra com o momento da pandemia, na qual ela foi mais contundente.

[159] Indiretamente, de forma não intencional, acabam por angariar votos para a extrema direita vindos de pessoas com medo de algumas pautas identitárias, amplamente exploradas pelo fascismo. A forma de luta identitária, no polo oposto ao fascismo, se preocupa mais com representação de grupos para defenderem seus direitos (como os opressores fazem) do que com fortalecimento do coletivo, da inclusão coletiva, dos direitos coletivos, com a luta pela cidadania de todos, com uma identidade comum, que seja a de ser brasileiro.

[160] Uma luta coletivista quer escola pública de excelência para todos (não cotas ou, quando estas são necessárias para, por exemplo, reparar tanto a escravização quanto a abolição da escravização que não incluiu os alforriados na sociedade, que sejam uma transição para um modelo coletivista). A forma de luta coletivista quer direitos iguais (em salários, licença maternidade e paternidade, responsabilidade de todos os cidadãos e do Estado, na construção de estruturas concretas e humanas para os cuidados de crianças, idosos e enfermos crônicos), quer Estado laico para que todas as religiões, ateus e agnósticos sejam respeitados e estejam em segurança, pela legalização do aborto e visto como problema de Saúde Pública (defendido mesmo por quem jamais abortou ou

Vimos também que além do colonialismo velado dentro do país, por parte de certos grupos, como as elites financeiras e os fascistas neoliberais, contra outros grupos ou contra o avanço democrático, social e tecnológico do Brasil, temos um alinhamento desse colonialismo interno, em plena América Latina, em pleno Sul Global, com países ocidentais, historicamente colonialistas[161], o chamado "Bloco dos Países Imperialistas".

O mundo está insustentável, os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável-Agenda 2030 da ONU, em pleno 2024, tem apenas 17% dos seus objetivos cumpridos (ODS Brasil, 2024). Enquanto assinam[162] o documento de compromisso com promover paz, justiça, saúde mental,

abortaria – abordar os temas, pelo coletivo não pelo individual), pelo legalização de todas as droga, não só álcool e tabaco, e para que seu uso abusivo ou dependente seja visto como problema de Saúde Pública (mesmo por quem não usa drogas - frisamos, abordar os temas pelo coletivo não pelo individual). Em suma, um tipo de luta por uma sociedade avançada, laica, com Estado forte, democracia fortalecida e cidadania esclarecida para todos. E não um tipo de luta por representatividade de cada grupo e disputa constante como se não houvesse uma "identidade brasileira", que justamente congregue todos os que compõem a nação, e fossemos divididos em guetos que não se comunicam, não encontram soluções benéficas para todos e só se representam a si, numa disputa constante. Nesse sentido, o investimento estatal na Industria Cultural Brasileira é fundamental, porque as artes ajudam a expressar os matizes da identidade nacional, a expressar ideias e sentimentos sobre a formação do país, o fato de o Brasil ser multiétnico, multirreligioso e multicultural e isso ser força e riqueza, as artes ajudam a humanizar os cidadãos e a desenvolver a sensibilidade, artística e social. A luta das sufragistas, a luta pelo divórcio, por poder se casar legalmente pós divórcio são exemplos de lutas coletivistas, que pensam no avanço social de forma a atingir e beneficiar a sociedade como um todo. Uma luta coletivista não dá aos cidadãos uma cartilha de como falar, como pensar, interditando o debate, como é a conduta das lutas identitárias. Uma luta coletivista não encerra os indivíduos em guetos, segregando quem não preenche as mesmas características identitárias e colocando a identidade escolhida a frente do fato de que somos todos humanos. Uma luta coletivista não prega que a pessoa se autodefina, mas tenha um protocolo de definição, a priori, daquele que é considerado "o outro", o "de fora", sem conhecê-lo e conhecer sua biografia e seus compromissos sociais, definindo-o por sua aparência, sua ascendência, seu sexo e/ou gênero (não obriga a que os cidadãos igualem sexo e gênero e usem a terminologia que definiram como "não hetero normativa") ou por sua profissão. A luta pelo divórcio, e, depois, por poder se casar legalmente pós divórcio são exemplos de lutas coletivistas, que pensam no avanço social de forma a atingir e beneficiar a sociedade como um todo. Uma luta coletivista não dá aos cidadãos uma cartilha de como falar, como pensar, interditando o debate, como é a conduta da forma de luta identitária.

[161] No caso do Brasil, especialmente o colonialismo dos EUA que, a cada golpe, consegue atrasar o Brasil em uma década, como aconteceu através do golpe de 2016, ou em três décadas, como aconteceu através do golpe de 1964.

[162] Ação especialmente identificada na conduta dos países do chamado eixo imperialista, EUA, Reino Unido e aliados.

entre outros, financiam guerras e massacres genocidários, com o objetivo de manterem hegemonias coloniais[163].

O mundo deverá decidir se quer se manter a busca de justiça para alcançar a paz ou se quer manter o colonialismo velado[164].

A Constituição Brasileira prega "defesa da paz e solução pacífica dos conflitos" (Constituição Federal,1988)[165]. Quantas constituições mais pregam o mesmo?

É temerário para a Saúde Pública Global que projetos fascistas-negacionistas-obscurantistas-neoliberais-coloniais sejam normalizados como projetos políticos regulares que podem concorrer democraticamente. Assim como é temerário que tomemos a democracia como garantida, como um sistema que não precisa ser constantemente aprimorado e cuidado, para que não haja retrocessos autoritários, seja pela força ou pela corrosão das instituições.

O Brasil terá que decidir como enfrentar o colonialismo interno e a "herança" da "Operação Lava Jato", que destruiu a indústria da construção civil, gerando milhares de desempregados[166] que, junto com a Reforma Trabalhista, feita por Temer após o Golpe de 2016, e o avanço do

[163] Os próprios organismos internacionais, como a ONU, estão organizados a partir da geopolítica do pós-guerras, além de não terem poder de fazer suas decisões serem cumpridas.

[164] Mesmo que este colonialismo contemporâneo implique muita turbulência global, vidas destroças ou perdidas, destruição e danos ao meio ambiente e às relações humanas *e insegurança para todos.*

[165]Artigo quarto, seção "Princípios Fundamentais da "Constituição Cidadã" do Brasil, de 1988.

[166] "A operação que prometia combater a corrupção no setor de petróleo e gás custou caro à Economia e legou o desafio da reconstrução de setores empregatícios brasileiros. A Lava Jato resultou na destruição de 4,44 milhões de empregos entre 2014 e 2017 e reduziu o Produto Interno Bruto (PIB) em 3,6% no mesmo período. De 2015 a 2018, as maiores construtoras brasileiras perderam 85% da receita". (BOL, 17/03/2024)

fascismo, convenceu milhares de trabalhadores precarizados, sem direitos, desvalorizados, que são empreendedores, chefes de si e que poderão ficar milionários[167].

Temos no Brasil de *um lado elites financeiras colonialistas e ultraliberais*, que *abraçam o fascismo, mesmo com negacionismo e disseminação de desinformação*, *parte dos progressistas preocupados com pautas identitárias* mais do que com pautas coletivas de aprimoramento do estado social para todos e *parte dos progressistas tentando fazer Política com lastro em estudos sérios sobre o mundo concreto e interessados no desenvolvimento coletivista da sociedade*, com aprimoramento do estado social e cidadania para todos, sem ter o mesmo alcance nas redes sociais que tem o fascismo[168].

[167] Como mostra a eleição para a Prefeitura de São Paulo, em 2024, na qual um "ex-coah", de extremíssima direita, que destrói o debate público com violência verbal e postura individualista, com lastro no neoliberalismo, uso profissional das redes sociais e misógina, sem compromisso ou experiência no trato de temas da alçada do poder público, sem mencionar propostas políticas, apresentou-se como candidato, causando tumulto nos debates, desrespeitando adversários e eleitores. Embora a presidenta do Tribunal Superior Eleitoral tenha condenado a violência na campanha à Prefeitura de São Paulo, e em outras campanhas pelo país, e tenha pedido aos tribunais regionais responsáveis celeridade nas investigações e punições, o candidato segue concorrendo, com chances de chegar ao segundo turno e vencer as eleições, mais um candidato negacionista, o que seria gravíssimo. As instituições democráticas parecem estar permitindo mais avanço de projetos fascistas, negacionistas, obscurantistas. E como proceder? Aparentemente, as instituições democráticas e os progressistas (partidos e cidadãos) não perceberam, localmente e mundialmente, a necessidade (urgente) de um plano claro, permanente e conjunto, em defesa de valores democráticos, inclusivos e sustentáveis no âmbito humanitário e planetário. O campo progressista se une pontualmente e tem êxitos em eleições diversas, como ocorreu no Brasil, Inglaterra e França, recentemente, mas isso não nos parece suficiente para o enfrentamento de uma extrema direita organizada mundialmente e fortalecida.

[168] O Judiciário Brasileiro tem contido alguns avanços de ilegalidades nas redes sociais, sem uma legislação apropriada e especifica para estas "big techs" ainda, e tem contido, timidamente, a cooptação da Política por projetos fascistas que concorrem pelos meio democráticos, com o intuito de minar o Estado, através das privatizações do patrimônio público e da exploração indiscriminada do meio ambiente, agravando a crise climática, cooptando milhares de pessoas com pautas como "defesa da família" (em contraponto aos identitários) e evangelização do estado através do neopentecostalismo, buscando um Estado teocrático.

O processo que começou em 2013, com a ruptura da institucionalidade e a demonização da Política[169], que nos levou a uma gestão anticiência da Covid-19, às 700 mil mortes na pandemia e que nos obrigou a nos deslocarmos para o campo da resistência, longe de ter acabado, apresenta, a cada dia, um novo capítulo e um novo desafio[170].

É necessário sabermos que existe democracia de direita e de esquerda, autoritarismo de esquerda e de direita e que existem projetos fascistas, bem-organizados mundialmente, que são negacionistas e necropolíticos[171].

A humanidade terá que fazer uma escolha entre as sustentabilidades, do globo terrestre e humanitária, e a insustentabilidade[172]. Entre a inclusão e respeito de/a todos e o colonialismo

[169] Como não há democracia sem Política, demonizar a Política e a política partidária é parte dos passos para implementar sistemas autocráticos ou ditaduras comandadas por grupos sociais que se unem para tal objetivo. Com liberdade para debate Político como forma de buscar solução dos problemas comuns os autoritarismos encontram dificuldade de prosperar.

[170] Permanece o desafio de que a imprensa e alguns acadêmicos deixem de chamar projetos políticos reacionários de extrema direita, fascistas, de "conservadores". Os conservadores podem ser republicanos, podem defender o Estado laico, a democracia e a Política como forma legitima de organizar a sociedade, podem disputar eleições de forma transparente, já a extrema direita contemporânea, além de querer destruir as instituições e a democracia, tem uma arma poderosa como as redes sociais e técnicas, usadas de maneira inescrupulosa, a destruírem o debate público, a transparência das instituições e a corroerem o processo democrático.

[171] Parafraseando Bertold Brecht ("Intertexto" de Bertoldo Brecht, online, em Sorie-Arte e Cultura, 23/-8/2023), um dia poderão bater à porta de qualquer país e pode ser que não haja mais ninguém para defender esse país que havia silenciado (ou colaborado) com a destruição concreta e/ou simbólica de outros povos. Como vimos, os desafios do Brasil são grandes e como esses desafios estão todos ligados com questões internacionais, o desafio não é brasileiro, é mundial.

[172] "O Estado do mundo é insustentável. Não podemos continuar assim.", frase proferida por António Guterres, Secretário-geral da ONU, em 24 de setembro de 2024, publicada na Rede Social Instagram na conta oficial das Nações Unidas, em @nacoesunidas, na mesma data.

destruidor[173], explicito ou velado[174]. Será preciso decidir se continuaremos a viver na *Globalização Hiperconectada Colonial Desigual* ou se buscaremos uma *Globalização Equilibrada Inclusiva*. *Não há meio termo.*

[173] Trecho do discurso do presidente do Brasil, Lula, na abertura da Assembleia das Nações Unidas, em setembro de 2024: "A exclusão da América Latina e da África de assentos permanentes no Conselho de Segurança da ONU é um eco inaceitável de práticas de dominação do passado colonial. Vamos promover essa discussão de forma transparente". (Carta Capital, 24/09/2024).

[174] Citemos dois trechos do discurso do presidente da Colômbia, Gustavo Petro, na ONU, em setembro de 2024: "o projeto democrático da humanidade está morrendo, enquanto os racistas e os supremacistas se preparam para dominar, espalhando o terror das bombas sobre o povo" e "Já não há mais tempo, os governos são incapazes de frear a extinção da vida. Hoje temos que escolher entre a vida ou a cobiça, entre defender a humanidade ou defender o capital." (Opera Mundi, 24 de setembro de 2024).

Bibliografia

ABREU, Carla L. (2020). *Contravisualidades: práticas de resitência em tempos de pandemia e fake News*. Concinitas. V. 21, n. 38, pp. 91-106. DOI: 10.12957

AMATUZZI, Mauro (s.d.). *Pesquisa Fenomenológica em Psicologia.* IN: M.A. T. Burns & A.F. Holanda (Org.), Psicologia e Fenomenologia; Reflexões e perspectivas (p. 17-25). Alines.

ANDERSON, Perry (2012). *Balanço do Neoliberalismo.* In; Pós-neoliberalismo – Políticas Sociais e o Estado Democrático. Paz e Terra.

ALMEIDA, Lucio. M. (2005). *Da prevenção primordial à prevenção quaternária.* Revista Portuguesa de Saúde Pública. Vol. 23., Nº 1.

APPLEBAUAM, Anne (2021). *O crepúsculo da Democracia.* Record.

ARENDT, H. *A condição humana* (2010). Forense.

_____ *Sobre a violência* (2022). Civilização Brasileira.

BISPO Jr., José Patrício & SANTOS, Djanilson Barbosa (2021). *COVID-19 como sindemia: modelo teórico e fundamentos para a abordagem abrangente em saúde.* Cad. Saúde Pública 2021; 37 (10): e00119021.

BOSI, Alfredo (1996). *Narrativa e resistência.* Itinerários, nº 10.

BRAUDEL, Fernand (2021). *Escritos sobre a História.* Perspectivas.

BUGALHO, Henry (2020). *Minha especialidade é matar – como o bolsonarismo tomou conta do Brasil*. Kotter.

BONITA, R., BEAGLEHOLE, R. & KJELSTROM, T. (2010). Epidemiologia Básica. Grupo Editorial Nacional, Santos Editora & World Health Organiazation.

BORGES, Eduardo (2022). *Golpe: O golpe como método da elite brasileira.* Kotter.

BRAVO, Maria Inês S. (2010). *A saúde no Brasil e em Portugal na atualidade: o desafio de concretizar direitos.*Serv. Soc. Soc., n.102, p.205-221.

CAPINHA, Graça (2012). *Resistência*. In: Dicionário das crises e das alternativas, Centro de Estudos Sociais – Laboratório Associado, Universidade de Coimbra. P. 185-186.

CARVALHO, José Murilo (2021). *Forças Armadas e Política no Brasil*. Todavia.

COHN, Amélia (2006-2009). *O Estudo das Políticas de Saúde: Implicações e Fatos.* In: Tratado de Saúde Coletiva. Hucitec e Fiocruz. P. 219-246.

COLPO, Marcos (2019). *Pesquisa Fenomenológica e Hermenêutica: Cinema, Arte e Literatura.* Via Veritas.

CONDE, Eduardo. (s.d.). *Abrindo a caixa: dimensões e desafios na análise de Políticas Públicas.* Responsabilidade na Educação. P. 78-100.

CONILL, Eleonor M., XAVIER, Diego R., PIOLA; Sérgio F., SILVA, Silvio F, BARROS, Heglaucio S. & BÁSCOLO, Ernesto. (2018). *Determinantes sociais, condicionantes e desempenho dos serviços*

de saúde em países da América Latina, Portugal e Espanha. DOI: 10.1590/1413-81232018237.0799.

CRITELLI, Dulce (2006). *Analítica do Sentido – Uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica.* Brasiliense.

DOMINGUES, Carla M.A.S., FANTINATO, Francieli F.S. T., DUARTE, Elisete & GARCIA, Leila P. (2019). Epidemiol. Serv. Saúde, 28 (2): e20190223. Editorial. p. 1-4.

DOMINGUES, Carla M.A.S., MARANHÃO, Ana Goretti K., TEXEIRA, Antonia Maria, FANTINATO, Francieli F.S. & DOMINGUES, Raissa A. S. (2020). *46 anos do Programa Nacional de Imunizações: uma história repleta de conquistas e desafios a serem superados.* Cad. Saúde Pública, 36 Sup2:e00222929.

DA EMPOLI, Giuliano (2020). *Os engenheiros do caos. Como as "fake news", as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar*

DE MASI, Domenico (2022). *A felicidade negada*. Almedina Brasil.

FICHELSTEIN, Federico (2020). *Uma breve história das mentiras fascistas*. Vestígio.

FLEURY, Sonia & FAVA, Virginia M. D. (2022). *Vacina contra Covid-19: arena da disputa federativa brasileira*. SAÚDE DEBATE, Rio de Janeiro, v.46, N. Especial1, pp. 248-264.

GASPAR, Gabriel Rocha (2024). *Israel: exportador de fake news, automação da morte e supremacia branca.* Revista Fim do Mundo, nº 11, jan/jun 2024.

GARBOIS, Julia A., SODRÉ, Fracis & DALLALBELO-ARAÚJO Maristela. (2017). *Da noção de determinação social à de determinantes sociais de saúde.* Saúde Debate, v.41, N 112, p. 63-76.

GIACOIA Jr., Oswaldo (2013). *Heidegger Urgente - Introdução a um novo pensar*. Três Estrelas.

GONÇALVES, André (2005). *O conceito de governança.* XIV Congresso Nacional do Conpedi.

GONÇALVES, Sónia, GONÇALVES, Joaquim, MARQUES, Celia (2021). *Manual de Investigação Qualitativa – conceção, análise e aplicações.* Pactor.

GRAMSCI, Antonio (2020). *Odeio os indiferentes.* Boitempo.

GUERREIRO, Clayton & ALMEIDA, Ronaldo (2021). *Negacionismo Religioso: Bolsonaro e Lideranças Evangélicas na Pandemia Covid-19.* DOI: http://dx.doi.org/10.1590/0100-85872021v41b2cap02.

HADDAD, Fernando (2023). *O terceiro excluído – contribuições para uma antropologia dialética.* Zahar. (pp. 9-27).

HEIDEGGER, Martin (2007). *Ser e Tempo.* Vozes.

_____, Martin (2009). *Os seminários de Zollinkon. Vozes.*

HUBERMAN, Bruno (2024). *Resistências e a política da recusa* In: Colonição neoliberal de Jerusalém. EDUC. Plano de incentivo a Pesquisa (PIPEq-PUC-SP).

_____, Bruno (2024). *Anticolonialismo neoliberal e a economia de resistência.* In: Colonição neoliberal de Jerusalém. EDUC. Plano de incentivo a Pesquisa (PIPEq-PUC-SP).

JABR, Samah (2024). *Samud em tempos de genocídio.* Tabla.

KALIL, Isabela (2020). *Políticas antiderechos en Brasil: neoliberalismo y neoconservadurismo en el gobierno de Bolsonaro.* In: Derechos en riesgo en América Latina – 11 estudios sobre grupos neoconservadores. Fundación Rosa Luxemburg : ediciones desde abajo. Derechos en riesgo en América Latina : 11 estudios sobre grupos neoconservadores. Educación sexual - SIDA STUDI.

KHALIDI, Rashid (2022). *Um século de Guerra aos Paletinos*. In: Palestina uma biografia – Cem anos de guerra e resistência. Ideias de Ler. P. 299-320.

KOBOYO, Andrew (2019). *Guerras Híbridas*. Expressão Popular.

JATENE, Cristiane, GALANO, Monica (2012). *A autobiografia como jornada terapêutica- uma leitura sob a ótica da Terapia Narrativa.* Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

LAVAL, Christian, DARDOT, Pierre & BERENGUER, Enric (2018). *El ser neoliberal*. Gedisa.

LIMA, Adeânio A. & PINTO, Edenise S. (2017). *O contexto histórico da implantação do Programa Nacional de Imunizações (PNI) e sua importância para o Sistema Único de Saúde.* Scire Salutis. V. 7, n. 1, p. 53-62.

LIMA, Luciana L. & D'Ascecenzi. (2013). *Implementação de Políticas Públicas: Perspectivas Analíticas.* Revista Sociologia e Política. V.21, Nº 48, p. 101-110.

MAALOUF, Amin (2020). *O naufrágio das civilizações*. Vetígio.

MBEMBE, Achille. (2018). *Necropolítica*. N-1

MEDEIROS FILHO, Barnabé (2018). *O GOLPE NO BRASIL E A REORGANIZAÇÃO IMPERIALISTA EM TEMPO DE GLOBALIZAÇÃO.* In: O Golpe de 2016 e a Educação no Brasil. P. 17-37. DOI - 10.29388/978-85-53111-28-2-0-f.5-26.

MEDRADO, Benedito et alii (2021). *Produção de conhecimento científico como ato de resistência política*. Psicologia & Sociedade, 33, e202133, pp. 1-9.

MONARI, Ana Carolina et al. (2021). *Legitimando um populismo anticiência: análise dos argumentos de Bolsonaro sobre a vacinação contra Covid-19 no Twitter.* Liinc em Revista, v. 17, n-1, e5707. http://doi.org?10.18617/liinc.v17i1.5707.

MORAES, Wallace (2020). *A Necrofilía Colonialista Outrocida no Brasil.* Revista Estudos Libertários (REL), URFJ, vol. 2 n. 3; Ed. Especial n. 1.

NASSER, Reginaldo (2021). *Palestina: Um Colonialismo por povoamento Sionista.* A Terra é redonda e eppur si muove.

NEMER, David (2020). *Desinformação no contexto da pandemia do Coronavírus (COVID-19).* AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento, 9(2), 113-116. DOI: 10.5380/atoz. v9i2.77227

PAES MANSO, Bruno (2020). *República das Milícias – Dos esquadrões da morte a era Bolsonaro.* Todavia.

PAIVA, Marcelo Rubens (2015). *Ainda estou aqui.* Alfaguara.

PAPPÉ, Ilan (2022). *Dez mitos sobre Israel.* Tabla.

PEIXOTO, João (2019). Da era das migrações ao declínio das migrações? A transição para a mobilidade revisitada. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/1980-85852503880005709 . Dossiê: Enfoques e perspectivas sobre mobilidade humana.

PIKETTY, Thomas (2021). *Pelo Socialismo!.* Temas e Debates.

_____, Thomas (2022). *Breve história da Igualdade.* Intrínseca.

PINI, André Mendes et el. (2023). *O Neopentecostalismo no Brasil e a convergência com a ultradireita no populismo reacionário de Jair Bolsonaro.* RICRI. Vol. 11. N. 21, 2023.

POMPÉIA, João Augusto & SAPIENZA, Bilê (2024). *Na presença do sentido.* EDUC.

PORTELLA, Sergio & Oliveira, Simone Santos (2020). *A naturalização da pandemia no Brasil.* Centro de Estudos Sociais de Coimbra. Observatório do Risco.

ROSA, Júlia G. L., LIMA, Luciana L. & AGUIAR, Rafael B. (2021). *Implementação de políticas públicas.* In: Políticas Públicas - Introdução. Jacarta.

ROSÁRIO, Luana (2020). *A Necropolítica Genocida de Bolsonaro em tempos de Pandemia e o Projeto Ultra-Neoliberal.* EW. Interd. Em Cult. E Soc. (RICS), São Luís, v. 6, n. 2, p. 28-49, jul/dez. 2020. ISSN eletrônico: 2447-6498.

SAID, Edward (1993). *Cultura e imperialismo.* Companhia de bolso.

SAPIENZA, Bilê (2013). *Do desabrigo à confiança – Daseinsanalyse e Terapia.* Escuta.

_____, Bilê (2015). *Encontro com a Daseinsanalyse: a Obra Ser e Tempo, de Heidegger, como fundamento da Terapia Daseinsanlítica.* Escuta.

SOUZA, Jessé (2020). *A guerra contra o Brasil: como os EUA se uniram a uma organização criminosa para destruir o sonho brasileiro.* Estação Brasil.

_____, Jessé (2022). *A ralé brasileira – quem é e como vive.* Civilização Brasileira.

SOUZA, Mateus Mendes (2018). *Revoluções Coloridas e o Golpe no Brasil em 2016.* Terra Livre. Ano 33, Vol. 2, n 51. P. 16-53.

STANLEY, Joason (2020). *Como funciona o fascismo. A política do "NÓS" e "ELES".* L&PM.

STEIN, Ernildo (2014). *Seis Estudos sobre Ser e Tempo.* Vozes.

TEMPORÃO, José G. (2003). *O Programa Nacional de Imunizações (PNI): origens e desenvolvimento.* História, Ciência, Saúde, v. 10 (suplemento 2):601-17, p. 601-617.

TRAVERSO, Enzo (2023). *As novas faces do fascismo – Populismo e extrema direita.* Âyiné.

VASCONCELOS, Cipriano & PASCHE, Dario F. (2006 a 2009). *O Sistema Único de Saúde.* In: Tratado de Saúde Coletiva. Hucitec e Fiocruz. p.531-562.

VIANNA, Rodrigo (2022). *De Lula a Bolsonaro – Combates na Internet, uma década de luta política no Brasil*. Kotter.

WILKINSON, Richard & PICKETT, Kate (2015). O nível: Porque uma sociedade mais igualitária é melhor para todos: Porque uma sociedade mais igualitária é melhor para todos. Civilização Brasileira.

ZANIN, Cristiano; VALIM, Rafael & ZANIN, Valeska. (2019). *Lawfare: Uma introdução*. Contracorrente.

ZIBLATT, Daniel & LEVITSKY. (2018). *Como as democracias morrem*. Editora Schwar.

Anexo I. “Webgrafia” e “Links Youtube”

Capítulo 2. Programa Nacional de Imunizações (PNI)

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, *Especial CNS no enfrentamento a Covid-19,* disponível em: http://conselho.saude.gov.br/especial-cns-no-enfrentamento-a-covid-19.

Erradicação da varíola há 50 anos no Brasil adotou técnicas usadas até hoje - 13/03/2021 - UOL VivaBem

Fiocruz libera primeira vacina Covid-19 nacional

GOVERNO FEDERAL, *Porcentagem de vacinados no Brasil,* disponível em:, Brasil tem 80% da população alvo com duas doses de vacina contra a Covid-19 (www.gov.br)

ONU marca 40 anos de erradicação da varíola | ONU News

SENADO FEDERAL, Histórico do *Relatório CPI da Covid19, disponível em:* Relatório da CPI da Pandemia - Atividade Legislativa - Senado Federal RelatorioFinal 20.10 9h.pdf.

Varíola: a única doença humana erradicada no planeta - Invivo (fiocruz.br),

Brasil deixa lista dos 20 países com mais crianças não vacinadas | Agência Brasil (ebc.com.br)

Capítulo 3. Gestão Anticiência

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, *Especial CNS no enfrentamento a Covid-19,* disponível em: http://conselho.saude.gov.br/especial-cns-no-enfrentamento-a-covid-19

Erradicação da varíola há 50 anos no Brasil adotou técnicas usadas até hoje - 13/03/2021 - UOL VivaBem

Fiocruz libera primeira vacina Covid-19 nacional

GOVERNO FEDERAL, *Porcentagem de vacinados no Brasil,* disponível em:, Brasil tem 80% da população alvo com duas doses de vacina contra a Covid-19 (www.gov.br)

ONU marca 40 anos de erradicação da varíola | ONU News

SENADO FEDERAL, Histórico do *Relatório CPI da Covid19, disponível em:* Relatório da CPI da Pandemia - Atividade Legislativa - Senado Federal , acesso em 15 de maio de 2022 e relatório final em: RelatorioFinal 20.10 9h.pdf

Brasil deixa lista dos 20 países com mais crianças não vacinadas | Agência Brasil (ebc.com.br)

SENADO FEDERAL (2021). Saiba mais sobre os crimes listados pela CPI da Pandemia — Senado Notícias

Cronologia aponta 2007 como início da 'aliança' entre Bolsonaros e as milícias – Política – CartaCapital

Capítulo 4. Resistência

BOLSONARO ENTREVISTA (2018). Youtube.

BOLSONARO DISCURSO SEGUNDO TURNO – AVENIDA PAULISTA (2018).Youtube.

BOLSONARO QUER EXTINGUIR O SUS - Bolsonaro quer fim do SUS como política universal, diz ex-ministro (redebrasilatual.com.br)

BRASIL 247. Brasil 247 - O que acontece, por que acontece. 24 horas por dia, sete dias por semana. Consultado em 21/7/2024.

BRIZOLA APRESENTA RESISTENCIA ARMADA EM PROL DA POSSE DE JANGO (2024). Morto há 20 anos, Brizola liderou resistência armada e evitou golpe militar em 1961 — Senado Notícias

CANAL HENRY BUGALHO. Youtube. Consultado em 21/7/2024

CENTRO DE ESTUDOS BARÃO DE ITARARÉ. Barão de Itararé - Barão de Itararé (baraodeitarare.org.br). Consultado em 21/7/2024

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS (1948). Declaração Universal dos Direitos Humanos (unicef.org). Consultada em 19/07/2024.

DILMA INOCENTADA NO TRF1 (2023). Após TRF-1 arquivar ação contra Dilma por 'pedaladas fiscais', PT e líderes do governo buscam 'reparação' | Política | G1 (globo.com)

DISCURSO JANGO CENTRAL DO BRASIL 1964. EBC | Discurso de Jango na Central do Brasil em 1964

ICL NOTÍCIAS. ICL Notícias - Jornalismo Independente (iclnoticias.com.br). Consultado em 19/07/2024.

INSTITUTO CONHECIMENTO LIBERTA. Instituto Conhecimento Liberta - Seja Membro (icl.com.br). Consultado em 19/07/2024.

JATENE, Cristiane (2024). Artigo: Mostra Mundo Árabe e reflexões sobre a Palestina (icarabe.org.br)

RELATÓRIO FINAL “OPERAÇÃO SPOOFING” (2019). Relatório Final operação Spoofing | PDF (slideshare.net)

SENADO FEDERAL (2021). Relatório da CPI da Covid-19. Disponívelem:https://legis.senado.leg.br/comissoes/mnas?codcol=2441&tp=4 Consultado em 09/05/2022.

SUPERIOR TRIBUNAL FEDERAL (2022). Anulação processo Luiz Inácio Lula da Silva - Lava Jato. Supremo Tribunal Federal (stf.jus.br) consultado em 19/07/2024

VAZA A JATO (2019). Tudo sobre as mensagens secretas da Lava Jato (intercept.com.br)

Bolsonaro vai pedir autorização a Moraes para ir a Israel – CartaExpressa – CartaCapital

Por que o Brasil tem a população mais ansiosa do mundo | Saúde | G1 (globo.com)

Consórcio de veículos de imprensa completa 500 dias de trabalho colaborativo | Política | G1 (globo.com)

Os 'documentos secretos' levados por Joe Biden ao Brasil que desafiam versão de Bolsonaro sobre ditadura - BBC News Brasil

30 anos da Lei da Anistia ampla, geral e irrestrita | SECOM - Secretaria de Comunicação (ufg.br)

Tarcísio e Caiado se reúnem com Netanyahu em Israel e pedem desculpas por fala de Lula – Política – CartaCapital

Vacinação contra o coronavírus: Chip na vacina, “virar jacaré” e outros mitos criam pandemia de desinformação na luta contra a covid-19 | Atualidade | EL PAÍS Brasil (elpais.com)

"Pouco importa se Kamala é uma mulher negra. Ela vai manter as guerras", diz Paulo Nogueira Batista Júnior | Brasil 247

https://youtu.be/0D-3j2Gt-HA?si=7jYR59CuzKCgjIkw (Canal Bob Fernandes “Bolsonaro, semente do Fascismo”)

Conversa Afiada (Site e Canal do Jornalista Paulo Henrique Amorim)

https://baraodeitarare.org.br/

Bolsonaro vai pedir autorização a Moraes para ir a Israel – CartaExpressa – CartaCapital

Por que o Brasil tem a população mais ansiosa do mundo | Saúde | G1 (globo.com)

Consórcio de veículos de imprensa completa 500 dias de trabalho colaborativo | Política | G1 (globo.com)

Os 'documentos secretos' levados por Joe Biden ao Brasil que desafiam versão de Bolsonaro sobre ditadura - BBC News Brasil

30 anos da Lei da Anistia ampla, geral e irrestrita | SECOM - Secretaria de Comunicação (ufg.br)

Tarcísio e Caiado se reúnem com Netanyahu em Israel e pedem desculpas por fala de Lula – Política – CartaCapital

Vacinação contra o coronavírus: Chip na vacina, "virar jacaré" e outros mitos criam pandemia de desinformação na luta contra a covid-19 | Atualidade | EL PAÍS Brasil (elpais.com)

Capítulo 5. Ações de resistência - Entrevistas

Tribunal internacional condena Bolsonaro por crimes contra humanidade (uol.com.br)

Ações fecham cerco contra Bolsonaro e caso em Haia caminha para ser aceito - 01/05/2023 - UOL Notícias

Considerações Finais

Indicadores dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável - Brasil (odsbrasil.gov.br)

Anexo VIII - Depoimento da pesquisadora

Comissões da Verdade — Arquivo Nacional Â» MemÃ³rias Reveladas

Bolsonaro cuspiu no busto de Rubens Paiva — Conversa Afiada

'Ainda Estou Aqui' em busca de seu 36º prêmio

Anexo X – Contextos: Local e Internacional

Delegacia da Mulher – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org)

G1 - Manifestantes fazem atos a favor do governo Dilma, Lula e PT - notícias em Política (globo.com)

Reforma trabalhista: leia íntegra do texto sancionado - Congresso em Foco (uol.com.br)

Após cortes de Temer em 2017, programa Farmácia Popular deixa de atender 7 milhões de pessoas | INFOSAJ

Lula recebe título de cidadão honorário de Paris – Política – CartaCapital

Como Trump e o Brexit ajudaram a cunhar a 'palavra do ano' escolhida pelo dicionário Oxford - BBC News Brasil

'Aquarius', cujo elenco denunciou golpe em Cannes, recebe prêmio de melhor filme no festival de Sydney - Opera Mundi (uol.com.br)

https://www.jb.com.br/artigo/noticias/2018/04/27/o-brasil-de-apenas-dois-partidos.html?fbclid=IwY2xjawEwfZlleHRuA2FlbQIxMAABHUACgMfU3BFb_XA87GprTzhFuR0tqtGHR0kHoV4xhcanGO5fIylWZaVYpw_aem_MqmRipRnDF_YKXAdcOkyyg

Decisão do comitê da ONU não garante a Lula direito de concorrer, afirma jurista - BBC News Brasil

O Brasil de apenas dois partidos (jb.com.br)

#EleNão: A manifestação histórica liderada por mulheres no Brasil vista por quatro ângulos - BBC News Brasil

INÍCIO | Instituto E Se Fosse Você? (esefossevoce.org)

Eleições EUA 2020: Era Trump, o balanço político de quatro anos frenéticos | Internacional | EL PAÍS Brasil (elpais.com)

Trump's false or misleading claims total 30,573 over 4 years - The Washington Post

Trump sugeriu: NY tem 30 chamados por ingestão de desinfetante | Metrópoles (metropoles.com)

Manifestantes fazem atos contra Bolsonaro e a favor da vacina; FOTOS dos protestos pelo Brasil | Política | G1 (globo.com)

Supremo Tribunal Federal (stf.jus.br)

Supremo Tribunal Federal (stf.jus.br)

https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/04/28/comite-da-onu-conclui-que-lula-teve-direitos-politicos-violados-pela-lava-jato-e-que-moro-foi-parcial.ghtml?fbclid=IwY2xjawEwfW9leHRuA2FlbQIxMAABHQgeH5PzqZ7YcvhQyG2k48m

https://www.jb.com.br/artigo/noticias/2018/04/27/o-brasil-de-apenas-dois-partidos.html?fbclid=IwY2xjawEwfZlleHRuA2FlbQIxMAABHUACgMfU3BFb_XA87GprTzhFuR0tqtGHR0kHoV4xhcanGO5fIylWZaVYpw_aem_MqmRipRnDF_YKXAdcOkyyg

Decisão do comitê da ONU não garante a Lula direito de concorrer, afirma jurista - BBC News Brasil

O Brasil de apenas dois partidos (jb.com.br)

#EleNão: A manifestação histórica liderada por mulheres no Brasil vista por quatro ângulos - BBC News Brasil

INÍCIO | Instituto E Se Fosse Você? (esefossevoce.org)

Eleições EUA 2020: Era Trump, o balanço político de quatro anos frenéticos | Internacional | EL PAÍS Brasil (elpais.com)

Trump's false or misleading claims total 30,573 over 4 years - The Washington Post

Trump sugeriu: NY tem 30 chamados por ingestão de desinfetante | Metrópoles (metropoles.com)

Manifestantes fazem atos contra Bolsonaro e a favor da vacina; FOTOS dos protestos pelo Brasil | Política | G1 (globo.com)

SUSPEIÇÃO DE MORO (STF) - Supremo Tribunal Federal (stf.jus.br)

ANULAÇÃO CONDENAÇÕES LULA (STF)- Supremo Tribunal Federal (stf.jus.br)

https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/04/28/comite-da-onu-conclui-que-lula-teve-direitos-politicos-violados-pela-lava-jato-e-que-moro-foi-parcial.ghtml?fbclid=IwY2xjawEwfW9leHRuA2FlbQIxMAABHQgeH5PzqZ7YcvhQyG2k48m

Links Youtube

BOLSONARO ENTREVISTA (1999).- Entrevista Youtube.

BOLSONARO DISCURSO SEGUNDO TURNO (2018) – AVENIDA PAULISTA (2018). Youtube.

BOLSONARO QUER EXTINGUIR O SUS - Bolsonaro quer fim do SUS como política universal, diz ex-ministro (redebrasilatual.com.br)

BRASIL 247. Brasil 247 - O que acontece, por que acontece. 24 horas por dia, sete dias por semana. Consultado em 21/7/2024.

BRIZOLA APRESENTA RESISTENCIA ARMADA EM PROL DA POSSE DE JANGO (2024). Morto há 20 anos, Brizola liderou resistência armada e evitou golpe militar em 1961 — Senado Notícias

CANAL HENRY BUGALHO. Youtube. Consultado em 21/7/2024

CENTRO DE ESTUDOS BARÃO DE ITARARÉ. Barão de Itararé - Barão de Itararé (baraodeitarare.org.br). Consultado em 21/7/2024

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS (1948). Declaração Universal dos Direitos Humanos (unicef.org). Consultada em 19/07/2024.

DILMA INOCENTADA NO TRF1 (2023). Após TRF-1 arquivar ação contra Dilma por 'pedaladas fiscais', PT e líderes do governo buscam 'reparação' | Política | G1 (globo.com)

DISCURSO JANGO CENTRAL DO BRASIL 1964. EBC | Discurso de Jango na Central do Brasil em 1964

ICL NOTÍCIAS. ICL Notícias - Jornalismo Independente (iclnoticias.com.br). Consultado em 19/07/2024.

INSTITUTO CONHECIMENTO LIBERTA. Instituto Conhecimento Liberta - Seja Membro (icl.com.br). Consultado em 19/07/2024.

RELATÓRIO FINAL “OPERAÇÃO SPOOFING” (2019). Relatório Final operação Spoofing | PDF (slideshare.net)

SENADO FEDERAL (2021). Relatório da CPI da Covid-19. Disponívelem:https://legis.senado.leg.br/comissoes/mnas?codcol=2441&tp=4 Consultado em 09/05/2022.

SUPERIOR TRIBUNAL FEDERAL (2022). Anulação processo Luiz Inácio Lula da Silva - Lava Jato. Supremo Tribunal Federal (stf.jus.br) consultado em 19/07/2024

VAZA A JATO (2019) . Tudo sobre as mensagens secretas da Lava Jato (intercept.com.br)

Anexo II. Filmografia

Sobre a participação dos EUA no Golpe de 1964:

UM DIA QUE DUROU VINTE E UM ANOS (2013). Youtube.

Sobre junho de 2013:

ECOS DE JUNHO (2023). Globoplay.

JUNHO O MÊS QUE ABALOU O BRASIL (2014). Amazon Prime.

VERSÕES DE JUNHO. Carta Capital (Canal Youtube).
EPISÓDIO 1: VINTE CENTAVOS OU ALÉM? (2023).
EPISÓDIO 2: A SEMENTE DO BOLSONARISMO? (2023)

Sobre oposição Identitários e Reacionários/Fascistas

ENTRE HOMENS DE BEM ((2016). Globoplay

Sobre o "Lawfare" da "Lava-jato"

AMIGO SECRETO (2022). Globoplay.

Sobre a ruptura democrática:

EXCELENTISSIMOS (2018). Vivo Play.

DEMOCRACIA EM VERTIGEM (2019). Netflix.

O PROCESSO (2018). Vimeo

Sobre os valores, funcionamento (técnicas) e ações da extrema direita contemporânea, no Brasil:

EXTREMISTAS.BR (2023). Globoplay.

QUEBRANDO MITOS (2022) Youtube

Sobre o uso mundial das redes e dos algorítimos:

PRIVACIDADE HACKEADA (2019) Netflix
O DILEMA DAS REDES (2019). Netflix.

Sobre a tentativa violenta de golpe de estado em 8 de janeiro de 2023:

8 DE JANEIRO – A DEMOCRACIA RESISTE (2024). Globoplay

Depoimento da pesquisadora (Anexo VIII)

“E AGORA, AONDE VAMOS?” (2011).

“AINDA ESTOU AQUI” (2024)

Anexo III. Pré-pesquisa

Nesta abordagem, é necessário realizar uma pré-pesquisa. Embora a pesquisadora tivesse em "sua posição prévia, visão prévia e horizonte prévio" (Heidegger, 2007) conhecimento da História do Brasil, pontos relevantes, trazidos pela contemporaneidade, apresentavam-se velados[175].

Partindo dos conhecimentos sobre contemporaneidade ligados ao fenômeno, foi necessário retomar o histórico da República Brasileira[176].

---

[175] *"Guerras Híbridas"* (utilização de meios não bélicos - jurídicos e "populares" para trocar governos eleitos por governos alinhados aos interesses estadunidenses), manifestadas nos itens a seguir em itálico: *"Lawfare"* (uso do Judiciário para fins políticos com colaboração da mídia), *"Revoluções Coloridas"* (utilizar manifestações genuinamente populares, para infiltrar grupos financiados pelos EUA para desestabilizar governos), *"Soft Coup"* (Golpe de estado feito por dentro das instituições democráticas, como se a institucionalidade estivesse funcionando. Forma de derrubar governos eleitos e substituí-los por projetos políticos não validados nas urnas), *"Fake News"* (desinformação específica, que pega algum dado da realidade e cria uma mentira capaz de inventar uma "realidade", alimentada diariamente para grupos que as consomem criando contingentes enormes de pessoas que vivem num mundo à parte da realidade compartilhada). A disseminação sistemática de desinformação é uma forma de minar o debate político, que deve ser baseado em fatos, compartilháveis com toda a comunidade social, e apresentação de projetos políticos para solução de assuntos públicos/comunitários (Saúde, Educação, Mobilidade, Moradia, Segurança Pública). O debate de ideias e de projetos políticos possibilitaria a vivência e as disputas eleitorais democracias, impossível sem esse debate. Minar o debate político é favorecer projetos políticos autoritários. O uso de *"Algoritmos"* nas redes sociais (forma de criar "bolhas" de opinião, fazendo com que os usuários se alimentem apenas de conteúdos que se coadunem com suas preferencias, outra forma de minar o debate democrático e plural). Ao conhecer esses aspectos, foi necessário estudar, *na forma como se manifestam na contemporaneidade,* "Extrema Direita/Fascismo", "Estado de Bem-estar Social", "Liberalismo-Neoliberalismo-Ultraliberalismo", "Colonialismo".

[176] Os *golpes no estado democrático de direito*, *os atrasos na construção do estado de bem-estar social*, *os intervalos entre golpes, períodos de construção de um país avançado, democrático e soberano*. Incluir *a contemporaneidade,* como *continuidade dos dois veios históricos que existem na história brasileira, o militar-oligárquico em pactuação com o imperialismo estadunidense e o progressista*, libertário, democrático, soberanista, antirracista, antimachista, plural, *aceite como riqueza e não como problema o Brasil ser um país multiétnico, multirreligioso e multicultural.*

São estes elementos[177], junto com os conceitos teóricos, a historiografia, os documentários, os documentos oficiais, as notícias, as entrevistas e a vivência da pesquisadora que nos possibilitarão produzir um *desvelamento possível* do fenômeno "resistência social pró-ciência".

[177] Esses pontos não são foco principal, mas conhecê-los era necessário para *desvelar nosso tema*.

Anexo IV. Contextos – Local e Internacional

O território da pesquisa é o Brasil, num mundo globalizado e hiperconectado[178]. O território torna-se um "espaço" para além das fronteiras do Brasil.

Local

A frase citada na abertura das *Considerações Iniciais*, "No Brasil só há dois partidos. O Partido de Tiradentes e o Partido de Silvério dos reis", menciona dois personagens da História.

Ao conhecermos tais personagens históricos, Tiradentes e Silvério dos Reis, da referida citação, e seus posicionamentos diante do Brasil e da Coroa Portuguesa, adquirimos um "guia" da História da República Brasileira[179].

A frase mostra que no Brasil há dois grupos políticos: os que querem um país soberano (Partido de Tiradentes) e os que não se importam que o Brasil seja entregue a comandos externos (Partido de Silvério dos Reis)[180].

Há continuidade dessas bases. Tanto a extrema direita quanto a direita republicana são privatistas e neoliberais[181] *num país que ainda precisa diminuir desigualdades, através da ação estatal, com políticas públicas,* para ser uma democracia próxima da plenitude. O segundo grupo não tem hesitado, durante a história do Brasil, em recorrer a expedientes anticonstitucionais, como ocorreu nos golpes de 1964 e de 2016, ou em aderirem a projetos

[178] "Globalizado" o mundo sempre foi, mas hiperconectado, e em tempo real, é a primeira vez.

[179] A divisão do Brasil nesses dois "partidos", que nunca existiram como "partidos políticos", de fato, é valiosa simbologia sobre dois projetos de Brasil, desde antes da Proclamação da República.

[180] Desde que esses *entreguistas*, como são denominados popularmente, ganhem com isso, mesmo que a maioria da população perca e o país atrase seu desenvolvimento tecnológico, educacional, científico e a implementação do estado social. É uma faceta do colonialismo interno. A falta de projeto coletivo para o Brasil e o foco em ganhos pessoais e grupais, mesmo que o país como um todo e a maioria da população seja prejudicada.

[181] Embora esses grupos sejam beneficiários de isenções fiscais e contrários a Justiça Tributária.

autoritários, de extrema direita, como ocorreu em 2018. Apoiados por grupos internacionais *desinteressados no progresso do Brasil e interessados num Brasil fornecedor de matéria-prima, uma fazenda para que os países do Ocidente se desenvolvam e a população brasileira seja mão de obra barata, especialmente os decentes dos escravizados.* O Brasil tem os seguintes grupos populacionais: povos originários, descendentes de imigrantes europeus que chegaram com a colonização portuguesa, descendentes de imigrantes europeus que vieram substituir a mão de obra escravizada, descendentes dos escravizados e os imigrantes que vieram livremente, majoritariamente no final do século XIX e início do século XX, para construir um "novo mundo", dentre estes há descendentes de: estadunidenses, europeus de várias regiões da Europa, orientais (japoneses e chineses), árabes, judeus (europeus e árabes), entre outros grupos étnicos[182]. *Os imigrantes voluntários* são os que, de forma geral, tem apreço pelo Brasil com essa configuração multipla[183] e passaram esse afeto e o compromisso para com o país aos seus descendentes, porque *escolheram ser brasileiros*. O "Brasil"[184], com esse nome, existe através dessa configuração, com grupos que estavam no território e que aportaram no território, involuntária ou voluntariamente.

Trata-se da *escolha entre um colonialismo "modernizado"*, ou seja, em tese o Brasil seria soberano, mas negociaria com os países ocidentais em bases assimétricas, numa posição inferior (Partido de Silvério dos Reis), *e uma nação soberana* que negocia em bases simétricas com países ocidentais (Partido de Tiradentes).

[182] São grupos diversos, que ao longo de pouco mais de 500 anos de História, período absolutamente curto em termos históricos, têm tido que criar convivência e uma identidade cultural que faça com que todos sintam-se e sejam vistos como "brasileiros". Um percurso difícil e complexo e que vem sendo ainda mais dificultado pelo avanço do fascismo, aliado aos valores do neoliberalismo aplicados à todas as esferas da vida, favorecendo o individualismo e separatividade, e pela forma de luta divisionista do identitarismo.

[183] Os indígenas embora amem e tenham compromisso com o país, já viviam no território com outra configuração e outro nome.

[184] Um país jovem em termos históricos e ainda em construção, intermitente, já que os países imperialistas, especialmente os EUA, interrompem, de tempos em tempos, com a colaboração de "brasileiros entreguistas", esta construção.

A partir da referida frase, vamos utilizar alguns **"slogans"** da *resistência social iniciada no processo de "impeachment" da presidenta Dilma Rousseff, em 2016, que é base de sustentação da "resistência social pró-ciencia" durante a pandemia.* Não voltaremos à "Inconfidência Mineira", no Brasil Colonial, para falarmos dos personagens Tiradentes e Silvério dos Reis, nem voltaremos à fundação da Petrobrás, por Getúlio Vargas, em 1953, (campanha "O petróleo é nosso"), voltaremos à 2016.

O ano de 2016 começou em junho de 2013 ("Jornadas de Junho" – Revolução Colorida) e seguiu para 2014 (início da "Operação Lava Jato" – "Lawfare"). *Nosso tema "a resistência social pró-ciência contra a gestão anticiência da pandemia Covid-19" está inserido na resistência que teve início em 2016, contra o golpe midiático-jurídico-parlamentar disfarçado de "impeachment".*

Acessaremos o contexto local da resistência, através de **palavras de ordem** criadas pela sociedade, de 2016 até 2021.

- **"Não vai ter golpe" (2016)**: Em 2016, quem sabia um pouco de História do Brasil sabia que estava em curso *mais um golpe de estado* (Borges, 2022). Com alvo a presidenta Dilma Rousseff, por um processo de "impeachment"[185]. O deputado federal pelo Rio de Janeiro, Glauber Braga diz, na votação do "impeachment", sobre a sessão, "uma farsa, "presidida por gangster" e o deputado Jean Willys diz, "uma farsa sexista" ("Democracia em Vertigem", Netflix, 2019). O "slogan" das manifestações populares era "Não vai ter golpe". **Teve.** A presidenta foi deposta e o programa de governo neoliberal, derrotado nas urnas por quatro

[185] O presidente da Câmara Federal, um evangélico neopentecostal, estava denunciado por corrupção e queria apoio da presidenta para que não fosse denunciado no Conselho de Ética da Câmara. O apoio foi negado e imediatamente o processo de "impeachment" foi aberto. O vice-presidente da República era do mesmo partido do presidente da Câmara e conseguiriam o poder, apoiados pelo PSDB, partido do candidato derrotado por Dilma, em 2014 (e que o PT havia derrotado nas urnas em 2002, 2006, 2010 e 2014). A partir daí, o projeto politico derrotado pelo povo nas urnas, começou a ser implementado no país.

eleições seguidas, passou a ser a diretriz governamental, exemplos da sua implementação são a "Reforma Trabalhista" (Congresso em Foco, 2017) e o desmonte de vários programas sociais como o "Farmácia Popular" (Infosaj, 2019). A relação de medicamentos distribuídos gratuitamente para doenças crônicas foi reduzida drasticamente.

- **"Fora Temer" (2016-2018)**: Michel Temer[186], vice-presidente, assumiu a presidência da república, em 2016, passou a governar, sem legitimidade popular. Houve denúncia do golpe em curso, nas ruas do Brasil e em manifestações de todas as espécies, como do elenco do filme brasileiro "Aquarius", no Festival de Cannes de 2016 (Opera Mundi, 2016). **Temer ficou** até o final do mandato, em dezembro de 2017. Chegou a ser preso por corrupção e solto em seguida. Todos os manifestantes indignados pelas denúncias de corrupção do governo Dilma não se manifestaram em nenhum momento. Como Temer, Aécio Neves, o candidato derrotado por Dilma em 2014, foi pego em gravações divulgadas de explicita corrupção, sem consequências. ("Democracia em vertigem", Netflix, 2019).

- **"Lula livre" (2018-2019)**: A deposição de Dilma Rousseff não encerrava o golpe. Tirá-la do poder, e ao PT, e permitir que Luiz Inácio Lula da Silva fosse eleito em 2018 não estava nos planos dos golpistas. Lula era o primeiro colocado em todas as pesquisas de intenção de voto.

Foi criado um processo fraudulento, sem provas, contra Lula, como ficou comprovado em 2019 pela "Operação Spoofing", da Polícia Federal e pelos processos que o inocentaram e declararam a suspeição do juiz, no Superior Tribunal Federal (STF, 2021). Diante dessa perseguição, a palavra de ordem era "Lula Livre"[187]. Antes da prisão, partidários queriam que Lula se abrigasse em uma embaixada ou em outro país, para denunciar o que estava em curso no Brasil, mas ele afirmava sua inocência e decidiu se entregar para prová-la. Sem o vazamento dos diálogos dos membros da "Operação Lava Jato", poderia ter permanecia preso por mais

[186] Advogado constitucionalista, tradicional quadro da Política Nacional, criador da "Delegacia de Defesa da Mulher", em 1985, no final da ditadura, época na qual os governadores já eram eleitos pelo voto popular, quando foi secretário de Justiça do Estado de São Paulo. (Wikipédia).

[187] Inclusive em manifestações na Argentina. (Brasil 247, 2018).

tempo, a despeito do processo na ONU, denunciando a prática de "lawfare" pelo Judiciário Brasileiro, e através do qual a Comissão de Direitos Humanos da ONU concluiu, em 2022, que os direitos de Lula haviam sido violados pela "Operação Lava Jato" (G1, 2022). Em 2018, o Comitê de Direitos Humanos da ONU havia concedido a Lula o direito de se candidatar mesmo preso, reconhecendo sua prisão política, a Justiça Brasileira não acatou (BBC, 2018)[188].

- **"Ele não" (primeiro turno das eleições de 2018)**: Houve um movimento feminino, abraçado pelos homens, que gerou um dia de manifestações por todo o país, o movimento era: vote em quem você quiser, menos no candidato da ditadura. Manifestações enormes aconteceram em 114 cidades do Brasil e em Lisboa, Paris, Nova Iorque. Em São Paulo, a manifestação reuniu 100 mil pessoas (BBC, 2018). Através de mentiras e 'fake news" sobre as manifestações, o movimento pareceu ter tido efeito contrário[189]. **"Ele" foi ao segundo turno e venceu** o candidato do PT, que teve apenas 40 dias de campanha, Fernando Haddad, ex-ministro da Educação, ex-prefeito de São Paulo, intelectual, professor da USP[190].

- **"Se apologia a tortura não causa repulsa ao seu coração, qualquer outro argumento é inútil" (segundo turno das eleições de 2018)**: "Slogan" empregado à exaustão pelos progressistas, no segundo turno das eleições, em relação à apologia da tortura que o candidato da extrema direita sempre fez, durante toda sua vida pública. A apologia da tortura não causou repulsa a milhares de eleitores que o elegeram presidente do Brasil, tendo um militar como vice.

[188]Lula, ao sair da prisão, recebeu, em mãos, na companhia de Dilma Rousseff e Fernando Haddad, o título de cidadão parisiense, que havia sido concedido pela Câmara Municipal de Paris, durante sua prisão. O título é destinado a presos políticos. (Carta Capital, 2019).

[189] Mulheres que não haviam participado nas ruas do movimento social "Diretas, já!", em 1984, que exigia a volta das eleições diretas para presidente e que teve enorme penetração social, passaram a utilizar as redes sociais para combaterem "Ele não", utilizando "Sou mulher e voto em quem eu quiser".

[190] Haddad teve poucos dias de campanha, menos de 40 dias, porque tentou-se até o limite que a candidatura de Lula fosse permitida. Mesmo com poucos dias de campanha, foi ao segundo turno do pleito, quando obteve perto de 45 milhões de votos.

- **“Se fere minha existência, serei resistência”; “Às vezes, antissocial, sempre antifascista”; “Ninguém solta a mão de ninguém” (2018-2020)**: Assim que o candidato de extrema direita venceu as eleições, num clima pesado de “velório da democracia”, as redes sociais de democratas foram “inundadas” por esses dizeres.

Este foi o percurso até chegarmos ao nosso último “slogan”, durante a pandemia Covid-19.

- **“Se o povo sai às ruas para se manifestar durante a pandemia é porque o governo é mais perigoso que o vírus” (2021)**: O povo, cansado de não ter vacina por escolha de um governo que presava a morte, capitaneado pelas torcidas organizadas de futebol, iniciadores do movimento, decide colocar a máscara no rosto e sair às ruas pedindo vacina. O “slogan” expressava o sentimento nacional: *o governo é mais perigoso que o vírus, em seu poder de aniquilar vidas* (G1, 2021).

Internacional

Em 2016, o mundo assistiu surpreso a eleição de um extremista de direita para presidente dos EUA, que passou a definir “mentira” como “pós-verdade” (BBC, 2016). Eleito, passou a ter presença diária nas redes sociais e contou mais de 30 mil mentiras durante seu mandato (Washington Post, 2021)[191].

O nome de seu mentor, Steve Bannon (Da Empoli, 2020), foi divulgado, seus métodos e a “transformação” das pessoas (Applebaum, 2021)

O movimento de extrema direita chegava ao poder. Também na Itália, na Inglaterra, com o “Brexit” e, *saberíamos depois*, no Brasil e na Argentina.

Os métodos têm *no meio de transmitir a mensagem*, as redes sociais, uma arma importante (“Privacidade Hackeada”, Netflix, 2018). Em cada país a rede social escolhida é uma, de acordo

[191] Trump imitou um jornalista com limitações motoras, agrediu verbalmente repórteres, prendeu crianças em jaulas, filhos de imigrantes, separando pais e filhos, e mais uma gama de ações incongruentes com a condução de um país que se considera a grande democracia do mundo, apesar das enormes desigualdades sociais (El País, 2021).

com especificidades locais. *A mensagem*, disseminação de desinformação, difamação dos adversários, através de "fake News", e *morte do centro* para minar as discussões e levar as pessoas para extremos, e especialmente para *o extremo da direita*, é arma importante (Da Empoli, 2020). *Esse meio e essa mensagem representam a morte do debate político e a criação de núcleos fechados de desinformação, para formar eleitores através dos afetos*, principalmente medo e ódio, *e não através da formação política e pelo saudável debate de ideias e projetos políticos* (Da Empoli, 2020; Applebaun, 2021; "Privacidade Hackeada", 2018). Este método já está consolidado e o avanço da extrema direita é inegável. Nos EUA, na Europa, e na América do Sul, em países que pareciam estar distantes de qualquer guinada à extrema direita e ao autoritarismo, como EUA, Portugal, Brasil e Argentina.

Em 2019, vem a público o documentário "Privacidade hackeada" (Netflix, 2019) que mostra a ação da "Cambridge Analitycs" na manipulação dos usuários das redes sociais e sua influência na vitória do "Brexit" e de Trump.

Em 2020, o livro do pesquisador italiano Giuliano Da Empoli, "Os engenheiros do caos" (Da Empoli, 2020) explica a organização do "The Moviment", movimento internacional de extrema direita, arquitetado por Steve Bannon. Hoje, são inúmeros os estudos e reportagens que já tem como estabelecidos o contorno dos métodos da extrema direita mundial, toda conectada num movimento único, embora o movimento se diga contra o que denomina de "Globalismo".

No Brasil, em 2018, Manuela D'Ávila[192] foi a primeira a denunciar o uso de mentiras para difamar pessoas nas redes sociais (D´Avila, 2019), pois foi vítima preferencial. Era um

[192] Política e pesquisadora gaúcha, que já havia sido vereadora, deputada estadual e federal e que abdicou de sua candidatura, pelo PC do B, para ser candidata à vice-presidenta na chapa de Fernando Haddad. Manuela D´Ávila vem se dedicando socialmente, politicamente e academicamente, a denunciar e explicar o fenômeno. Escreveu três livros sobre o tema, após as eleições de 2018, e fundou o instituto "E se fosse você?" (IESV, 2018) dedicado ao combate de desinformação e a formar cidadãos para aprenderem a identificar e combaterem esse perigoso expediente que vem contaminando o ambiente das disputas políticas.

fenômeno desconhecido e demorou para o grande público e políticos experimentados compreenderem a gravidade do fenômeno.

A disseminação de desinformação é um expediente sociopolítico perigoso como a pandemia no Brasil provou. A disseminação de desinformação em Saúde Pública pode prejudicar a saúde e até matar. Nos EUA, trinta estadunidenses ingeriram desinfetante depois de Trump dizer que o desinfetante prevenia a Covid-19 (Metrópoles,2020).

No Brasil, a extrema direita que teve sua ascensão facilitada pela deposição de Dilma e pela prisão de Lula, é ligada ao "The Moviment", utilizadora dos métodos de Steve Bannon com o uso, entre outros expedientes, de disseminação de "fake news". De acordo com Borges (2022), as fraudes eleitorais ocorridas no início da República, voltaram agora com as "fakes news", já que a disseminação massiva e diária de desinformação é uma forma de fraudar o processo eleitoral que deixa de ser feito a partir da confrontação de projetos políticos claros e que discutam os problemas que são atribuição do estado[193].

[193]Os principais membros de grupos como "Movimento Brasil Livre-MBL", "Vem pra rua" (participes das "Jornadas de Junho") e o juiz, sua esposa (advogada) e o procurador da "Operação Lava Jato", bem como a advogada que fez o processo de "impeachment" candidataram-se a cargos públicos, depois da deposição do PT. O juiz da "Lava Jato", que sempre afirmou não ter pretensões políticas, depois de prender Lula, sem provas, aceitou ser ministro da Justiça do governo vencedor, em 2018 e, a seguir, elegeu-se senador da República e sua esposa elegeu-se deputada federal por São Paulo, sendo que ambos sempre viveram no Paraná. Todas essas pessoas foram eleitas vinculadas a partidos de extrema direita e são alinhadas com os EUA.

Anexo V. Gestão Anticiência[194]

Em 2018, parte da população brasileira foi apresentada a um projeto de extrema direita, cujo símbolo da campanha era uma metralhadora apontada (DCM, 2018)[195].

Outra parte da população, entretanto, já havia sido cooptada, há um bom tempo, descobriu-se em 2018, a partir do número de eleitores que levou a extrema direita ao poder, 57,7 milhões de votos (Agência Brasil, 2018)[196].

De acordo com Giuliano Da Empoli (2020), faz parte da prática do fascismo contemporâneo o uso das redes sociais para minar o campo central, solo de debate político, empurrando os cidadãos para extremos, através de desinformação que favorece os afetos de medo e o ódio, além de tirar o foco de temas próprios do debate político para focar na difamação dos adversários políticos, passando a tê-los como inimigos e, no Brasil, a rede mais utilizada foi o "Whatsapp"[197].

---

[194] Este anexo e capítulo três sobre a "Resistência" serão mais bem compreendidos com a leitura do Anexo IV que apresenta os contextos, local e internacional, nos quais surgiram a gestão anticiência e a resistência contra esta gestão.

[195] Essa metralhadora tinha dois alvos principais, o grupo político que havia governado o país por treze anos, Partido dos Trabalhadores (PT), um partido de centro esquerda, trabalhista e partidos aliados, bem como as assim chamadas "minorias" (pretos, indígenas, mulheres, LGBTQIA+, nordestinos), grupos socialmente oprimidos historicamente, mas maioria em termos numéricos.

[196]Grande parte deste contingente integrava grupos de "Whatsapp", que viviam num "(sub)mundo próprio", repleto de desinformação bem embaladas e apresentadas, estimulando ódio e medo, que culminariam na tentativa de golpe de estado em de 8 de janeiro de 2023, com a destruição da Praça dos Três Poderes em Brasília ("8/1-A Democracia Resiste, Globoplay, 2023), uma semana após a posse de Luiz Inacio Lula da Silva, que derrotou o ex-presidente, em 2022, ex-presidente este que não havia reconhecido a vitória do oponente, Lula, e que havia viajado para os Estados Unidos da América, antes de passar a faixa de presidente ao vitorioso no pleito de 2022.

[197]Ao diferenciar o Brasil de outros países, como Itália e EUA, que usaram outras redes e não o "Whatsapp", Da Empoli (2020) talvez não soubesse que a referida rede social, além de ser utilizada em larga escala no Brasil, tem uma peculiaridade: ela é gratuita. Quer isso dizer que nenhuma pessoa utiliza os seus dados móveis do telefone

Na tentativa de golpe de estado ocorrida em 8 de janeiro de 2023 e no período anterior (entre o resultado da eleição de 2022 e 8/1/23) quando esses golpistas se mantiveram amotinados na frente dos quartéis, com aceite das Forças Amadas, e nas estradas, pudemos ver toda sorte de manifestação fora da realidade, como se fossem situações corriqueiras ("Extremista.com", Globoplay, 2023)[198]

A extrema direita no Brasil apresentou um projeto político excludente, violento, ligado ao setor mais radical das Forças Armadas[199]. Projeto ligado às milícias[200], ligado aos neopentecostais, que tem um projeto teocrático para o Brasil, e ligado à elite financeira, que tem um projeto Neoliberal para o país[201]. De acordo com Pini et al. (2023):

---

celular para acessar a rede. Tal situação resulta na seguinte consequência, amplamente aproveitadas pela extrema direita: um cidadão brasileiro, que tenha poucos dados móveis e receba um conteúdo nessa rede não tem como fazer uma pesquisa no "Google" para saber se está a receber informação, notícia, baseada em fatos, ou se está a receber desinformação, baseada em mentiras. Outra peculiaridade do "whatsapp" é que essa rede, geralmente, é composta de contatos pessoais e profissionais, pessoas que o usuário confia. Ao receber algum conteúdo de um desses contatos, o usuário está a receber um conteúdo de uma pessoa que ele conhece e, por isso, nem sempre as pessoas que têm dados celulares móveis suficientes para pesquisar no "Google", o fazem. Há pessoas que passaram a "se informar" através do conteúdo recebido pelo "Whatsapp", vivendo assim num mundo à parte, compartilhável apenas com as pessoas que recebem as mesmas *desinformações*.

[198]Alguns exemplos: cantar o Hino Nacional para um pneu, apontar os celulares para o céu com o intuito de fazer contacto com extraterrestres e ações criminosas (além da quebradeira da Praça dos Três Poderes) como a tentativa de explodir um posto de gasolina. E, durante a prisão em flagrante dos golpistas de 8/1/23, vários diziam não terem sido consultados sobre se queriam ou não ser presos. O enredo golpista, guardadas as especificidades locais, foi comparado ao 6 de janeiro de 2021, nos EUA, quando partidários de Trump invadiram o prédio do Capitólio na tentativa de impedir a posse de Biden.

[199] O setor militar que não queria a abertura política que houve no país na década de 1980, depois de vinte anos de ditatura.

[200]Grupo paramilitar criminoso, formado basicamente por policiais expulsos da corporação e baseado no estado do Rio de Janeiro (Paes Manso, 2020).

[201]Setor social dependente de que a riqueza produzida pela sociedade seja concentrada e mantida nas mãos de poucos, de que a mão de obra trabalhadora seja e permaneça barata (e, se possível, sem direitos), de que o Estado seja unicamente para financiar os bancos privados que tem grande poder no país, através do pagamento

> "A ultradireita, por sua vez, pode ser definida como um fenômeno político caracterizado por movimentos, ideologias e lideranças heterogêneas que convergem em torno de temas como a defesa de uma relação social hierárquica, ultranacionalismo, xenofobia e a rejeição ao pluralismo sociocultural. A ultradireita busca estabelecer e manter hierarquias claras na sociedade, privilegiando grupos considerados "insiders" e excluindo minorias raciais, étnicas, religiosas ou nacionais. Essa ideologia se alinha com uma visão autoritária e antielite do establishment político. No contexto brasileiro, a convergência entre o crescimento do neopentecostalismo e a ascensão da ultradireita se manifestou notadamente no governo de Jair Bolsonaro."
>
> (p. 13)

Para um número expressivo da população, que levou o candidato oponente ao segundo turno das eleições de 2018, Fernando Haddad, e lhe deu mais de 44 milhões de votos, o projeto político da extrema direita, vencedor em 2018, era e é um projeto repulsivo, retrogrado, obscurantista e preocupante[202].

Quando a pandemia Covid-19 chegou ao Brasil, em março de 2020, era esse grupo político, de extrema direita, que governava o país[203].

---

dos juros da dívida pública, nunca auditada, e para conceder isenções de impostos para grandes empresas, de diversos ramos, inclusive o ramo da mídia corporativa.

[202] Um projeto que defende a ditadura militar, a tortura, o crime, já que o vencedor do pleito defendeu a legalização das milicias, quando foi deputado federal (Carta Capital, 2020), defende o fim do estado laico em benefício de uma evangelização do país com imposição do neopentecostalismo (Pini et al., 2023), a perseguição às minorias, a anticiência, em todas as áreas, Saúde, Educação, Historiografia, etc

[203] Embora o ministro da Saúde fosse um representante do "lobby" dos Seguros Privados de Saúde e estava no cargo para destruir o Sistema Único de Saúde (SUS), ele era um médico e, assim que a pandemia começou, tomou as medidas corretas, indicadas pela OMS. No entanto, o presidente da república passou a sair às ruas, sem máscara, estimulando aglomeração de pessoas e minimizando o poder do vírus, que chamou de "gripezinha" e em abril demitiu o ministro (BBC, 2020). Nomeou outro médico que permaneceu no cargo por um mês, porque se recusou a negar as evidências cientificas, como seu antecessor (BBC, 2020). Em março de 2021, assumiu o cargo o quarto ministro, um médico alinhado ao negacionismo do presidente da República, como o militar que o precedeu. Àquela altura, havia vacinação apenas no Estado de São Paulo, por iniciativa do governador, que agiu a partir da decisão do STF, tanto para implementar as medidas de contenção quanto para iniciar a vacinação, através do Instituto Butantan, antes do restante do território nacional, que só recebeu vacinação após a CPI da Covid-19. O terceiro ministro, um militar, não tinha nenhuma familiaridade com a área da saúde e com o SUS, assumiu o cargo quando o país já contabilizava quase 90 mil contaminados e mais de 6 mil mortes notificadas (G1, 2020). Sua gestão foi marcada por situações como a falta de oxigênio na cidade de Manaus, capital do Estado do Amazonas, o que levou a óbito mais de trinta pessoas (G1, 2021).

De acordo com o Senado Federal (2021, páginas 1 e 2), o ex-presidente da república cometeu os seguintes crimes[204]:

1. **Crimes comuns**: "crime de pandemia (artigo 267 do Código Penal), crime de charlatanismo (artigo 283 do Código Penal), crime infração de medida sanitária preventiva (artigo 268 do Código Penal), crime de falsidade ideológica (artigo 299 do Código Penal), crime de corrupção ativa (artigo 333 do Código Penal), crime de incitação ao crime (artigo 286 do Código Penal), crime de falsificação de documento particular (artigo 298 do Código Penal), crime de emprego irregular de verbas públicas (artigo 315 do Código Penal), crime de prevaricação (artigo 319 do Código Penal).
2. **Crimes contra a humanidade**, que são crimes previstos no "Estatuto de Roma", que criou o Tribunal Penal Internacional (TPI), sediado em Haia, na Holanda. O "Estatuto de Roma" tem origem na "Comissão de Direito Internacional da Organização das Nações Unidas (ONU)": "crime de extermínio (artigo sétimo 1, b do Estatuto de Roma), crime de perseguição (artigo sétimo, parágrafo 1, h do Estatuto de Roma), crime de atos desumanos para causar sofrimento intencional (artigo sétimo, parágrafo 1, k)".
3. **Crime de responsabilidade:** Crime de responsabilidade por violar direitos sociais e por agir de modo incompatível com a dignidade, a honra e o decoro do cargo. O crime é previsto na Lei número 1.079, de 1950.

De acordo com Portella e Oliveira (2020), a pandemia foi naturalizada no Brasil, como se fosse um *problema da natureza*, contra o qual as *ações políticas não teriam poder.*

Monari et al. (2021) fizeram uma análise das postagens do ex-presidente na rede "Twitter", durante a pandemia. A rede social era utilizada diariamente por ele. Os autores mostram como as postagens evidenciam como a rede foi utilizada para "criar" suas "verdades" e *usar o cargo, e não evidências cientificas e recomendações da OMS, para suas afirmativas*, o que criava grande instabilidade na população, já que, num regime presidencialista como o do Brasil, ele

[204]Conclusão final da CPI da Covid, realizada pelo Senado Federal da República (2021).

era a autoridade máxima do país. Destacamos alguns exemplos das postagens que os autores analisaram. “O povo brasileiro não será cobaia de ninguém”, ao referir-se à vacinação (p. 8), “Eu não dou bola pra isso”, ao referir-se ao fato de que imprensa salientou que ele tinha desprezo pela vida (p. 9). Os autores mostram que essa comunicação direta com a população, através da referida rede social, não tinha mediação de jornalistas que poderiam trazer questionamentos a respeito de “fatos controversos, teorias conspiratórias e desinformação” (Viscardi apud Morari et al 2021, p. 12).

Conforme os autores salientam, essa comunicação já tinha uma base anterior à pandemia, vinha desde a campanha de 2018 e é importante salientarmos esse ponto, porque o *uso das redes sociais, tanto para que os líderes da extrema direita contemporânea se comuniquem diretamente, quando para que evitem o confronto com a verdade factual, que poderia ser trazida pelos jornalistas, é fundamental para compreendermos os métodos desse projeto global de disseminação de desinformação e avanço do fascismo negacionista do século XXI.* O grau de alcance da desinformação e a rapidez com que se espalha é elevado. Está provado que uma mentira, que suscita medo ou ódio, é repostada nas redes sociais cinco vezes mais do que uma verdade (“O dilema das redes”, Netflix, 2020)[205]. Percebemos assim, que a desinformação faz com que diversas pessoas “trabalhem” gratuitamente pela disseminação de mentiras, desinformação, acreditando que o conteúdo é relevante e nem sempre sabem (ou querem saber) que estão sendo usados como uma espécie de fantoches.

Além dos replicadores humanos, há disparo desses conteúdos por contas-robôs (UOL, 2019, “Extremistas.br”, Globoplay, 2023)

De acordo com Rosário (2020), o que a autora denomina de “necropolítica genocida em tempos de pandemia”, por parte do governo federal que conduziu a gestão pandêmica, tem sua sustentação no projeto “ultra-neoliberal”. Segundo a autora, o ex-presidente é a personificação “perigosa” da junção do fascismo contemporâneo com o ultra neoliberalismo,

[205] Este documentário apresenta os criadores das redes sociais e as pesquisas feitas internamente nessas redes.

cita como exemplos o desmonte das políticas sociais, atendendo a agenda neoliberal e que foram empreendidas pelo referido governo, a reforma previdenciária e a precarização da educação pública. (p. 33). É o que Kalil (2020) denomina de "políticas antidireitos", advindas do encontro do que autora denomina de "neoliberalismo e neoconservadorismo" para definir o que vinha se passado no governo em questão.

Assim como a necropolítica durante a pandemia mirou alvos como as populações que não tinham recursos financeiros em reserva para absterem-se de trabalhar ou pessoas que não tinham profissões passiveis de serem feitas em modo "home office", mirou crianças e jovens empobrecidos pelo sistema de concentração de renda e desigualdade do país, que não tinham computadores pessoais, internet "wi-fi" e um quarto só para si em suas casas e ficaram em desvantagem em relação às crianças pertencentes às camadas mais abastadas da sociedade[206].

[206]Essa situação concreta ocorrida durante a pandemia e com repercussões graves para Educação e para crianças e jovens brasileiros, de escolas públicas, em sua maioria, nos remete a frase célebre do antropólogo Darcy Ribeiro, grande estudioso do povo brasileiro e idealizador dos CIEPs, juntamente com Leonel Brizola, escolas de tempo integral (1library.org), implementadas no Rio de Janeiro, quando o segundo governou o estado: "A crise da Educação no Brasil não é uma crise, é um projeto" (Carta Capital, 2017).

Anexo VI: Músicas compostas pelo campo da resistência pró-ciência

Inominável

"Ignorante, embevecido, psicopata,
Um caso clínico, mal-Educado, ensandecido,
Idiota inútil, é muito cínico, filho das trevas,
Pai do extermínio, desmiolado, sem raciocínio,
Insuportável, mente o cretino, reacionário,
Rei dos Bovinos, descontrolado, armamentista,
Zomba do Negro, esse racista, queima a floresta, põe Gasolina,
Mira no pobre, bate "*nas mina*", vem da milicia,
Analfabeto, quer a censura, ser abjeto,
Não dá sossego, que *porra louca*, só enche o saco,
Cala essa boca, só faz besteira, incompetente,
Sai ratazana, asco na gente, mente fascista,
Ri da tortura, faz pouco caso da ditadura, desagradável,
É homofóbico, vive *pilhado*, o ser micróbico,
Destrambelhado, inconsequente, inominável,
Esse demente, persegue o índio, na violência,
Terraplanista, nega a ciência, inverossímil,
Muito ridículo, subversivo do mundo cívico"

(Música "Inominável – Ser Abjeto de Álvaro Gribel, homenagem ao presidente do Brasil durante a pandemia Covid-19; *mina*: meninas; *porra louca*: pessoa imprevisível e irresponsável; *pilhado*: pessoa agitada ao extremo)

Não vou deixar

"Não vou deixar, não vou
Não vou deixar você esculachar
Com a nossa história
É muito amor, é muita luta, é muito gozo
É muita dor e muita glória
Não vou deixar, não vou deixar
Não vou deixar porque eu sei cantar
E sei de alguns que sabem mais
Muito mais
Não vou deixar, não vou deixar, não vou deixar
Não vou deixar que se desminta
A nossa gana, a nossa fama de bacana
O nosso drama, nossa pinta
Não vou deixar, não vou deixar
Não vou deixar porque eu sei cantar
E sei de alguns que sabem mais
Muito mais

Apesar de você dizer que acabou
Que o sonho não tem mais cor
Eu grito e repito: Eu não vou!
O menino me ouviu e já comentou
O vovô tá nervoso, o vovô
Nervoso, teimoso, manhoso
É muito amor, é muita luta, é muito gozo
É muita dor e muita lida
Não vou deixar, não vou
Não vou deixar você esculachar
Com a nossa vida
Não vou deixar, não vou deixar
Não vou deixar porque eu sei cantar
E sei de alguns que sabem mais
Muito mais, muito mais"

("Não vou deixar", música- indignação de Caetano Veloso, lançada na pandemia, contra Bolsonaro. Citação da música de Chico Buarque, símbolo da resistência contra a ditatura de 1964 a 1985, "Apesar de você").

Que Tal um Samba?

Um samba
Que tal um samba?
Puxar um samba, que tal?
Para espantar o tempo feio
Para remediar o estrago
Que tal um trago?
Um desafogo, um devaneio
Um samba pra alegrar o dia, pra zerar o jogo
Coração pegando fogo e cabeça fria
Um samba com categoria, com calma
Cair no mar, lavar a alma
Tomar um banho de sal grosso, que tal?
Sair do fundo do poço
Andar de boa
Ver um batuque lá no cais do Valongo
Dançar o jongo lá na Pedra do Sal
Entrar na roda da Gamboa
Fazer um gol de bicicleta, dar de goleada
Deitar na cama da amada e despertar poeta
Achar a rima que completa o estribilho
Fazer um filho, que tal?
Pra ver crescer, criar um filho
Num bom lugar, numa cidade legal
Um filho com a pele escura
Com formosura
Bem brasileiro, que tal?

Não com dinheiro
Mas a cultura
Que tal uma beleza pura no fim da borrasca?
Já depois de criar casca e perder a ternura
Depois de muita bola fora da meta
De novo com a coluna ereta, que tal?
Juntar os cacos, ir à luta
Manter o rumo e a cadência
Desconjurar a ignorância, que tal?
Desmantelar a força bruta
Então, que tal puxar um samba?
Puxar um samba legal
Puxar um samba porreta
Depois de tanta mutreta
Depois de tanta cascata
Depois de tanta derrota
Depois de tanta demência
E uma dor filha da puta, que tal?
Puxar um samba
Que tal um samba?
Um samba"

("Que tal um samba?", Música de Chico Buarque lançada no último ano do governo de Bolsonaro, descrevendo o que o país passou e citando a música "Beleza Pura", de Caetano, que falava sobre a cultura brasileira)

Anexo VII. Questionário

Questionário a ser aplicado nas entrevistas da pesquisa "Uma análise compreensiva-hermenêutica da resistência social pró-ciência contra a gestão anticiência da pandemia Covid-19 do Governo Federal do Brasil."

Nome da Orientadora: Professora Doutora Carla Cristina Graça Pinto

Nome da Pesquisadora: Cristiane Donato Jatene (Psicóloga e Historiadora)

Instituição: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa.

Identificação do entrevistado:

Nome:

Idade:

Profissão:

QUESTÕES

1) Qual sua avaliação sobre a gestão da pandemia Covid-19 pelo governo do Brasil, de início de 2020 até final de 2022?

2) De que forma você se posicionou em relação à referida gestão? Caso tenha agido de alguma forma, quais ações práticas você realizou?

3) Em caso de ter realizado ações práticas, você as vê como sendo isoladas ou como parte de uma ação maior, que incluía outros agentes sociais? Em caso positivo, quais seriam esses agentes?

4) Em caso de ter realizado ações práticas, você diria que suas ações (e, eventualmente, um conjunto de ações de outros agentes sociais que se somaram) fizeram parte de um movimento de resistência social, considerando resistência como um conjunto de ações baseadas em certos valores e preceitos políticos? Por que e, em caso positivo, quais seriam esses valores e preceitos?

5) Como você toma as suas decisões sobre vacinação?

6) O que você acredita que os cientistas e a Organização Mundial de Saúde sabiam a respeito da Covid-19 e sobre vacinas, na época da pandemia?

7) Como você avalia as relações entre Ciência, Organização Mundial de Saúde e Políticas Estatais, a depender do governo que momentaneamente conduz as Políticas Estatais de Saúde?

8) Em caso de ter realizado ações práticas, você vê consequências para a Saúde Pública das ações que empreendeu em relação à gestão da pandemia Covid-19? Em caso positivo, quais são elas?

9) Você vê consequências para o país como um todo e, especificamente, em relação à Saúde Pública, em função dessa gestão governamental da pandemia? Em caso positivo, quais seriam essas consequências?

10) Para finalizar o questionário, o convidamos a fazer uma reflexão, a escrever sobre seu percurso como cidadão. Percurso em relação à sua compreensão a respeito do Brasil e em relação a como vê sua atuação social como cidadão, desde o momento que entende ter começado sua participação social, no momento da pandemia e após a fase aguda da pandemia. Como caracterizaria sua atuação e ao Brasil antes da pandemia, no momento agudo da pandemia e após a fase aguda da pandemia. O que teria mudado, o que teria permanecido?

Anexo VIII. Termo de Consentimento

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: “Uma análise compreensiva-hermenêutica da resistência social pró-ciência contra a gestão anticiência da pandemia Covid-19 do Governo Federal do Brasil.”

Nome da Orientadora: Professora Doutora Carla Cristina Graça Pinto

Nome da Pesquisadora: Cristiane Donato Jatene (Psicóloga e Historiadora)

1. **Natureza da pesquisa**: o/a senhor/a está sendo convidado a participar desta pesquisa que tem como finalidade compreender da forma mais abrangente e aprofundada possível como se deu a resistência da sociedade brasileira contra a gestão anticiência da pandemia Covid-19 por parte do Governo Federal do Brasil.

2. **Participantes da pesquisa**: Os participantes da pesquisa serão membros da sociedade civil brasileira, dos mais diversos setores, e membros dos poderes da República que tiveram papel na resistência pró-ciência durante a pandemia Covid-19.

3. **Envolvimento na pesquisa**: ao participar deste estudo a sra./sr. permitirá que as pesquisadoras indaguem informações a respeito da sua atividade referente ao tema, inclusive, solicitem informações adicionais com base no conteúdo da entrevista. Os participantes tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo. Sempre que quiser

poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone da pesquisadora do projeto (11-999981218).

4. **Sobre as entrevistas**: As entrevistas se darão da seguinte forma: haverá um encontro online entre o entrevistado e a pesquisadora. Nesse encontro será explicado como será o questionário que terá poucas questões abertas. Nessa oportunidade, o entrevistado receberá por email o questionário e o Termo de Livre Consentimento para participar da Pesquisa e será informado sobre o prazo para enviar o questionário respondido e o Termo assinado. Ambos os documentos serão enviados à pesquisadora, via email. Após receber o material, a pesquisadora pode solicitar, via email, alguns esclarecimentos ou complementos ao questionário respondido.

5. **Riscos e desconforto**: a participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Caso haja algum desconforto emocional pela rememoração de experiências desagradáveis o participante pode solicitar sessão de atendimento psicológico a pesquisadora. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.

6. **Confidencialidade**: todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente o a pesquisadora e a orientadora terão conhecimento dos dados.

7. **Publicações:** Esta pesquisa poderá ser publicada em artigos, livros, outros meios, como documentários. Nesse caso, cabe aos entrevistados escolherem se querem manter o anonimato, como ocorrerá na pesquisa acadêmica, ou se querem suas identidades reveladas. Caso queiram sua identidade revelada, devem especificar a seguir: _____.

8. **Benefícios**: ao participar desta pesquisa os participantes não terão nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre a resistência da sociedade brasileira em benefício da Saúde Pública, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa colaborar tanto no âmbito acadêmico quanto em favor do combate a desinformação em Saúde Pública, tanto no Brasil quanto no mundo globalizado. A pesquisadora e a orientadora se comprometem a divulgar os resultados obtidos.

9. **Pagamento**: Os participantes não terão nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem.

Observação: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

Anexo IX. Carta da pesquisadora pedindo o afastamento do presidente da gestão da pandemia

Brasil, 17 de março de 2020.

Nós, psicóloga e psiquiatra brasileiros abaixo assinados, viemos registrar o nosso alerta, como profissionais de saúde mental, para as atitudes do chefe do poder executivo da nossa nação, no sentido de negar sistematicamente as evidências cientificas e os dados concretos do cotidiano de países do mundo todo, no enfrentamento da pandemia causada pelo avanço do coronavírus.

Entendemos que o chefe do poder executivo, diante do exposto acima, não apresenta condições para a condução adequada das políticas públicas necessárias para preservar a saúde do nosso povo e preservar nosso sistema de saúde público e privado.

Não sabemos tudo sobre o vírus ainda. No entanto, sabemos, a partir da experiência de outros países, da recomendação de pesquisadores comprovadamente competentes e das recomendações da Organização Mundial de Saúde que, para que o sistema de saúde dê conta de todas as pessoas que precisarão ser internadas, e não entre em colapso, precisamos evitar uma contaminação coletiva simultânea. Assim, diluindo o período de contaminação, o sistema de saúde terá mais chances de responder à demanda e isso significa salvarmos vidas. E as vidas dos brasileiros são importantes!

Além do exposto supra, os casos que não precisarão de internação têm recomendações específicas. Quem tiver sintomas leves, deve guardar repouso por quinze dias e ficar isolado, mesmo que more com outras pessoas. E procurar atendimento médico, caso sinta falta de ar.

Todos nós, assintomáticos, com sintomas leves ou que precisem de internação, temos que seguir à risca: evitar ter contato com menos de um metro e meio de distância de outras pessoas, lavarmos as mãos e punho com água e sabão por 20 segundos a cada vez que

tocarmos objetos (usar álcool gel na ausência da possibilidade de lavar), cobrir a boca quando tossir e o nariz quando espirrar com papel ou com o ângulo interno do cotovelo e, especialmente, guardar quarentena, que significa ficar em casa. Só devemos sair para: supermercado, farmácia, hospital ou trabalho, caso nosso trabalho assim exija. Atividades essenciais, portanto.

O presidente da república não torna público os exames que realizou, dizendo que se deu positivo é problema dele, mostrando que não entende que não queremos ver o exame do ser humano, mas precisamos ver o exame do presidente do país, uma vez que ele viajou com uma comitiva na qual dezessete componentes estão contaminados com coronavírus. O presidente saiu em público, incentivando manifestação contra as instituições que compõe os poderes da república, manuseando celulares de apoiadores, tocando as mãos das pessoas e anunciou que dará festa de aniversário. Atividades que não estão entre as essenciais e comportamento em desacordo total com o recomendado pela OMS para conter o avanço das transmissões.

O exposto, em suma, deixa claro que ele vem contrariando sistematicamente as recomendações da Organização Mundial de Saúde: sai quando desnecessário, para atividades que não são vitais e poderiam ser adiadas, expõe sua vida e de seus apoiadores a risco desnecessário, ajuda a desinformar a nação e contribui, assim, para um eventual colapso do nosso sistema de saúde, podendo, dessa forma, contribuir para que brasileiros morram por falta de atendimento.

Por isso, solicitamos o imediato afastamento do presidente para que possamos enfrentar essa pandemia de forma a preservamos nossas vidas, seguindo à risca as recomendações da Organização Mundial de Saúde.

Cristiane Jatene

Alexandre Valverde[207]

[207]Literalmente, desesperada por facilmente prever o que poderia acontecer (que, infelizmente, aconteceu) com as atitudes do então presidente, escrevi a carta e apresentei ao meu amigo e psiquiatra Alexandre Valverde,

solicitando que a assinasse comigo e oferecendo que alterasse o texto, caso achasse necessário. Ele não quis alterar nada e assinou em conjunto comigo. Como nós, muitos fizeram cartas e notas de repúdio que não foram capazes de impedir o desastre sanitário e a tragédia que vivemos e que terá ecos no Brasil por muito tempo.

Anexo X. Depoimento da pesquisadora

Nasci numa ditadura. Cresci ouvindo conversas familiares nos almoços de domingo, na casa da minha avó paterna, entremeadas por "psiu, fala baixo". Minha avó morava em casa e parecia que os vizinhos e as paredes tinham ouvidos e que um simples debate familiar sobre temas referentes ao país era algo errado de se fazer.

Na adolescência, soube que Rita Lee, Caetano Veloso, Chico Buarque, Gilberto Gil, os artistas que eu mais gostava, tinham sido ou presos ou exilados, ou as duas coisas. Passei minha adolescência vendo os camburões da Rota, a polícia paulista, espreitando nas portas dos shows desses artistas e presenciei a agressão física pela Polícia de um espectador que se levantou para dançar em um show de Caetano.

A palavra que mais ouvi na minha adolescência foi, seguramente, *abertura*.

A palavra mais ouvida foi "abertura" e a segunda palavra mais ouvida foi "*anistia*".

Abertura e anistia. A primeira desejada. A segunda indesejada e condição para que a primeira acontecesse.

Em Fenomenologia-Existencial Hermenêutica precisamos, de início, compreendermos o que possibilita a existência de um fenômeno.

Para falarem tanto em abertura, na sociedade na qual nasci e cresci, é porque vivíamos um *fechamento* e não o queríamos mais. Mas, parecia haver uma condição para que a abertura se desse. A anistia. *Onde tem anistia tem crime. Onde tem crime anistiado, tem crime perdoado, não punido*. O que traria graves consequências ao país e, só quase 40 anos depois, durante a pesquisa sobre "o que é que tinha acontecido afinal para o meu país retroceder tanto?!" é que eu iria compreender.

Quando uma ditadura é instalada, lutar contra essa ditadura torna-se crime. Lutar contra os crimes praticados pelo estado, sob domínio de ditadores, torna-se crime. *Em nome de*

combater a insurgência, os ditadores, usam o estado para praticarem toda a sorte de crimes: prisões arbitrárias, censuras arbitrarias, agressão física e psicológica, tortura física e psicológica, estupros, assassinatos. E esses crimes passam a ser considerados "defesa do país" ou, de modo mais cínico, "defesa da democracia". No caso do Brasil, defesa da democracia contra um *fictício comunismo* que um dia poderia ser instaurado. Ecos da Guerra Fria travada entre as maiores potências mundiais do período, EUA e União Soviética.

Corrupção e comunismo são as mentiras preferidas para enganar a opinião pública e fazer retroceder o país.

A ditadura é uma perversão. O estado-nação, criado para proteger os cidadãos, passa a persegui-los, prendê-los, torturá-los, cometer, enfim, toda sorte de arbitrariedades e agressões aos cidadãos que deveria proteger. Toda a sorte de ações criminosas. *A quem recorrer, quando o estado é o criminoso?*

Depois de onze anos de militares ditadores no poder, sem eleições, começou um processo de abertura, quando eu tinha 12 anos, 1980, no qual alguns exilados puderam começar a retornar. *Segundo a ditatura, eles seriam anistiados de seus "crimes". Quais "crimes"? Resistir, lutar contra a ditadura, que depôs um presidente trabalhista, Jango, eleito por voto direto.*

Depois de vinte e um anos de militares ditadores no poder, houve uma eleição indireta para presidente da República, disputada por dois civis. Eu estava presente nessa sessão, no Congresso Nacional, em Brasília, aos 17 anos, em 1984. A sociedade havia feito a campanha "Diretas, já!", para voltar a eleger o presidente da república por voto direto, com grande adesão social, enormes manifestações, com base na emenda do deputado Dante de Oliveira (1983). As eleições para deputados federais e estaduais, senadores e governadores haviam voltado em 1982.

Quando o primeiro amigo do meu pai voltou do exílio, Almino Afonso, ex-ministro do governo Jango e um dos deputados federais cassados quando o golpe fechou o Congresso Nacional, eu tinha doze anos, foi uma das vezes que vi o meu pai mais feliz em toda a vida (meu pai morreu

quando eu tinha 45 anos). Ele voltou a fumar, por um período, depois de doze anos (desde que nasci, estava abstêmio), era parte das comemorações. Outro deputado cassado à época, também amigo do meu pai, foi Rubens Paiva, este assassinado pela ditadura[208].

A primeira vez que vi uma pessoa que havia sido torturada, frente a frente, eu tinha sete anos. Era um primo da minha avó, do Partido Comunista, já ilegal no Brasil. Estávamos na sala de estar da casa dos meus pais, quando ele levantou um pouco a barra da calça e exibiu aos presentes as marcas do choque elétrico.

Eu nasci em 1967, quando o Golpe de estado completava três anos e dois meses, exatamente.

[208] Rubens Paiva foi um engenheiro e deputado federal, do Partido Trabalhista Brasileiro, teve o mandato cassado pela ditadura, voltou ao Brasil e foi preso (sequestrado) pelo regime militar, torturado, morto e teve seu corpo desaparecido, aparentemente, porque recebia cartas de exilados e as entregava aos familiares desses remetentes, embora esteja provado que o regime sequestrava e matava sempre de forma arbitrária. Sua mulher e uma das filhas, tinha cinco filhos, também foram presas a seguir, e soltas posteriormente (a filha antes da mãe). Seu único filho homem, o caçula, Marcelo Rubens Paiva, se tornou escritor de êxito e, quando a mãe, Eunice Paiva, que, após o desaparecimento do marido, se tornou advogada, defensora da área dos Direitos Humanos, adoeceu de Alzheimer e quando o Brasil instaurou a "Comissão da Verdade" (2014), no primeiro governo Dilma, para investigar os crimes da ditadura, e o escritor teve acesso aos documentos sobre o período, escreveu o livro "Ainda estou aqui" (2015), sobre a história de sua mãe. Ao autobiografar a história de sua família, autobiografa a história de um tempo e um território nos quais ele e a família estão inseridos, como ocorre em autobiografias, conforme propus na minha análise, no trabalho realizado na PUC/SP, "A autobiografia como jornada terapêutica" (2012). Marcelo Paiva conta, de forma detalhada, um trecho da História do Brasil, que deixou feridas abertas até hoje na vida social brasileira. Walter Salles, cineasta brasileiro de êxito, e amigo da família Paiva, dirigiu o filme "Ainda estou aqui" (2024), que, durante a apresentação desse trabalho ao júri, em janeiro de 2025, já era um sucesso mundial, assistido por milhões de espectadores, com três indicações ao Oscar, inclusive como Melhor Filme. É a primeira vez que um filme inteiramente falado em língua portuguesa recebe essa indicação. A protagonista, Fernanda Torres, venceu o Globo de Ouro de Melhor Atriz de Drama. Até fevereiro de 2025, momento em que entregamos a versão definitiva dessa investigação, o longa metragem havia recebido 35 prêmios. Quando houve a inauguração do busto de Rubens Paiva no Congresso Nacional (2014), o então deputado federal Bolsonaro cuspiu na escultura, ele, que dois anos depois (2016), como mencionado anteriormente, dedicou seu voto de impeachment contra a Dilma a um dos maiores torturadores da história do país, intitulando-o de "o terror da Dilma", já que Dilma foi resistente ativa contra a ditadura e barbaramente torturada pelo regime de exceção, como muitos estudantes brasileiros. Walter Salles tem mencionado em entrevistas que durante as filmagens não sabia que havia um plano de golpe em curso, em 2022, fato que foi revelado pela Polícia Federal, em 2024, e tem dito que "Ainda estou aqui" não é um filme sobre o passado, é sobre o presente, em função da nova tentativa de golpe, com participação ativa dos **mesmos** militares da ditadura iniciada em 1964 e "finalizada" em 1985. Nenhum deles foi punido, porque, como mencionamos anteriormente, houve anistia para os que resistiram ao golpe e contra a ditadura e anistia para os que tomaram o Estado e cometeram crimes bárbaros contra os cidadãos brasileiros, crimes como sequestro, tortura, assassinato, ocultação de cadáver, além de toda sorte de arbitrariedades cotidianas que são repetidas à exaustão até hoje nas periferias do país, bolsões de pobreza alimentados durante o período ditatorial.

O voto no Brasil, na época, era permitido a partir dos dezoito anos. Aos 18 anos, em 1985, votei para prefeito, que deixava de ser biônico, ou seja, escolhido indiretamente. Eram os primeiros anos da abertura.

A primeira vez que pude votar para presidente, eu tinha 22 anos.

O jogo era bruto.

Confesso que só entendi a dimensão da brutalidade, em 2016, com o Golpe de estado, travestido de *impeachment*. Até aquele momento, eu acreditava que a democracia estava consolidada e retrocessos não estavam no meu horizonte, para o Brasil.

Não existe democracia consolidada, descobri, no mesmo momento que descobri a minha ingenuidade, embora eu sempre vi como problema e suspeição as chamadas "Jornadas de Junho", ocorridas três anos antes do Golpe de 2016, manifestações difusas, que fizeram em poucos dias despencar a popularidade da presidenta e vi com mais indignação e suspeição ainda a "Operação Lava Jato", iniciada em 2014.

Existe luta pelo aprimoramento e aprofundamento da democracia, dia a dia, geração, após geração. Ficou-me claro. Percebi, também, que *não há democracia plena em nenhuma parte do mundo. Enquanto houver desigualdades sociais e colonialismo, ambos com presença contundente na contemporaneidade, não teremos democracias plenas.* No entanto, ficou-me claro que o grande problema do mundo ainda é o colonialismo. A busca da supremacia através de formas de destruição e atraso de territórios e povos. Não há como entender o que ocorre no Brasil, sem entendermos a fase que chamo de **"Globalização Hiperconectada Colonial"**. *Sem esse panorama, recortando-se territórios e períodos, entende-se partes que devem ter sua ligação vista, para que, inclusive, essas partes sejam compreendidas, bem como o todo.*

Voltando à brutalidade, *em 2018*, quando um ex-presidente, que liderava as pesquisas de intenção de votos, foi preso sem crimes, sem provas, *pudemos ver que a ditadura tinha acabado, mas ela agora havia aprimorado seus métodos, não sujava mais as mãos de sangue,*

mas ainda fazia presos políticos. Lula, inclusive, como mencionamos, ganhou o título de cidadão parisiense, recebido por ele em Paris, assim que foi solto, concedido a presos políticos.

O Golpe de 2016 tinha várias fases, ficou demonstrado. O "*impeachment"* era uma etapa, a implementação no Brasil do programa de governo que havia sido derrotado nas urnas outra etapa e a prisão do líder das pesquisas de intenção de voto, do mesmo partido da presidenta deposta sem crime de responsabilidade (condição para haver *impeachment)*, mais uma etapa.

Não bastava arrancar a presidenta do cargo e implementar um programa contrário ao programa que havia sido validado nas urnas. Esse grupo político, anteriormente vencedor, não poderia concorrer, com chances de vencer novamente. *O plano parecia perfeito. Antidemocrático, sujo, ilegal e perfeito.*

Havia uma novidade: o golpe de estado era efetuado por dentro das instituições democráticas, com aparência de legalidade, usando de convencimento da população, através de mentiras e ações midiáticas. As instituições republicanas e democráticas, corrompidas, utilizadas para destruir a democracia e o republicanismo.

Aos 17 anos participei das enormes manifestações de rua em favor das eleições diretas para presidente da República, "Diretas, já!". Todas as gerações se encontravam nas ruas. Parecia que o Brasil inteiro se unia pela redemocratização. Os golpistas estavam recuados, em silencio. Por algum tempo, saberíamos depois.

Aos 10 anos assisti pela TV a violenta invasão da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com policiais a cavalo, comandados pelo secretário de segurança, cujo bordão era *"prendo e arrebento"*, repito, o chefe da segurança pública do maior estado da federal, invadiu um campus universitário, como se desbaratasse a sede de uma organização criminosa. Três estudantes foram queimadas.

Prometi a mim mesma, aos 10 anos, que estudaria naquela universidade e assim foi feito.

Cresci com repulsa da truculência dessas pessoas, com pesar por todos os artistas censurados, exilados, mortos. Lamentando que a escola pública nacional houvesse sido destruída e desconfiando, profundamente, de quem não lutava contra essa calamidade. Ainda não entendia o que colonialismo tinha a ver com estas situações entrelaçadas.

Não há como o compromisso como cidadã pela democracia, justiça e liberdade não ser meu compromisso também de pesquisadora.

Uma pesquisa que não desvele os sentidos de como chegamos a uma gestão anticiência da pandemia Covid-19 e como a sociedade resistiu, com base na ciência e na cultura de vacinação e na cultura do SUS, que não desvela que a resistência pró-ciência é parte de uma resistência maior, de um projeto político maior, e que a gestão anticiência é parte de outra resistência e outro projeto político maior, não seria uma pesquisa realizada por esta pesquisadora.

Desde 2016, muitos elementos contemporâneos, novos, entraram em vigor para que se possa entender a sociedade na qual vivemos, e procurarmos compreender quais tendo sido e serão os impactos que esses elementos têm na vida dos indivíduos, nas relações, na (des)valorização do trabalho, no tecido social e na Política.

“Fake News”, “Lawfare”, “Soft Coup”, Guerras Híbridas, Revoluções Coloridas, Hiperconectividade, Algoritmos. etc. *Estamos imersos num movimento mundial fascista neoliberal. A concentração de renda nunca foi tão grande*, as desigualdades evidentes. *Bilionários tem fortunas equivalentes ao orçamento de países. A população desalentada, e bombardeada com desinformação diariamente sem um contraponto de recebimento de informação dos mesmos veículos (redes sociais)*, sem saber qual a razão de sua vida não ser melhor do que a vida da geração anterior, como aconteceu durante muito tempo na História da Humanidade, e preocupada em como viverá a última fase de sua vida, já que *junto com a desvalorização do trabalho temos a longevidade crescente,* vê nas soluções fáceis e mentirosas, apresentadas pelo fascismo, uma possibilidade de solução.

O planeta a cada dia mostra mais que a emergência climática atinge um ponto de não retorno. As relações estão esgarçadas pelos emergência e imposição de extremos políticos e sociais, *o campo democrático progressista não tem organização à altura para enfrentar o fascismo, embora resista com força e êxito*. O bloco dos países do Sul Global tenta enfrentar o avassalador bélico e implacável colonialismo do Bloco Imperialista do Norte Global, que não hesita em promover guerras e golpes em territórios alheios, aos quais, nós, do Sul Global, assistimos atônitos, perplexos e revoltados.

Os organismos multilaterais, como a ONU, organizados no pós-guerras perdem força, mas, por serem de suma importância para a paz e coesão mundial, *precisam ser aprimorados e não desarticulados e/ou desacreditados.*

Costumava repetir, retoricamente, "toda vez que tem um avanço no Brasil, vem um golpe", me referia a Getúlio e Jango, sem saber que viveria o retrocesso na carne, com o golpe de 2016 e essa minha fala deixaria de ser retorica para ser concreta. Os problemas locais, militares, neoliberais, milicias e neopentecostalismo, apareceriam com suas ligações internacionais e trazendo as mídias sociais, os crimes cibernéticos e a continuidade da morte da Política, pregada nas "Jornadas de Junho".

Diante desse cenário um tanto assustador, me pergunto, emprestando o título de um filme da cineasta libanesa, Nadine Labaki. "E agora, aonde vamos?!"[209]. Esta dúvida é o motivo de quatro anos dedicados à esta investigação, entre pré-pesquisa e mestrado. Espero que o documento produzido, a dissertação, aponte caminhos para novas dúvidas e soluções.

Cristiane D. Jatene.

São Paulo, setembro de 2024.

[209] "E agora, aonde vamos?", de 2011, filme dirigido e estrelado por Nadine Labaki, diretora a triz libanesa, com ligações com o Ocidente (Canada, Franca e Noruega). Diretora de Caramelo e Cafarnaum. Foi a primeira libanesa a ser indicada ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro.

Anexo XI. Print do comentário público precedente ao "hackeamento" da conta de "Instagram"

1 ano de Covid e nada a celebrar em termos de avanço. Aliás,...

1.086 assistindo agora

Anexo XII. Boletim de ocorrência policial sobre “hackeamento” da conta de “Instagram”

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA

POLÍCIA CIVIL DO ESTADO DE SÃO PAULO

Dependência: DELEGACIA ELETRONICA FOLHA:1
Boletim No.: 374102/2021 INICIADO:27/02/2021 13:33 e EMITIDO:27/02/2021 17:27

2ª Via SKLMPOCBEEHLJHX[

Boletim de Ocorrência de Autoria Desconhecida.

Natureza(s):
Espécie: Título II - Patrimônio (arts. 155 a 183)
Natureza: Estelionato (art. 171)
Consumado

Local: RUA TUCUMA, 131 - PINHEIROS - CEP: 01455-010 - S.PAULO - SP
Tipo de local: Via Pública - Outros
Circunscrição: 15ª DP DR LUCIANO H BEIGUELMAN

Ocorrência: 26/02/2021 às 18:00 horas
Comunicação: 27/02/2021 às 13:33 horas
Elaboração: 27/02/2021 às 13:33 horas
Flagrante: Não

Vítima:
- CRISTIANE DONATO JATENE - Não presente ao plantão - RG: 19129992-SP
Exibiu o RG original: Não - Pai: CARMO DOMINGOS JATENE
Mãe: APARECIDA DONATO JATENE - Natural de: SP - Sexo: Feminino
Nascimento: 01/06/1967 53 anos - Estado civil: Ignorado
Profissão: PSICOLOGO(A) - CPF: 08287062802 - E-mail: CRISTIANEDJ@GMAIL.COM
Advogado Presente no Plantão: Não - Cutis: Ignorada
Endereço Residencial: AVENIDA DOUTOR ARNALDO, 2222 APTO 12
JARDIM PAULISTA - CEP: 01246-000 - SÃO PAULO - SP - Telefones: (11) 99998-1218 (Recado), (11)99907-1218 - Outros (Celular)

Histórico:
DESCRIÇÃO OCORRÊNCIA CIDADÃO: RECEBI UMA MENSAGEM COM UM LINK COMO SE FOSSE PROVENIENTE DO INSTAGRAM, POR MENSAGEM DIRETA, NA MINHA CONTA INSTAGRAM.COM/CRISTIANEJATENE (@CRISTIANEJATENE) DIZENDO QUE MINHA CONTA VIOLAVA AS REGRAS, QUE SE EU NAO PREENCHESSE OS DADOS MINHA CONTA SERIA EXCLUIDA. PREENCHI E EM POUCAS HORAS MINHA CONTA HAVIA SIDO ROUBADA. PERDI O ACESSO. TODO O CONTEUDO PERMANCE (PODE SER VISTO EM #CRISTIANEJATENE), MAS A CONTA TORNOU-SE PRIVADA, COM OUTRA FOTO E OUTRO NOME (DILAN ÇIÇEK DENIZ-DJLANCICEK). MINHA CONTA ESTA VINCULADA AO MEU FACEBOOK (FACEBOOK.COM/CRISTIANEJATENE) E AO MEU EMAIL (CRISTIANEDJ@GMAIL.COM). TENHO UM OUTRO INSTAGRAM VINCULADO AO MESMO FACEBOOK E EMAIL (INSTAGRAM.COM/CRISJATENE) POR ONDE FIZ A DENUNCIA. DENUNCIEI TB NO PROPRIO PERFIL ROUBADO E EM TODAS AS MINHAS REDES (FACEBOOK, TWITTER E LINKEDIM). TENHO UM OUTRO PERFIL (INSTAGRAM.COM/JATENECRISTIANE) VINCULADO AO EMAIL JATENECRISTIANE@GMAIL.COM CRIADO EM PORTUGAL, ONDE TB SOU PSICOLOGA. REGISTRO PARA QUE NAO HAJA CONFUSAO DE QUE A CONTA ROUBADA FOI INSTAGRAM.COM/CRISTIANEJATENE (@CRISTIANEJATENE)

CONSIDERAÇÕES DO DELEGADO DE POLÍCIA: a narrativa foi realizada pela própria vítima, utilizando-se da plataforma do Boletim de Ocorrência Eletrônico e, por ora, com a análise dos dados firmados pelo usuário dos serviços, conclui-se que o caso tem feições do crime acima especificado. Vítima, desde já, fica ciente e orientada

DELEGACIA ELETRONICA www.policiacivil.sp.gov.br

Endereço da delegacia : POLÍCIA CIVIL, 1 - CENTRO-S.PAULO-SP

Documento assinado digitamente por:
MARCELO FERNANDES DE NARDI, Delegado de Polícia, em 27/02/2021 17:27

Este documento é cópia do original, assinado digitamente por POLICIA CIVIL DO ESTADO DE SAO PAULO:04236548000196, em 27/02/2021 17:27

2ª Via SKLMPOCBEEHLJHX[

a partir da data do conhecimento da autoria, para ofertar representação criminal em face do suposto autor, devendo comparecer pessoalmente na Delegacia de Polícia para ofertar referida representação criminal, ocasião na qual deverá apresentar a maior quantidade de documentos e dados de que tenha conhecimento. Registro a ser levado para deliberação do Exmo. Sr. Dr. Delegado de Polícia titular da unidade do local dos fatos. Nada mais.

Solução: BO PARA REGISTRO

NATHANIEL SELBMANN
ESCRIVÃO

MARCELO FERNANDES DE NARDI
DELEGADO DE POLÍCIA

Este documento é cópia do original, assinado digitamente por POLICIA CIVIL DO ESTADO DE SAO PAULO:04236548000196, em 27/02/2021 17:27

Documento assinado digitamente por:
MARCELO FERNANDES DE NARDI, Delegado de Polícia, em 27/02/2021 17:27

Anexo XIII. Integra de todas as entrevistas[210]

1) Entrevista Um

Nome: **A. M. da C.**

Idade: 64 anos

Profissão: Professora Aposentada

1.Minha avaliação é negativa, pois as consequências foram severas e muitas vidas foram perdidas.

2.Inicialmente minha posição foi de muita surpresa e me senti inerte. Não tinha informações precisas e isso me causava inclusive medo. Em seguida fui movida por indignação frente aos fatos e me inseri em oportunidades de discussões sobre o que estava acontecendo ao meu redor. Assim, fui integrada a um grupo de pessoas voluntárias que por iniciativa queriam buscar informações corretas para compartilhar com amigos, familiares e conhecidos em geral. A consequência disso foi participar de atividades nas redes sociais. O grupo que integrei criou páginas nas redes sociais e começamos a realizar conversas ao vivo, com pessoas que trouxessem informações que pudessem nos esclarecer e melhorar com isso o nosso bem-estar.

3. As ações práticas individuais isoladas aconteceram com diálogos privados.
Houve uma ação maior que incluía agentes sociais, pois as entrevistas nas redes sempre traziam diferentes aspectos de orientação para o que estávamos vivendo naquela

[210] As entrevistas estão transcritas exatamente como os entrevistados enviaram. Não foi feita nenhuma correção e nenhum edição. Estão integralmente como recebidas pela pesquisadora.

oportunidade. Psicólogos, Psicanalistas, Especialistas de diferentes áreas vinham publicamente fazer orientações e promover integração.

4. Afirmo que as ações práticas individuais e um conjunto de ações de alguns agentes sociais que se somaram fizeram sim, parte de um movimento de resistência social porque não aceitamos passivamente o caos que foi instaurado tendo como consequência a morte. A ideia era lutar pela preservação da vida. Uni-me aos grupos promotores de ações solidárias contra a fome inclusive.

5.Minhas decisões sobre vacinação são tomadas a partir da minha consciência de prevenção às doenças, pautada pela valorização e confiança a Ciência.

6.Creio que cientistas e a Organização Mundial de Saúde sabiam da provável letalidade pela contaminação através dos contatos (afinal a proposta de isolamento foi rápida) e, também, da necessidade de se "debruçarem" intensivamente no apoio às pesquisas para busca da vacina preventiva de proliferação do vírus.

7.As relações entre Ciência, OMS e Políticas Estatais, por mim são avaliadas como forças que precisam estar alinhadas para a manutenção do equilíbrio da saúde das populações do globo.

8. Nas redes sociais, cada vez que participei de diálogos de esclarecimento sobre o que estava ocorrendo percebia adesões de indignação, adesões em conscientização. Ouvi pessoas dizerem que tinham medo da vacina e mudaram de opinião, a partir das informações que estavam tendo.

9. Infelizmente vejo consequências para o país como um todo. Perdemos pessoas por demora na liberação da compra da vacina para a população. Famílias inteiras desapareceram, crianças

órfãs completamente abandonadas, vida econômica do país comprometida negativamente. A população mais carente foi muito prejudicada.

10. É uma reflexão bastante complexa a ser feita, pois creio que ninguém é mais o mesmo desde março de 2020 quando se anunciou a pandemia. A questão da saúde mental destacou-se demais meio as tratativas da saúde pública. O comportamento coletivo a partir do pessoal precisou ser reavaliado, aliás eu continuo me reavaliando. E esse revisitar surgiu na pandemia, por meio de rodas de conversa virtuais acompanhadas por uma psicóloga, diálogos virtuais no formato de lives nas redes sociais, diálogos entre amigos. A péssima gestão do governo federal por ocasião da pandemia gerou em mim a força para me atentar de forma mais incisiva sobre a importância em elegermos bem, com consciência, nossos governantes. Diariamente acompanhava as coletivas do governo estadual que se posicionava claramente contra a falta de responsabilidade do governo federal. Vi o quanto é importante termos uma política pública voltada para a população e não contra ela. Aprendi a valorizar mais o SUS e perceber o quanto ele precisa de apoio e investimento.

2) Entrevistado Dois

Nome: C. E. G. S.

Idade: 44 anos

Profissão: Ilustrador

1. Minha avaliação é que foi uma gestão desastrosa e criminosa. Com decisões baseadas em pseudociência e teorias conspiratórias. Desde o anúncio da pandemia global, enquanto outros países começaram a tomar medidas para conter a propagação do vírus em seu território (como o uso de máscaras, a limitação de circulação de pessoas nas cidades, distância social), o governo brasileiro negligenciou essas medidas, apostando em uma certa "imunidade de rebanho", na qual esperava-se que se grande parte da população se contaminasse, o vírus perderia a força. Essa teoria foi realmente ventilada por outros países, mmas abandonada rapidamente em função de novas análises e previsões criadas por infectologistas do mundo todo. Além de negligenciar os cuidados mais básicos, o governo transformou o enfrentamento à pandemia em uma questão política, partidária, conspiratória e delirante, atribuindo os cuidados a um tipo de "doutrinação comunista" ou "ataque chinês", tendo como alvo seu próprio governo.

2. Eu sempre me posicionei contrário à gestão. Em um primeiro momento a reação foi de espanto, pois era uma emergência global e quem deveria coordenar a população a enfrentar a pandemia estava trabalhando para confundir ainda mais as pessoas. Nós não tínhamos nem uma orientação de cuidados básicos de higiene para evitar a transmissão. Muitas pessoas começaram a agir por conta própria e oferecer o que tinham de melhor para informar e circular

a informação. Minha primeira ação foi pegar uma cartilha de cuidados de higiene que estava circulando, editar e traduzir para o português (estava em espanhol) e disponibilizar em minhas redes. Depois fui criando outras artes nesse mesmo tema informativo, orientando pessoas a ficarem em casa, a fazer o distanciamento social, higienizar as mãos e alimentos, enquanto não tínhamos a vacina. Ainda fiz muitas artes cobrando o governo e ajudando na pressão popular para que a pandemia fosse levada à sério.

3). As ações começaram isoladamente. Diante da inanição do governo e do ministério da saúde (algo impensável já que apesar de tantos problemas que o país já tinha, esperávamos que diante de uma emergência as loucuras conspiracionistas iriam ficar de lado) as pessoas foram por si mesmas agindo. Seja usando sua influência na internet ou no próprio bairro. As pessoas foram criando informativos e fabricando máscaras em casa. Mais tarde outros agentes foram se incluindo, como os divulgadores científicos e grupos da saúde, que ajudaram a coordenar e informar melhor sobre o que a população poderia fazer para se proteger.

4. Sim, iniciou de forma isolada, meio que no desespero e acabou se tornando um movimento de resistência social. Primeiro sobre o enfrentamento da pandemia, a posição do governo era de que não era algo grave, que passaria em poucos dias, que não havia necessidade de ficar em casa ou usar máscaras etc. Aparentemente a preocupação era apenas com a economia, pouco se importava se as pessoas iam se contaminar e os possíveis óbitos eram aceitáveis. Houve um movimento de resistência a essas determinações, as pessoas passaram a usar máscaras e recomendar que outros usassem, incluíram seus patrões que foram obrigados a suspender atividades, as escolas aderiram, houve colaboração de pais e professores e isso chegou a alguns governadores que tomaram decisões diferentes das determinadas pelo Governo Federal em seus próprios Estados. As decisões da população se baseavam em evitar ao máximo o contágio até que a vacina pudesse ser produzida.

Quando as vacinas chegaram, o governo federal estimulava a desobrigação da vacinação, confundindo e espalhando incerteza sobre a eficácia das vacinas. Novamente os movimentos fizeram o que o governo deveria fazer, que era estimular e informar sobre a vacinação. Acredito que a grande diferença de valores e preceitos políticos entre governo e sociedade organizada era que o governo apostava em uma quantidade de óbitos “aceitável” e que supostamente isso salvaria a economia enquanto a sociedade buscava um esforço coletivo para ter a menor quantidade de óbitos possível.

5. Eu sempre procuro me vacinar e vacinar meu filho. Cresci tomando vacinas e me imunizando da maioria das doenças que elas previnem. Durante a pandemia eu mal esperava chegar a vacina para poder ter um pouco de segurança.

6. Acredito que a covid-19 já era conhecida, porém não se acreditava que ela poderia contaminar humanos. Quando começou a se alastrar, também estava-se aprendendo o poder de contaminação e de destruição do vírus. As vacinas foram produzidas em tempo recorde em um grande esforço de diversos laboratórios.

7. Durante a pandemia eu observava que a relação entre ciência e Organização Mundial de Saúde estavam alinhadas e, também, alinhadas com as políticas Estatais de diversos países, no Brasil existia um desalinhamento porque o governo Federal apostava muito em um tipo de conspiração envolvendo a China rs. No atual governo percebo que esse alinhamento foi refeito.

8. Sim, felizmente pude perceber algumas consequências positivas sobre a gestão da pandemia. Das ações que eu pude participar, eu pude perceber que a informação realmente

chegou na população, as pessoas realmente adeririam a uma campanha nacional “informal” para que as medidas de prevenção pudessem ser adotadas, aderiram a uma grande campanha de vacinação e valorização do SUS. Antes da pandemia ventilava-se a possibilidade de privatização do SUS e hoje em dia ninguém tem mais coragem de tocar neste assunto sem consequências políticas ruins.

9. Eu vejo como consequências negativas as ações da gestão governamental durante a pandemia. Se o governo pudesse ter deixado a batalha ideológica e conspiratória de lado, teríamos muito mais força na organização e informação da população, teríamos poupado milhares de mortes, a vacinação teria tido muito mais sucesso. Poderíamos ter sido um exemplo mundial de combate à Pandemia. As consequências ruins perduram até hoje. O Brasil antes era motivo de orgulho mundial em campanhas de vacinação, hoje em dia sofremos com o discurso antivacina, que sabota as atuais campanhas de vacinação, inclusive para a dengue. Isso é preocupante.

10. Antes da pandemia eu já estava envolvido com militância política, mas isso é algo relativamente recente. Comecei a tentar me expressar politicamente em meados de 2016, diante da instabilidade política que o impeachment da Presidenta Dilma proporcionou. Percebi que poderia usar algumas habilidades de comunicação que eu havia adquirido em minha carreira profissional de ilustrador e designer para influenciar o debate político no país. Meio pretensioso na verdade, mas pra mim foi algo que me ajudava a aliviar angústias e ter a sensação de pelo menos TENTAR alguma coisa. Desde então participei em grupos de designers ativistas contra as políticas de Michel Temer e depois na campanha contra o Bolsonaro. Após a vitória do Bolsonaro me mantive ativo na pressão contra suas políticas de desmonte do Estado Brasileiro. Durante a pandemia foi um movimento natural se opor ao que o governo propunha, por puro desespero mesmo, tentando fazer o que o governo deveria fazer, que era

orientar a população e priorizar vidas. Isso se manteve durante a fase aguda da pandemia e depois, durante a vacinação. Participei de campanhas de eleições municipais de opositores do Bolsonarismo e depois na grande campanha que levou à derrota do Bolsonaro, diante do Lula.

3) Entrevistada Três

Nome: **H. M. de F. C.**

Idade: 62 anos

Profissão: Jornalista

1. Na minha avaliação, houve uma péssima gestão do governo federal ao longo de toda a pandemia. Desde o primeiro momento, quando o presidente da República desdenhou do problema, classificando-o como gripezinha, até o encerramento do mandato de Jair Bolsonaro, que jamais reconheceu a gravidade do assunto. Importante mencionar ainda a relutância, a negligência e os negócios escusos que cercaram a compra de vacinas e o péssimo exemplo do presidente da República, desobedecendo a obrigatoriedade do uso de máscara.

2. Como jornalista, eu me posicionei de forma crítica nos espaços que tinha, como o site Brasil 247, as redes sociais e diversos veículos da mídia independente que me convidaram a comentar o assunto.

3. Não sei se meu posicionamento como jornalista pode ser considerado uma ação prática. Mas acredito ter feito parte de um movimento que surgiu na sociedade brasileira, sobretudo nos meios progressistas, que cobrou providências do governo e pressionou-o, por exemplo, a comprar vacinas. Esse movimento teve como base boa parte da sociedade, e por isso acabou obtendo conquistas.

4. Sim, foi um movimento social, conforme disse na questão anterior, de perfil progressista, mas, sobretudo, norteado por valores como a defesa da ciência e da racionalidade, a negação

do negacionismo e o obscurantismo. Não se pode dizer que foi um movimento apenas das forças de esquerda no país. Teve amplo apoio em setores mais esclarecidos, como a academia, por exemplo.

5. Totalmente dentro dos preceitos médicos e científicos

6. Não saberia dizer com certeza. Do meu ponto de vista, com as informações que tinha à época, havia um grande desconhecimento sobre a Covid-19. Ao longo da pandemia foram avançando as descobertas científicas sobre o assunto.

7.Acho que deveria haver algum mecanismo no arcabouço legal do país para impedir que as decisões relativas a vacinas, epidemias e outras questões de saúde ficassem inteiramente ao sabor do governo de ocasião. Deveriam ser políticas de Estado, e não de governos, já que está em jogo a saúde - e a própria vida - da população.

8. Não saberia dizer do meu ponto de vista individual. Mas acredito ter sido fundamental esse movimento que mobilizou boa parte da mídia - dos sites mais progressistas de esquerda à mídia conservadora, que em sua maior parte posicionou-se ao lado da ciência. O País não teria tomado conhecimento dos números de mortos e infectados não fosse um consórcio dos principais veículos de informação do país que recolhia todos os dias, estado por estado, os números de cada um.

9. A principal consequência dessa gestão desastrosa da pandemia foi o número de 700 mil mortos, que, sabe-se hoje, poderia ter sido bem menor.

10. Ser jornalista é a minha maneira de estar no mundo. E isso quer dizer que tenho compromisso com a honestidade intelectual e a obrigação de abordar os assuntos por um aspecto crítico. Acho que fiz o que foi possível, dentro do meu âmbito de atuação, durante a

pandemia. Assim como em todos os momentos em que exerço minha profissão, em relação a todos os assuntos. No caso específico da pandemia, acho que saímos dela como um país mais triste, machucado pelas enormes perdas. Há uma geração de brasileiros, sobretudo os mais jovens, que passou por uma situação de saúde pública que, até pouco tempo antes, era considerada inimaginável. Ao mesmo tempo, acredito que saímos mais fortes, e de certa forma mais esclarecidos. Na minha opinião, a ação nefasta do então governo durante a pandemia teve peso preponderante na escolha da população, que em sua maioria recusou-se a reeleger, em novembro de 2022, o golpista que ocupava o Palácio do Planalto.

4) Entrevistado Quatro

Nome: **M. R. U.**

Idade: 49 anos

Profissão Advogado e professor universitário de Direito

1. Minha avaliação a pus no livro "A pandemia à luz da negação do Direito: o morticínio no Brasil", publicado em 2023 pela Editora Kotter, trabalho que fruto de estudos de pós-doutorado em Direitos Humanos no Centro de Estudos Brasileiros da Universidade de Salamanca, "De los Derechos Sociales a los Derechos Difusos", realizado entre julho de 2021 e julho de 2022, mês de sua defesa oral. Ou seja, consoante se vê do título, minha avaliação sobre a gestão da pandemia de Covid-19 pelo governo federal passado é pior possível. Um governo que não reconheceu a gravidade da pandemia, boicotou medidas de contenção do vírus postas em curso por entes federativos municipais e estaduais, dificultando burocraticamente as medidas e desacreditando publicamente as estratégias realizadas (inclusive o uso de máscaras e o isolamento social), que retardou ao máximo possível a compra de vacinas, não só desacreditando-a, mas pondo em dúvidas a credibilidade de institutos e órgãos nacionais de notável competência, como Instituto Butantan e Fiocruz, para desenvolvê-las, que defendeu a aplicação de remédios ineficazes para a cura da doença e que, posteriormente, durante a CPI da Pandemia no Senado Federal, viu-se ávido em corromper-se em aquisição de vacinas acima do preço, lucros provenientes da produção de remédios desnecessários, conspirações ilícitas envolvendo planos de saúde e entidades corporativas médicas.

2. Uma vez que o tema, que deveria ser de natureza médico-epidemiológico, passou a ser jurídico, já que uma das frentes fundamentais de enfrentamento ao negacionismo foi o Judiciário, participei comentando o assunto em veículos de imprensa (sobretudo na mídia

independente), denunciando-o em foros jurídicos internacionais, por fim, explorando-o academicamente em estudos de pós-doutorado na Universidade de Salamanca. Como membro do Associação de Juristas pela Democracia fui um dos subscritores de representação ao Escritório da Procuradoria do Tribunal Penal Internacional contra o ex-presidente da República, assim como também subscritor de série de requisições de impeachment à Câmara dos Deputados movidas pela sociedade civil, em especial do campo jurídico, como o Grupo Prerrogativas, que igualmente integro. Foi a forma como, do isolamento do meu lar, pude participar da linha de frente.

3. Os estudos de pós-doutorado, de certa forma, podem ser considerados ação isolada, porém, a maioria das ações incluíam-se num contexto coletivo que às vezes se associava à mídia independente, às vezes a instituições jurídica do campo progressista.

4. Considero sim, porque foram denúncias que certamente refletiram na necessidade de tomada de decisões pró-enfrentamento da pandemia. Sem a pressão social não haveria a mobilização judiciária e, também, parlamentar. Sem tais pressões o negacionismo venceria e centenas de milhares de mortes mais aconteceriam no país, já que o governo negacionista sustentou - ainda hoje seus principais protagonistas defendem - a imunização de rebanho, ou seja, a exposição direta ao vírus, como principal meio de enfrentamento pandêmico.

5. Jamais cheguei a pensar nisso, simplesmente tomava. Quando criança, minha família me levava aos postos de saúde. Quando adulto, continuei me vacinando em postos de saúde e/ou clínicas de vacinação. Nunca perdi um segundo de tempo pensando se a vacina era ou não importante, era ou não eficaz. Não sendo da área, sempre preferi acreditar na palavra de quem entendia do assunto.

6. No início, evidentemente que cientistas e OMS pouco sabiam sobre a doença, porque se tratava de algo novo. Ainda hoje não se sabe bem quais a consequências clínicas para quem

teve Covid-19 ou que sofre com a chamada Covid longa. Já sobre a pandemia em si, desde o princípio ela se mostrou um pouco matemática, sendo possível avaliar o mês em que chegaria no Brasil e a extensão e a gravidade do dano, caso atitudes não fossem tomadas. Com agravantes: a mutação frequente do vírus e fácil proliferação de novas cepas tornava a contenção da pandemia cada vez mais difícil, observando-se absolutamente imprescindível o desenvolvimento da vacina.
Nesse sentido, creio que cientistas e OMS fizeram o seu melhor, em que pese ter havido uma certa demora (de dias) da OMS em declarar a existência da pandemia.

7. Considerando que a OMS foi instituída na metade do século XX (1948) e o Brasil possui um Programa Nacional de Imunização de mais de 50 anos anterior ao SUS (de1973), essas relações interinstitucionais já deveriam estar mais do que consolidadas, sendo mais difícil desconstituí-las do que mantê-las. Ainda assim, o antigo governo brasileiro conseguiu dificultar tudo.

8. Dentro daquilo que podia fazer, fiz. Como cidadão, cumpri rigorosamente as ações recomendadas pelos cientistas e autoridades locais, que, no caso do meu estado, Ceará, não eram negacionistas. Já como jurista, me dediquei a difundir a boa informação à população e a acionar o Judiciário quando necessário. Por fim, como cientista do Direito, levei o assunto a nível de pós-doutorado, posteriormente produzindo um livro-denúncia sobre todo drama atravessado. Consciência tranquila.

9. A única boa consequência que houve foi a continuidade da existência do SUS (que se mostrou imprescindível durante toda pandemia), porque o governo passado estava pronto para desmontá-lo, dando fim ao mesmo. No mais, os números falam por si só. Mais de setecentas mil vidas perdias, centenas de milhares das quais poderiam ter sido salvas se não fosse a ação ou a omissão criminosa do antigo governo. Diz-se que pelo menos três de cada cinco mortes poderiam ter sido evitadas. Em minha pesquisa levantei informações de institutos especializados afirmando que a morte foi intenção propositada no antigo governo.

Ainda falando sobre problemas, o que dizer das dezenas, quiçá, centenas de milhares de órfãs e órfãos de pai e/ou mãe que hoje sofrem o luto de suas perdas? E das doenças crônicas que acompanham uma infinitude de pessoas em todo Brasil? Resumindo, a passagem da Covid-19 pelo Brasil, que já seria de qualquer maneira uma catástrofe, se transformou num pesadelo inúmeras vezes mais dramático pela postura do antigo governo. Danos que social e juridicamente jamais serão reparados. Traumas que jamais serão superados.

10. Acho que fiz o que tinha que fazer. Nem foi pelo fato de historicamente já ser uma pessoa observadora da política, tampouco foi por desejo de aparecer. Foi por generosidade, por medo, por peso na consciência em saber que estava relativamente protegido dentro de quatro paredes enquanto milhões não tinham a mesma condição de proteção. Também porque via em minhas mãos (no caso, minha mente) as ferramentas necessárias para denunciar de forma efetiva e consistente, de modo que me calar durante aquele estado de caos seria uma irresponsabilidade. Diariamente via minha esposa, que é da área médica do serviço público, sair de casa para encarar a linha de frente enquanto meu Facebook virava obituário, isso também me sensibilizou a dar minha pequena contribuição contra aquela banalização da morte.

5) Entrevistada Cinco

Nome: **C. M. V. M. V.**
Idade: 56 anos
Profissão: Jornalista

1. Por mais que se pese o fato de que as vacinas foram adquiridas e distribuídas para a população, considero a gestão da pandemia irresponsável e até criminosa em muitas ocasiões. Atribuo às atitudes do presidente Bolsonaro muito do que aconteceu no Brasil, quanto ao número de mortos e, também, o que vemos atualmente, de desconfiança da população sobre as vacinas. A recusa do presidente em se vacinar, sua atitude contra o uso de máscaras, o preconceito contra a vacina "chinesa" (a primeira a ser disponibilizada) por rivalidade com o governador de São Paulo, a sabotagem aos ministros da Saúde até a colocação de um militar sem nenhuma experiência no assunto para administrar a pasta no nosso momento mais crítico, a tentativa de submeter a ANVISA à suas crenças negacionistas, todas atitudes indignas de um chefe da nação. Inúmeras denúncias surgiram, como a de pedidos de propina na compra de vacina indiana Covaxin, de indicação e fabricação pelo Exército de cloroquina (quando já se sabia que era ineficaz contra Covid), de falta de empenho para obter oxigênio quando da crise da Delta em Manaus, entre outras levantadas pela CPI da Covid. Em todas ou quase todas as denúncias, o presidente era citado como responsável ou participante de movimentos de sabotagem do combate à doença, como quando tentou mudar a bula da cloroquina ou desqualificar a gravidade da Covid em pronunciamento em rede nacional. Portanto, não hesito em qualificar a atitude do governo brasileiro como co-responsável pelo elevado número de mortes e pelo sofrimento de tantas famílias brasileiras.

2. Como jornalista trabalhando em uma TV, me posicionei como sempre em minha história profissional de forma crítica, procurando me informar o melhor possível sobre o que estava

acontecendo. O governo brasileiro e principalmente o presidente Bolsonaro combateu ostensivamente a imprensa em todos os momentos do mandato, com ofensas e ameaças, além de divulgar para seus seguidores fanatizados inúmeras mentiras e injúrias que atingiram diretamente nosso trabalho. Fomos inúmeras vezes hostilizados pelos seus eleitores e obrigados a deixar a cobertura diária do palácio (no chamado "cercadinho") por falta de segurança. No meu trabalho, contribuí para trazer as informações mais confiáveis, obtidas muitas vezes de fontes no exterior, além de ouvir cientistas consagrados em entrevistas para o esclarecimento da população. Usei de minhas redes sociais para dar exemplos e trazer contribuições que pudessem estimular a vacinação e evitar o uso de remédios inapropriados.

3. Havia todo um grupo de brasileiros indignados com as atitudes negacionistas do governo e se percebeu nitidamente uma união de pessoas as mais variadas para combater as fake News e estimular a vacinação, além de prover informações confiáveis. Houve pessoas do meio jurídico, jornalistas, cientistas, pesquisadores, médicos, trabalhadores da saúde, comunicadores e influencers dedicados a usar seu tempo e conhecimento para ajudar os brasileiros. Muitos desses vídeos viralizaram e furaram bolhas, aportando informações relevantes às famílias. Sentimos que houve uma união de vários representantes da sociedade civil contra o discurso negacionista da extrema-direita.

4. Certamente as ações descritas na questão 3 mobilizaram em sua maioria pessoas e setores da sociedade que pertenciam à esquerda, em oposição ao governo de extrema-direita personificado por Bolsonaro, mas houve também a participação de indivíduos considerados de centro e até de direita, embora raramente. Posso citar o governador de Goiás, Ronaldo Caiado que, embora de direita e apoiador de Bolsonaro, não se dobrou ao negacionismo e incentivou a vacinação em seu estado. Outro que não se dobrou foi o presidente da ANVISA, que apesar de nomeado por Bolsonaro, cumpriu com o papel de manter o órgão como referência científica e não política. As senadoras Simone Tebet e Soraya Thronicke tiveram participação fundamental na CPI da Covid. Também os senadores Eliziane Gama (evangélica),

Renan Calheiros, Omar Aziz e Alessandro Vieira se posicionaram nesse movimento de resistência, sem se identificarem total ou parcialmente com a esquerda.

5. Confio nas autoridades de Saúde brasileiras, nos órgãos reguladores do Estado Brasileiro e no SUS para escolher e ministrar as vacinas.

6. Acompanhei as informações desde os primeiros casos, ainda na China, e lia os textos científicos disponíveis a princípio apenas em inglês sobre o que se descobria. Acredito que muitas informações demoraram a ser obtidas mais por causa do regime chinês totalitário e fechado do que propriamente por falhas da OMS. Isso levou a vários equívocos aqui no Brasil, inclusive por parte do nosso médico mais confiável para o público, o dr. Dráuzio Varella, que chegou a fazer um vídeo minimizando a gravidade da doença, que foi posteriormente apagado.

7. Com o advento da extrema-direita, observamos um momento muito negativo para a Ciência em geral, além de rótulos difíceis de combater, como alegar que a OMS é "comunista" ou que os cientistas estão a serviço de países comunistas ou de indústria farmacêutica. À medida que mais e mais países caem nesse engodo de eleger a extrema-direita, com seus discursos negacionistas e simplistas, e satanizar a OMS, cria-se o perigo de que toda a humanidade fique sujeita às consequências da falta de vacinação (ocasionando o retorno de várias doenças que já estavam controladas), à xenofobia (uma reação simplista como a que houve na Covid, estimulada por exemplo por Donald Trump e Bolsonaro) e à guerra de todos contra todos, como vimos na pandemia, com o fechamento de fronteiras separando famílias e a luta dos países por suprimentos, como máscaras, respiradores e vacinas.

8. Minhas ações práticas no campo da Comunicação não são mensuráveis, já que não é possível saber se interferi na decisão de alguém quanto à vacinação ou a tratamentos e precauções. No entanto, acredito que os indicadores de audiência dos programas que

apresentei e de engajamento à época nas minhas redes sociais são um bom indício de que atingi meu objetivo de divulgar informações confiáveis e checadas.

9. Certamente, pois os índices de vacinação atuais se mantêm baixos, apesar do ex-presidente Bolsonaro ter sido derrotado nas urnas. O alto índice de ataques e rejeição a jornalistas também se mantém e o nível de dissonância cognitiva entre os seguidores do ex-presidente consolida-se em níveis alarmantes. Tudo isso se reflete na incrível disseminação de fake news, como vimos na tragédia das enchentes no Rio Grande do Sul. O discurso da extrema-direita foi bem-sucedido ao tornar as pessoas refratárias à informação jornalística. A maioria opta por se informar apenas no whatsapp, controlado pelo bolsonarismo. As redes sociais e até os jornais tradicionais, desesperados por seguidores, se dobram aos discursos fáceis e notícias deturpadas para angariar público, assinantes e anunciantes. A informação de qualidade e os jornalistas profissionais e responsáveis hoje se sentem como cassandras, clamando suas visões para um público cada vez mais diminuto. Estamos todos num grande “Don’t Look Up”...

10. Como cidadã, gostaria de reafirmar minha confiança nos profissionais de saúde que moldaram nossa cultura de vacinação, de confiança nas decisões tomadas no âmbito do SUS que, com todas as suas falhas, fez mais uma vez a diferença durante a pandemia. Em 2020 eu me encontrava reclusa. Havia saído da TV GLOBO em 2018 e, desde então, estava em um sabático prolongado, com apenas alguns trabalhos esporádicos, cuidando de minha família. No entanto, ao receber o convite da CNN, em meio à emergência que surgiu na pandemia, decidi voltar e dar minha contribuição de jornalista para combater a desinformação, o que já vinha fazendo nas minhas redes sociais de forma espontânea e não remunerada. Foi muito difícil deixar o isolamento em que me sentia segura. Tive momentos de muito medo, antes da chegada da vacina. Fui trabalhar todos os dias evitando o contato com os colegas, fazendo o jornal de casa nos piores momentos de superlotação das UTIs. Mesmo assim, considero que minha contribuição foi válida, tendo mesmo recebido um desagravo dos senadores da CPI da Covid em apoio ao meu papel durante os trabalhos do Congresso. Hoje considero que o

Jornalismo brasileiro se encontra em uma crise sem precedentes. Continuo trazendo o meu apoio e lutando para que meus colegas que estão na profissão hoje tenham o destaque e a remuneração que merecem. Fui ouvida pela Abraji, que pesquisou sobre as agressões que atingiram duramente as jornalistas mulheres. Continuo combatendo a desinformação com os meios que me são possíveis, esperando um futuro em que tenhamos mais respeito e valorização do nosso trabalho em prol da democracia e da nossa sociedade.

6) Entrevista Seis

Nome: **P. R. C. H.**

Idade: 44

Profissão: Professor

1. A gestão da pandemia no Brasil foi um vexame internacional, especialmente considerando um país que tem um histórico de sucesso em diversos desafios de saúde pública. Para entender esse contexto, é necessário revisitar a Série do Lancet sobre saúde no Brasil, publicada em 2011 (https://www.thelancet.com/series/health-in-brazil), quase uma década antes do início da pandemia de Covid-19. Em resumo, a série mostra que a saúde pública brasileira avançou consideravelmente ao longo do tempo, tornando-se referência internacional em atenção primária à saúde, vacinação, controle de algumas doenças infecciosas, redução da mortalidade infantil, etc. Apesar dos avanços, inúmeros desafios ainda eram identificados, especialmente em relação às doenças e agravos não-transmissíveis e desigualdades em saúde, entre outros temas. Com a chegada da Covid-19, o sistema de saúde brasileiro tinha as condições necessárias para ser uma referência mundial no enfrentamento da pandemia. O fato de o sistema ser organizado em unidades básicas de saúde permitiria que as pessoas buscassem o cuidado perto de casa, sem a necessidade de longos deslocamentos para a região central das cidades. Isso poderia ter efeito positivo na redução da circulação do vírus. Posteriormente, com a chegada da vacina contra Covid-19, o Brasil tem um dos melhores sistemas do mundo para entrega rápida e ampla de vacinação para sua população. Esses são apenas dois exemplos de como o Brasil poderia ter sido um dos países com melhor resposta à pandemia de Covid-19.

Muito já foi dito sobre o fracasso brasileiro na resposta à Covid-19. Em resumo, o Brasil teve uma mortalidade cumulativa por Covid-19 quatro vezes maior do que a média mundial. Isso

ocorreu por uma combinação de fatores, resumidos abaixo no que classifiquei como os sete pecados capitais no enfrentamento à pandemia no Brasil em meu depoimento à Comissão Parlamentar de Inquérito instaurada para avaliar o manejo da pandemia no Brasil.

O tripé do enfrentamento de doenças infecciosas

O enfrentamento de doenças infecciosas baseia-se no tripé testagem, rastreamento de contatos e isolamento. O objetivo é diminuir a disseminação do vírus, por meio do isolamento dos suspeitos, até que a possibilidade de doença seja descartada. Infelizmente, os dados sobre testagem do Brasil não podem ser comparados aos do resto do mundo, visto que não estão disponíveis no sítio eletrônico https://ourworldindata.org/coronavirus-testing. Destaque-se que não houve, em nenhum momento da pandemia, uma política de testagem de larga escala, efetiva, em nível nacional. É necessário também ressaltar que o objetivo da testagem em larga escala não é apenas quantificar os casos, mas especialmente identificá-los precocemente, evitando que essas pessoas transmitam a doença para outras. Os poucos casos de sucesso em relação à testagem de Covid-19 no Brasil restringem-se a estudos epidemiológicos, nos quais a testagem é feita por amostragem. O rastreamento de contatos consiste em identificar as pessoas que tiveram contatos com indivíduos com confirmação da doença, testá-los e isolá-los, para evitar a disseminação do vírus.

Abordagem clínica (individual) versus abordagem epidemiológica (populacional)

O Brasil adotou, equivocadamente, uma abordagem clínica para o enfrentamento da pandemia, ao invés de adotar uma abordagem epidemiológica. O aumento do número de leitos, a compra de respiradores, a tentativa de garantir oxigênio e medicamentos para kits intubação são exemplos dessa estratégia. Não há aqui uma defesa contrária a essas medidas, mas é um equívoco achar que uma pandemia seria controlada sem reduzir a transmissão do vírus (abordagem populacional).

Desestímulo ao uso de máscaras

Não há dúvida científica sobre a eficácia do uso de máscaras para o controle da disseminação do vírus. No Brasil, as constantes aparições públicas do presidente sem máscara passam uma mensagem dúbia à população, estimulando o descrédito na eficácia do uso de máscaras.

Promoção de tratamento ineficazes

É necessário pontuar que, independente da ineficácia dos medicamentos do chamado kit de tratamento precoce, e independente dos riscos associados à administração em altas doses desses medicamentos, o mais grave é a falsa sensação de segurança passada à população. Quando o presidente está infectado e levanta uma caixa de medicamentos como se fosse um troféu de Copa do Mundo, a mensagem passada à população é nítida: podem se contaminar que esse medicamento é capaz de salvá-los.

Atraso na compra e desestímulo à vacinação

O desestímulo à vacinação foi observado em várias manifestações do Presidente da República. Além do efeito maléfico das declarações em si, o mais grave foi a ação de negligenciar as ofertas de vacinas feitas no ano de 2020. Foi estimado que 95.500 mortes poderiam ter sido evitadas caso o Brasil tivesse adquirido as vacinas da Pfizer e da Coronavac nas ofertas iniciais. Estudo mais recente, de outro grupo de pesquisa, estima em 145.000 vidas perdidas em função da negligência na compra de vacinas.

Falta de liderança do Ministério da Saúde e de um comitê de especialistas

A falta de uma liderança nacional, centralizando as ações de combate à pandemia foi decisiva para explicar o vexatório desempenho brasileiro no enfrentamento do coronavírus. Nem mesmo a mais elementar decisão em uma situação dessa gravidade, que era a criação de um comitê de especialistas, foi feita, com exceção de grupos que agiam “nas sombras”.

Falta de uma comunicação unificada

Uma mensagem unificada auxilia na adoção da população das medidas recomendadas pela ciência. No caso brasileiro, a única tentativa nesse sentido ocorreu durante a gestão do Ministro Mandetta, que promovia coletivas de imprensa diárias para informar à população sobre a evolução da pandemia. Infelizmente, todas essas iniciativas foram boicotadas pelo próprio presidente da República, que diariamente promoveu a disseminação de informações anti-ciência.

Para mais informações sobre o tema.

Hallal PC, Victora CG. Overcoming Brazil's monumental COVID-19 failure: an urgent call to action. Nat Med. 2021;27(6):933. doi:10.1038/s41591-021-01353-2.

Hallal PC. SOS Brazil: science under attack. Lancet. 2021;397(10272):373-374. doi:10.1016/S0140-6736(21)00141-0.

Hallal PC, Victora CG, Silveira MF, et al. The challenge of conducting epidemiological research in times of pandemic and denialism: 1-year anniversary of the EPICOVID-19 project in Brazil. Int J Epidemiol. 2021;50(4):1049-1052. doi:10.1093/ije/dyab129.

2. Posicionei-me diariamente denunciando a má condução da pandemia no Brasil, mesmo que com altos custos pessoais e profissionais. Fui deponente na Comissão Parlamentar de Inquérito que avaliou a condução da pandemia pelo governo brasileiro. Liderei o maior estudo epidemiológico do país sobre Covid-19. Manifestei-me na mídia diariamente por mais de dois anos, sempre apresentando o meu entendimento, baseado na formação epidemiológica que recebi, sobre a evolução da pandemia no país. Como consequência, fui processado em quatro oportunidades (tendo sido inocentado nas quatro ocasiões), fui ameaçado, perseguido de carro e perseguido politicamente no ambiente universitário.

3. Sinceramente, é inevitável mencionar uma certa sensação de isolamento, causada provavelmente por uma mistura da pandemia em si e do silêncio ensurdecedor de muitos durante a pandemia de Covid-19. No entanto, é necessário destacar que vários pesquisadores e pesquisadoras, além de algumas instituições, estiveram ao meu lado atuando para enfrentar o negacionismo que caracterizou a atuação do governo brasileiro durante a pandemia de Covid-19. Não há como listar todos os colegas que atuaram ao meu lado, mas posso lembrar da Dra. Margareth Dalcolmo, da Dra. Natália Pasternak, do Dr. Átila Iamarino, do Dr. Alexandre Naime, do Dr. Renato Kfouri, por exemplo. Institucionalmente, a UFPel e a ABRASCO talvez tenham sido as instituições mais veementes no enfrentamento dos absurdos cometidos pelo governo federal durante a pandemia de Covid-19.

4. Certamente. Os valores que nos guiaram, ou que me guiaram em particular, incluem valorização da ciência, valorização da democracia e valorização da liberdade de expressão. O conhecimento científico foi fundamental para desbancar narrativas absurdas, como o uso da imunidade de rebanho como estratégia de enfrentamento da pandemia, por exemplo. No campo democrático, não tenho dúvidas de que nossas ações tiveram impacto decisivo nas eleições presidenciais que ocorreram após a pandemia, devolvendo ao Brasil uma situação de normalidade democrática. No campo da liberdade de expressão, houve flertes recorrentes com a censura, mas a denúncia sistemática desses casos ajudou o país a manter a liberdade de expressão como um direito fundamental.

5. Com base na ciência, como sempre fiz. A vacinação, ao longo da história, salvou milhões de vida no mundo. E continuará salvando.

6. O conhecimento era gerado de forma muito rápida, o que sempre é desafiador. No entanto, a agilidade era necessária frente ao cenário vivenciado à época. A eficácia das vacinas era testada e divulgada em tempo real. A efetividade precisava de mais tempo e acabou sendo testada no mundo real em seguida. Uma característica que nos deixou muito seguros foi a

segurança das vacinas. Embora a eficácia nem sempre fosse perfeita, a segurança sempre foi excelente, reduzindo o peso da desinformação que circulava na época.

7. O papel da OMS durante a pandemia precisa ser discutido. Embora a liderança tenha sido, em geral, positiva, ficou evidente que a OMS não tem a capacidade instalada para liderar o mundo no enfrentamento de crises sanitárias. A OMS demorou a identificar a magnitude do problema e foi ineficiente na garantia da equidade na distribuição de insumos, inclusive vacinas. Evidentemente, a culpa não é apenas da OMS, visto que ela congrega os países, muitos dos quais tiveram decisões bastante equivocadas durante a pandemia. A ciência é usada pelos países de acordo com o interesse dos governantes, e isso é um problema. Há evidente excesso de poder nas mãos dos governantes de cada país, o que inviabiliza a ação de cientistas. A criação de estruturas de estado (e não de governo) para lidarem com emergências sanitárias é urgente e desejada. Do contrário, o mundo ficará novamente à mercê dos governantes de plantão na próxima emergência sanitária.

8. Durante a pandemia, vi consequência imediatas. Dados do EPICOVID-19 foram usados por inúmeros gestores de saúde para elaborarem seus planos de enfrentamento. Nem sempre, aliás, tais planos foram elaborados ouvindo os pesquisadores que lideraram o estudo. Alguns estados e cidades, por exemplo, usavam dados do EPICOVID-19 para justificarem decisões que pareciam completamente equivocadas à época. No entanto, esses casos foram minoria. Em inúmeras situações, estados e municípios usaram dados do EPICOVID-19 e dialogaram conosco para elaborarem planos de enfrentamento da pandemia. Foi uma experiência única de usar a ciência para influenciar a tomada de decisão daqueles que foram eleitos para esse fim.

9. O crescimento do movimento anti vacina no Brasil é consequência direta da má condução da pandemia de Covid-19. O outro ponto foi o descrédito da classe médica, antes tão respeitada no Brasil. Acredito que demorará décadas para que a classe médica brasileira

recupere o prestígio que já teve junto à sociedade, por influência do comportamento inexplicável de alguns médicos e médicas durante a pandemia de Covid-19.

10. Eu já era Reitor de uma Universidade Federal antes da pandemia. Portanto, para ser sincero, minha atuação como cidadão mudou pouco com a pandemia. O que mudou foi o reconhecimento dessa atuação, o que obviamente tem seu lado positivo e seu lado negativo. Talvez o ponto mais importante seja mencionar que, em outubro de 2022, sai do país para morar nos Estados Unidos. Não há como desvincular essa decisão com o que vivenciei durante a pandemia de Covid-19. É uma situação análoga a um “exílio”.

7) Entrevista Sete

Nome: **M. P. L.**
Idade: 56
Profissão: Jornalista

1) Foi um fracasso criminoso. Não há como não ser incisivo nessa avaliação.
Para começar, é uma gestão que se inicia com um negacionismo científico irresponsável. Segue com a criação de obstáculos para o acesso a dados confiáveis sobre o avanço da Covid-19 no Brasil, passa por medidas erráticas para adaptar a economia à situação inédita, uma operação logística tragicômica, comandada por um general feito ministro da Saúde, cujo ministério chegou a confundir o Amazonas com o Amapá na hora de enviar um carregamento de insumos para o complexo hospitalar. Vai até a resistência na compra de vacinas, às negociações suspeitas e ao atraso para fechar contratos com laboratórios internacionais. Pode ser resumida com um número que dá a dimensão da tragédia: 700 mil, que é o número de mortes atribuídas à pandemia no país, que ainda tem como triste legado a desconfiança de boa parte da população em relação à eficácia das vacinas. Uma desconfiança alimentada pelo governo e seus apoiadores.

2) Do ponto de vista pessoal, de forma sempre crítica, no meu entorno familiar e de amizades. Como profissional de Jornalismo especializado em questões internacionais, trabalhando para evidenciar a gravidade da situação, buscando entrevistar pessoas envolvidas com o enfrentamento da pandemia, redobrando os esforços para conseguir informações fidedignas a partir de fontes confiáveis, para embasar análises e comentários. Em resumo, agindo com responsabilidade e de acordo com os preceitos do bom jornalismo, diante da gravidade da situação.

3) As ações práticas, como profissional, se deram no âmbito do ambiente jornalístico, contando com a parceria de colegas, no Brasil e no exterior e com informações conseguidas junto a médicos, pesquisadores, representantes de entidades internacionais e autoridades as mais variadas.

4) Sem dúvida. Mais até do que valores e preceitos políticos, diria que as ações foram baseadas em valores e preceitos que norteiam, ou deveriam nortear, o Jornalismo. A saber, a busca por informações fidedignas, a contextualização histórica e circunstancial, a reação à desinformação, o equilíbrio, a objetividade e um sentimento de função social do jornalismo num ambiente que queremos democrático e que precisa ser democrático, pois sem isso, nem Jornalismo é possível fazer. Sempre no intuito de tentar entender para tentar explicar da melhor forma possível.

5) Acredito na ciência e nas indicações de médicos e pesquisadores. Sou de uma família em que vacinação nunca foi tema de questionamento. Como em muitos campos da ciência, o da vacina está em constante evolução e adequação.
Acredito que todas as vacinas postas à disposição do público pelas autoridades de saúde sejam seguras o suficiente para cumpri a função à qual se destinam: imunizar, proteger, evitar a contaminação e o desenvolvimento de doenças evitáveis.

6) Como em muitos casos ao longo da história, o conhecimento foi se ampliando ao longo do tempo, no caso ao longo dos meses. Tanto o conhecimento sobre o vírus quanto aquele sobre as medidas profiláticas e, posteriormente, o conhecimento sobre as vacinas. Desde o momento em que foi constatado que não estavam ocorrendo uma série de epidemias simultâneas e sim uma pandemia que não conhecia fronteiras e estava fora de controle, ficou evidente também a gravidade da situação. As notícias sobre casos graves e mortes, a partir dos primeiros meses de 2020, serviram para ressaltar a importância de enfrentar a situação com a seriedade que ela demandava.

Na minha rotina de jornalista, acompanhava diariamente os boletins da OMS e as atualizações de instituições, como a Universidade Johns Hopkins, tidas pela
comunidade científica como referências em dados sobre o avanço da pandemia. Nesse processo, os cientistas foram aprendendo cada vez mais e nós, profissionais de Jornalismo, acumulando dados e informações que tentamos traduzir da melhor forma possível e compartilhar de maneira clara.

7) Durante os períodos mais duros da pandemia, foi ficando evidente que uma relação de confiança entre a OMS e governos nacionais era, e é, fundamental para a construção e implementação de políticas públicas de Saúde que atendam às demandas e necessidades das populações envolvidas. Essa relação de confiança, ficou comprovado também, é insuficiente, no entanto, para enfrentar as profundas desigualdades econômicas que marcam o mundo contemporâneo. Países mais ricos e mais desenvolvidos tiveram maior e mais rápido acesso às vacinas, por exemplo. E, quando não governados pro negacionistas, ou quando esses negacionistas mudaram de posição, casos dos EUA com Trump e do Reino Unido, com Boris Johnson, acabaram melhor atendidos do que os países com menos recursos. No caso brasileiro, o negacionismo oficial fez com que as consequências negativas da pandemia fossem bem mais amplas do que poderiam ter sido, estivéssemos sendo governados por gente que respeitasse a ciência.

8) Com o risco de parecer cabotino ou corporativista, diria que o trabalho do Jornalismo foi fundamental para que as consequências negativas da pandemia não fossem ainda mais graves. Entre outras coisas, por conta de uma iniciativa inédita: diante do negacionismo oficial do governo de Jair Bolsonaro, da resistência desse mesmo governo em atualizar os dados da pandemia e compartilhá-los com a sociedade, como qualquer governo responsável faria, os principais grupos de comunicação do país deixaram de lado suas diferenças e a concorrência que marca o setor e se uniram num consórcio sem igual na história. Um consórcio constituído

para compilar dados oficiais obtidos junto a autoridades de saúde nos municípios e estados brasileiros para dar um quadro real da pandemia de Covid-19 no país.

9) Da parte da atuação do governo federal, não houve consequência positiva, a não ser talvez a reafirmação da importância fundamental do Sistema Único de Saúde, cujos profissionais se mostraram à altura do desafio que lhes foi apresentado, apesar da clara resistência negacionista de seus superiores nos escalões mais altos da República. Ficou evidente que o Brasil não sofreu ainda mais com a pandemia graças à atuação decisiva dos profissionais do SUS e da parte mais relevante da comunidade científica. A se lamentar, entre as consequências negativas, o retrocesso em relação a campanhas de vacinação, alimentado pelo negacionismo oficial e as posturas irresponsáveis de algumas entidades classistas da área médica, notadamente o Conselho Federal de Medicina e sua defesa dos chamados tratamentos alternativos que nunca tiveram o respaldo da ciência.

10) Olhando para trás, para esse período surreal da história, tenho por vezes dificuldade em aceitar que tudo aquilo aconteceu de fato. Lembro das primeiras informações vindas da Ásia, ainda no final de 2019, de conversar com colegas jornalistas no Japão, quando um navio de cruzeiro permaneceu isolado depois de detectados casos da doença até então pouco conhecida, que aparecera semanas antes na China. Depois disso, o acompanhamento, dia a dia, semana a semana, do avanço da Covid-19 na Europa. Veio a virada de ano, passou o carnaval, numa estranha normalidade, e em abril, as primeiras determinações relativas a isolamento. Logo, a mudança de rotina no trabalho, com a divisão dos profissionais em grupos, que se revezavam para manter no mínimo necessário o número de pessoas fazendo o canal onde trabalho funcionar. Enquanto isso, os números cresciam, as mortes se multiplicavam e com elas, as internações. E vivemos um normal que de normal não tinha quase nada, para o qual ninguém estava preparado e que alguns simplesmente rejeitavam. A começar pelo presidente do meu país, numa atitude hedionda e que beirava o inacreditável. A rotina em família mudou, com todos em casa, menos eu, que saia para trabalhar todos os dias. As

conversas, discussões e celebrações online. Eventos culturais, show, tudo na telinha. E a falta de perspectiva de uma solução. Até que um dia, já depois da chegada das vacinas, já depois de tomar a primeira dose, minha família toda foi contaminada. Esposa, dois filhos adolescentes e eu. Dos quatro,

o único que desenvolveu um quadro um pouco pior, que demandou internação, fui eu.

Lembro da tristeza e do medo ao receber a notícia. Mas logo, as atenções dos médicos, num hospital privado, pago pelo plano de saúde da empresa, me tranquilizaram. Uma semana depois, estava de volta em casa. E logo, de volta ao trabalho, tentando olhar pra frente, andar pra frente, enfrentando mentiras,

negacionismo, desconfianças. Com trabalho duro, novas ou renovadas práticas de higiene e limpeza, novos diálogos, retomada de amizades, parcerias. No momento de maior isolamento, no Brasil e em outros países, um amigo compartilhou uma canção gravada por músicos franceses confinados, que falava sobre ternura e a importância de alimentar esse sentimento. Achei interessante fazer uma versão brasileira. Juntei uma irmã roteirista, um cunhado arranjador, amigos músicos, que juntaram outros e fizemos “A ternura”, dos projetos mais gratificantes de que já participei. Ninguém ganhou nada com isso, mas ao mesmo tempo, tenho certeza de que ganhamos tudo, principalmente uma dose de esperança renovada. Que sempre será maior do que certa estupidez, que teima em desfilar orgulhosa por aí.

8) Entrevista Oito

Nome: **D. T. C.**

Idade: 67

Profissão: Médico, Professor Universitário

1) No período inicial da pandemia (Ministro Mandeta) a gestão da pandemia indicava seriedade e compromisso e a condução era tecnicamente coerente com profissionais preparados. Mas, mesmo neste período, a percepção da gravidade da crise sanitária que se avizinhava foi parcial a exemplo de quase todos os países do mundo e, inclusive, da OMS. De forma geral, demorou-se muito para estabelecer as medidas de contenção do vírus e, quando instituídas, não mais foram efetivas porque o vírus já estava presente em território nacional desde o final de janeiro de 2020. A partir daí, as medidas de mitigação da pandemia foram tímidas e somente tomadas com alguma seriedade a partir de abril/maio de 2020.

Em maio de 2020, assumiu o MS o General Eduardo Pazuello (após a curta passagem de Nelson Teich) e, a partir daí, a gestão da pandemia foi caótica, equivocada, cientifica e sanitariamente inconsequente e negacionista. O governo federal passou a defender medidas irracionais como o tratamento precoce com o uso de medicamentos como a cloroquina e outros sem eficácia comprovada além de combater o isolamento social e o uso de EPIs como as máscaras de proteção respiratória. O governo federal também foi incapaz de ofertar equipamentos e insumos materiais essenciais para suporte clínico aos pacientes infectados, como respiradores, leitos de UTI, anestésicos, oxigênio e tantos outros medicamentos essenciais.

O governo federal se recusou sistematicamente a autorizar a compra de vacinas contra COVID-19 e, quando comprou, em janeiro de 2021, comprou em volumes já reduzidos em razão da oferta escassa no mercado mundial. Os quantitativos de vacinas adquiridos eram insuficientes para atender a vacinação em massa obrigando a instalação da vacinação escalonada por grupo

de risco e ao mesmo tempo fazendo aberturas precoces e descoordenadas do isolamento social.

Vários órgãos do Governo Federal e Agências Governamentais como a ANVISA, revelaram grau elevado de descompromisso com o país e com a grave situação sanitária vivenciada naquele momento. No final de 2022, o Brasil contabilizou mais de 693.000 mortos por COVID-19, a terceira posição mundial superado apenas pelos EUA e pela Índia.

Muitas destas ações do governo federal durante a pandemia foram consideradas crimes contra a humanidade pela CPI do COVID realizada pelo Congresso Nacional.

2) No período da pandemia, até março de 2023, fui o Diretor do Instituto Butantan do Estado de São Paulo e, nesta posição, ocupei posição na linha de frente no combate científico à epidemia de COVID-19. O Estado de São Paulo foi o contraponto ao negacionismo do Governo Federal e, particularmente, atuei de forma intensa com presença constante na mídia defendendo as vacinas e as medidas de mitigação e controle da epidemia. No período crítico da pandemia participava de pelo menos três coletivas de imprensa por semana e participava de programas televisivos e jornalísticos em várias mídias nacionais e regionais.

Como Diretor do I. Butantan liderei importante iniciativas de combate e mitigação do vírus, incluindo estabelecimento de rede estadual de testagem para a infecção pelo SARS-CoV-2.

Fui testemunha depoente na CPI da COVID-19 onde tive a oportunidade de apresentar farta documentação comprovando a negativa sistemática do Governo Federal na aquisição de vacinas, especialmente a vacina Coronavac produzida pelo Instituto Butantan em associação com a empresa Chinesa SINOVAC. Essa vacina foi rotulada pelo Presidente da República de Vachina e proibida de ser adquirida pelo MS do Brasil pelo próprio presidente. Combati de frente esse absurdo de forma incansável até que a vacina fosse adquirida e introduzida em 17 de janeiro de 2021 sendo a primeira vacina usada no país.

3) Fiz parte do Governo do Estado de São Paulo que tinha o Governador João Dória como liderança maior. O Estado de São Paulo atuou de forma coordenada com munícipios e

lideranças políticas e sociais para combater a epidemia. As políticas de combate à epidemia geradas no Estado foram usadas por muitos outros estados da federação e se opunham radicalmente às políticas do governo federal, sendo técnica e cientificamente embasadas.

4) A política de combate à pandemia foi, antes de tudo, uma política de sobrevivência. Ante a falta de ação efetiva ou equivocada do governo federal, restou aos demais entes federados, Estados e Municípios, e à população atuar para proteger o valor fundamental da vida. Parte significativa da população entendeu a gravidade do momento e atuou. Outra parte, inspirada nas orientações equivocadas do governo federal, resistiu às medidas necessárias para o controle da pandemia, como os movimentos de isolamento social, fechamento das atividades rotineiras, limitação de circulação e outras medidas.

5) Com base nas evidências científicas resultantes de trabalhos clínicos e epidemiológicos controlados.

6) O mundo, apesar de todo o seu alegado desenvolvimento técnico-científico, foi pego de surpresa e revelou o seu total despreparo para lidar com uma pandemia catastrófica como a epidemia de COVID-19. No início de 2020, renomados especialistas vieram a público expor o seu desconhecimento e muitas vezes minimizaram o potencial mortal do vírus. Outros se apressaram em alertar que a infecção, embora preocupante, poderia ser contida e não se transformar em uma pandemia. A própria OMS demorou para reconhecer o potencial pandêmico do vírus e apenas declarou o estado pandêmico em 11/03/2020, quatro meses após a detecção inicial dos casos na China.

7) Relações frágeis, politizadas, descoordenadas, intuitivas, pouco científicas.
As doenças infecciosas e parasitárias sempre foram inimigas mortais da humanidade. Inimigas que somente começaram a ser conhecidos e combatidos de forma racional e científica nos últimos 150 anos e, mais intensamente, a partir da segunda metade do século XX.

As epidemias e pandemias são os eventos epítomes desencadeados pelos agentes infecciosos e sempre são responsáveis por grandes catástrofes e mortandade, inclusive ameaçando, em vários momentos, a sobrevivência da espécie.

De forma geral, o mundo não estava preparado para o enfrentamento da atual pandemia de COVID-19 da mesma forma que não enfrentou de forma adequada outras que vem acontecendo e que são negligenciadas. Como ilustração deste ponto basta considerar que o mundo, apenas nos 22 anos do século XXI já registrou 70 surtos epidêmicos, sendo que 5 são de natureza pandêmica (SARS, Gripe Suína, MERS, Zika e COVID-19). No Brasil, continuamos a ter os surtos epidêmicos de dengue, zika, chikungunia, febre amarela e sarampo.

De todos os riscos que podem ameaçar a sobrevivência da humanidade, como o risco de uma guerra nuclear, o risco ambiental e o risco pandêmico, seguramente esse último é o mais próximo e o menos considerado em termos de preparo e prevenção. O mundo gasta fortunas imensas nos sistemas de defesa e desenvolvimento de armas, pouca importância tem dado às mudanças climáticas e menos ainda às ameaças infecciosas sejam naturais ou intencionais.

8) Muitas das ações que empreendi durante a pandemia se basearam nas necessidades de um combate efetivo ao vírus e às suas consequências. A experiência gerada indicaria a necessidade de estabelecimento de sistema mais efetivo para o preparar o país para enfrentar futuras epidemias que, certamente, virão. Entretanto, não observo ações concretas nesse sentido.

O Ministério da Saúde do Brasil, por meio do Programa Nacional de Imunização, não tem conseguido elevar a cobertura vacinal aos níveis necessários para evitar a recorrência de doenças infecciosas como o sarampo ou mesmo o retorno de doenças consideradas controladas como a poliomielite. As lições oferecidas pela pandemia aparentemente não foram aprendidas no Brasil e em boa parte do mundo.

9) A gestão desastrosa da pandemia teve como uma de suas consequências o negacionismo científico, especialmente no valor das vacinas como instrumentos adequados de prevenção de doenças infecciosas. Por outro lado, politizou a compreensão do papel dos sistemas de saúde pública e vigilância epidemiológica no controle de surtos epidêmicos e pandêmicos. A fragilidade do Sistema Único de Saúde, que já era presente antes da pandemia, tornou-se evidente muito além do discurso ideológico que exalta suas qualidades demonstrando a necessidade da sua reforma integral caso o país queira, de fato, cumprir o preceito constitucional da sua prevista integralidade e efetividade. Para além do discurso pós-pandêmico de retomada da ciência, o país vive a necessidade de ações concretas que restabeleçam pactuações e financiamentos compatíveis para superar as fragilidades demonstradas pela pandemia e que resultaram em mais de 700 mil mortes no país.

Fragilidades do SUS: subfinanciamento, descoordenação, baixa qualificação técnica, pulverização de iniciativas contraditórias, atraso tecnológico, entre outras.
Falta de ações concretas pode ser dito de outra forma: excesso de planejamento e falta de execução. O discurso da saúde para todos não se reflete em ações de saúde para todos. Cronicamente vivemos a situação das filas, das faltas de medicamentos, dos atrasos nos procedimentos, etc.
Nenhuma política pública é desvinculada de projetos políticos, o que não quer dizer que todas as áreas da saúde pública devam ser dependentes de projetos políticos. Programas essenciais como o PNI e Vigilância em Saúde devem ser perenes e profissionalizados. Fosse assim, não teria ocorrido a catástrofe que ocorreu.

10) No geral, a pandemia me permitiu uma compreensão mais profunda dos sistemas de saúde do Brasil e do mundo. Como professor universitário e pesquisador posso afirmar categoricamente que hoje vejo mais claramente as enormes dificuldades e fragilidades destes sistemas e quão pouco preparados estavam e assim continuam em relação à capacidade global de enfrentamento de desafios pandêmicos. Epidemias e pandemias, antes de 2019, eram

apenas referências catastróficas distantes no tempo como a peste negra e a gripe espanhola para a maioria das pessoas. Triste constatar que após a tragédia da pandemia de COVID-19, que certamente atingiu a todos indistintamente, o sentimento geral não mudou radicalmente como eu esperaria. O mundo voltou ao normal e, nesse normal, se inclui a negação da tragédia, a negação das lições que deveriam ter sido aprendidas e não foram. De forma geral, resumi minha opinião do que deveria e deve ser mudado num artigo escrito para a Revista da Fapesp em 2022: “Ciência deve antes da Política” (https://60anos.fapesp.br/livro/#/fasciculo09/ciencia-deve-vir-antes-da-política), para o qual remeto.

9) Entrevista Nove

Nome: **T. E. Z.**
Idade: 27 anos
Profissão: Jornalista e Documentarista

1) A minha avaliação é a pior possível. O governo não somente descumpriu todas as normas e legislações científicas como ainda atuou diretamente para propagação da doença.

2) Primeiro como cidadão, que preza pelo bem coletivo, e pela saúde de meus familiares e amigos, tive que assumir uma posição muito dura no sentido da necessidade de cuidado extremo. Querendo me colocar como um exemplo para meu círculo afetivo. Então fiquei meses sem visitar familiares, amigos, trancado em casa, seguindo todas as normas. Posteriormente como jornalista iniciei um trabalho de divulgação e conscientização por meio de reportagens, documentários, entre outras produções.

3) No meu caso sempre foi relacionado a ações coletivas. Um exemplo é uma rede de coletivos que atuam na região da Cracolândia, como Mangueio Filmes, Coletivo Tem Sentimento, Pagode na Lata, Craco Resiste, entre outros importantes, que somaram forças em diversas frentes para reduzir o impacto da pandemia nesta região.

4) Sim.
Sem dúvida, o cuidado com a vida, a luta pelos direitos humanos e pela justiça social.

5) Orientado pelos órgãos públicos que são responsáveis por essas questões. Como ANVISA, ministério da saúde…

6) Que era um vírus altamente letal, e que a única esperança que tínhamos para conter o seu avanço, seria com uso de máscaras, distanciamento social e vacinas.

7) Acho que deveria ser independente. Ciência não se discute. Independente de governo. Não podemos deixar nenhuma brecha para que a cada 4 anos, possa ser reformulado toda uma maneira de se pensar saúde pública e ciência.

8) Sim. Inúmeras. Conscientização da sociedade como um todo. responsabilização dos culpados pela tragédia. Entre outras.

9) Inúmeras vidas poderiam ter sido salvas, não fosse o desgoverno de Jair Bolsonaro.

10) Tenho a consciência tranquila, de que fiz o que pude para contribuir com a nossa sociedade, seja profissionalmente, seja como cidadão. Não faria nada diferente nesse sentido, mesmo que atualmente conviva com consequências dessa escolha que fiz.

10) Entrevista Dez

Nome: **A. C. A.**
Idade: 61 anos
Profissão: Educadora Social

1) Além de adotar uma postura negacionista, o governo inventava várias histórias, como a de que as máscaras vindas da China iriam transformar as pessoas em jacarés. O presidente não dava importância à gravidade da situação, referindo-se à pandemia como uma "gripezinha". Não disponibilizou recursos para a compra imediata de vacinas. Foi um governo que, de certa forma, apostou na morte das pessoas ao invés de proteger vidas, demonstrando muita irresponsabilidade em relação à saúde da população.

2) Primeiro a população precisava se salvar diante do descaso do governo. O medo falou mais alto. Juntamos todos da UNAS, ligamos para os parceiros, e pedimos ajuda, exercendo o princípio da solidariedade que está em nossa missão.

UNAS (União de Núcleos Associação de Moradores de Heliópolis e Região, é uma OSC (Organização da Sociedade Civil), que tem atuação em Heliópolis há 47 anos, nasceu de uma comissão de moradores nos finais dos anos 80. Trabalha desenvolvimento local e cidadania

3) Sim, foi crucial implementar ações integradas. Denunciamos a situação de pessoas autônomas que perderam sua fonte de renda devido à impossibilidade de trabalhar durante a pandemia. Também destacamos o fechamento das escolas, privando os alunos de acesso à educação. Diante dos postos de saúde e hospitais lotados, trabalhamos em parceria com médicos e agentes de saúde para desmentir informações falsas. Todas essas questões foram

comunicadas à população com o objetivo de fornecer informações precisas e garantir a segurança e integridade de todos.

4) Sim, nossas ações foram guiadas pelo compromisso com a vida e a preocupação com o bem-estar das pessoas, fundamentados em valores como solidariedade, empatia e defesa dos direitos humanos.

5) Considero a vacinação como um antídoto crucial contra doenças e me esforço para manter-me bem-informada sobre vacinas e sua eficácia.

6) Pelo que percebi, eles tinham poucas informações sobre o assunto e procuraram rapidamente uma solução para o problema global.

7) Há uma diferença perceptível no atual governo quanto à preocupação com o cuidado das pessoas, embora haja desafios na articulação conjunta devido a restrições financeiras e desigualdades.

8) A confecção e distribuição de máscaras não apenas proporcionaram renda para os produtores, mas também ofereceram proteção para quem as recebeu, gerando impactos positivos na economia local. Além disso, realizamos campanhas com carros de som em parceria com postos de saúde para informar a comunidade sobre a doença. A distribuição de alimentos garantiu alimentação para aqueles que não podiam comprá-la. Em áreas como Heliópolis, onde muitas pessoas trabalham de forma autônoma e não podiam continuar remotamente, denunciamos para ajudá-las a obter renda diária. Mantivemos contato com famílias assistidas por projetos sociais, oferecendo suporte e enviando materiais educacionais para que as crianças pudessem continuar aprendendo em casa. Além disso, conduzimos pesquisas para avaliar os impactos da tragédia enfrentada pela população durante esse período.

9) Todas as cirurgias agendadas foram canceladas, afetando aqueles que necessitavam de acompanhamento médico ou procedimentos cirúrgicos. No âmbito do SUS, as filas de espera aumentaram significativamente, pois a equipe de saúde concentrou-se no atendimento às vítimas da doença.

10) Primeiramente, nosso país ainda não é plenamente democrático, e a participação ativa da população é essencial para fortalecer as vias de participação social. Percebo-me como alguém cujos direitos foram violados e entendi a necessidade de unir-me a outros indivíduos para garantir esses direitos humanos fundamentais para todos. Durante a pandemia, tornou-se evidente que a classe pobre depende mais dos investimentos estatais em saúde e educação. O descaso significativo com essa classe se destacou ainda mais em uma crise como essa. Observo que o povo é resiliente e se une para resolver problemas. O que mudaria é a demora do governo em responder à situação, resultando em cenas angustiantes de pessoas morrendo sem ter onde serem enterradas, e muitos pacientes que não retornavam para casa após irem aos hospitais. O fechamento das escolas trouxe desafios significativos, especialmente em áreas como Heliópolis, onde muitas crianças não têm acesso à internet, resultando em perdas educacionais significativas e possíveis casos de analfabetismo.
A questão da renda também foi crítica, com um atraso substancial na implementação de medidas de apoio financeiro adequadas. Seria fundamental mudar todas essas questões, e é crucial ter lideranças governamentais com sensibilidade e empatia.

11) Entrevista Onze

Nome: **C. H. M.**
Idade: não informou, mesmo com pedido posterior de que informasse (tem entre 40 e 50 anos, de acordo com a internet).
Profissão: Advogado, Professor Universitário e articulista de jornal.

1) Avalio como uma gestão trágica, autoritária, violenta, negacionista, responsável por milhares de mortes evitáveis caso se implementasse uma política sanitária minimamente adequada conforme orientações da ciência.

2) Na minha atividade de colunista em jornal de grande circulação, publiquei dezenas de artigos semanais fazendo crítica ao que se passava. Em paralelo, participei de inúmeros grupos na sociedade civil que se mobilizaram para incidir nos tribunais e no debate público.

3) Jamais consideraria isoladas. No caso das colunas, são iniciativas individuais, não isoladas. No caso de mobilizações, são iniciativas coletivas.

4) Sim, fizeram parte de um movimento de resistência. E os preceitos que a inspiram são democracia, justiça, direitos humanos, liberdade, direito à vida.

5) Seguindo as orientações da política pública.

6) Confio que foram transparentes sobre o que não se sabia.

7) Uma política pública de saúde responsável precisa estar integrada à governança global da saúde, ainda que deva manter independência crítica em relação à ela.

8) Não saberia estimar exatamente. Mas ajudei grupos e advogados a elaborar ações judiciais pela obrigatoriedade do uso de máscaras, pela obrigatoriedade das vacinas, e em

representações criminais contra Jair Bolsonaro e Augusto Aras. Minha participação foi informal e não assinei petições judiciais.

9) A gestão do governo federal e das gestões subnacionais que seguiram os mesmos princípios do extremismo político e do negacionismo certamente contribuíram para a tragédia das mortes e para a degradação da democracia. Outras gestões mais bem intencionadas podem ter cometido erros e acertos, mas em geral não optaram pela deliberada indiferença à pandemia.

10) Minha atuação como cidadão se confunde um pouco com minha profissão de professor e colunista de jornal. Não tenho atuação partidária e nem envolvimento profundo com movimentos sociais, exceto na condição de interlocutor ou de alguém que se posiciona em favor de certas causas na comunicação pública. Essa atividade já existia antes da pandemia e talvez tenha se aprofundado durante a pandemia em razão do turbilhão cotidiano e de ameaças do período. Ainda que com ênfases e intensidade variável, não considero que minha atividade na pandemia seja diferente das fases pré e pós pandemia.

12) Entrevista Doze

Nome: **H. S. C. L.**
Idade: 67
Profissão: Médico, jornalista.

1) A minha avaliação é que o governo Bolsonaro atuou em três vertentes básicas na condução da pandemia. São elas: a) comunicação dirigida unicamente ao seu grupo político, bem como aos seus apoiadores, buscando mantê-los em suas "bolhas de conhecimento". Some-se a disseminação em massa de notícias falsas, as chamadas "fake News", ocasionando severa desinformação, o que levou à adesão de nova parcela da população aos grupos bolsonaristas; b) permanente confronto, imposição e coação às instituições e grupos sociais que se opuseram ao governo naquele momento, se utilizando da pandemia para golpear, fortemente o SUS, notadamente em relação às vacinas e às medidas sanitárias sugeridas pelos especialistas, inclusive com sugestão de tratamentos comprovadamente ineficazes; c) adoção de medidas antidemocráticas e de ataques aos entes subnacionais (Estados e Municípios), o que gerou a não coordenação nacional no enfrentamento da pandemia, produzindo confrontos entre a União e esses mesmos entes, como também com os demais poderes da República Brasileira.
Ressalte-se ainda o ataque sistemático e orquestrado contra grupos minoritários da população, notadamente indígenas e quilombolas que sofreram fortemente pela desassistência.

Entendo que tudo foi orquestrado e orientado em busca da consolidação de ideologias e da propalada ideia da imunidade de rebanho.

2) Desde o início da pandemia tratei de defender a ciência, atuando fortemente, do ponto de vista político, contra as práticas levadas a efeito pelo governo Bolsonaro. Umas das ações

práticas foi a realização da CPI da COVID, no âmbito de Senado Federal, onde tivemos a oportunidade de apurar com bastante zelo as condutas do governo Bolsonaro contra as instituições do país e contra o povo brasileiro.

No âmbito da CPI da COVID fui subrelator das apurações relacionadas à disseminação de notícias falsas, as chamadas "fake News" no país e da má gestão dos Hospitais Federais, localizados no Estado do Rio de Janeiro, durante a pandemia.

Não tenho dúvidas de que diversos crimes foram cometidos, todos eles apontados no relatório final da CPI, com suas conclusões encaminhadas aos órgãos e entidades responsáveis pela apuração de responsabilidades cíveis, criminais e administrativas.

Além disso buscamos os entes de controle do Estado brasileiro, notadamente o
Ministério Público, Tribunal de Contas da União, Defensoria Pública da União e dos estados, polícias judiciárias (polícia federal e polícias civis dos estados) denunciando e buscando a adesão dos mesmos ao combate às ações do governo Bolsonaro.

3) As ações políticas tomadas contra a atuação do governo Bolsonaro, ao meu sentir, não foram isoladas. Diversos movimentos sociais se uniram contra o estado de coisas que se apresentava, buscando notadamente proteger o SUS e sua atuação na defesa da saúde pública no país. Além disso tivemos a participação fundamental da imprensa brasileira em sua quase totalidade, que se uniu em consórcio buscando manter a população informada de tudo que acontecia no planeta e no Brasil.

No nosso país, foram feitas tentativas de manipulação/omissão de dados por parte do Ministério da Saúde, prontamente desmentidas pelos organismos de comunicação, pelos gestores do SUS, cientistas, pela academia e servidores públicos dos três entes da federação.

4) Entendo que as ações políticas tomadas no âmbito da CPI da COVID e em outros foros foram fundamentais para o combate ao negacionismo no país, que se expressou basicamente na negação ou minimização da gravidade da doença, no boicote às medidas preventivas, na

ocultação dos dados epidemiológicos, na omissão de estratégias nacionais de saúde, no incentivo a tratamentos sem validação científica e na tentativa de descredibilizar a vacina.
As inverdades foram combatidas por dados auditáveis, notadamente a partir do consórcio de imprensa que se formou, sendo fundamental para promover a correta orientação e disseminação da verdade. Ressalto que tais dados foram obtidos juntos às secretarias de saúde dos estados, do Distrito Federal e dos municípios, também junto ao Conselho Nacional de Secretários Estaduais de Saúde/CONASS e Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde/CONASEMS.

A necropolítica foi vencida.

Assim, entendo que existiu fortemente um movimento de resistência social contra o negacionismo.

5) A minha decisão sobre o tema vacina é bem simples e lógica, ou seja, existindo os devidos estudos clínicos e o seu reconhecimento pela autoridade sanitária do país sobre sua segurança, qualidade e eficácia, sigo rigorosamente as orientações emanadas pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária, do Ministério da Saúde, por meio do programa nacional de imunizações, além das
orientações da Organização Mundial da Saúde.

6) De início ressalto que todo o planeta foi pego de surpresa pela virulência, letalidade e falta de resposta farmacológica à COVID 19, não sendo diferente para cientistas e a OMS. Entretanto, com o desenvolvimento de novas tecnologias e permanente aprimoramento do parque industrial do mundo, foi possível uma resposta rápida e bem coordenada pela Organização Mundial da Saúde e dos sistemas públicos de saúde. As vacinas foram autorizadas por meio de uso emergencial e pelas autoridades sanitárias nacionais, sendo graças a elas que milhões de vidas foram salvas.

7) Entendo que a ciência deveria ter sido respeitada desde logo por todos os governos nacionais, promovendo a aplicação imediata de todas as orientações emanadas dos cientistas e da organização Mundial de Saúde. Entretanto, notadamente aqui no Brasil o que se viu foi o agravamento da crise sanitária e social ocasionada pela política de enfretamento do governo Bolsonaro contra a ciência e a OMS. Além de grave crise entre as instituições democráticas, o que certamente contribuiu para o aprofundamento das consequências nefastas da pandemia. Ademais, no Brasil ocorreu enfretamento da União com Estados e Municípios, violando gravemente o SUS como política de Estado.

8) As ações empreendidas contra o negacionismo da pandemia do governo Bolsonaro, notadamente no âmbito da CPI da COVID, gestaram ações que poderão contribuir para a melhoria contínua da gestão do SUS no país, em suas três esferas de atuação, União, Estados, Distrito Federal e Municípios.

As ações de responsabilização cíveis, administrativas e penais, levadas a efeito pelos órgãos de controle do país, servem de alerta aos gestores públicos sobre suas práticas, quando nocivas à saúde da população.

O tratamento ofertado aos grupos minoritários deve ser visto como prioridade pelos gestores no âmbito do SUS, para que situações vistas na pandemia, como a desassistência, não volte a ocorrer.

9) A gestão da pandemia gerou consequências extremamente nocivas ao sistema de saúde pública do país e do povo brasileiro, notadamente em relação à política nacional de imunizações. O negacionismo em relação às vacinas gerou um quadro alarmante no país, com a redução nas coberturas vacinais. Todavia, o governo Lula começou a reverter esse quadro.

Anote-se que dados preliminares divulgados pelo Ministério da Saúde apontam que as novas estratégias começam a surtir efeito, revertendo a trajetória evidenciada de queda.

Ademais, viu-se como necessário o desenvolvimento do chamado complexo econômico industrial da saúde.
Também em relação às perdas de vidas humanas causadas pelo negacionismo vacinal.

10) A pandemia de COVID que assolou o mundo tornou realidade um confronto entre a necessidade de proteção da saúde da coletividade e a liberdade de cada um para se autodeterminar, e foi assim que tentei me posicionar durante toda a pandemia. Busquei atuar na proteção intransigente da saúde pública, respeitando os direitos fundamentais da pessoa humana, valor este expresso na Constituição Federal. A saúde coletiva é um bem maior e deve ser fundamento para que cada cidadão possa assumir com consciência o seu correto papel na defesa de toda a coletividade.
Devemos estar alertas e preparados, pois novas pandemias poderão surgir, utilizando o conhecimento acumulado para agirmos, enquanto cidadãos em
defesa do bem vida.
Permanece ainda no Brasil, como desafio a ser superado por toda a sociedade, um forte movimento antivacina, expresso em movimentos políticos organizados e que encontram eco dentro do atual Congresso Nacional Brasileiro.

13) Entrevista Treze

Nome: **R. de L. B. V.**
Idade: 54 anos
Profissão: Jornalista

1) Foi uma gestão desastrosa, marcada pelo que se chamou de "negacionismo". O então presidente e seus ministros adotaram uma postura de múltipla negação da realidade. Primeiro, Jair Bolsonaro chegou a dizer que a Covid-19 nada mais era do que uma "gripezinha"; depois, quando a pandemia avançou e as mortes se avolumaram, ele passou a sugerir de forma sistemática a utilização de medicamentos ineficazes para o tratamento da doença (Ivermectina e outros), o que forneceu a base para a elaboração de uma espécie de protocolo paralelo adotado por médicos irresponsáveis, por grupos de saúde privada e até por municípios administrados por bolsonaristas; o presidente também incentivou as pessoas a não ficarem em casa (se tomassem os medicamentos indicados no referido protocolo, estariam segundo ele "a salvo"; isso gerou um aumento das internações e mortes); e ainda atrasou a compra de vacinas, deixando de aproveitar a existência no Brasil de um sistema de vacinação público eficaz, construído desde os anos 1970.

2) Meu posicionamento de deu sobretudo como jornalista. Procurei aproveitar todas as oportunidades para ressaltar a necessidade de se ficar em casa, especialmente no início da pandemia, quando não havia vacina. E, depois, procurei denunciar o negacionismo praticado pelo governo Bolsonaro.

Essas ações se deram num primeiro momento na forma de reportagens na TV aberta (nos primeiros meses da pandemia, eu trabalhava como repórter na TV Record, em São Paulo, de onde saí em maio de 2020, entre outros motivos porque não me submeti à linha da emissora

que aderiu em parte ao negacionismo bolsonarista); mas minhas ações se deram, principalmente, como apresentador e comentarista da TV 247 – canal no youtube que ganhou relevância no período da pandemia, como parte da resistência informativa ao negacionismo bolsonarista.

Também fui às ruas – assim que a pandemia refluiu e pudemos voltar a ocupar espaço públicos – em manifestações de repúdio aos crimes sanitários cometidos pela gestão Bolsonaro, caracterizado por boa parte dos brasileiros como um genocida.

3) Vejo como parte de uma ação maior, que envolveu muita gente – ainda que nem sempre de forma organicamente articulada. A pandemia e a posição negacionista (e criminosa) do governo Bolsonaro fizeram surgir no Brasil um amplo campo de defesa da ciência e da vida. Esse campo incluiu cidadãos das mais variadas origens, mas eu diria que cientistas, comunicadores/jornalistas, lideranças/agentes comunitários e administradores públicos/líderes políticos tiveram um papel central como agentes sociais, para estabelecer um contraponto informativo à campanha de desinformação que partiu do governo Bolsonaro.

4) Sim, eu diria minhas ações fizeram parte de um movimento maior de resistência social. Ainda que não seja o tema central desta pesquisa, ressalto que o que poderíamos chamar de uma "frente ampla pela ciência, a informação e a vida", estabelecida de maneira informal como resistência ao negacionismo criminoso, ajudou a consolidar a frente ampla política que logo adiante garantiu a vitória de Lula e a derrota de Jair Bolsonaro na eleição de 2022. Lembremos que personagens tão diferentes como o governador neoliberal de São Paulo João Dória e os médicos/profissionais de saúde ligados a partidos e movimentos de esquerda estiveram juntos no momento de exigir vacina para a população. O governo federal foi pressionado a comprar vacina porque o governo paulista (nas mãos de um neoliberal, mas que não aderiu ao negacionismo) investiu na produção de vacinas no Instituto Butantã (órgão público de pesquisas, mantido pelo governo de São Paulo), em parceria com os chineses.

5) Sigo as recomendações das autoridades de saúde pública brasileiras. Adoto essa linha desde sempre, para mim e para meus filhos.

6) Num primeiro momento, cientistas e OMS não tinham respostas definitivas. O que se podia recomendar era: “fiquem em casa, evitem o contágio”. Aos poucos, as pesquisas avançaram e as vacinas surgiram, reduzindo de forma significativa os contágios e a mortalidade. Era evidente, pela história recente da humanidade, desde o século XIX, que isso ocorreria, como já havíamos visto em relação a outras doenças contagiosas mundo afora.

7) Há uma diferença bem clara entre governos que seguem os protocolos científicos internacionais e aqueles que adotam o negacionismo. Negar as recomendações da OMS é uma forma de tirar poder das instituições internacionais que estabelecem regras e diretrizes sanitárias, mas é mais que isso. Atacar ou desconhece a OMS é uma forma de atacar um sistema institucional que define limites também para uso de armas, abuso de poder e que criar regras para o respeito aos direitos humanos. Lançar descrédito sobre a OMS é uma forma de dar poder para extremistas que, da mesma forma como negam as vacinas e a ciência, podem desconhecer tribunais penais que criam limites e estabelecem sanção a autocratas e ditadores. A guerra de desinformação na pandemia foi parte de uma guerra maior, de descrédito contra um sistema internacional que - apesar de suas limitações e de sua evidente adesão aos interesses dos países centrais do capitalismo atlântico – cria embaraços para o avanço de governos autoritários.

8) Não vejo essa relação direta. Minhas ações na época da pandemia foram de resistência ao negacionismo. Indiretamente, espero que essa resistência tenha ajudado a derrotar o bolsonarismo e, ao retirar a extrema direita do controle do aparato de Estado, ajude a fortalecer uma linha de saúde pública que leve em conta a ciência e os valores básicos do respeito à vida.

9) Espero que uma parte do país tenha compreendido que faz muita diferença eleger gente comprometida com a democracia, a ciência e a vida. Espero que o discurso da antipolítica tenha perdido força, já que mais gente deve ter notado que eleger um governante de extrema direita significa ser abandonado à própria sorte num momento em que se necessita da articulação do Estado para reduzir danos Também espero que a sociedade brasileira, ou uma parte dela ao menos, valorize mais o papel do Estado, compreendendo que sem poder público forte e articulado não se organiza a sociedade em momentos de caos e medo coletivo como se deu durante a pandemia.

10) Iniciei minha participação social (e política) ainda no movimento estudantil, quando o Brasil recém saía da ditadura militar. Não havia ainda uma Constituição democrática. Participei das mobilizações – em 1987 e 1988 - para recolher assinaturas e incluir na Constituição de 1988 princípios democráticos e de participação popular. Depois, militei e atuei como cidadão em todas as campanhas eleitorais (presidenciais/parlamentares e locais/municipais), entre 1988 e 2022, tendo ajudado a eleger Lula (três vezes) e Dilma (duas vezes).

Trabalhei como editor e repórter durante mais de 30 anos em meios tradicionais
como Folha, Globo, Record, conhecendo por dentro os limites e contradições de uma comunicação quase sempre dominada pelo interesse empresarial. A partir de 2008, integrei o movimento de comunicadores e blogueiros no Brasil, tendo ajudado a fundar o Centro de Estudos Barão de Itararé – que organiza esse campo informativo de comunicação progressista. Estivemos juntos na resistência à Lava-Jato, ao Golpe de 2016, ao governo de desmonte nacional de Temer e na denúncia da perseguição a Lula. Tivemos ainda o papel de resistir ao governo de linha militar e autoritária de Bolsonaro, que conduziu o país a uma
tragédia humanitária na gestão da pandemia.

Não considero que haja mudanças tão drásticas no Brasil antes e depois da

pandemia. A frente ampla, criada para enfrentar Bolsonaro, em parte começa a se desfazer porque setores liberais e empresariais promovem um cerco a Lula na área econômica, exigindo que ele mantenha o país sob a égide dos juros altos e do baixo investimento público. A direita liberal já aceita se unir a setores bolsonaristas mais lights, com intuito de aprofundar o desmonte do Estado nacional e de políticas públicas (por exemplo, o SUS, fundamental durante a pandemia) implantadas como diretrizes de Estado desde a Constituição de 1988.

A ideia de que a pandemia obrigaria os cidadãos a uma "tomada de consciência",
abandonando a perspectiva mais individualista e passando a apostar num senso mais comunitário e de valorização do coletivo, não se confirmou. Mostrou-se, como eu avaliava desde sempre, uma ilusão ingênua.

Temos pela frente mais um embate gigantesco entre a visão individualista/privatista/antiEstado e um projeto de país independente sob direção de um Estado nacional forte e democrático - mais voltado à redução das desigualdades. Esse embate é o mesmo que opôs Vargas/Jango e os antitrabalhistas no século XX.

O Brasil segue a ter uma burguesia que não gosta de seu país e que tem uma visão predatória da economia nacional. Só um movimento organizado, sob hegemonia de partidos e movimentos sociais que valorizem a tradição coletiva de construção nacional que vem desde 1930, podem evitar um novo desastre semelhante ao que vivemos durante a pandemia.

Procuro levar em conta esses princípios, ao orientar minha atuação como cidadão e como jornalista - agora vinculado aos canais ICL Notícias e Brasil de Fato.
(fim)

14) Entrevista Quatorze

Nome: **F. M. F.**

Idade: 39

Profissão: Professora de ciências para ensino básico

1) A gestão da pandemia pelo governo federal do Brasil sob a administração de Jair Bolsonaro foi amplamente criticada por diversas entidades, incluindo organizações de saúde, pesquisadores e a sociedade civil. A resposta do governo foi marcada por uma série de controvérsias, incluindo a minimização da gravidade do vírus, a promoção de tratamentos sem comprovação científica, a demora na compra de vacinas e a disseminação de desinformação sobre a Covid-19 e a vacinação. Essa abordagem teve impactos negativos na saúde pública e na confiança da população nas medidas de combate à pandemia.

2) Diante da gestão inadequada da pandemia, me posicionei ativamente contra as políticas adotadas pelo governo federal. Como professora de ciências e comunicadora, participei do Observatório Covid-19 BR, onde colaborei na comunicação e disseminação de informações precisas e baseadas em evidências sobre a Covid-19. Essa atuação incluiu a produção de materiais diversos de comunicação que foram utilizados amplamente, pela mídia e, também, por governos e prefeituras.

3) As ações que realizei não foram isoladas. Faziam parte de um movimento maior que envolvia diversos agentes sociais, como pesquisadores, professores, comunicadores e coletivos da sociedade civil. A fundação do TodosPelasVacinas foi um esforço colaborativo que reuniu diversos coletivos dedicados a combater a desinformação e promover a vacinação. Parcerias com entidades culturais e movimentos sociais, como a escola de samba Vai-Vai, a Orquestra Filarmônica da Bahia e os fandons de K-pop (movimento Army), artistas como Taís

Araújo, Johnny Hooker, Paola Carosela e diversos outros parceiros foram fundamentais para amplificar a mensagem e alcançar uma audiência diversificada.

O grupo se estendeu para além de suas fileiras. A busca pelo termo #TodosPelasVacinas nas redes mostra que foi abraçada por influenciadores nas redes que criaram conteúdos orgânicos com a tag bem como pessoas comuns utilizaram (e utilizam até hoje) o baneer que fizemos para a campanha para mostrar apoio à vacinação. A hashtag chegou a ser trending topics em alguns momentos.

O movimento "Todos pelas Vacinas" é uma iniciativa coletiva que visa promover a conscientização sobre a importância da vacinação e combater a desinformação relacionada às vacinas. Ela é coordenada por mim e algumas pesquisadoras, mas visa principalmente que a população comum se aproprie do discurso pró-vacina. Surgiu como uma resposta à crescente onda de hesitação vacinal e às campanhas de desinformação que comprometem a saúde pública. A seguir, alguns detalhes sobre esse movimento:

4. **Objetivos Principais**:

   Informação de Qualidade: Fornecer informações baseadas em evidências científicas sobre a segurança e eficácia das vacinas.

   Combate à Desinformação: Identificar e combater fake news e mitos sobre a vacinação.

   Apoio à Imunização: Incentivar a adesão às campanhas de vacinação para prevenir doenças e proteger a saúde coletiva.

5. **Ações e Estratégias**:

   Campanhas de Comunicação: Utilização de diversas plataformas, incluindo redes sociais, para disseminar informações corretas e atualizadas sobre vacinas.

   Parcerias: Colaboração com profissionais de saúde, cientistas, instituições acadêmicas, ONGs e órgãos governamentais para amplificar a mensagem.

Educação: Promoção de palestras, webinars, workshops e outros eventos educativos para esclarecer dúvidas e educar o público sobre a importância das vacinas.

6. **Público-Alvo**:

   População Geral: Informar e tranquilizar a população em geral sobre os benefícios da vacinação.

   Comunidades Específicas: Foco em comunidades com baixa cobertura vacinal ou onde a hesitação vacinal é mais pronunciada.

   Profissionais de Saúde: Fornecimento de materiais e suporte para que profissionais de saúde possam educar seus pacientes de forma eficaz.

7. **Impacto Esperado**:

   Aumento na Taxa de Vacinação: Melhorar a cobertura vacinal em diferentes faixas etárias e grupos populacionais.

   Redução de Doenças Evitáveis por Vacinas: Diminuição da incidência de doenças preveníveis por meio da imunização.

   Fortalecimento da Confiança Pública: Reconstruir a confiança do público nas vacinas e no sistema de saúde.

O movimento "Todos pelas Vacinas" é essencial em um momento em que a confiança na ciência e nas práticas de saúde pública é crucial para controlar surtos de doenças e garantir a segurança e bem-estar das comunidades.

4) Sim, as ações realizadas integraram um movimento de resistência social. Este movimento foi baseado em valores como a defesa da ciência, a promoção da saúde pública, a valorização da educação e a luta contra a desinformação. O TodosPelasVacinas exemplifica esses princípios ao congregar diferentes segmentos da sociedade em prol de uma causa comum: a promoção da vacinação e a conscientização sobre a importância das medidas de saúde pública.

5) Minhas decisões sobre vacinação são fundamentadas em evidências científicas e nas recomendações de autoridades sanitárias, como a Organização Mundial da Saúde (OMS) e entidades de saúde nacionais e internacionais. A confiança na ciência e a consulta a fontes confiáveis de informação são cruciais para tomar decisões informadas e responsáveis.

6) Durante a pandemia, os cientistas e a OMS tinham um entendimento progressivo sobre a Covid-19 e as vacinas. Com o tempo, acumulou-se um vasto corpo de conhecimento sobre o vírus, suas variantes e a eficácia das vacinas. A OMS e os cientistas forneceram orientações baseadas nas melhores evidências disponíveis, adaptando as recomendações conforme novas informações surgiam.

7) A relação entre ciência, OMS e políticas estatais varia conforme o governo em questão. Governos que valorizam a ciência tendem a seguir as recomendações da OMS e dos especialistas em saúde pública, implementando políticas baseadas em evidências. Por outro lado, governos que desconsideram a ciência podem adotar abordagens inadequadas, prejudicando a eficácia das políticas de saúde pública.

8) As ações empreendidas pelo TodosPelasVacinas e outros coletivos tiveram impactos positivos na saúde pública. Conseguimos aumentar a conscientização sobre a importância da vacinação, combater a desinformação e promover comportamentos seguros durante a pandemia. Essas iniciativas ajudaram a reduzir a hesitação vacinal e a aumentar a adesão às medidas de prevenção.

9) A gestão inadequada da pandemia pelo governo federal teve consequências graves para o Brasil. A desinformação, a resistência à adoção de medidas preventivas e a demora na vacinação resultaram em um número elevado de casos e mortes evitáveis. A confiança da população nas instituições de saúde foi abalada, e a recuperação econômica e social do país foi prejudicada.

10) Antes da pandemia, minha atuação como cidadã estava mais focada no ensino e na disseminação de conhecimento científico. Com o advento da pandemia, percebi a necessidade urgente de uma atuação mais ativa na comunicação científica e na defesa da saúde pública. A fundação do TodosPelasVacinas representou um ponto de virada, onde minhas ações passaram a ter um impacto direto na luta contra a desinformação e na promoção da vacinação. Após a fase aguda da pandemia, contínuo engajada na educação e na comunicação, com um entendimento ampliado da importância da ciência na formulação de políticas públicas e na proteção da saúde coletiva.

15) Entrevista Quinze

Nome: **M. V. S.**
Idade:69 anos
Profissão: Jornalista

1. Foi uma péssima gestão pelo então presidente da República Jair Bolsonaro. Ele em reiteradas ocasiões negou os conhecimentos médicos, biomédicos e sanitários em relação à pandemia. Recomendou medicamentos ineficientes e recusou-se a se comprometer com as recomendações da Organização Mundial de Saúde. Chegou a caçoar das vítimas, descumprir o isolamento recomendado pelos especialistas, negligenciou as providências relativas ao início da vacinação e acabou sendo considerado o maior responsável pelos mais de 700 mil mortos registrados no país.

2. Na qualidade de jornalista investi publicamente, em inúmeros comentários e entrevistas contra a maneira como o governo federal geriu as providências contra a pandemia.

3. Foram ações que se inseriam no movimento geral contra a omissão do governo, envolvido em irregularidades quando a vacina foi finamente comprada. A TV247 e o Brasil247 difundiram repetidos programas em que seus jornalistas criticaram a omissão do governo e seu negacionismo. Essa foi uma atitude compartilhada por veículos de diferentes matizes ideológicos e por partidos de oposição ao governo Bolsonaro.

4. Sim, essa oposição se baseou em ideias e preceitos. Essas foram concepções gerais do movimento que se opôs a Bolsonaro no que tange à gestão do fenômeno pandêmico. O primeiro deles é o dever de cuidado em relação à vida. O isolamento social visava minorar o contágio e, portanto, preservar a saúde e minimizar as consequências da pandemia, enquanto as pesquisas e a produção da vacina ainda não avançavam. O movimento não conseguiu

vencer as resistências negacionistas inteiramente, tanto que se registrou esse imenso número de vítimas, que sem ele poderiam ser ainda maiores. Por outro lado, creio que veio redundar na não reeleição do presidente da República em 2022.

5. Sigo as recomendações das autoridades sanitárias baseadas no melhor conhecimento científico disponível.

6. Em pouco tempo acumularam um imenso acervo de conhecimentos, já a partir dos primeiros dias e semanas da detecção do surto. Os epidemiologistas foram capazes de identificar os sintomas, a contaminação, e logo conseguiram isolar o vírus e fazer sua sequenciação genética. Desenvolveram-se com muita dificuldade formas de tratamento da doença, de prolongamento da vida e de mitigação dos efeitos. Vacinas foram desenvolvidas, testadas e entraram em produção razoavelmente acelerada. Foi um enorme aprendizado, com erros e sucessos.

7. Faz toda a diferença. Países como a China, com políticas de guerra total ao vírus, lograram enorme sucesso em conter a mortandade e outros efeitos.

8. Se ações práticas são manifestações públicas de todas as formas pelos meios de comunicação, sim, eu as realizei defendendo controle da circulação, e entrevistando especialistas da área médica sobre os melhores caminhos a tomar diante da pandemia. Se isso teve efeitos práticos, é difícil de avaliar. Provavelmente, numa escala reduzida.

9. Não vejo consequências positivas, a não ser como exemplos do que não se deve fazer.

10. Há décadas, desde a faculdade, alterno momentos de maior e menos envolvimento social. A pandemia criou oportunidades para que meu envolvimento se tornasse ainda mais intenso e definitivo, na TV247 e no portal Brasil247. Criou situação limite em que pude voltar a me envolver com o jornalismo, de uma maneira virtual, à distância, valendo da situação compulsória de isolamento provocada pela pandemia. Foi um momento de restrições e libertação.

16) Entrevista Dezesseis

Nome: **L. L.**

Idade: 25

Profissão: Diretor de Comunicação

1) Horrível, o governo acabou institucionalizando as teorias conspiratórias em políticas públicas que acabam culminando na maior taxa de morte de Covid proporcional ao número de habitantes por país.

2) Acabei fundando conjuntamente com outras duas pessoas o Sleeping Giants Brasil, um movimento de consumidores que combate o lucro com desinformação e discurso de ódio ao alertar empresas que estavam veiculando anúncios publicitários em sites que espalhavam fake news sobre Covid-19. Durante a pandemia realizamos 47 campanhas, alertando 1346 empresas e recebendo a resposta de 1054, tendo uma taxa de resposta de 78,30% e um cálculo aproximado de desmonetização, ou seja retirada de dinheiro da indústria desinformativa de R$62.082.700,00.

3) Em relação ao follow the money na desmonetização do sites de fake news sobre coronavírus o SGBR acabou sendo pioneiro no país, mas obviamente as nossas conquistas só foram possíveis graças a toda a movimentação da sociedade civil brasileira de combate ao vírus.

4) Sem dúvidas, acabamos nos unindo em uma resistência social de combate ao lucro que sites estavam ganhando desinformando sobre a crise pandêmica que o país passava. O Sleeping Giants Brasil baseia sua atuação em valores de orientação ética universalista, ou seja: que não só não é permissivo a discriminação de raça, cor, etnia sexo, orientação sexual , gênero,

religião, idade, deficiência ou qualquer outra natureza; como também se posiciona contra ações que promovam esse tipo de comportamento.

5) Seguindo as orientações da OMS de e também a ANVISA.

6) Sabiam que a vacina poderia ser a resposta para a saída da crise de saúde mundial que estávamos passando e acertaram porque graças a ela conseguimos dar fim as mortes e a pandemia.

7) Muitos fracas durante a gestão do último presidente do Brasil, que diariamente reiterava ataques tanto a ciência quanto a OMS.

8) Sim, graças ao nosso trabalho, conseguimos conscientizar o mercado publicitário e a sociedade brasileira sobre o interesse econômico nas fake news que favoreciam o espalhamento do vírus no país, além de ter também conseguido, através de decisões do Tribunal de Contas da União, bloqueio de recursos da empresas público-privadas nesses sites.

9) Sim, várias, a CPI da Covid que aconteceu no país, traz um bom balanço e um relatório detalhado das diversas vezes em que o governo brasileiro trabalhou durante a pandemia a favor do vírus. Como por exemplo divulgando medicamento sem comprovação de eficácia, ausência de logística de oxigênio em Manaus que acabou ocasionando em uma grave falta do produto enquanto os hospitais da cidade estavam cheios e também o caso de corrupção na compra da vacina, concomitantemente a demora em responder grandes empresas de distribuição de vacina como a Pfizer.

10) Antes da pandemia a minha atuação como ativista era praticamente inexistente, durante a pandemia acabou aflorando internamente uma necessidade de reação frente a todos os ataques que o governo brasileiro fazia promovendo a propagação do vírus e esse trabalhou

acabou gerando frutos que ainda continuamos colhendo pós pandemia, obviamente o trabalho desde então só aumentou mas ao menos continuamos levantando todos os dias contra a indústria desinformativa brasileira.

17) Entrevista Dezessete

Nome: **G. B. C. N.**
Idade: 39 anos
Profissão: Jornalista

1) A gestão da pandemia pelo governo Bolsonaro foi absolutamente catastrófica. É até difícil pensar na ideia de "gestão" observando tudo que aconteceu. Porque não houve propriamente uma gestão - pensando aqui em parâmetros mínimos de republicanismo e civilidade. Houve, sim, uma política de descarte de seres humanos, pensados, por aquele governo, exclusivamente na sua dimensão produtiva. O único objetivo era impedir que a pandemia impactasse a economia. Ou reduzir esse impacto ao máximo possível. Afinal, os resultados ruins da economia poderiam inviabilizar a reeleição de Bolsonaro. Em outras palavras, ninguém poderia ficar dentro de casa, fazendo isolamento social, para não arruinar os propósitos eleitorais do incumbente. Então, o governo brasileiro mimetizou as ações do governo de Trump, também preocupado com os efeitos na economia nos Estados Unidos. O governo Bolsonaro e seus aliados desde sempre adotaram uma postura contrária aos princípios mais elementares e consolidados da ciência, de modo a estabelecer um permanente conflito como método de engajar a sua base social. Foram infindáveis episódios de ataques à ciência, aos profissionais de saúde, às vítimas, com ironia, deboche e uma avalanche de mentiras. Propagandearam diuturnamente o uso de medicações sem qualquer eficácia, notadamente a cloroquina, mas outros remédios também. Estimularam pesquisas fraudulentas para corroborar um discurso completamente falso. Posteriormente, boicotaram a compra e a produção da vacina. Em suma, o Brasil teve o governo mais inepto, inescrupuloso, ineficaz e desumano de sua história recente exatamente no período mais duro e desafiador das últimas décadas. O resultado desse paradoxo é que centenas de milhares de vidas poderiam ter sido poupadas e não foram.

2) Me posicionei, enquanto cidadão e jornalista, sempre de forma categoricamente crítica e oposta à gestão Bolsonaro na condução das políticas no período da pandemia. Como cidadão, não militei no sentido clássico, em algum partido político, movimento social ou organização, mas na prática cotidiana procurei me posicionar, contrapondo, quando necessário, quem defendia medidas que contrariavam a boa ciência. Como jornalista, tentei exercer meu ofício da melhor maneira possível, seja informando com base em dados comprovados e fontes confiáveis, buscando sempre tratar a informação de maneira direta e acessível, mas também apurando e investigando irregularidades praticadas por entes públicos ou privados.

3) Um setor expressivo da sociedade civil organizada formou uma espécie de frente ampla em defesa da ciência, da saúde, contra as "fake news" e a política de descarte de seres humanos. Formaram, essa coalizão, veículos de imprensa, universidades, entidades médicas, especialistas de diversas áreas, políticos de vários espectros, movimentos sociais, culturais e corporativos. Cada um atuando à sua maneira, dando a sua contribuição, para derrotar um projeto de morte ou mesmo reduzir danos.

4) Sim, as ações que tomei foram parte de um movimento de resistência da sociedade, de embate de valores. Acredito que o "programa mínimo" desse movimento de resistência foi a defesa da vida, acima de tudo, da ciência produzida a partir de paradigmas consolidados, ou seja, a boa ciência, e contra a disseminação de notícias falsas.

5) Com base nas recomendações da Anvisa, do Ministério da Saúde, secretarias de Saúde, Fiocruz, Butantã, Organização Mundial da Saúde etc. O Brasil possui um sistema de vacinação avançadíssimo, consolidado, respeitado no mundo todo. Sempre confiei nas informações de técnicos desses órgãos todos.

6) Acredito que os cientistas mais respeitados do Brasil e do mundo e a OMS estavam munidos com informações corretas sobre as vacinas. Em relação à pandemia, percebo que toda a

comunidade científica se deparou com uma realidade nova e foram tomando conhecimento do que estava acontecendo conforme os fatos iam se desenrolando. Houve informações mais desencontradas no início da pandemia em função dessa ser uma novidade para todos.

7) Os organismos multilaterais perderam muita força nos últimos anos em função do desmoronamento dos paradigmas neoliberais que organizaram o mundo no último período. Estes organismos, em muitos aspectos, se transformaram em órgãos quase que decorativos. Esse cenário, por si só, descredibiliza essas entidades como instâncias para resolução de conflitos e redução de desigualdades. Essa percepção é ainda maior no chamado Sul Global. Tal cenário abre brecha para que governos de ocasião utilizem esse descrédito. No caso concreto do governo Bolsonaro - e da gestão Trump também - houve uma clara manipulação desse mal-estar com esses organismos para um propósito destrutivo ou para a promoção de atores alinhados a esse projeto de extrema-direita. A ciência pode e deve ser sempre objeto de crítica e não deve ser entendida como algo abstrato e imune às contradições do mundo real. Pelo contrário, ela é sempre uma expressão de um modo de produção capitalista, com suas nuances, idiossincrasias, negociações e resistências. Mas o que se viu durante a pandemia no Brasil foi o desprezo a conceitos elementares e consensuais da produção científica, num contexto em que agentes de diferentes áreas e posições políticas atuavam com uma racionalidade mínima para salvar vidas.

8) Minha posição de jornalista e repórter de TV me colocou, naturalmente, no dia-a-dia, como um mediador social dos fatos que ocorreram na pandemia, dos números da Covid, dos avanços da ciência, das políticas públicas, dos depoimentos pessoais etc. Então, acredito que a minha parcela de contribuição, pequena, foi passar a informação correta, com respaldo técnico, num momento de profusão de informações falsas. Especificamente sobre o Caso Prevent Senior, acredito que o nosso trabalho investigativo ajudou a trazer à tona um exemplo concreto e amplo de como a manipulação política e econômica da pseudo-ciência fez mal para a sociedade, resultando no descarte de muitas vidas humanas.

No Caso Prevent Senior, mostramos que um dos maiores planos de saúde de São Paulo, com mais de 500 mil clientes (a imensa maioria, idosos) distribuiu aos seus pacientes dezenas de milhares de kits com medicamentos ineficazes contra a Covid. O kit continha cloroquina, ivermectina, azitromicina, shakes, complementos nutricionais, além de eventualmente outras medicações, como colchicina e Annita. Na primeira reportagem, mostramos que o envio desses remédios foi feito sem critério, para pacientes que sequer tinham diagnóstico de Covid e, em muitos casos, sem que o paciente tivesse passado por atendimento médico. O objetivo, pelo que apuramos, era construir uma ideia de que, com essas medicações, os pacientes estariam imunes aos efeitos do novo coronavírus e não precisariam, portanto, fazer isolamento social. Demonstramos ainda que a Prevent Senior, no início da pandemia, fraudou um estudo sobre o uso de cloroquina, omitindo, inclusive, mortes de pacientes. O estudo foi feito fora de qualquer protocolo de pesquisa, sem autorização da Conep (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa). A despeito disso, os resultados manipulados foram objeto de propaganda pelo então presidente Bolsonaro e seus apoiadores. Esse estudo conferiu uma espécie de respaldo científico para a operadora de saúde e os defensores da cloroquina. Ao longo das apurações, descobrimos ainda que a Prevent Senior testou várias medicações ineficazes em pacientes internados, como um medicamento chamado Flutamida, recomendado exclusivamente para o tratamento de câncer de próstata. Sem autorização dos órgãos de pesquisa, a Flutamida foi usada em pacientes mulheres e outros com contra-indicações claras, como coagulação plena e disfunção hepática. Em muitos casos, a medicação foi aplicada sem consentimento do paciente. Por fim, demonstramos que a Prevent Senior omitiu deliberadamente, nas declarações de óbito, que pacientes morreram em decorrência da Covid, entre eles o toxicologista Anthony Wong e Regina Hang, mãe do empresário Luciano Hang - o toxicologista e o empresário defendiam o uso de medicações ineficazes do Kit Covid. As denúncias que apresentamos levaram o Caso Prevent Senior para a CPI da Covid no Senado Federal e resultaram na abertura de uma CPI própria, a CPI da Prevent Senior na Câmara Municipal de São Paulo. Em 2021, a empresa assinou um Termo de Ajustamento de Conduta com o Ministério Público de São Paulo. Em fevereiro de 2024, o Ministério Público do Trabalho

de São Paulo, o MPF (Ministério Público Federal) e o Ministério Público na área de Saúde Pública ajuizaram uma ação civil por danos morais coletivos de quase R$ 1 bilhão de reais contra a operadora. Ainda em 2024, na esfera criminal, o Ministério Público decidiu denunciar os donos da Prevent Senior e diretores da empresa pelo homicídio culposo de sete pacientes, além dos crimes de perigo à vida e omissão de notificação de doença. O MP escolheu os casos em que comprovadamente o uso indevido da medicação contribuiu para a morte do paciente. Ao longo da apuração, entrevistamos cerca de 50 pessoas, entre médicos e funcionários que fizeram as denúncias, pacientes e familiares, além de autoridades e especialistas. Obtivemos vasto conteúdo probatório, como prontuários de pacientes e planilhas de estudos, centenas de mensagens de grupos de aplicativo dos diretores da empresa.

9) Evidentemente que há inúmeras e profundas consequências. A pandemia de Covid-19 no Brasil está para a geração atual, guardadas as proporções, o que a ditadura militar foi para quem viveu nos anos 60 a 80. É o trauma da nossa geração, que já seria gigantesco se as decisões políticas fossem racionais e razoáveis, mas que foi multiplicado muitas vezes pelo governo de morte e destruição que tivemos. Além de negar a ciência, disseminar fake news cotidianamente, estimular a agressividade, propagandear tratamentos ineficazes e perigosos, foi um governo que se negou a prestar a devida assistência a quem mais precisava. O Auxílio Emergencial, implementado por mobilização do parlamento, foi descontinuado no momento mais duro da pandemia. Não houve apoio suficiente para permitir que as pessoas ficassem em casa. Os estudantes de baixa renda foram alijados do processo educacional. Foram decisões deliberadas e que integraram um projeto maior de classe.

Nos sentimos completamente desamparados com Bolsonaro, lutando contra um inimigo interno e externo. O resultado disso é complexo e contraditório. Tenho para mim que a gestão na pandemia foi o elemento que impediu Bolsonaro de ser reeleito, mesmo num contexto de

hegemonia da direita no Brasil e no mundo. Muita gente compreendeu o significado da política de destruição e morte. Ainda assim, o saldo é muito destrutivo. Centenas de milhares de mortes poderiam ser evitadas. Uma parcela gigante da população seduzida por um discurso forjado em informações falsas, vacinas descredibilizadas. O saldo desta irracionalidade é gigantesco e ainda levará muito tempo para ser superado.

10) A pandemia me deu a clareza de que o projeto de um determinado setor da sociedade, minoritário, mas barulhento, é um projeto de destruição dos mais frágeis. Que a luta contra isso é a luta pela vida. Sempre foi. E a pandemia sublinhou essa percepção. A pandemia também me mostrou que todos os paradigmas que organizaram a sociedade brasileira na Nova República foram sepultados. A pandemia ainda deixou claro que não podemos jamais naturalizar a barbárie e perder a capacidade de nos indignar. Ao contrário, temos que tentar usar a nossa indignação com inteligência, perspicácia e sentido coletivo. No meu trabalho como jornalista, usei toda a indignação com o que via no dia-a-dia, com pessoas próximas morrendo, com a irracionalidade se espraiando pela sociedade, com toda aquela política de morte, e submeti essa indignação ao método jornalístico: apurar, apurar e apurar. Com rigor, sem deixar "pontas soltas". Desnaturalizar as situações. Por exemplo, não era possível achar natural que, no auge da pandemia, dezenas de milhares de pessoas em São Paulo estivessem recebendo em casa, mesmo sem ter Covid, mesmo sem atendimento médico adequado, kits com uma série de remédios ineficazes e perigosos. O que está por trás disso? Como isso começou? Por que estão fazendo isso? Qual é a engrenagem? Enfim, foram perguntas que busquei responder e que resultaram, depois de muita apuração minha e de vários colegas de trabalho, nas reportagens do Caso Prevent Senior. Acho que esse é o grande aprendizado que levo. Desnaturalizar as barbáries e dar consequência à indignação, respeitando, sempre, os métodos para fazer jornalismo comprometido com a verdade.

18) Entrevista Dezoito

Nome do entrevistado: **E. A. da S.**
Idade: 59 anos
Profissão: Sociólogo e o atual prefeito de Araraquara

1) Desde o início de 2020, no final de fevereiro, quando apareceram os primeiros casos de Covid-19 no território brasileiro, e depois o primeiro óbito, semana depois, em março, o governo do Brasil minimizou a gravidade da pandemia e atuou de forma a estimular aglomerações, disseminando informações falsas a respeito da doença e de seu tratamento.
Com discurso negacionista e ignorando a necessidade de implantação de um plano de contenção do vírus realmente efetivo, essa conduta do governo brasileiro acabou determinando os rumos da pandemia no país e a grave situação que predominou nos meses e anos seguintes, com quase 700 mil mortes registradas decorrentes da Covid.

Manifestações totalmente equivocadas e irresponsáveis tomaram força pela divulgação indiscriminada de fake news, principalmente nas redes sociais. Diante desse contexto, o Brasil teve que enfrentar a pior crise humanitária mundial sem uma liderança responsável no Ministério da Saúde e sem um comitê especializado capaz de pensar em ações efetivas de enfrentamento, que defendesse e divulgasse a importância da testagem, do uso de máscaras, do isolamento social e, mais tarde, da vacinação, mesmo com as orientações da ciência no Brasil e mundo afora. Para além de tudo isso, tivemos que conviver com a promoção de tratamentos e medicamentos ineficazes, cujo uso era estimulado pelo próprio governo, além do atraso na compra de vacinas, de desestímulo à vacinação e também com a falta de uma política de comunicação eficiente.

2) Araraquara se posicionou ao lado da ciência na pandemia de Covid, contrária ao negacionismo e à disseminação de informações falsas, com o principal objetivo de salvar vidas.

Já a partir de março de 2020 adotamos uma série de políticas públicas coordenadas com foco na contenção do avanço do vírus e na garantia de assistência médica aos positivados e suspeitos. Entre as principais medidas, foi criado um Comitê de Contingência composto pela equipe de governo e profissionais de todas as áreas da saúde, inclusive das universidades, responsável por traçar o plano de ação estratégico de enfrentamento do coronavírus, organizar e divulgar diariamente informações sobre a doença. Também designamos uma das 3 Unidades de Pronto Atendimento (UPA) da cidade como polo de referência no atendimento de pacientes de Covid e ainda montamos, em tempo recorde, um Hospital de Campanha que deu suporte ao sistema hospitalar da cidade e salvou vidas da nossa população, da região e até de pacientes de outros Estados que foram transferidos para Araraquara por falta de leitos em seus municípios. Também cientes da importância da testagem em massa para isolar e tratar rapidamente os contaminados, firmamos parceria com as universidades para auxílio na testagem, atendendo 100% dos pacientes com sintomas ou assintomáticos que procuravam a rede municipal; criamos um programa de telemedicina para monitoramento de pacientes infectados que estavam em casa, criamos equipes médicas de consulta domiciliar e equipes de bloqueio. E para ampliar nossos programas de segurança alimentar, garantindo cestas básicas e doações a famílias em vulnerabilidade, criamos também a Rede de Solidariedade.

Essas foram algumas das principais medidas adotadas que, juntamente com a adoção de dois lockdowns em 2021, em dois períodos muito preocupantes da pandemia, com aumento de casos, de óbitos e de extrema pressão no sistema hospitalar, destacaram Araraquara como referência nacional e internacional no combate à pandemia. Fomos a primeira cidade paulista, também do Brasil, e uma das únicas no país a adotar o lockdown e nas duas ocasiões reduzimos consideravelmente casos e mortes.

Essa política de priorizar a vida fez com que Araraquara direcionasse todos os seus recursos no custeio da Saúde, investindo R$ 122 milhões de recursos próprios no enfrentamento à Covid-19.

3) Todas as medidas práticas que adotamos no combate à Covid e que colocaram Araraquara em evidência no Brasil, incluíram outros agentes sociais que se relacionaram de diferentes maneiras, de forma cooperativa, com diferentes níveis de influência. Líderes religiosos, comunidade escolar e os veículos de mídia, entre outros, nos auxiliaram na disseminação de informações das medidas de contenção do vírus, assim como também participaram da articulação da Rede de Solidariedade, que foi criada para assistir as famílias em vulnerabilidade do município.

4) As ações adotadas pela Prefeitura de Araraquara no enfrentamento do vírus tiveram como principal objetivo salvar vidas. Esta foi a nossa prioridade o tempo todo. Enfrentávamos uma doença desconhecida e assustadora, em meio a uma realidade marcada pelo negacionismo. Tão nociva quanto o vírus era a rápida disseminação de desinformação e de fakes news. Contra isso, nós também tivemos que investir e trabalhar muito na área da assistência à saúde. E sempre informando diariamente a nossa população sobre cada passo que estava sendo dado na luta contra a doença, com honestidade e total transparência, como sempre conduzimos o governo municipal. Dessa forma, conseguimos reunir os agentes sociais e a população de Araraquara em geral com o único preceito de salvar vidas. Grande parte da população entendeu, aderiu às medidas restritivas e, mais adiante, aderiu à vacinação. Isso fez de Araraquara referência no combate à Covid.

5) Desde o início da vacinação contra a Covid-19 em Araraquara, o governo municipal defendeu a importância e incentivou a adesão da população à vacinação, que prontamente aderiu. Tomei as doses da minha faixa etária sempre dando ampla publicidade, justamente para fomentar a adesão à vacina, dar exemplo. Criamos conteúdos nas redes sociais da

prefeitura e nas minhas redes sociais incentivando a vacinação. A população aderiu, considerando também todas as outras medidas adotadas em Araraquara que tiveram como base em preceitos da ciência, incluindo as testagens em massa, as medidas de isolamento, os lockdowns, entre outras medidas que já haviam deixado evidente que o caminho era a ciência. De acordo com dados oficiais do governo do estado de São Paulo, mais de 754,4 mil doses do imunizante já foram aplicadas no município, sendo que 91,64% da população araraquarense tem pelo menos a cobertura vacinal primária.

6) Acredito que a Organização Mundial de Saúde não tinha conhecimento do vírus da Covid-19, assim como ainda não havia vacina contra a doença na época em que se estabeleceu a pandemia no mundo, mas a ciência nos mostrou mais uma vez a sua importância para a nossa evolução. O que se sabe é que a tecnologia para combater a Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS) já estava em andamento, vinha sendo desenvolvida há cerca de 20 anos e que os cientistas precisaram adaptar a vacina para combater o novo vírus. Enquanto acontecia essa corrida dos pesquisadores, o mundo teve que adotar medidas de contenção da Covid e se organizar em tempo recorde para garantir a assistência médica possível à população. Um momento extremamente crítico, mas que foi superado com ciência e informação.

7) Neste momento, o atual governo federal, que conduz as políticas públicas de saúde desde o início de 2023, está alinhado com a ciência e a tecnologia; áreas
completamente sucateadas nos últimos anos, inclusive no período de pandemia, que ganharam novo impulso, com papel estratégico na reconstrução e desenvolvimento do país. Desde então, a liberação de recursos vultuosos destinados à Saúde, principalmente à alta e média complexidade, que envolve cirurgias, consultas e exames mais complexos, têm garantido o atendimento da demanda represada no período da Covid. Em Araraquara, por exemplo, a saúde pública zerou as filas de cirurgias eletivas e exames que tiveram que ser interrompidos na pandemia.

8) A gestão da saúde durante a pandemia de Covid-19 foi um grande desafio para todos os envolvidos. Como quase nada se sabia sobre o vírus, o caminho foi acreditar na ciência, mesmo enfrentando o negacionismo de um grupo que desacreditava na ciência. Cada passo dado ficou marcado na história como aprendizado. Todos os impactos que sofremos tiveram reflexos nos nossos hábitos e na nossa rotina, assim como no funcionamento de instituições. Protocolos para testagens, vacinação, tratamentos, abastecimento de insumos e adequação da capacidade de atendimento, entre outros fatores, exigiu direcionamentos diferentes do habitual e foram incorporados. E, principalmente, o nosso Sistema Único de Saúde (SUS), que foi demandado ainda mais durante a pandemia, provou sua relevância como sistema de saúde público, gratuito e universal. E no período pós-pandemia, o SUS continuou se mostrando importante no atendimento das demandas reprimidas.

9) No período de pandemia, diante da negação do governo federal em relação ao vírus e às graves ameaças à saúde da população, as políticas públicas de enfrentamento tiveram que ser conduzidas em nível local (estados e municípios). Onde se considerou a importância da ciência, os resultados foram positivos, apesar dos números de óbitos registrados principalmente em decorrência da falta de vacina e, já depois dela, decorrentes do negacionismo.

10) Penso que, enquanto prefeito, fiz o que estava ao meu alcance para enfrentar o momento mais difícil da pandemia, procurei mobilizar a sociedade e seguir a ciência, instituí as políticas públicas que o momento exigia. Politicamente não recuei diante das pressões, polarizando com o próprio presidente da república da época, sendo a minha gestão o contraponto ao negacionismo do Bolsonaro. As políticas públicas institucionalizadas só foram vitoriosas por ter na cidade uma cultura política de décadas inspiradas na participação popular, na mobilização constante da sociedade, por meio do Orçamento Participativo, e das dezenas de conselhos existentes. Talvez essa caracterização tenha sido o diferencial nos momentos mais difíceis onde em muitas iniciativas, por exemplo, de distanciamento social, tenham sucumbido em muitas regiões do Brasil e, em Araraquara, foram exitosas.

19) Entrevista dezenove

Nome: **P. F. da S.**
Idade: 49 anos
Profissão: Assistente Social e Presidente da Associação de Vítimas e Familiares de Vítimas da Covid-19 – AVICO

1) Entendo que foi uma gestão marcada pela necropolítica, na qual a proteção da população não foi contemplada em detrimento de interesses estritamente econômicos e de um grupo político com afinidades junto ao governo Bolsonaro. Para essa gestão, a vida não tinha valor, haja vista os milhares de mortos por covid-19, inclusive de apoiadores do governo em questão.

2) Fundei em 04/2021 e atualmente ainda presido Associação de Vítimas e Familiares de Vítimas da Covid-19 – AVICO para defender e apoiar as vítimas (falecidas) e sobreviventes da covid-19, diante da criminosa gestão de Bolsonaro. A Avico foi fundamental para denunciar as diversas violações de direitos humanos cometidas durante a pandemia de covid-19. Denunciamos a gestão Bolsonaro junto a Procuradoria-Geral da República, que acabou sendo arquivada na época pelo Procurador-Geral da República Augusto Aras, mas recentemente está em novo processo de análise pelo atual PGR juntamente com as denúncias da CPI da Covid. Auxiliamos o Ministério Público Federal, como assessoria listisconssorcial em dezembro de 2021, no ajuizamento de ação civil pública contra a União, que busca a reparação pecuniária às famílias de vítimas falecidas e sobreviventes com covid-19 e o processo segue em curso. Também participamos como depoentes na CPI da Covid-19, no caso da Prevent Sênior, bem como no demais conjunto da população brasileira durante audiência pública concomitante a CPI. Foram diversas participações em manifestações públicas, entrevistas de jornal e televisão, participação em lives no Youtube e diversas parcerias com universidade públicas e privadas,

aulas públicas, seminários, congressos e pesquisa. Além de atendermos nossos associados, tanto em questões jurídicas, como demandas psicossociais.

3) Com certeza nossa atuação foi coletiva e nacional, pois atuamos junto ao executivo, legislativo e judiciário, e contamos com diversos movimentos sociais (sindicatos, associações comunitárias, coletivos políticos, e de seguimentos dos direitos humanos, principalmente saúde), bem como entidades. Tanto que alçamos rapidamente o cenário nacional em saúde, pela nossa participação no Conselho Nacional de Saúde – CNS, e posteriormente como delegados da 17o Conferência Nacional de Saúde. Posteriormente fomos convidados a participar do Grupos de Trabalho do Governo de Transição, governo Lula, nas temáticas, saúde, direitos humanos e do revogaço. Desde 2023, estamos contribuindo com o Ministério da Saúde na concepção do Memorial da Pandemia de Covid-19.

4) Sim, fomos uma forte resistência na defesa da saúde pública a população, do sistema único de saúde, contra o negacionismo científico, e principalmente contra a necropolítica do governo Bolsonaro.

5) Sou profissional e pesquisadora de saúde, minhas decisões são sempre ancoradas na ciência e nos agentes de saúde que a partir dela se posicionam.

6) Sabiam o mínimo para proteger a população mundial baseados em outras epidemias, e a medida que as pesquisas sobre a covid-19 foram se desenvolvendo e avançando, atualizações foram feitas. Mas para proteção da vida, o que se sabia na época sobre medidas de mitigação da pandemia e vacinação salvou e poderia ter salvo ainda mais brasileiros, se estivesse no planejamento das ações do Ministério da Saúde, durante a gestão Bolsonaro. Se não fosse o negacionismo daquela gestão, já é sabido que muitos poderiam estar vivos.

7) A OMS se baseia no que tem de mais atual nas produções científicas e de renome, entretanto o mesmo não ocorre com todos os países, que tem autonomia e independência de estado. O que faz um Estado Nação adotar as orientações da ciência e OMS, primeiramente e não negar esses mecanismos. E sobretudo, respeitar a vida e a dignidade de toda a sua população. Com o avanço negacionismo científico e dos antivacina no mundo, vimos o quanto é importante que o Estado estado forte, que prioriza a saúde de sua população.

8) Sim, por exemplo foi graças ao pleito da Avico e sua rede parceira que conseguimos que a pauta covid-19 e memorial da pandemia de covid-19 estivem no planejamento do Ministério da Saúde; Também, a partir de um pleito nosso, mesmo cobrado via extrajudicial pelo Ministério Público Federal, o Ministério da Saúde atualizou o protocolo do SUS para atendimento da condição pós-covid-19 e nos próximos meses lançará um Guia de Manejo Clínico das condições Pós-Covid-19 para o âmbito do SUS, mas que se tornará a diretriz para manejo a tratamento das pessoas que convivem com a sequelas da Covid-19. Esses são alguns exemplos, mais ampliados que temos. Mas também conquistamos pequenas vitórias nos Estados em que temos Núcleos da Avico. Legislações foram aprovadas tanto a nível municipal quanto estadual para proteção as vítimas.

9) As consequências são as piores, além das mortes diretas pela Covid-19, que muitas eram mortes evitáveis se a vacinação no país fosse uma prioridade, assim como com o avanço das fake news quanto ao Plano Nacional de Imunizações nos fez retroceder décadas, não apenas quanto a vacinação contra a Covid-19, mas também em outras doenças, algumas já erradicadas no país, como no caso da poliomielite e do sarampo. Incentivo a disseminação da doença, ao uso de remédios comprovadamente ineficazes (kit covid), crise na rede pública de saúde e falta de insumos hospitalares, como medicamentos, equipamento de proteção individual para os profissionais, e o absurdo que foi a falta de oxigénio em Manaus. Só por esses exemplos, o mandatário máximo do país e seus assessores já deveriam estar presos.

10) Como assistente social, pesquisadora em saúde e defensora de direitos humanos já via e sentia no cotidiano de trabalho o retrocesso do Brasil, a partir da guinada que deu ao eleger representantes da extrema-direita. Assisti, o empobrecimento da população, o aumento da violência e desemprego. A precarização de todas as políticas públicas bem como a diminuição do Estado, e por tudo isso, quando perdi a minha mãe para a covid-19, que pegou o vírus numa hospitalização motivada por outra doença, no auge da mortalidade da pandemia em março de 2021, me decidi a lutar por mim, minha família e por todos aqueles que sempre lutei. Não poderia fazer diferente. E apesar de ser uma luta demorada, invisível e de uma dor própria e individual, não me arrependo um só segundo de ter feito. Olhando para quatro anos atrás tenho a certeza que fiz tudo o que eu deveria e poderia, com as condições que tive. O que me deu uma tremenda bagagem pessoal e profissional para neste momento atuar na linha de frente de atendimento da população atingida pelas enchentes no Rio Grande do Sul, meu estado. Seja como Conselheira Estadual de Saúde ou Assistente Social junto aos abrigos dos atingidos.

20) Entrevista Vinte

Nome: **E. C. de A. B.**

Idade: 66 anos

Profissão: Professora universitária – Presidenta da Sociedade Brasileira de Bioética – Coordenadora e Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Direitos e Garantias Fundamentais da Faculdade de Direito de Vitória

1) Posso afirmar, sem medo de errar, que não tivemos um governo efetivo com política pública de enfrentamento à pandemia realizado sob os auspícios da Ciência. O Ministério da Saúde esteve entregue nas mãos de militares absolutamente desprovidos de qualquer conhecimento sobre Saúde Coletiva, epidemiologia, gestão pública de saúde, dentre outros conhecimentos necessários e imprescindíveis para a condução de uma pandemia da dimensão da que enfrentamos.

O governo anticiência de Jair Bolsonaro atuou implantando um verdadeiro caos, a partir de interferências nos principais órgãos que deveriam primar pelas evidências científicas, mas que, de fato, instauraram uma fábrica de fake News, desacreditando a vacinação e minimizando a Covid e seus riscos à saúde individual e coletiva.

Houve um verdadeiro genocídio no Brasil com a morte de mais de 700 mil pessoas, o Governo Bolsonaro deve ser responsabilizado civil e criminalmente pela gestão do Ministério da Saúde e de todos os órgãos que tinham o dever de enfrentar, de maneira orgânica, a pior pandemia que o mundo já viveu.

2) Me posicionei de forma constante, ativa e com altíssimo grau de assertividade não apenas em artigos científicos e capítulos de livro, mas, também, em minha coluna no Jornal A Gazeta, principal jornal do Estado do Espírito Santo, onde resido.

Também fui entrevistada, por diversas vezes, sobre a situação da pandemia, ocasiões em que me manifestei sobre as atrocidades que ainda estavam acontecendo.

3) Acredito que, neste sentido, minha atuação foi múltipla, posto que, por um lado, desenvolvi atividades individuais, por meio do meu posicionamento como cidadã e pessoa dedicada ao estudo da Saúde e dos Direitos Fundamentais.

Por outro lado, dediquei-me a formação de coletivos que tivessem a força para denunciar publicamente e combater as violações de Direitos. Foi por esta razão que, na condição de presidenta da Sociedade Brasileira de Bioética, também participei do Movimento Frente pela Vida, que é um coletivo composto pelas principais instituições e organizações dedicadas à defesa da Saúde e dos Direitos Fundamentais (ABRASCO, CEBES, CNS, Rede Unida, entre outros) e que teve um papel importantíssimo na denúncia das práticas criminosas praticadas pelo então Governo Federal e pelo resgate após a crise. Assim, a Frente pela Vida é movimento perene, robusto e com ampla capilaridade.

Também participei de uma pesquisa nacional, encabeçada pelo Conselho Nacional de Saúde, pelo Conselho Nacional dos Direitos Humanos e pelo Fórum Nacional de Defesa do Direitos Humano à Saúde, intitulada *Denúncia de Violações dos direitos à vida e à saúde no contexto da pandemia da Covid-19 no Brasil*. Documento que serviu ao registro do momento crítico e da condução criminosa da pandemia pelo então Governo Federal.

Destaco, também, o desenvolvimento de inúmeras pesquisas científicas, desenvolvidas, em sua maioria, no interior do Grupo de Pesquisa que coordeno e que é dedicado ao estudo das

Políticas Públicas, do Direito à Saúde e da Bioética, questões centrais em todas as discussões desenvolvidas no contexto da pandemia.

4)Sem sombra de dúvidas. O movimento Frente pela Vida é, por gênese, um movimento de luta em defesa dos Direitos Fundamentais, principalmente aqueles que orbitam o Direito à Saúde.

Inspirado pelo movimento da Reforma Sanitária, inclusive com uma ampla identidade dos atores e instituições/organizações participantes, a Frente pela Vida se constitui com o objetivo de servir como uma barreira social e científica aos ataques que a sociedade brasileira estava sofrendo, mas,

também, como um meio de debates e desenvolvimento de ações que serviriam a orientar a condução da Saúde Coletiva nos anos que viessem após a pandemia.

A Frente pela Vida não se esgotou na pandemia e as instituições que dela participam se tornaram mais unidas e robustas na defesa de suas funções sociais. Este, por exemplo, é um compromisso que a Sociedade Brasileira de Bioética assumiu e vem cumprindo, atuando de forma assertiva e constante da defesa da sociedade brasileira, inclusive com ajuizamento de ações judiciais, participações em audiências públicas e manifestações abertas.

Os valores principais defendidos por mim, pela Frente pela Vida e pela SBB são: a proteção dos Direitos Fundamentais, a luta pela Saúde Coletiva, a busca por um Sistema Universal de Saúde forte, completo, equânime e integral, a defesa da Ciência.

5) Minhas decisões são tomadas a partir dos melhores periódicos científicos, assim como pelas orientações dos especialistas que respeitam a ciência.

6) Estou certa de que o início da pandemia foi marcado pela obscuridade para a grande maioria da população. Todavia, constatada a urgência da crise, os principais cientistas foram reunidos com o objetivo de se encontrar uma solução para o problema.

Assim, com o passar do tempo e a acentuação das consequências do vírus sobre a saúde da população, as pesquisas foram sendo desenvolvidas com dedicação e intensidade, o que, a partir também da aproximada atuação da Organização Mundial de Saúde (OMS), permitiu a implementação de ações preventivas e, posteriormente, que chegássemos à elaboração de vacinas.

7) Estou certa de que o início da pandemia foi marcado pela obscuridade para a grande maioria da população. Todavia, constatada a urgência da crise, os principais cientistas foram reunidos com o objetivo de se encontrar uma solução para o problema.

Assim, com o passar do tempo e a acentuação das consequências do vírus sobre a saúde da população, as pesquisas foram sendo desenvolvidas com dedicação e intensidade, o que, a partir também da aproximada atuação da Organização Mundial de Saúde (OMS), permitiu a implementação de ações preventivas e, posteriormente, que chegássemos à elaboração de vacinas.

8) Sim, tenho certeza. A Frente pela Vida atuou de forma direta na condução da pandemia. Dentre as diversas ações, destaco a realização da Conferência Nacional Livre, Popular e Democrática de Saúde, inclusive com a entrega ao então candidato à presidência, Luiz Inácio Lula da Silva, uma carta de compromisso com a Saúde.

Para além disso, atuamos, enquanto SBB, em ações judiciais e em audiências públicas envolvendo questões constatadas no contexto da Covid-19, como, por exemplo, o caso da Prevent Sênior, dentre outros.

9) Além das mais de 700 mil mortes, muitas dessas evitáveis, as sequelas para os sobreviventes são inúmeras, não apenas físicas, mas mentais e emocionais. É claro que o vírus, por si só, causaria consequências imensuráveis, mas a gestão do então governo federal, com a

diminuição da gravidade do vírus, incentivo à flexibilização do distanciamento social, indicação de protocolo de tratamento não validado cientificamente, atraso na compra e desestímulo à vacinação, foram ações que intensificaram todos os danos.

O Brasil tinha todas as condições para ser um dos países mais bem sucedidos no enfrentamento à crise. A existência de um robusto Sistema de Saúde, com uma política de vacinação construída a muitas mãos, além de uma cultura popular historicamente orientada à vacinação, poderia ter colocado o Brasil na vanguarda das vacinas, mas a atuação do então presidente e a inaptidão técnica dos membros do Ministério da Saúde, impediram que as coisas acontecessem como deveriam.

10) Desde a adolescência tive uma atuação de forte envolvimento com atividades de cunho social e preocupação com a violência e a desigualdade. Na juventude, fiz curso de enfermagem atuando ativamente no movimento estudantil e de resistência nos últimos anos da ditadura militar.

Como professora da Universidade Federal do Espírito Santo, participei ativamente do movimento da Reforma Sanitária, que ajudou a construir as bases do que hoje temos como política nacional de saúde e o Sistema Único de Saúde.

Posteriormente, com a formação jurídica, continuei a me envolver ativamente na defesa do Direito à Saúde, mas também na proteção e luta pela garantia de todos os Direitos Humanos Fundamentais.
Meu envolvimento com os movimentos sociais, especialmente os da saúde, me levou a uma forte atuação na luta e na defesa da sociedade, mormente na proteção dos mais vulneráveis.

A urgência da pandemia me chamou à obrigação de agir de forma mais ferrenha, o que me fez integrar a diretiva que constituiu o movimento Frente pela Vida, que detalhei

anteriormente. Esse movimento surge na pandemia, mas não se encerra nela, com ações que se prorrogaram desde a Covid-19, mas tantas outras que não guardam relação diretamente com a Covid, mas que dizem respeito aos Direitos Humanos Fundamentais da sociedade brasileira, principalmente aqueles que são tangenciados pela Saúde.

Minha atuação não surge na pandemia, tampouco se encerra com seu término. Mas creio que a pandemia trouxe para todos nós, enquanto sociedade, a importância de termos pessoas dedicadas à proteção da Saúde, dos Direitos Fundamentais e da Ciência, pautas que carrego desde a infância, mas das quais não me eximi mesmo em meio ao medo do vírus, do caos instaurado pelo Governo Jair Bolsonaro e as perseguições sofridas em razão de meu posicionamento político contrário à ditadura instaurada no país.

Sobre as perseguições, essas se iniciaram a partir das eleições de 2018, com meu posicionamento ferrenho contrário à candidatura de Jair Bolsonaro. Recebi em minhas redes sociais, nos posts que fazia e nos quais era marcada, diversas manifestações de descontentamento e ataques diretos.

Sofri um processo eclesiástico da Igreja Presbiteriana em razão da organização de um livro científico sobre o aborto no Brasil, sob a acusação de ser abortista, feminista e comunista. Um "processo" que parecia uma representação da inquisição no século XXI, passei por todas as três instâncias, tendo sido condenada, ao final, com meu afastamento do rol de membros da igreja.

Além disso, o jornal A Gazeta sempre postou meus artigos em suas redes sociais. Nesses espaços, por diversas vezes, pessoas manifestaram posições agressivas/ofensivas em relação a minha pessoa. Na pandemia, com a intensificação das minhas críticas ao Governo Bolsonaro e aliados, cresceram, também, a manifestação de seus seguidores nas redes sociais e na vida privada em meus círculos sociais mais próximos.

21) Entrevista vinte e um

Identificação: **J. F.**

Idade: 67 anos

Profissão: Médica, exercendo mandato de deputada federal na Câmara dos Deputados.

1- Tivemos quatro ministros da saúde neste período, nomeados e exonerados por divergências com a orientação do governo ou por incompetência e denúncias, sendo este o caso particularmente do General Pazuello. O último nomeado, Marcelo Queiroga, concordou em negar sua formação e seguiu leal ao seu presidente até o final do governo. O comportamento do ex-presidente Jair Bolsonaro foi de profundo desrespeito ao povo brasileiro, aos cientistas, aos profissionais de saúde, aos gestores dos outros níveis da federação, ao Congresso e ao STF. Suas orientações seguiram uma estrutura paralela e que negava as orientações da ciência e da OMS. Desinformou, negou a vacina atrasando sua aquisição, orientou não usar máscaras, dificultou o isolamento social, e divulgou medicamentos sem eficácia. Não foi feito rastreamento massivo, muito menos nas comunidades mais populares, onde o desenho urbano potencializa o contágio. Foram perdidas 700.000 vidas, sendo a maioria evitável caso a gestão seguisse a orientação correta. A adjetivação GENOCIDIO, para o que ocorreu tem sustentação nos dados e consequências. Registro ainda os fortes indícios de corrupção na compra de vacinas, apurados com profundidade na CPI desenvolvida no Senado Federal. Realço também a concepção de Estado existente naquele governo, que fragilizou ações fundamentais de apoio a micro e pequenas empresas- mais de 800.000 foram fechadas, de sustentação financeira dos trabalhadores, de socorro a setores extremamente impactados e de desvalorização e tentativa de interdição de funcionamento integrado do SUS, gerando desassistência em momentos fundamentais, como a falta de oxigênio no estado do Amazonas.

2- Como cidadã, médica e parlamentar, fiz o contraponto da desinformação, atuei na Comissão especial da covid-19 na Câmara dos Deputados, onde fizemos muitas audiência públicas, interferimos na solução orçamentária de demandas fundamentais, construímos soluções emergenciais de assistência e de produção de insumos, como a garantia de recursos à Fiocruz para transferência de tecnologia e produção da vacina Astrazeneca, em luta conjunta com a fundação por onde conquistamos a Medida Provisória com esta finalidade. Aprovamos novas leis para ampliação de leitos, diagnóstico e EPI. organizamos prioridades de categorias expostas e auxiliamos soluções junto ao STF. Atuamos sintonizados com a ANVISA. Atuamos para proteger mulheres em situação de violência doméstica, pois os dados mostraram o aumento de casos.

3- Vejo todas as ações como parte de um movimento maior. Gestores, entidades, universidades e vizinhança atuando solidariamente para garantir informação correta, alimentos, água, álcool gel, assistência por parte do grande e fundamental sistema de saúde, que é o SUS.

4- Sim, foram ações de resistência social à pandemia e à atuação criminosa do governo, mas também foram ações que afirmaram os valores de solidariedade, ação coletiva e defesa da vida, encarando o recorte de classe, gênero e racial, que expressam grandes desigualdades.

5- Pela orientação da ciência

6- Penso que inicialmente o conhecimento era pequeno. Apenas em 6 de março de 2020 foi definida a categoria de pandemia ao que estava acontecendo. Os cientistas e profissionais da saúde se dedicaram para compreender sua evolução no organismo humano, os tratamentos possíveis e cada vez mais eficazes, as formas não medicamentosas de prevenção, e a descoberta das vacinas, que salvaram a maior parte da humanidade e nos retirou da gravidade da tragédia sanitária. Lembro que a cientista brasileira, Jaqueline Góes de Jesus decodificou o

genoma do vírus em 24h. Fiocruz e Butantã atuaram na produção e na busca da autossuficiência. Universidades brasileiras e seus centros de pesquisa atuaram em várias frentes, estudantes de cursos de farmácia produziram álcool gel para distribuição, a sociedade se movimentou para salvar familiares e vizinhos. Evoluímos no conhecimento e milhões de vidas foram salvas. Esta doença e seu agente nas diversas variáveis ainda serão objeto de estudo por muito tempo.

7- A OMS tem sido fundamental na orientação mundial. Penso que falhou no critério de distribuição e limite de compras das vacinas. Canadá e EUA, por exemplo, compraram o triplo do número de vacinas que precisavam, enquanto a África ficou desassistida. Isto quer dizer que o lucro e o poder definiram que vidas seriam salvas, e a OMS não conseguiu equilibrar sob a ótica da saúde pública. No entanto, a OMS foi fundamental no conjunto das análises, orientações e resoluções que assumiu. Seguiu a ciência e buscou acompanhar todos os continentes. No Brasil, infelizmente, tínhamos um governo que não respeitava essas orientações e nós paramos de investir no Complexo econômico-industrial da saúde e ficamos muito dependentes de importação de tudo- de EPIs a medicamentos, equipamentos e vacinas. Obviamente isto traz graves consequências. Dependíamos de importação de ventiladores mecânicos para respirar, quando muitos países resolveram parar de exportar para atender suas demandas internas.

8- Vejo muitas- citaria a continuidade da produção de vacinas, a ampliação dos leitos que hoje permanecem nas cidades e a retomada do Complexo Industrial neste campo. A disputa de valores na sociedade que muitos de nós fizemos, somadas ao drama vivido pela população fez o país virar a chave nas eleições de 22.

9- Penso que já respondi

10- Sou procedente do movimento sindical da saúde e estou completando nove mandatos parlamentares, sendo oito na Câmara dos Deputados. Elaborei e aprovei muitas leis no Brasil e tento fortalecer o papel da esquerda e do meu partido, PCdoB, na democracia brasileira e nas lutas sociais. Antes, durante e após a pandemia atuei com a mesma compreensão e dedicação na defesa da vida, do SUS e da ciência. Mas saí deste período do Brasil com muitos aprendizados e melhor como cidadã. Permaneceram os valores intensificados e a certeza de que precisamos desenvolver um projeto nacional, soberano de desenvolvimento e apostar na luta e solidariedade do nosso povo.

22) Entrevista vinte e seis

Identificação: **J. R. L.**
Idade: **75 anos**
Profissão: **Religioso**

1) Foi um governo negacionista que trouxe como efeito a baixa adesão à vacinação.

2) Como resistência ao negacionismo e trabalhando para que a população de rua fosse vacinada.

3) Trabalhamos em conjunto com o Consultório da Rua, Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz) e Secretária Municipal da Saúde de São Paulo.

4) Sim. Dignidade, empenho das políticas públicas, luta pelos direitos da população de rua.

5) Sob orientações da Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz) e da OMS (Organização Mundial de Saúde).

6) Não tenho elementos para falar sobre.

7) Em termos do governo federal brasileiro não levou em conta a gravidade do cenário da Pandemia de Covi-19.

8) As ações sociais coletivas somadas à luta pelas políticas públicas, pressionaram o governo federal do Brasil.

9) Os efeitos do negacionismo por parte do governo federal durante a pandemia de Covi-19 são retratados ainda 2 anos depois do término da pandemia determinado pela OMS

10) O meu trabalho como Vicariato do Povo de Rua já dura 39 anos e a luta sempre foi árdua, incessante e exaustiva.

Em março de 2020, quando foi declarada a pandemia de Covid-19, e enquanto a OMS (Organização Mundial de Saúde) pedia para que todos ficassem em casa, a única casa do povo da rua, era a própria rua.

Nossa comunidade se mobilizou e chegaram muitas doações. Fomos para as ruas todos os dias, cuidar dessa população esquecida pela sociedade.

Também usamos os canais digitais para denunciar e lutar por políticas públicas.

Anexo XIV. Apresentação da dissertação "PowerPoint"

“Uma análise compreensiva-hermenêutica da resistência social pró-ciência contra a gestão anticiência da pandemia Covid-19 do governo federal do Brasil.”

Cristiane Donato Jatene

Exige o teu melhor | www.iscsp.ulisboa.pt

Apresentação

Abertura

- **Somos isentos como pesquisadores para caracterizarmos a extrema direita, a forma de disseminação de desinformação e as práticas de Necropolítica.**
- **A isenção como pesquisadores não significa neutralidade diante do rompimento com os preceitos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que é parte da prática da extrema direita.**
- **Temos respeito e reverência pelas vidas perdidas em projetos necropolíticos que:**

  - Mataram e criaram órfãos durante a gestão da pandemia Covid-19, bem como por outras doenças, que não puderam ser tratadas por estarem os leitos ocupados por doentes de Covid-19;

  - Mataram e criaram órfãos a partir de golpes de Estado;

  - Mataram e matam, criaram e criam órfãos em sistemas coloniais que estão em curso por longo período, através de limpeza étnica;
- **Temos respeito e reverência por cidadãos que voltaram suas vidas, suas carreiras para barrar, ao máximo, projetos necropolíticos em seus países, alertando ao mundo.**

Síntese do Trabalho

- **Como uma pesquisa fenomenológica-existencial hermenêutica, o tema afetou a pesquisadora e surgiu em seu contexto existencial fático de forma velada: por que numa pandemia de um vírus letal, um país, com um programa de imunizações modelo para o mundo, viu todos os movimentos sociais e cidadãos esclarecidos tendo que lutar pela compra da vacina e para combater o negacionismo em Saúde Pública disseminado socialmente, através de desinformação sistemática, pelo presidente da República?**
- **Para termos uma resistência social pró-ciência era necessária uma gestão anticiência, portanto para compreendermos o fenômeno, o que o sustenta e fundamenta, buscamos compreender como se deu a resistência social pró-ciência e também a gestão anticiência.**
- **Analisamos os contextos local e internacional no qual essa situação se desenrolou, uma vez que estamos num mundo globalizado, como sempre foi, mas hiperconectado e com projetos políticos, como o negacionista de extrema direita, com organização internacional e métodos claros de uso das redes sociais para disseminação de todo tipo de desinformação, em todas as áreas do conhecimento.**
- **O Brasil tem peculiaridades locais em relação à colonização, a constituição da República, ao desenrolar da configuração do Estado nacional e à construção do Estado social, entre golpes.**

- **Constatamos que a gestão anticiência se deu através de: práticas contrárias às recomendações científicas e corruptas, sonegação de informação estatal em Saúde Pública e com uso da comunicação direta com a base eleitoral do presidente, que vinha desde a campanha eleitoral. Havia uma mobilização permanente dessa base eleitoral, num mundo de delírios compartilhados por milhões de pessoas, num circuito fechado de desinformação.**
- **A resistência social pró-ciência se deu através de ações dos outros poderes da República, como Governos Estaduais, Prefeituras Municipais, Senado Federal, Congresso Nacional, Superior Tribunal Federal, de sistemas de comunicação, como imprensa coorporativa, imprensa progressista, no Youtube, cidadãos de todos os campos do conhecimento, através de manifestações nas redes sociais, como disseminação das formas de contenção da disseminação do vírus e defesa da vacina e, através de ações no plano concreto, como confecção de máscaras, distribuição de álcool gel e outros suprimentos.**
- **A extrema direita contemporânea chega ao poder por vias eleitorais e procura "fechar" o sistema através de ações por dentro das instituições. Nesse sentido, a democracia, que deve ser inclusiva, enfrenta um paradoxo: aceitar ou recusar projetos antirrepublicanos e antidemocráticos em seu interior.**
- **Não estamos enfrentando apenas uma crise da democracia contra a extrema direita, uma vez que projetos que se dizem democráticos, no interior de seus estados-nação, ainda aceitam a promoção de guerras, de golpes e de genocídio e etnocídio em outros territórios, muitas vezes, contrariando o clamor de seus eleitores, que pedem por uma democracia humanitária, em manifestações de rua, em diversos países e nas redes sociais.**

- **O sistema globalizado desigual colonialista não tem mais sustentabilidade humana e planetária e estamos no momento de uma decisão sem meio termo, porque estamos no ponto de não retorno.**
- **Eleger projetos negacionistas, mesmo com um sistema de Saúde Público robusto, como o SUS, é um risco à Saúde Pública global.**
- **As formas de lutas identitárias, embora justas e baseadas em estudos sérios e não em delírios como os delírios negacionistas, são formas de luta sectárias, que matam o coletivo, assim como o fascismo o faz, entretanto por outros meios.**
- **Há que se encontrar soluções conjuntas, mas sem ações antagônicas feitas pelas mesmas mãos. Não se pode falar em defesa do meio ambiente e da democracia e financiar golpes de estado e genocídios. Por esta razão, porque essas ações permanecem sendo feitas dessa forma, é que apenas 17% dos Objetivos Sustentáveis do Milênio-Agenda 2030 foram cumpridos, em 2025.**
- **A extrema direita põe em questão toda a estrutura de governança global construída até o momento e a própria Declaração Universal dos Direitos Humanos, cujos preceitos passaram a ser vistos como "esquerdistas".**
- **Vimos que ações de resistência podem ser positivas ou negativas, a depender dos valores e ações que defendem.**
- **<u>Vimos que não há forma de desumanizar pessoas sem desumanizar-se, simultaneamente.</u>**
- **Permanecer com posturas etnocêntricas, tanto em termos de governança global e governança local quanto academicamente não colabora para a sustentabilidade humana e planetária e, todos já sabemos, ou deveríamos saber, da imposição dessa realidade, e a escolha encontra-se clara.**

Considerações Iniciais

- **Pesquisa realizada através do Método Fenomenológico-Existencial Hermenêutico**
- **Busca compreender os fenômenos através do seu acontecer fático, existencial, social, contextualizado**
- **Queremos saber como um fenômeno é possível, o que o sustenta, qual seu fundamento**
- **Nosso fenômeno é a "Resistência social pró-ciência contra a gestão anticiência da pandemia Covid-19 pelo Governo Federal do Brasil".**
- **As perguntas norteadoras para o acesso ao fenômeno através do método utilizado, e que responderemos resumidamente nesse início são:**

1) **Como foi possível o fenômeno sociopolítico "gestão anticiência da pandemia Covid-10 pelo Governo Federal do Brasil? *Negacionismo da extrema direita mundial, do qual o referido governo faz parte, que não se restringe ao âmbito da Saúde. O negacionismo é alimentado diariamente via redes sociais, mantendo eleitores mobilizados e imersos num mundo fantasioso.***
2) **Quais são os elementos que compõe sua base de sustentação social e política? *Militarismo (membros das Forças Armadas, na ativa e na reserva), Neopentecostais, Milícias (com base no Rio de Janeiro), Elite Financeira Ultraliberal no âmbito da Economia.***
3) **Como foi possível esse fenômeno "resistência social pró-ciência e de que forma nos deteremos nesse ponto? *Mostrando o "como hermenêutico" desse resistir, ou seja, mostrando como esse fenômeno de resistir contra retrocessos (já que a resistência social pró-ciência se insere nesse campo) vem se dando, como se insere no quadro sócio-histórico local e internacional, quais são seus atores e como estão articulados ou desarticulados.***

4) **Como chega à contemporaneidade, de onde vem? *De longe, nosso recorte será desde 1954, suicídio do presidente Getúlio Vargas. Não tem a mesma coesão do campo fascista e é um movimento sem mobilização permanente, embora seus atores defendam constantemente os valor que a sustentam.***

5) **Quais valores e preceitos a embasam? *Valores democráticos, trabalhistas, aprimoramento do estado de bem-estar social e uma sociedade igualitária. Soberania nacional, Estado forte e laico, industrialização e desenvolvimento tecnológico do país, relevância da Saúde, Educação e Cultura.***

6) **Para onde parece caminhar e com quais objetivos? *Os objetivos são a diminuição das desigualdades, atingir a cidadania plena, a sustentabilidade humana e planetária. Caminha-se em direção a esses objetivos de forma desordenada, desmobilizada e pouco coesa. Além disso, tem como objetivo compreender e combater o avanço do Fascismo.***

7) **Para onde e como poderia caminhar de forma a conseguir avançar socialmente? *Articulando-se e mobilizando-se, em bases permanentes, no plano local e internacional.***

- **Conforme previsto no projeto, esta pesquisa utilizou, além de artigos acadêmicos e livros de pesquisadores, documentos oficiais e notícias de imprensa, por serem os temas tão atuais que alguns pontos relevantes, especialmente a ligação entre eles, não se encontram ainda em trabalhos acadêmicos e essa deverá ser uma das contribuições dessa investigação.**
- **O acesso ao fenômeno foi feito através do método referido, no qual o pesquisador investiga para desvelar um fenômeno que o afeta, como convivente social do mundo fático, e que aparece, de início, velado. Compreende-se o fenômeno sem recortá-lo de seu contexto, compreende-o situado temporalmente e espacialmente, a investigação apresenta um desvelamento autoral e situado temporalmente e espacialmente.**

Metodologia: Método Fenomenológico-Existencial Hermenêutico

- **O método fenomenológico-existencial hermenêutico é baseado na ontologia fundamental de Martin Heidegger, apresentada em "Ser e Tempo" (Heidegger. 2007).**
- **É um método interpretativo do mundo existencial-fático, social, que é sempre compartilhado, é "Fenomenologia da Facticidade" (Colpo, 2019), é "Fenomenologia da Existência" (Critelli, 2006).**
- **Para respeitarmos o rigor do método é necessário compreendermos o fenômeno na sua remessa de relações contextualizadas temporalmente e espacialmente, no âmbito no qual se situa e se desenrola. É necessário compreender como o acontecer fático, *em movimento*, de determinado fenômeno é possível, o que sustenta seu existir.**
- **RIGOR DO MÉTODO: A Fenomenologia-Existencial Hermenêutica não busca explicações, causas e efeitos, busca uma compreensão contextualizada e delimitada. O rigor do método consiste em sabermos que estamos aplicando uma epistemologia própria para os fenômenos humanos e sociais que são inacabados e acontecem num movimento dramatúrgico, numa teia de significados, no mundo fático, são imparáveis e é impossível encapsulá-los, recortá-los para um estudo laboratorial.**
- **RAZÃO DA INVESTIGAÇÃO: é o desvelamento do fenômeno que o investigador não pôde compreender. Fenômeno que afeta a si e a sociedade na qual vive.**

- **É preciso fazer a desconstrução do que se mostra como constituinte do fenômeno e reconstruir as ligações entre os constituintes com o intuito de que esse fazer nos leve à compreensão sobre como a existência daquele fenômeno é possível. É impossível um desvelamento completo, o que é possível é compreender contextualmente.**
- **SUSPENSÃO FENOMENOLÓGICA: suspender os "a prioris" é "voltar às coisas mesmas" (Heidegger, 2007) e nos guiarmos por elas e não pelo que já possa ter sido dito sobre essas coisas. *Acessar os fenômenos através do seu acontecer fático, inédito e irrepetível.***
- **A pesquisa se dá porque algo no mundo fático do pesquisador lhe apareceu velado, incompreensível. A razão da investigação é desvelamento do fenômeno.**
- ***O pesquisador é sempre aquele ser afetado pelo fenômeno que busca pesquisar, para desvelá-lo. Buscar o que sustenta e constitui o fenômeno é buscar um desvelamento possível para aquele determinado pesquisador que, ao reconstruir o fenômeno o fará interpretando-o, porque este é o modo de conhecer do ser humano: fazer a hermenêutica de sentido, interpretar a partir do que o fenômeno mostra, a partir do desvelamento possível.***
- **Nenhuma fonte de pesquisa é obrigatória. No modo de perguntar de uma pesquisa fenomenológica o primordial é o que se busca saber e não os instrumentos técnicos (Critelli, 2006).**
- **Obrigatório é deixar claro do que é feito o fenômeno, tema da pesquisa.**

- **O pesquisador está em jogo, a existencial "disposição afetiva", o primeiro do ser humano diante de qualquer situação, situa o fenômeno para o pesquisador. O velamento de um fenômeno se deu para ele e o desvelamento será realizado por ele. Este ser-no-mundo conhece sendo interpelado pelos fenômenos de seu mundo fático.**
- **A verdade que se busca nessa epistemologia é "alethéia", desvelamento, descobrimento de sentidos, e não veritás", verificação (Pompeia e Sapienza, 2010).**
- **No desvelamento do fenômeno, encontramos ligações com acontecimentos sócio-históricos-políticos anteriores, já denominados por conceitos. Travamos um diálogo com a teoria. Quem nos conduz à teoria é o fenômeno. O pesquisador não escolhe uma teoria para compreender o fenômeno à luz de conceitos.**
- **No desvelamento de novos fenômenos, os conceitos aos quais os fenômenos nos remetem é que são enriquecidos e ampliados.**
- **Fundamentar é buscar o *fundamento*, *estrutura de sentido* que *possibilita o fenômeno*. Para conhecer *preciso saber a essência do que quero conheço* (Heidegger, 2009). A essência do ser humano são os existenciais, ser-história, ser-finito, ser-linguagem, ser-corporeidade, ser-temporalidade, ser-espacialidade, ser-com, ser-para-a-morte, entre outros (Heidegger, 2007; Sapienza, 2015).**

Programa Nacional de Imunizações do Brasil (PNI)

- **Em 1840 surgem as vacinas no Brasil, a seguir o médico-cirurgião, Barão de Pedro Afonso cria um instituto privado, que depois fica a cargo do governo, Instituto Soroterápico, que viria a se tornar o Instituto Oswaldo Cruz (Fiocruz).**
- **O PNI, apesar de ser uma política pública de Saúde pertencente ao Sistema Único de Saúde (SUS), é anterior ao SUS, criado a partir da Constituição de 1988.**
- **O SUS faz parte da tríade de proteção social no Brasil, que se completa com o Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e Sistema de Previdência Social.**
- **Quando a pandemia Covid-19 chegou ao Brasil, o PNI tinha 47 anos e o SUS 32 anos.**
- **O PNI foi institucionalizado quando o Brasil recebeu o selo de erradicação da varíolada OMS, em 1973, em plena ditadura militar (1964-1985). Essa informação é importante porque demonstra que, embora o governo que geriu a pandemia seja ligado ao período ditatorial, o negacionismo científico faz parte do movimento de extrema direita mundial contemporâneo.**
- **O PNI provocou o aumento da esperança de vida e a redução das hospitalizações.**
- **O SUS representou uma mudança drástica no sistema de Saúde Pública do Brasil. Antes do SUS, as pessoas mais ricas se tratavam no exterior ou com médicos formados no exterior, os trabalhadores tinham Saúde Pública gratuita vinculados ao antigo Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Nacional (INAMPS) e os empobrecidos viviam de caridade.**

- **O SUS tem entre os seus preceitos a Integralidade, atende desde a prevenção primária, onde se aloja o PNI, até os procedimentos de alta complexidade.**
- **Em função do próprio sucesso do PNI, várias pessoas se desinteressaram das vacinas por acreditarem que várias doenças estavam erradicadas e que não poderiam retornar, esse fenômeno ocorre em outros locais que o sistema de vacinação é exitoso, como o PNI do Brasil. É nesse contexto, já desafiante para a continuidade do êxito do PNI que surge a disseminação de desinformação em Saúde, feita pelo próprio presidente da República e seus apoiadores, pervertendo, além de suas atribuições e obrigações constitucionais, um dos preceitos do SUS, "Direito à informação", feito através do e-SUSAB, desde 2019, antigo SUSDATA, criado em 1994. Além de divulgar notícias falsas sobre vacinas, o governo federal se recusou a divulgar diariamente o número de infectados e mortos.**
- **O SUS é um sistema de descentralização articulada e integrada nas instâncias federal, estadual e municipal, o que reclama permanente diálogo entre os entes federados. Caso um dos entes não cumpra suas obrigações, como ocorreu na pandemia, quando o Governo Federal não comprou vacinas, toda a cadeia do SUS fica prejudicada, dificultando o acesso do cidadão brasileiro ao sistema de Saúde e manutenção da sua saúde e da sua vida.**
- ***A gestão governamental da Covid-19, no Brasil, destoa de tudo que já havia acontecido no país em relação a proteção da população através da vacina, ao longo da história, por governos de diferentes orientações ideológicas e por diferentes modelos de governança*.**

- ***O Ministério da Saúde não cumpriu sua responsabilidade de coordenar de forma federativa a compra das vacinas e dos insumos e em relação as campanhas de esclarecimento da população.*** **"A pandemia não foi tratada em termos científicos, mas em termos ideológicos e políticos". Os municípios que tiveram maior votação ao presidente atual, no primeiro turno, tiveram mais incidência da doença, na seguinte proporção "a cada 10 pontos percentuais da mais de voto para Bolsonaro, houve um acréscimo de 11% no número de casos e 12% no número de mortos". "Essa correlação positiva foi denominada *'efeito Bolsonaro'* na propagação da pandemia" (Fleury e Fava, 2022).**
- **Até dezembro de 2021, 80% da população havia recebido duas doses da vacina ou dose única.**
- **ALGUMAS AÇÕES que colaboraram para o combate à pandemia Covid-19 e reforçaram a cultura da população de aderir a vacinação:**

  - Coordenação horizontal (o "federalismo de cooperação" se transformou em "federalismo de confrontação");

  - Ações do Fórum Nacional de Governadores, do Conass (Conselho Nacional de Secretarias de Saúde), da decisão do Superior Tribunal Federal, validando a autoridade dos governadores para cumprirem medidas sanitárias contra a pandemia, mesmo que o presidente tivesse recorrido ao STF para impedir que os governadores adotassem medidas de "lockdown";

  - CPI da Covid-19 no Senado Federal, que indiciou 80 pessoas e comprovou a negligência proposital em relação às vacinas;

- Compromisso da imprensa corporativa e da imprensa progressista, de cientistas e figuras públicas de divulgarem informações diárias que colaborassem para a contenção da transmissão do vírus;

- A ANVISA (Agência de Vigilância Sanitária) não aceitou alterar a bula da cloroquina, como pleiteou o presidente;

- Funcionários do estado, concursados, com estabilidade de carreira, impediram a corrupção na compra de vacinas não aprovadas pela ANVISA.

- **Mesmo com a estrutura do SUS e do PNI, um governo que age contra a Constituição e contra as orientações dos sanitaristas pode causar danos fatais à população.**
- **Em 2022, o Brasil passa a fabricar vacinas 100% nacionais para a COVID-19.**
- **Durante o período do governo negacionista, o Brasil passou a ocupar o sétimo lugar entre os vinte países que menos vacinam, ou seja, em quatro anos, foi de um PNI modelo para o mundo para o sétimo país que menos vacina.**
- **Em 2023, no primeiro ano da mudança de governo, o Brasil sai da lista dos que menos vacinam. A vacina tríplice, por exemplo, pula de 103 mil crianças vacinadas para 710 mil crianças vacinadas.**

Contexto Local e Internacional

CONTEXTO LOCAL

- **Os alicerces da resistência social pró-ciência, durante a pandemia Covid-19, foram colocados em 2016. A resistência de 2016 é a base dessa resistência, no século XXI, embora ela tenha início desde o Brasil Império e tenha seguido durante o século XX, adotando as ações cabíveis a cada tentativa de tornar o Brasil um país atrasado ou aprofundar as desigualdades entre a população.**
- **A resistência ao golpe de estado, travestido de *impeachment*, de 2016, por sua, teve seu início com as "Jornadas de Junho de 2013". Ambos, tanto o *impeachment* quanto a Revolução Colorida, são recursos de Guerra Híbrida (Koboyo, 2020).**
- **O território da pesquisa é o Brasil, inserido num mundo globalizado e hiperconectado.**
- **O Brasil com este nome e esta configuração diversa e plural existe composto por: grupos étnicos que já estavam no território (indígenas, que são diversos), os que aportaram voluntáriamente (maioria europeus) ou involuntariamente (escravizados africanos), do século XVI ao século XIX, e, os que aportaram voluntariamente a partir do século XX (Árabes, Judeus-Árabes e Europeus, Europeus, Asiáticos, etc).**
- **Ao mesmo tempo que a diversidade produz força e criatividade, produz dificuldade de uma identidade nacional coesa, problema agravado pelas desigualdades sociais e por haver grupos que ou não escolheram esse território para viver (africanos escravizados pelos europeus) ou não o queriam dessa forma e tiveram suas terras roubadas pelos europeus (indígenas).**

- **Há duas bases históricas no Brasil que seguem ainda hoje e, a partir de 2016, com mais de trinta anos de redemocratização, esta situação ficou mais evidente para todos e, com novos componentes, uma extrema direita mundial, organizada, coesa e que utiliza algoritmos de redes sociais e circuitos fechados de comunicação nessas redes para disseminar desinformação, tanto em Saúde Pública, quanto em Historiografia, é teocrática, armamentista e reacionária. Busca tomar o poder pelas vias institucionais, corrompendo-as, e aumentar seu poder fraudando as eleições através do uso indiscriminado de "fake news", que tem como um dos seus principais objetivos difamar adversários e desacreditar todo o conhecimento, em todas as áreas, produzido com base em pesquisas documentais e evidências.**
- **A direita tradicional brasileira, democrática, defendia os direitos civis e o estado laico, era, entretanto, privatista, fiscalista, neoliberal na economia, num país rico e desigual que ainda precisa diminuir desigualdades através da ação estatal.**
- **Esta direita democrática usou expedientes anticonstitucionais, por exemplo, nos golpes de 1964 e 2016, e em 2018, ao aderir ao projeto de extrema direita, em função de interesses econômicos.**
- **Esses golpes têm apoio externo de países que não querem o desenvolvimento do Brasil, especialmente EUA.**
- **Basicamente, desde o Brasil Império o país se divide em dois grandes grupos e a escolha se dá entre um *"colonialismo modernizado"*, onde, em tese, o Brasil seria soberano, mas negociaria com os países ocidentais do "Bloco Imperialista" em bases assimétricas, numa posição inferior, ou ser *uma nação soberana,* que negocia em bases simétricas com países ocidentais do "Bloco Imperialista".**

- **O *slogan* da resistência de 2016 era *"Não vai ter golpe"*, já que este golpe, diferente do golpe de 1964, que lançou mão de tanques nas ruas, foi um golpe jurídico-parlamentar-midiático. O que viria a ser denominado "*soft coup*"(Levitisky & Ziblatt, 2016), um golpe disfarçado de *impeachment,* mais uma forma de Guerra Hibrida. *Teve golpe*, a presidenta eleita foi destituída do cargo e o grupo que tomou o poder implementou um programa de governo derrotado nas urnas, derrotado pelo voto direto, durante quatro eleições seguidas. A deposição de Dilma foi a primeira fase do golpe.**
- **De 2016 a 2028, o *slogan* de resistência era *"Fora Temer"*, Temer, o presidente que assumiu no lugar da presidenta Dilma, chegou a ser preso (e solto) por corrupção, durante o mandato, sem que houvesse manifestação de rua por sua saída. Igualmente, o candidato derrotado por Dilma, um dos principais artífices do golpe, foi gravado num telefonema que comprovava sua corrupção. *Temer foi até o final do mandato.* O governo Temer foi a segunda fase do golpe.**
- **De 2018 a 2019, o *slogan* da resistência era "*Lula Live*". Não era possível tirar Dilma do cargo e permitir que Lula fosse eleito em 2018, assim ele foi preso num processo fraudulento e impedido de disputar as eleições de 2018. A prisão do presidente Lula era a terceira fase do golpe. Com a prisão de Lula, que estava em primeiro lugar nas pesquisas, o candidato que o substituiu, Fernando Haddad, teve menos de dois meses de campanha, mas conseguiu ir ao segundo turno.**
- **Sem todas essas manobras, não haveria eleição de um presidente negacionista da Ciência e que pratica Necropolítica e, portanto, caso não hovesse uma gestão anticiência da pandemia não era preciso haver uma "Resistência social pró-ciência" contra a gestão anticiência do Governo Federal do Brasil".**

- **No primeiro turno de 2018, o *slogan* era *"Ele não"*, mas a base de muita desinformação e uma facada (o candidato levou uma facada num comício e, assim, fugiu de todos os debates eleitorais, até o final das eleições), "ele" foi ao segundo turno e venceu.**
- **No segundo turno das eleições de 2018, o *slogan* era *"Se apologia à tortura não causa repulsa ao seu coração, qualquer outro argumento é inútil"*. O candidato da extrema direita sempre foi um apoiador e apologista da ditadura e da tortura.**
- **De 2018 a 2020, num clima de "velório da democracia", os dois *slogans* principais eram *"Se fere minha existência, serei resistência" e "Às vezes, antissocial, sempre antifascista".***
- **ESTE FOI O PERCURSO ATÉ CHEGARMOS AO NOSSO ÚLTIMO *SLOGAN*, DURANTE A PANDEMIA, EM 2021:**

"SE O POVO SAÍ ÀS RUAS PARA SE MANIFESTAR DURANTE A PANDEMIA É PORQUE O GOVERNO É MAIS PERIGOSO QUE O VÍRUS".

CONTEXTO INTERNACIONAL

- **Em 2016, com a eleição de Trump, um presidente que publicava nas redes sociais diariamente e contou 30 mil mentiras durante o mandato, veio à tona o nome de seu mentor, Steve Bannon, e seus métodos.**
- **O meio usado pelo método é a comunicação através das redes sociais, a mensagem é disseminação de desinformação com os intuitos principais de difamar adversários e estimular o ódio e o medo dos receptores da desinformação. Além disso, buscam uma comunicação direta, sem a intermediação de jornalistas, para que não sejam confrontados e suas mentiras não sejam questionadas. Essas ações têm o principal objetivo de criar uma bolha de informação e ação, sem debate. E sem debate não há Política e sem Política não há Democracia (Da Empoli,2020)**
- **Morte do centro, como campo de convergência, como um solo comum para discussões com base factual e não base delirante.**
- **O governo de extrema direita que geriu a pandemia Covid-19 no Brasil é membro desse movimento de extrema direita. O filho do ex-presidente, e deputado federal, é o representante de Steve Bannon no Brasil.**
- **Nesse momento, Steve Bannon, com a segunda eleição de Trump, já divulga vídeos dizendo quais são seus planos para derrotar o Partido dos Trabalhadores, no Brasil, em 2026.**

- **Esta configuração internacional está longe de acabar, bem como a configuração local que vem de longe e ainda vai longe.**

- **No cenário atual (inicio de 2025, com mais uma eleição de Trump e de outros governantes de extrema direita em outros territórios, como Argentina e Itália), depois das experiências dos EUA e do Brasil, o mundo percebe que há uma luta global contra a extrema direita e em favor da democracia, ocorre que com ações colonialistas/imperialistas não há sustentabilidade planetária, humana ou democrática. Os mesmos países que lutam contra a extrema direita alimentam, por exemplo, o massacre que o estado colonial, de apartheid, Israel, perpetra contra os palestinos, na Palestina ilegalmente ocupada, avançando com ações necropolíticas para o Líbano. Israel é a fonte de práticas da extrema direita mundial (até governadores de extrema direita brasileiros visitaram o premier, no auge da fase genocidária da limpeza étnica dos palestinos), tanto em relação a disseminação de desinformação (Israel é um estado colonial que se vende ao mundo como uma democracia) quanto em relação às praticas necropolíticas (a morte de civis com tecnologia desenvolvida para isso é uma realidade na Palestina e no Líbano).**

- **Vimos na experiencia brasileira que a disseminação de desinformação é um expediente sociopolítico perigoso e que pode ser letal, especialmente, quando praticado pelo próprio governo.**
- **Conforme já mencionado, o processo eleitoral deixa de ser baseado na confrontação de projetos políticos claros a respeito de temas concernentes a esfera pública e, por isso, as "fake news" podem ser considerações uma forma de fraudar as eleições (Borges, 2022).**

Gestão Anticiência

Eleições de outubro de 2018:

- **Quando Bolsonaro tornou-se competitivo nas eleições de 2018 foi uma surpresa para metade da população, já que ele era um deputado pitoresco, motivo de piadas, durante quase três décadas, além de ser, abertamente, apoiador de ditadura, tortura e sonegação fiscal.**
- **Descobriu-se que a outra metade da população já vivia num circuito fechado e bem-organizado de desinformação, com financiamento de alta monta, que, provou-se ser financiamento ilegal de campanha, embora não tenha havido punição.**
- **Havia, portanto, sido criado um circuito de comunicação direta entre esses eleitores e este projeto político, mas que não era visível para toda a população.**
- **Na tentativa de golpe, com a tomada da "Praça dos Três Poderes", em Brasília, em 8 de janeiro de 2023, os brasileiros e o mundo puderam ver toda sorte de manifestações fora da realidade factual e compartilhável por todos, como se fossem situações corriqueiras.**
- **O projeto político que governava o país quando a pandemia Covid-19 chegou ao mundo era um projeto político excludente, ligado a ala mais radical das Forças Armadas, que se posicionou contra a redemocratização do país, no início dos anos 1980, neopentecostais teocráticos que consideram a Bíblia, da forma que a interpretam, como o livro que deveria ser seguido no país, em detrimento da Constituição, e a elite financeira.**
- **Temos: Teocracia, armamentismo, milícias, neoliberalismo.**
- **Um projeto Necropolítico, cujo símbolo da campanha era uma metralhadora apontada.**

Eleitores de Fernando Haddad:

- **Para os eleitores de Haddad, que assumiu a chapa no lugar de Lula e foi o ministro da Educação mais longevo do país, criador de políticas públicas que levaram os pretos e pobres às universidades, provocando uma revolução no ensino do país, e ex-prefeito de São Paulo, tendo uma gestão premiada internacionalmente por suas políticas culturais, de mobilidade e inclusão, o projeto de extrema direita, que se mostrava competitivo era repulsivo, retrogrado, obscurantista e assustador.**

Pandemia Covid-19, março de 2020:

- **Quando a pandemia chegou era este projeto político que governava o país. Durante a pandemia, O Brasil teve quatro ministros da Saúde, descobriu-se que havia um gabinete paralelo do ministério da Saúde, o país chegou a receber oxigênio da Venezuela pela negligência na cidade de Manaus, no norte do país.**

Crimes do ex-presidente Bolsonaro apurados durante a CPI da Covid-19 e que constam do relatório final:

- **Os crimes são divididos em: crimes comuns, como crime de charlatanismo e infração de medida sanitária; crimes contra a humanidade, como crime de extermínio, crime de atos desumanos para causar sofrimento intencional; crimes de responsabilidade, como crime de responsabilidade por violar direitos sociais e por agir de modo incompatível com a dignidade, a honra e o decoro do cargo.**

Sindemia:

- **Como os problemas de Saúde não se restringiram à Covid-19 e foram acompanhados por dificuldades econômicas, vivenciamos uma sindemia e não uma pandemia (Bispo & Santos, 2021).**
- **Outro ponto relevante é que houve uma ação de naturalizar a pandemia, ou seja, apresentá-la como um problema da natureza contra o qual ações políticas não teriam poder (Portella & Oliveira, 2020).**

Algumas práticas presidenciais que foram fundamentais para o "êxito" da gestão anticiência:

- **Postagens no Twitter: usado diariamente pelo ex-presidente para "criar" as suas verdades, usando o cargo de presidente como "autoridade sanitária" para suas afirmativas e não as evidências científicas e recomendações da OMS, gerando grande instabilidade na população (Mortari et al, 2021).**
- **Comunicação direta, como aconteceu na campanha, sem intermediação, sem questionamentos de jornalistas a respeito das desinformações (Viscari apud Monari et al, 2021).**
- ***A comunicação direta, via redes, sem compromisso com a verdade factual é parte fundamental do avanço do fascismo negacionista do século XXI.***
- **Uso de replicadores humanos e robôs para a disseminação de desinformação. Nem sempre os replicadores humanos, que vivem nesse circuito fechado de desinformação, sabem que estão transmitindo desinformação, podem acreditar que estão informando corretamente.**

- **Bolsonaro é a personificação do "projeto necropolítico genocida em tempos de pandemia" sustentado no "projeto ultra-neoliberal" (Rosário, 2020).**
- **Houve desmonte das políticas sociais, reforma da previdência, precarização da educação pública, era a "política antidireitos" (Kalil, 2020).**
- **A Necropolítica durante a pandemia mirou na população que não tinha reserva financeira para abster-se de trabalhar fora e em crianças e jovens que não tinham condições adequadas para estudarem "online".**
- ***A Necropolítica não é mera negligência, é composta de ações coordenadas com o objetivo. No caso da nossa pesquisa, esses objetivos atingiram o SUS, sobrecarregando-o, impedindo que tanto doentes de Covid-19 quanto de outras enfermidades fossem atendidos, ações que atingem a credibilidade da OMS e dos cientistas, ações que tratam as artes e a Educação como campos inúteis da sociedade, valorizando um projeto armamentista, militarizado, miliciano, neopentecostal, ultraliberal na Economia. Projeto que mata o coletivo, o senso de comunidade, mata a função do Estado de proteger os cidadãos.***

Resistência e Ações de Resistência Pró-Ciência

- **Procuramos a perspectiva de vários autores sobre o conceito de "Resistência". Vimos que este conceito aparece como algo positivo. Nossa pesquisa auferiu que resistir não é adjetivado de início e pode ser algo negativo. Constamos que o governo brasileiro resistiu a cumprir as suas atribuições previstas na Constituição, a seguir as orientações da OMS e dos cientistas locais. Também vimos que as milhões de pessoas que se mantém desinformadas, em grupos fechados de "whatsapp", se consideram resistentes, entretanto, elas resistem contra coisas imaginárias, como a implantação do comunismo no Brasil, sendo que nunca houve essa possibilidade, resistem a que se façam banheiros unissex nas escolas, sendo que tal ideia nunca foi cogitada, a uma tal "ideologia de gênero", que incitaria as crianças a mudarem de gênero e, além disso, resistem a que o Estado seja laico, considerando certas religiões como demoníacas, atacando locais nos quais tais religiões são praticada, resistem aos direitos das mulheres, tentando revogar leis que existem há mais de setenta anos, como a lei que garante o aborto legal e no serviço público em caso de feto anencéfalo, risco de vida para mãe e estupro.**

É importante notar, um dos principais "feitos" da extrema direita contemporânea": uma das principais características da doença mental grave é não poder compartilhar mundo (Pompeia & Sapienza, 2010), ou seja, se vejo ou escuto algo procuro verificar se outras pessoas veem e ouvem também. O que a extrema direita conseguiu fazer com esse circuito fechado de desinformação é criar um mundo delirante, fantasioso, compartilhado por milhões de pessoas.

Revisão teórica do conceito de resistência

- **Fizemos a revisão bibliográfica do conceito, relacionando tais compreensões com o que poderia significar essas interpretações de acordo com concepção fenomenológica-existencial hermenêutica de ser humano, mundo e sociedade.**
- **Resistir é tomar posição, (re) existir, lutar (Capinha, 2022), resistir é agir concretamente no mundo fático (Bosi, 1996; Gramsci, 2020). Envolve força de quem resiste, já que está em oposição.**

A primeira anotação que fazemos aqui é uma vez que somos "ser-no-mundo" e "ser-com", o quadro de ter que resistir aponta para um conflito, para uma situação fática na qual os acordos e as negociações falharam e há oposições significativas, inegociáveis em menor ou maior grau. Temos um ser-com em conflito. A negociação no campo político, nos termos de Arendt (2022), sem lançar mão de ação bélica, ou não foram tentadas ou falharam.

- **De acordo com Khalidi (2022), na resistência há um "desafiar" algo (ações políticas de Projetos Políticos, por exemplo) ou alguém (um presidente negacionista, por exemplo).**
- **Said (1993) divide a resistência em "resistência primária", quando se resiste a destruição perpetrada pelo colonizador e "resistência secundária", quando o ex-colonizado reconstrói ou constrói.**

Na nossa pesquisa verificamos o tipo de resistência que é a resistência contra a construção, a resistência destrutiva, que o campo da extrema direita vem praticando no Brasil: destruir direitos, inclusão, o próprio estado democrático de direito e os preceitos da Constituição.

Resiste-se sempre a alguma coisa e esta "alguma coisa" é sempre um outro PROJETO DE MUNDO.

<u>Os dois projetos de mundo contemporâneos principais são:</u>

- Núcleos sociais e políticos preocupados com o avanço da democracia, democracia aqui entendida como sistemas de inclusão e participação de todos, não apenas nas eleições, mas nos direitos, incluindo o direito de pertencimento social;

- Núcleos sociais e políticos antidemocráticos.

Entretanto, é importante notar que dentro dos projetos que se apresentam como democráticos há uso de expedientes antidemocráticos como hierarquizar etnias, montar bases militares em territórios alheios, desestabilizar países através de golpes e guerras, apoiar projetos coloniais, genocídios e etnocídios.

Tanto os projetos antidemocráticos, quanto alguns projetos que se apresentam como democráticos tem como premissa basilar a necropolítica, tal como descrita por Mbembe (2020), que desumaniza o outro para poder eliminá-lo, o que a nossa pesquisa vem adicionar em concordância com este conceito, é que NÃO HÁ POSSIBILIDADE DE DESUMANIZAR SEM DESUMANIZAR-SE, SIMULTANEAMENTE.

De acordo com a Fenomenologia-Existencial Hermenêutica, tanto individualmente quanto coletivamente, o futuro é o tempo privilegiado, por sermos, como humanos, um "constante-vir-a-ser", é o futuro que significa e ressignifica o passado e nos faz compreender esse fluxo contínuo que é a História da Humanidade, e que é o ser humano, como um desenrolar inacabado, como uma história em curso. A História, portanto, não é sinônimo de passado, é fluxo contínuo rumo ao porvir que tem a primazia das significações e ressignificações do sido. Por isso, conceitos criados para descrever realidades concretas do passado podem ser atualizados e ampliados por situações que vieram depois. Ser uma história em aberto, sempre ressignificada, é a condição humana individual e coletiva.

De acordo com Braudel (2021), há a "História de curta duração" que, no nosso caso, é a resistência social pró-ciência e há a "História de longa duração", que nosso caso é a resistência anticolonial, por democracia, construção do Estado de bem-estar social e fortalecimento da soberania e do estado nacional.

- ***O "como" de cada resistência (contra o retrocesso ou contra o avanço), o que as possibilita, é o como que buscamos e ele é o como a situar esses fenômenos no mundo fático com suas relações temporais e espaciais.***

A contemporaneidade não é o primeiro momento no qual fascismo e neoliberalismo se aliam. A primeira experiência foi justamente na América do Sul, no Chile, na década de 1970, após a deposição do presidente Allende, durante a ditadura de Pinochet (Anderson, 2012).

O estilo de vida voltado para a resistência, "Samud" (Jabr, 2024), como denominam os palestinos que passaram das mãos do domínio britânico para o domínio sionista europeu, nem sempre é uma escolha com outras opções, às vezes, é uma escolha pela própria sobrevivência, como aconteceu no Brasil, durante a pandemia, como acontece aos indígenas brasileiros há 500 anos e como acontece aos indígenas palestinos há mais de 100 anos. Este ponto é importante porque esse "estilo de vida" tem ônus para a saúde existencial dos resistentes. No Brasil, embora a situação tenha melhorado com a troca de governo, ainda temos que nos dedicarmos a resistir contra este projeto político de extrema direita, com conexões internacionais e que tem na mentira uma das bases principais (Finchelstein, 2020).

- **Fizemos a seguinte distinção para o nosso tema:**

  - "<u>Resistir a", como esquiva ou barreira</u>: Aqui alocadas as pessoas que discordavam das diretrizes desinformativas e necropolíticas, mas que não fizeram nenhuma ação social para combater esse estado de coisas. Por exemplo, dentre os 80% da população que se vacinou, não acreditando nas mentiras contra a vacina, nem todos tomaram mais alguma ação além de usar máscara, álcool gel, fazer isolamento e se vacinar, mas, em si, essas ações já são ações individuais de resistência.

  - "<u>Resistir contra", como ação concreta e afirmativa:</u> Aqui alocados todos os cidadãos que realizaram ações práticas contra a disseminação do vírus e a disseminação de desinformação, socialmente, ou seja, no âmbito do plano concreto ou das redes sociais e que atingiram outras pessoas. Ações dos outros poderes da República, ações da imprensa coorporativa e progressista no *Youtube,* ações práticas de líderes comunitários ou religiosos, etc.

Ter que resistir para que o governo federal não destrua a Saúde Pública, a Educação, as artes e a vida das pessoas é um ato que pode minar as forças dos cidadãos cientes e lúcidos a respeito da gravidade do que estava em curso porque os faz lidar com um cenário de absurdos normalizado, cotidianamente. Cidadãos que se veem lutando não para construírem, mas para elucidar outros cidadãos que estão sendo enganados pelo governo e seus aliados, para minimizarem a destruição, seja de estruturas estatais, seja do tecido social, seja de vidas.

<u>Qual solo se deu a resistência pró-ciência?</u>

- **Há dois veios históricos no Brasil, o democrático e o autoritário. Os crimes de Estado praticados na ditadura nunca foram punidos. A imposição para que a redemocratização acontecesse foi a anistia. O lema da redemocratização do Brasil foi "Anistia: ampla, geral e irrestrita". Desse modo, o grupo mais radical participe do golpe voltou ao poder, através de eleições em 2018, e tentou novo golpe de estado, em 2023, após perder as eleições de 2022. Na votação do impeachment 2016, o deputado federal que viria a ser o presidente durante a pandemia dedicou o seu voto a favor da deposição da presidenta Dilma a um dos maiores torturadores da História do país, que havia torturado a presidenta, quando esta era jovem. Ele retoma o veio autoritário ali. Embora apologia à tortura seja crime no Brasil, ele não foi preso naquele dia e foi eleito presidente pouco mais de dois anos depois.**

- **Depois de trinta e um anos de redemocratização do país e de vinte oito anos da Constituição Cidadã pensou-se que a ameaça autoritária havia sido dissipada. A disputa nesses trinta e um anos se deu entre dois partidos, principalmente, um de centro-esquerda, trabalhista (Partido dos Trabalhadores, PT) e outro social-democrata (Partido da Social-Democracia Brasileira, PSDB). A disputa se dava mais entre Estado mínimo (PSDB) e Estado de bem-estar social (PT). Não havia discordância em relação ao estado laico e aos direitos civis, nem em relação a democracia. Até que o PSDB mudou e não aceitou a derrota de 2014. Alckimin que é vice-presidente hoje (eleito em 2022, na chapa de Lula), era um quadro histórico do PSDB. Ele e Lula aceitaram compor essa chapa para barrar o fascismo.**

<u>Ações de resistência pró-ciencia: Artigos</u>

- **A resistência se deu de todas as formas possíveis. No âmbito da Educação, com a continuidade de produção acadêmica, especialmente em Ciências Sociais e Humanas, o campo mais atacado pelo corte de investimentos do governo;**
- **No campo comunicacional, em todos os meios de comunicação;**
- **No campo das artes como, por exemplo, as projeções nas fachadas dos prédios e charges nas redes sociais.**

A internet havia sido ocupada antes pelo campo progressista, especialmente através de blogs e também com canais no Youtube, como os canais jornalísticos Brasil 247, Revista Fórum e Brasil de Fato, entre outros. Mas, a ocupação de extrema direita, com financiamento, uso de algoritmos, com disseminação de desinformação e como um negócio altamente rentável, embora posterior, foi decisivo para o êxito do projeto negacionista.

O campo progressista reagiu também nas redes sociais e várias iniciativas importantes foram criadas e mantém-se em crescimento como, por exemplo, o Instituto Conhecimento Liberta (ICL), a maior plataforma democrática de cursos de diversas áreas, e o ICL Notícias.

- **Há uma indústria rentável da desinformação, há método na disseminação das mentiras, há o financiamento de agentes que criam as mentiras. Um dos nossos entrevistados, criou o "Sleep Giants Brasil" e conseguiu, durante a pandemia, desmonetizar, em mais de 60 milhões de reais, canais na internet que disseminavam desinformação em Saúde.**

Ações de Resistência Pró-Ciência: Entrevistas

- **Movimento que se espalhou pela sociedade rapidamente, com grande alcance e êxito na defesa da vacinação e outras medidas para barrar os avanços do vírus, que as ações do governo, em benefício do adoecimento e morte da população, causaram.**
- **A maioria das populações dos países tiveram que lutar "apenas" contra o vírus, já os brasileiros, caso quisessem permanecer vivos, não adoecer e não permitirem que a população morresse, como se não houvesse valor para a vida humana, tiveram que lutar contra o vírus e contra o governo.**

Nós entrevistamos vinte e quatro pessoas entre membros da sociedade civil (jornalistas, advogados, professores universitários, artistas, padre, líder comunitário) e membros dos poderes da República (senador, deputado, diretor do Instituto Butantan e secretário de Saúde do Estado de São Paulo, à época da pandemia, prefeito). Duas entrevistas foram descartadas, restando vinte e duas entrevistas. Os entrevistados tinham entre 25 e 75 anos.

Dentre os entrevistados, três professores de universidades públicas, de três diferentes estados, sofreram perseguição. Um jurista que foi processado pelo Procurador Geral da República por denunciar a inação do PGR, que não denunciou o presidente mesmo com as provas contundentes de crimes cometidos na condução da pandemia, segundo o relatório da CPI da Covid-19; um cientista que depôs na CPI da Covid-19, com grande repercussão nacional pelos dados que apresentou, teve que sair do Brasil e agora leciona nos EUA e uma cientista que foi excluída de sua Igreja Protestante, por defender a ciência no combate à pandemia.

- ***Havia urgência de reação, pelas mortes e o adoecimento em progressão geométrica. A urgência de ação resistente era equivalente ao grau de gravidade e tensão que a situação envolvia. Como mostram os depoimentos que colhemos, a escolha era entre aceitar a morte ou lutar pela vida*.**

Apresentamos no trabalho escrito a análise das entrevistas, a partir da divisão dos temas das dez perguntas contidas no questionário, em quatro itens, como mostraremos a seguir.

I. Mencionamos três exemplos do nosso primeiro item "COMO OS ENTREVISTADOS VIRAM A GESTÂO DA PANDEMIA": "um fracasso criminoso", "governo apostou na morte das pessoas ao invés de proteger vidas", "gestão trágica, autoritária, violenta, negacionista, responsável por milhares de mortes evitáveis".

- **A resistência pró-ciência foi um movimento social-político-institucional-cultural-midiático.**
- **O movimento de resistência pró-ciência está inserido num movimento maior de resistência contra um projeto político autoritário e obscurantista e tem como foco a construção de um projeto político democrático, de bem-estar social e soberanista.**

II. No segundo item, procuramos saber dos entrevistados COMO ENTENDIAM O ATO DE RESISTIR CONTRA A GESTÃO ANTICIÊNCIA, SE COMO ALGO ISOLADO OU COLETIVO. As ações começaram individualmente, mas todos os entrevistados compreendem que essas ações se somaram e criaram um movimento social coletivo de resistência e luta pela vida através de:

1) **Divulgação das medidas de contenção do vírus;**
2) **Denúncia da desinformação em Saúde Pública;**
3) **Ações práticas, as mais diversas, tais como: confecção de máscaras, CPI, acionamento do STF, ações da imprensa.**

III. Nesse item, colocamos a síntese sobre se os entrevistados ENTENDEM QUE AS AÇÕES DE RESISTÊNCIA FIZERAM PARTE DE UM MOVIMENTO DE RESISTÊNCIA SOCIAL, NORTEADOS POR VALORES E PRECEITOS POLÍTICOS E, EM CASO POSITIVO, QUAIS SERIAM ESSES VALORES OS NORTEADORES DAS AÇÕES DE RESISTÊNCIA:

O que apuramos foi que a resistência foi norteada pela defesa da vida, do Direito à Saúde Pública, constantes na Constituição, com base na confiança nos cientistas locais e internacionais e nas determinações da OMS.

IV. No último item, procuramos saber QUAIS CONSEQUÊNCIAS A GESTÃO ANTICIÊNCIA TERIA TRAZIDO AO BRASIL, de acordo com a avaliação dos entrevistados.

Consequências ruins: Mortes, sequelas advindas da contaminação pelo vírus, o Brasil que poderia ser vanguarda no enfrentamento ao vírus teve um péssimo resultado pelo impedimento do governo.

Consequência boa: Verificar-se na pandemia o valor que uma estrutura pública de saúde enorme, como o SUS, tem para a sociedade e, consequentemente, a valorização do SUS, o que inibe que os neoliberais, defensores do estado mínimo, ponham em suspeição a necessidade de manutenção e aprimoramento do SUS.

Esperanças apontadas: Valorização do papel do Estado, atenção para o perigo que representa à Saúde Pública os eleitores elegerem pessoas/projetos antidemocráticos, negacionistas e necropolíticos.

<u>Necessidades apontadas</u>: Desenvolvimento do complexo econômico industrial de Saúde, pois com a tecnologia que tínhamos e a capilaridade do SUS houve uma reversão rápida do quadro negativo em relação à vacinação, após a tragédia já instalada.

<u>Relevância do SUS e impacto de hábitos</u>: Apesar da forte oposição que governos estaduais e municipais enfrentaram, *a cultura da vacinação instalada no país anteriormente e confiança no SUS permitiram que a tragédia não fosse ainda maior*, já que os governadores e prefeitos puderam acionar o STF que os autorizou a tomar as medidas de contenção que eram atribuição do Governo Federal e não foram tomadas. Ao contrário, o presidente incentivou seus apoiadores a resistirem às medidas de contenção, inclusive com armas e recorreu da decisão do STF.

O conteúdo das entrevistas veio corroborar o que já havíamos apurado com os outros materiais de pesquisa e o resumo da resistência social pró-ciencia é o seguinte:

- ***A resistência foi intensa, robusta e ininterrupta, apesar de não partir de uma organização formal e de não ter liderança, foi capaz de conseguir a vacinação, mesmo que tardia, e foi capaz de derrotar nas urnas, no final de 2022, o governo federal que geriu a pandemia. A robustez do SUS foi capaz de impedir um desastre maior em termos de mortes, mas teve sua estrutura hospitalar sobrecarregada, comprometendo o atendimento de outras enfermidades e penalizando os profissionais de saúde.***

- ***Funcionários públicos concursados e o parlamento*, através da CPI da Covid-19, *foram capazes de conter o negacionismo e a corrupção na compra da vacina, o movimento da imprensa corporativa e progressista bem como o movimento de cientistas e cidadãos foram capazes de disseminar informação confiável. As artes e o mundo acadêmico produziram documentos para a posteridade, que servem como denúncia da tragédia vivida e ajudaram a população expressar sua profunda dor, sofrimento e medo, servindo de alerta relevante para o futuro e para outros países.***
- ***Todas essas ações não conseguiram evitar um número astronômico de mortes*, desproporcionais à população do país, impactantes sob o ponto de vista racional e emocional, em um país que tinha um Programa Nacional de Imunizações de excelência.**
- ***O estresse emocional sofrido pela população e, especialmente, pelos que tomaram para si a tarefa de informar e resistir foi verbalizado por um dos entrevistados, durante o encontro online, como "ainda corremos muito perigo, porque eles são fortes, organizados e não conheço uma pessoa do campo progressista que não tenha adoecido"* (M.R.U., 49 anos, advogado e professor universitário). O "adoecimento" a que ele se referiu é o extremo estresse de passar quatro anos, diariamente, voltado para desmentir e minimizar ações desastrosas do governo, o que toma parte da vida das pessoas e, na prática, *é uma espécie de tortura psicológica, já que se vive em estado de alerta.***
- ***Ressaltamos que, embora os poderes da República tenham sido capazes de minimizar os efeitos das ações governamentais, não se pode confiar sempre nessa capacidade, tendo um novo parlamento tomado por um projeto fascista, especialmente enquanto as punições aos responsáveis não forem, de fato, efetivadas*.**

Considerações Finais

As características fundamentais da resistência social pró-ciência são:

- **Espontânea**
- **Sem liderança**
- **Não se mantém mobilizada e coesa, apesar de sua força, relevância e da postura coerente com valores e preceitos políticos de seus membros, tais como republicanismo, democracia inclusiva, Estado laico, Estado de bem-estar social, soberania nacional, desenvolvimento tecnológico e cientifico, garantia dos Direitos Humanos e Civis, respeito para com a Constituição Federal e a Declaração Universal dos Direitos Humanos, preocupação com a sustentabilidade humana e planetária e uma governança global mais equilibrada.**

- **A "Resistência Social Pró-Ciência foi bem-sucedida em alguns aspectos e em dois tempos:**

1) **Conseguiu que a vacinação fosse implementada e levantou as provas dos crimes cometidos pelos responsáveis pela gestão anticiência;**
2) **Derrotou nas urnas o projeto negacionista para a eleição do Poder Executivo Federal, embora a extrema direita tenha elegido deputados federais, senadores, governadores e deputados estaduais.**

Pontos importantes a serem ressaltados:

- **Há uma fragilidade da resistência progressista contra o fascismo, por este ser mais organizado, mundialmente.**
- **O êxito da organização fascista traz ônus contundentes ao país.**
- **A ascensão do fascismo no Brasil tem componentes locais e internacionais. Localmente, militares e oligarcas se sentem "donos" do Estado Nacional Brasileiro e tomam o Estado de Bem-Estar Social como concessão e não como direito de todos os cidadãos.**
- **O Estado Social Brasileiro é construído aos solavancos, entre golpes. Perpetrar golpes contra o poder democraticamente constituído é um recurso utilizado tanto pela elite financeira quanto pelo Exército. Sempre que há um golpe há cortes de direitos.**
- **No âmbito do microcosmo: Aos cidadãos que tomaram para si a "resistência contra", partindo para ações concretas, houve ônus considerável. Tempo e energia foram dominados para minimizar os efeitos deletérios do descumprimento do governo de suas obrigações constitucionais e de suas ações contra a vida.**
- **Todo o corpo pensante do país mobilizou-se para uma única ação: resistir contra um governo necropolítico.**
- **Não é fácil mensurar os prejuízos intelectuais e políticos que esta "resistência contra" proporcionou em termos de pesquisas em outras áreas, que poderiam estar sendo produzidas, e em termos de avanços sociais em temas como Educação, Saúde, Moradia, Mobilidade e Segurança Pública, por exemplo.**

A resistência contra os progressos sociais, realizadas por fascistas e neoliberais, diferente da resistência progressista, mantém organização e coesão, em bases permanentes.

A extrema direita contemporânea é organizada internacionalmente, coesa, utiliza técnicas definidas para uso da internet, com uso (e abuso) de Inteligência Artificial, com disseminação de desinformação e o objetivo de acionarem, especialmente, os afetos de medo e ódio. Trata-se de um projeto político bem delineado. (Da Empoli, 2020). Este projeto consegue levar pessoas despreparadas para postos de comando (Applebauan, 2021), como, por exemplo, os ministros da Saúde que o Brasil teve durante a pandemia e o próprio ex-presidente da República.

- **Há dois veios na História do Brasil, que é inserida, sempre e não apenas contemporaneamente, na História Mundial e, evidentemente, se liga a esta História. O veio autoritário-arbitrário-colonialista e o veio democrático-soberanista-progressista. Cada veio é anterior a pandemia Covid-19 e sobreviveu ao término da pandemia.**

A forma de luta de defesa das pautas identitárias, sem um compromisso de foco no avanço coletivo e comunitário da sociedade, acaba por alimentar o discurso individualista e meritocrático próprio do Neoliberalismo, criando, por outros caminhos, uma oposição "eles contra nós" que, mesmo com pautas justas e baseadas em estudos sérios é a outra parte da moeda do discurso fascista "nós contra eles", tal qual descreve Stanley (2018).

- **Há um colonialismo interno e velado no Brasil que se alinha aos países do centro da Capitalismo. São setores sociais que querem manter desonerações fiscais (setores ricos da sociedade que não pagam impostos), manutenção juros altos (para receberem mais dinheiro do Estado, através da dívida pública), entre outras práticas, e retirarem direitos trabalhistas, previdenciários e educacionais, para a manutenção de um grande contingente de trabalhadores que serve a poucos e manter a maior desvalorização possível do trabalho. Têm uma noção de extrair do solo e da massa humana, sem construir e sem se importarem com o sangue alheio derramado, tal qual os processos colonizadores clássicos e que vemos até hoje. A diferença é que no Brasil esse processo acontece internamente, entre brasileiros.**

- **O Brasil terá que continuar a enfrentar o colonialismo (interno e externo) , o golpismo e os atrasos propositais que estes trazem para que se perpetue a manutenção das desigualdades no país.**

- **Terá que continuar a enfrentar os desafios que começaram em 2013 e ainda não terminaram, apresentando novos episódios, já que vários dos atores de "junho de 2013" foram eleitos e estão no parlamento ou em outras esferas de poder, fazendo Política na base da mentira, da agressão e da defesa de pautas reacionárias.**

Encerramento

- **Já no final do trabalho foi necessário incluir considerações maiores sobre pontos que seriam apenas mencionados, porque sem os quais não se poderia compreender qual o fundamento da gestão anticiência, bem como da resistência social pró-ciência. Como os fatos públicos de que os EUA participaram dos golpes de estado brasileiro, direta ou indiretamente. A participação em 1964 foi confirmada pelos documentos que o Estado dos EUA entregara ao Brasil, em 2014, e a participação no golpe de 2016 está documentada nos diálogos que a Polícia Federal revelou, da Operação Lava-Jato, precedida pela espionagem da presidente Dilma Rousseff pelo Estado dos EUA, revelado através de documentos apresentados por Edward Snowden, espionagem nunca esclarecida pelos EUA, apesar do pedido de explicação do Estado brasileiro. Tivemos também que fazer um histórico da República Brasileira, instauração e momentos relevantes. O outro ponto sobre o qual tivemos que ampliar as considerações é sobre o fato de o estado colonial racial de apartheid sionista ser a fonte de práticas da extrema direita mundial. Inclusive, isto está documentando no livro de um dos conceitos sociológicos mais utilizados nesse trabalho e mais mencionado em artigos que levantamos sobre o tema de nossa investigação, a obra de Achille Mbeme "Necropolítica", na qual o autor compara o nazismo ao que ocorre na Palestina ocupada.**
- **Esta situação fez com que pontos que seriam melhores problematizados ficassem menos problematizados. São eles:**
- **O colonialismo interno brasileiro.**
- **O caráter neoliberal e individualista das formas de luta identitária e o prejuízo que causam para lutas coletivistas e como tal prática ajuda a reforçar o separatismo fascista, sem que haja esta intenção.**

- **Outra situação que alterou o trabalho foi a obrigatoriedade de se fazer entrevistas, uma vez que o método fenomenológico-existencial hermenêutico foi tido como método qualitativo inicialmente pela universidade. Um tempo extensíssimo foi dedicado à pesquisa de possíveis entrevistados, contactos com os eventuais entrevistado, feitura e análise de entrevistas. Além do extenso material de pesquisa, produzido no mundo fático, também utilizamos fonte primária, que foram as entrevistas. Nesse sentido, foram duas pesquisas, em paralelo.**
- **E, por fim, o trabalho necessitava de um coorientador que pudesse orientar na questão da análise de dados estatísticos, como a investigadora pretendia dialogar com esses dados, que foram menos citados do que se intencionava inicialmente. Não ficou claro quando esse coorientador deveria ser estabelecido, assim, não houve nem um coorientador para análise de dados estatísticos e nem um coorientador em fenomenologia-existencial hermenêutica.**
- ***Como temos mapeados esses problemas, buscaremos suprir esses pontos através da escrita de artigos, posteriormente, uma vez que temos os materiais necessários para fazê-los.***

A corroboração dos resultados de fontes produzidas socialmente e das fontes primárias, embora tenha sido um dificultador da pesquisa pelo volume de trabalho, representa uma confirmação dos achados da investigação por diversas fontes.

É temerário para a Saúde Pública Global que projetos fascistas-negacionistas-obscurantistas-neoliberais-coloniais sejam normalizados como projetos políticos regulares que podem concorrer democraticamente. A Saúde Pública fica em risco e a democracia sofre retrocessos, além de ter sua continuidade e aprimoramento ameaçados.

Imagem "Vacina, Respeito, Verdade e Misericórdia"#MariaBethaniaRules: Postagem publicada em 14 de fevereiro de 2021, na conta do @342Artes com fala da cantora Maria Bethânia, proferida num show online, durante a pandemia. Era uma fala dirigida ao presidente, gestor da Pandemia. Bethânia é uma das cantoras mais respeitadas e antigas do Brasil.

Email da pesquisadora: jatenecristiane@gmail.com

INSTITUTO SUPERIOR
DE CIÊNCIAS SOCIAIS
E POLÍTICAS
UNIVERSIDADE DE LISBOA
Exige o teu melhor | www.iscsp.ulisboa.pt